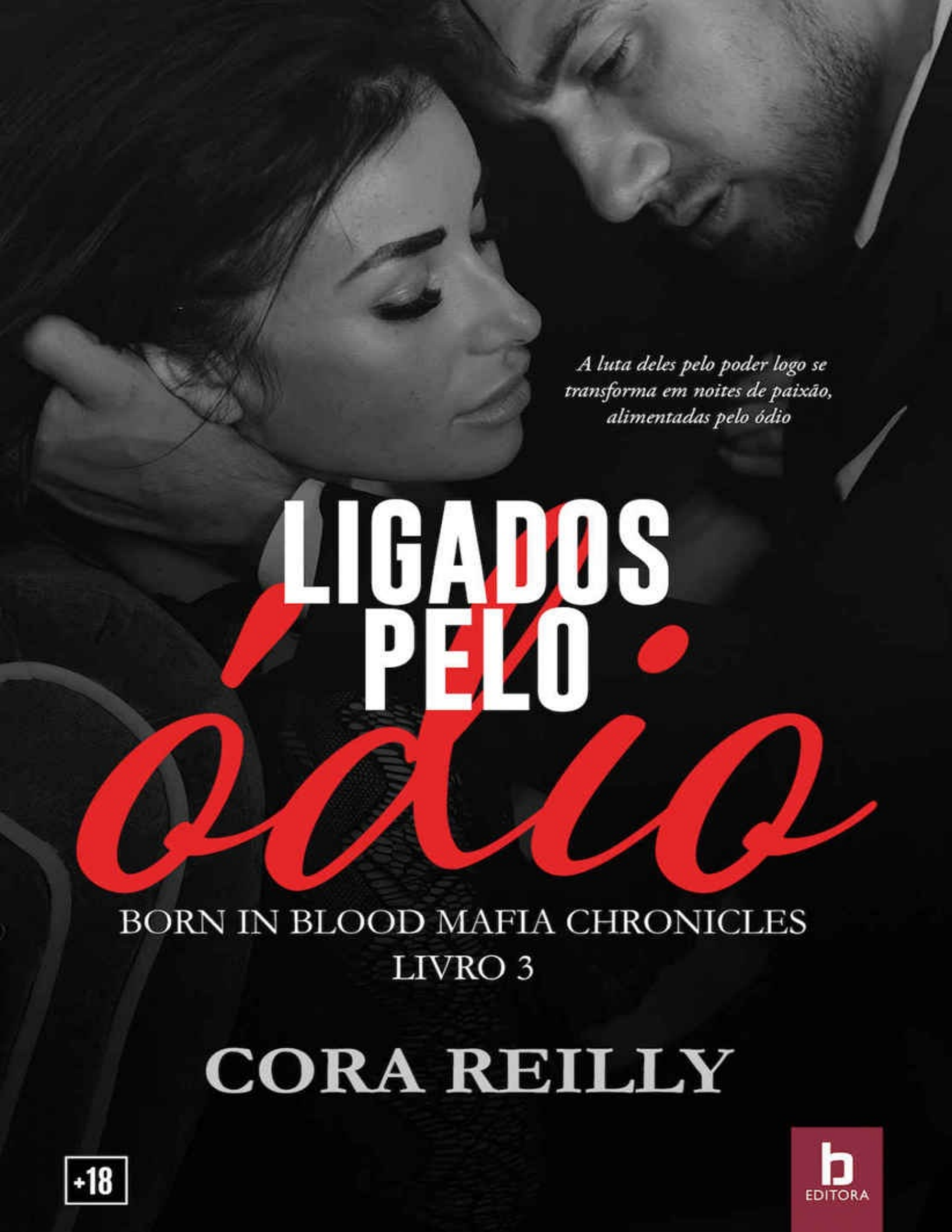


A luta deles pelo poder logo se transforma em noites de paixão, alimentadas pelo ódio

LIGADOS PELO ódio

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 3

CORA REILLY

+18

EDITORA

LIGADOS PELO ódio

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES

CORA REILLY



CORA REILLY

Livro 3

Copyright © 2015 Cora Reilly
Copyright © 2021 Editora Bezz

Título original: *Bound by Hatred*
Tradução: Stéphanie Rumbelsperger
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.
A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Reilly, Cora
Ligados pelo Ódio (Born in Blood Mafia Chronicals, livro 3)/ Cora Reilly; Tradução: Stéphanie Rumbelsperger. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2020.

CONTEÚDO ADULTO
Leitura indicada para Maiores de 18 anos

PRÓLOGO

Gianna



Eu encarava o meu reflexo no espelho. Meu queixo estava coberto de sangue e o corte no meu lábio inferior pingava mais sangue direto para a minha blusa. Meu lábio já começava a inchar, mas eu fiquei contente por ver que meus olhos estavam secos, não havia sinal de uma única lágrima.

Matteo apareceu atrás de mim, imponente, seus olhos escuros analisavam meu rosto destruído. Sem o sorriso de tubarão que era sua marca registrada e a postura arrogante, ele parecia quase tolerável.

— Você não sabe quando calar a boca, não é? — Seus lábios curvaram-se num sorriso, mas de alguma forma ele parecia errado. Havia algo inquietante em seus olhos. Aquele olhar lembrava o que eu vira quando ele lidou com os prisioneiros russos no porão.

— Nem você — falei, depois me retraí por causa da dor em meu lábio.

— Verdade — disse ele com uma voz estranha. Antes que eu tivesse tempo de reagir, ele agarrou meus quadris, me virou e me ergueu para a pia. — É por isso que somos perfeitos um para o outro.

E o sorriso arrogante estava de volta. O filho da puta se enfiou no meio das minhas pernas.

— O que você está fazendo? — Censurei, deslizando para trás da beirada da pia para colocar mais distância entre nós dois, e empurrei seu peitoral.

Ele nem se mexeu, forte demais para mim. O sorriso se alargou. Ele segurou meu queixo e levantou minha cabeça.

— Quero dar uma olhada em seu lábio.

— Não preciso da sua ajuda agora. Talvez você devesse ter impedido o meu pai de arrebentar meu lábio, para começar.

— Sim, eu deveria — falou de modo sombrio, seu polegar tocando minha ferida enquanto ele entreabria meus lábios. — Se Luca não tivesse me segurado, eu teria enfiado a minha faca na porra das costas do seu pai e que se danassem as consequências. Talvez eu ainda faça isso.

Ele soltou meu lábio e tirou do coldre sob seu paletó uma faca curva e comprida, rodando-a na mão com uma expressão calculista em seu rosto. E, então, seus olhos piscaram em minha direção.

— Você quer que eu o mate?

Deus, sim. Estremeci ao som da voz de Matteo. Eu sabia que era errado, mas depois do que Papai disse hoje, queria vê-lo implorar por misericórdia e sabia que Matteo era capaz de fazer qualquer pessoa ficar de joelhos, e isso me excitava de um jeito assustador. Era exatamente por isso que eu queria sair dessa vida, por isso que eu *ainda* queria sair. Eu tinha potencial para a crueldade e esta vida era o motivo.

— Isso significaria guerra entre Chicago e Nova York — falei simplesmente.

— Ver o seu pai sangrar até a morte aos meus pés valeria o risco. Você *vale*.

CAPÍTULO UM

Matteo



Na primeira vez que vi Gianna, ela era uma magricela de quatorze anos com uma boca grande demais, cheia de sardas no rosto e cachos ruivos rebeldes. Ela era tudo o que uma garota italiana decente não deveria ser, e deve ter sido por isso que eu a achei interessante. Contudo, ela era uma criança e, embora eu fosse apenas quatro anos mais velho que ela, já era um Homem de Honra há cinco anos, já havia matado várias pessoas e fodido um bom número de mulheres. Quando Luca e eu retornamos a Nova York, ocupados com os negócios da máfia e com as garotas fáceis da sociedade, eu não voltei a pensar na ruiva malcriada.

Eu já havia me esquecido completamente de Gianna quando Luca e eu voltamos a Nova York três anos depois para o seu casamento com Aria.

Luca pôs na cabeça que queria ver Aria antes do casamento. Formalmente, porque ele queria se certificar de que ela estivesse tomando pílula, mas eu sabia que, na verdade, era porque ele estava ansioso para ver como ela tinha ficado depois de crescer. E, caramba, a garota tinha ganhado corpo. Quando ela apareceu atrás de Liliana, sua irmã, no batente da porta da suíte delas no *Mandarin Oriental*, meus olhos não sabiam que parte dela conferir primeiro. Ela era gostosa. E também noiva de Luca e completamente proibida. Sem mencionar que era um pouco recatada demais para o meu gosto.

Mas, cacete, assim que entrei na suíte, Aria foi a última coisa na minha mente. Meu olhar pousou na garota com os cabelos vermelho-fogo que descansava no sofá, com as longas pernas despreocupadamente cruzadas e apoiadas na mesinha de centro. Imediatamente, a lembrança há tempos esquecida de sua falta de educação ressurgiu e, com isso, meu interesse nela. Ela não era mais a garota estranha e magricela que costumava ser.

Magricela absolutamente não.

Ela tinha desenvolvido todas as curvas certas em todos os lugares certos e seu rosto estava livre das sardas. Diferente da maioria das garotas, eu sabia que ela não parecia impressionada comigo. Para ser honesto, ela parecia me comparar com uma barata que queria esmagar sob suas botas. Sorrindo, fui logo em sua direção, nunca fui de fugir de um desafio, principalmente de um desafio sexy. O que era a vida sem a adrenalina de sair queimado?

Gianna se endireitou imediatamente, suas botas pretas pousaram no chão com um estrondo e logo estreitou os olhos para mim. Se ela pensava que iria me parar, estava profundamente enganada. Infelizmente, a garota Scuderi mais nova se meteu no meu caminho e me deu a sua versão de um sorriso sedutor.

— Posso ver sua arma?

Se fosse Gianna que tivesse feito essa pergunta, uma infinidade de respostas inapropriadas estaria na ponta da minha língua, mas Liliana era um pouco jovem demais para elas. Que desperdício de oportunidade!

— Não, não pode — disse Aria antes de eu ter a chance de dar uma resposta apropriada para ouvidos mais jovens. Sempre tão decente essa garota. Graças a Deus, Papai a escolheu para Luca e não para mim.

— Vocês não deveriam estar aqui sozinhos com a gente — resmungou Gianna alternando o olhar de Luca para mim. Maldição! Ela era realmente incrível. — Não é apropriado.

Luca não pareceu muito impressionado com ela. Era óbvio que ela o irritava. Já era algo que ela e eu tínhamos em comum.

— Onde está Umberto? Ele não deveria estar protegendo sua porta? — Ele perguntou.

— Deve ter ido ao banheiro ou fumar — disse Aria.

Quase ri. Que tipos de idiotas trabalhavam para os Scuderi? Chicago parecia seguir regras bem diferentes. Dava para notar que Luca estava à beira de explodir. Ele esteve no limite por dias, provavelmente porque suas bolas estavam explodindo.

— E ele costuma te deixar desprotegida com frequência? — Ele perguntou.
— Ah... O tempo todo — debochou Gianna, depois, revirou os olhos para a irmã. — Sabe, Lily, Aria e eu fugimos todo fim de semana porque temos uma aposta para ver quem pega mais caras.
Termos fortes para uma garota que provavelmente nunca viu um pau de verdade na vida real. Pelo olhar que Luca me lançou, provavelmente ele pensou a mesma coisa. E Gianna não sabia mesmo nada sobre o meu irmão se pensava que era uma boa coisa provocá-lo desse jeito.
Luca seguiu em direção à sua noivinha.
— Quero falar com você, Aria.
Gianna deu um pulo ficando de pé como uma tigresa determinada a proteger a sua cria.
— Eu estava brincando, pelo amor de Deus! — Ela realmente tentou ficar entre Luca e Aria, o que era uma porra de uma má ideia. Antes que Luca pudesse perder a cabeça, agarrei seu pulso e a arrastei dali.
Os olhos azuis de Gianna iluminaram-se de raiva. Eu estava errado, seu rosto não tinha ficado livre de todas as sardas. Com esta proximidade, dava para ver pequenas sardas em seu nariz, mas de algum modo elas deixavam-na ainda mais bonita.
— Me solta ou vou quebrar seus dedos — zumbiu.
Eu adoraria te ver tentar. Soltei-a com um sorriso que pareceu ter aumentado ainda mais a sua raiva, se é que seus olhos estreitados indicavam alguma coisa.
Luca começou a levar Aria dali.
— Vamos. Onde é o seu quarto?
Gianna ficou parada entre mim e Luca.
— Vou chamar o nosso pai! Você não pode fazer isso.
Claro que Luca não deu a mínima. Scuderi teria lhe dado Aria anos atrás, ele definitivamente não se importaria se Luca tivesse uma amostra do que ela tinha a oferecer alguns dias antes do casamento. A porta se fechou e Gianna seguiu para ela, eu agarrei sua mão outra vez antes que ela irritasse ainda mais o Luca. Essa

garota realmente não sabia o que era bom para ela.
— Dê a eles um pouco de privacidade. Luca não vai arrancar as roupas de Aria antes da noite de núpcias.
Gianna se soltou de mim.
— Você acha isso engraçado?
— Sobre o que eles estão conversando? — Perguntou Liliana.
A porta da suíte abriu e Umberto entrou, encarando-me. O velho ainda não tinha me perdoado por insultar sua esposa há três anos.
— Gianna, Liliana, venham aqui — disse com severidade.
Ergui uma sobrancelha. Ele estava preocupado que eu as machucasse? Se esta fosse a minha intenção, elas definitivamente não estariam ilesas ao meu lado. Romero revirou os olhos por trás de Umberto e eu sorri. Claro que o velho percebeu e moveu os dedos um pouco mais para perto do seu suporte de faca.
Faça, velho. Já faz muito tempo que não tenho uma boa briga.
Liliana logo obedeceu e caminhou em direção ao seu guarda-costas. Como esperado, Gianna ficou ao lado da porta do quarto da irmã.
— Luca arrastou Aria para o quarto dela. Eles estão sozinhos lá dentro.
Umberto partiu em direção à porta, mas bloqueei seu caminho. Romero estava logo atrás dele, não que eu precisasse dele para impedir o velho. Umberto tentou me enfrentar, ele era pelo menos dez centímetros menor que eu e, independente de quão bom ele fosse em lutar com facas, eu o cortaria com a minha lâmina antes que ele pudesse piscar. Na verdade, meus dedos coçavam para fazer isso.
— Eles ainda não estão casados — disse ele como se isso fosse novidade para mim.
— A honra dela está a salvo com o meu irmão, não se preocupe.
Umberto comprimiu os lábios. Tive a sensação de que ele queria começar uma briga tanto quanto eu. Antes que as coisas pudessem ficar interessantes, a porta do quarto abriu e Aria saiu. Ela parecia ter visto um fantasma. Lancei um olhar para Luca. Ele precisava mesmo assustar desse jeito a noiva faltando poucos dias para o casamento?

— O que o senhor faz aqui? — Perguntou Umberto.
— Você deveria prestar mais atenção e não fazer tantas pausas no futuro — advertiu Luca.
— Estive ausente apenas por uns minutos e havia guardas em frente às outras portas.
Entediado com a discussão deles, tornei minha atenção de volta para a ruiva.
Gianna pôs as mãos nos quadris, estufando o peito por alguma razão. Ela realmente tinha um corpo de morrer. Perguntei-me se Scuderi já a havia arranjado com algum idiota da Outfit.
O olhar de Gianna encontrou o meu.
— Está olhando o quê?
Deixei meus olhos percorrerem todo o seu corpo.
— O seu corpo sexy.
— Pode olhar, então. Porque isso é tudo o que vai conseguir do meu *corpo sexy*.
— Pare com isso — avisou Umberto.
Gianna não deveria mesmo ter dito isso. Sempre gostei de caçar. Embora Luca não se importasse quando uma garota provava ser trabalhosa, eu sempre preferi ir atrás de uma conquista difícil.
O olhar estreito de Gianna me seguiu quando Luca, Romero e eu saímos da suíte. Eu sorri para mim mesmo, a garota era puro fogo.
Luca suspirou.
— Não me diga que você está de olho na ruiva. Ela é irritante demais.
— E daí? Ela definitivamente deixaria a minha vida mais interessante.
— Como? Matar russos e ter uma garota diferente na sua cama todas as noites não é suficiente para você?
— Gosto de mudar as coisas de vez em quando.
— Você não pode tê-la. Fora de cogitação. Não quero contar a Papai que você provocou a guerra na Outfit porque colocou a pata na filha do Scuderi. Só existe um jeito de poder ter a ruiva na sua cama e é se você se casar com ela, e isso não vai acontecer.

— Por que não?

Luca parou.

— Diga que está brincando.

Dei de ombros. Eu não quero realmente me casar agora, nem nunca, a propósito, mas Papai tem estado no meu pé há meses. E todas as mulheres que sugeriu até agora são entediantes *pra* cacete.

Luca pôs a mão em meu ombro.

— Você não vai pedir ao Scuderi a mão de sua filha esta noite.

— Isso é uma ordem? — Perguntei com calma.

— Não, um pequeno conselho. — Luca sorriu. — Se eu tivesse te dado uma ordem, você faria apenas para me irritar.

— Não sou um adolescente de cabeça quente — falei, depois sorri porque Luca me conhecia bem demais.

— Só quero que não se precipite. Você pode achar a impertinência de Gianna fascinante agora, mas eu duvido que isso durará mais do que alguns dias. Eu te conheço. Assim que a caçada tiver terminado e você conseguir o que quer, perderá o interesse. Mas, dessa vez, estará preso com ela para sempre.

— Não se preocupe. Eu tenho total intenção de me dar muito bem esta noite. Isso me fará esquecer completamente de Gianna.

CAPÍTULO DOIS

Casamento de Aria e Luca

Gianna



Este casamento era uma palhaçada. Aria afastou-se de Luca e segurou a minha mão assim que nos sentamos, era óbvio o quanto estava infeliz. Ela tentava com vontade esconder isso, mas para mim era claro como o dia. Óbvio que ninguém dava a mínima, era quase que um padrão que a noiva fosse forçada ao casamento, então, a infelicidade era garantida. Ninguém nem perguntava o que queríamos. Ninguém nem se importava. Nem mesmo as outras mulheres.

Foi aí que fiz uma promessa que estava determinada a cumprir: eu não iria acabar num casamento sem amor. Não queria saber se era o meu dever ou se a honra ditava isso; nada neste mundo abandonado por Deus faria eu me casar se não fosse por amor.

Matteo continuava me olhando do outro lado da mesa com aquele irritante sorriso arrogante no rosto, ele esteve me comendo com os olhos durante todo o casamento até agora. Eu tinha que admitir que ele não parecia tão desprezível vestido com o colete cinza claro, a camisa branca e a calça social. Por alguma razão, seu corpo alto e musculoso se destacava ainda mais vestido assim. Claro que eu arrancaria a minha língua a dentadas antes de admitir para qualquer um que achava a aparência de Matteo tolerável, principalmente quando sua personalidade não chegava nem perto de ser suportável.

Aria apertou ainda mais forte a minha mão debaixo da mesa por causa de algo que Luca dissera a ela. Ela estava alheia ao fato de Matteo estar de olho em mim, alheia a qualquer coisa que não fosse a sua aflição.

Apertei sua mão, mas, então, a pista de dança foi aberta e logo fomos separadas

quando Luca a conduziu para a sua primeira dança como um casal. Eu rapidamente me levantei, desesperada para escapar para a baía onde poderia ficar sozinha, mas Matteo me encurralou na beira da pista de dança com o mesmo sorriso arrogante em seu rosto impactante. Por que o filho da puta tinha que ser tão bonito?

Seu cabelo escuro estava intencionalmente desarrumado e seus olhos eram tão escuros que beiravam o negro. Era impossível não reparar nele. Claro que ele tinha plena consciência do efeito que causava na maioria das mulheres e, obviamente, esperava que eu também lambesse o chão que ele pisava. O inferno congelaria antes de isso acontecer.

Ele se curvou sem tirar os olhos de mim.

— Me concede esta dança?

Meu estômago idiota se revirou ao ver o seu sorriso. Ele era mais descontraído do que a maioria dos Homens de Honra, mas eu tinha a sensação de que era apenas um disfarce. Talvez ele fosse o garoto da casa ao lado perfeito no dia a dia, mas por baixo havia um predador à espera, pronto para atacar. Eu não seria sua presa.

Papai me observava de seu lugar à mesa, então, não tive escolha a não ser assentir em resposta à pergunta de Matteo, senão arriscaria uma grande cena. Não que eu fosse me importar, mas não queria que Aria tivesse mais um estresse. Ela já estava no limite.

Matteo pegou minha mão e colocou sua palma na minha lombar, o calor de sua pele penetrava pelo tecido fino do meu vestido. Meu estômago se remexeu, mas forcei meu rosto a uma máscara de tédio. Odiava como meu corpo parecia reagir a Matteo. Se eu tivesse permissão para interagir com outros caras, provavelmente não ficaria impressionada com Matteo. Certo?

Dei uma olhada nele. Tão perto assim dava para ver que seus olhos eram castanho-escuros envoltos por um anel quase negro. Ele tinha cílios pretos grossos e uma sombra de uma barba pairava sobre suas bochechas e seu queixo. Seu sorriso se alargou e eu virei para o outro lado, focando nos convidados que

dançavam à nossa volta. Todos riam e sorriam, divertindo-se. De fora, parecia uma festa maravilhosa. Era fácil ser levado pelo jardim da mansão que foi decorado com perfeição. Era *fácil demais* deixar que a brisa do oceano sobre nós levasse a realidade embora. A atmosfera especial, que apenas um lugar no Hamptons poderia oferecer, convenceria qualquer um de que a vida era um sonho.

Eu sabia bem.

Matteo me puxou ainda mais para perto, pressionando nossos corpos um no outro, então, dava para sentir cada centímetro de músculo assim como as armas escondidas por baixo de seu colete. Eu me retorci, embora parte de mim quisesse encostar nele, chegar mais perto e pedir um beijo na boca. Isso seria o escândalo do casamento, sem dúvida.

Papai teria um ataque. E era quase o suficiente para me fazer querer consumar isso. Por que as garotas eram obrigadas a esperar pelo primeiro beijo até estarem casadas? Era ridículo. Eu lamentava por Aria ter tido a experiência do primeiro beijo na frente de todos os convidados da festa de casamento. Isso não aconteceria comigo. Não me importava quem eu teria que subornar para me beijar.

Matteo se abaixou com um sorriso provocante aparecendo em sua boca.

— Você está linda, Gianna. A raiva combina bastante com o seu vestido.

Sem conseguir me conter, comecei a gargalhar. Tentei disfarçar com uma tosse, mas, pela expressão em seu rosto, Matteo não acreditou. Maldição! Estreitei o olhar – em vão. Decidi ignorar Matteo pelo resto da nossa dança, esperando que meu corpo fizesse o mesmo, mas o filho da puta começou a movimentar o polegar para cima e para baixo nas minhas costas e cada nervo meu parecia ganhar vida.

Eu queria beijá-lo, e não apenas por causa do meu pai e de qualquer outro homem no mundo que pensasse que tudo bem manter as mulheres numa coleira. Eu queria beijá-lo porque ele cheirava deliciosamente, o que era o motivo exato por que eu precisava me afastar dele imediatamente.

Infelizmente, Matteo parecia ter a intenção de me enlouquecer, porque depois da nossa primeira dança, ele conseguiu dançar mais duas músicas comigo e, para o meu absoluto aborrecimento, meu corpo não parava de reagir à sua proximidade. Eu tinha a sensação de que ele sabia e que era por isso que continuava acariciando minhas costas ainda mais despreocupadamente, mas não poderia pedi-lo para parar sem admitir que me incomodava, e, por alguma razão, parte de mim não queria que ele parasse.

Era quase meia-noite quando as pessoas começaram a gritar para Luca levar Aria para a cama. Ela não conseguiu esconder o pânico. Quando se levantou, pegando a mão que Luca oferecia, seus olhos encontraram os meus, mas logo Luca já estava levando-a embora, seguidos por uma multidão de homens gritando. Sofri uma descarga de raiva. Levantei-me, determinada a seguir e ajudá-la. Mamãe agarrou meu pulso, forçando-me a parar.

— Isso não é da sua conta, Gianna. Sente-se.

Olhei para ela. Ela não deveria nos proteger? Em vez disso, assistia sem nem um pingo de compaixão. Soltei-me, com nojo dela e de todos à nossa volta.

Papai estava de pé ao lado de Salvatore Vitiello, que gritava algo que soava como *Nós queremos ver sangue no lençol, Luca!*

Quase o ataquei. Que filho da puta! Nova York e suas tradições doentias. Apesar do olhar de advertência de Papai, virei e segui os homens. Luca e Aria estavam praticamente dentro de casa e eu tive dificuldade em abrir caminho através dos homens para chegar a eles, nem tinha certeza do que faria se os alcançasse. Eu dificilmente conseguiria puxar Aria para dentro do banheiro que compartilhávamos e trancar a porta. Isso não pararia ninguém, muito menos Luca. O cara era um monstro.

Alguns Homens de Honra fizeram comentários obscenos para mim, mas os ignorei, meu olhar estava firmemente focado nos cabelos loiros de Aria. Quase alcancei a frente da multidão quando Aria desapareceu dentro do quarto principal e Luca fechou a porta. Recuperei o fôlego, a preocupação e a raiva tomando conta do meu corpo.

Eu oscilava entre entrar de supetão no quarto para meter a porrada em Luca e correr para o mais longe possível para não ter que ouvir o que estava acontecendo atrás daquela porta. A maioria dos homens retornava para fora para voltar às suas bebidas, apenas Matteo, que gritava sugestões nojentas pela porta, e alguns Homens de Honra mais novos de Nova York ficaram por perto. Eu recuei, sabendo que não havia nada a fazer por Aria e odiando isso mais do que qualquer outra coisa. No passado, Aria frequentemente me protegia de Papai e, agora, quando era ela que precisava de proteção, eu fui incapaz de ajudá-la.

Decidi ir para o meu quarto em vez de voltar para a festa. Não estava no clima de encarar meus pais de novo. Acabaria me metendo numa enorme briga com Papai e eu realmente não precisava disso hoje. Antes que pudesse seguir pelo corredor em direção ao meu quarto, dois caras apareceram na minha frente. Não sabia seus nomes. Eles não eram muito mais velhos que eu, talvez tivessem dezoito anos. Um deles ainda exibia acne e era um pouco gorducho. O outro era mais alto e parecia mais ameaçador.

Tentei desviar deles, mas o cara mais alto bloqueou o meu caminho.

— Caiam fora — falei olhando para os dois idiotas.

— Não seja estraga-prazeres, Ruiva. Imagino se você é ruiva lá embaixo também. — Ele apontou para o meio das minhas pernas.

Meus lábios curvaram-se de nojo. *Como se eu já não tivesse ouvido isso antes.*

O cara com acne roncou com uma gargalhada.

— Nós podíamos tentar descobrir.

De repente, Matteo apareceu. Ele agarrou o cara alto com uma chave de braço e segurou uma faca comprida e afiada contra a virilha dele.

— Ou — falou ele com uma voz assustadoramente calma — nós poderíamos tentar descobrir quanto tempo leva para você sangrar como um porco depois que eu cortar seu pau fora. O que acha disso?

Aproveitei o momento para enfiar meu joelho no saco do cara com acne. Ele gritou e caiu de joelhos. Eu provavelmente não deveria ter gostado disso tanto quanto gostei.

Matteo ergueu sua sobrancelha escura para mim.
— Quer tentar a sorte com este aqui também?
Não precisava oferecer duas vezes. Plantei um belo chute e fiz o segundo cara cair de joelhos também. Os dois olharam para Matteo com olhos arregalados de medo, ignorando-me completamente.
— Deem o fora antes que eu decida cortar a garganta de vocês — disse Matteo.
Eles saíram como cachorros com os rabos entre as pernas.
— Você os conhece? — Perguntei.
Matteo embainhou sua faca. Ele não parecia tão bêbado quanto na festa. Talvez tivesse sido apenas para se mostrar. Um olhar rápido em volta me fez perceber que estávamos sozinhos nesta parte da casa, e pelo jeito que meu coração saltava e meu estômago se agitava, eu sabia que isso não era mesmo uma boa ideia.
— São filhos de dois dos nossos soldados. Ainda nem são Homens de Honra.
Induzi-los à máfia provavelmente não iria transformá-los em seres humanos melhores.
— Eu poderia ter lidado com eles sozinha — falei.
Matteo analisou meu corpo mais uma vez.
— Eu sei.
Essa não era a resposta que eu esperava e eu não estava totalmente certa se ele estava de sacanagem com a minha cara ou não.
— É engraçado como você pode agir como um cavaleiro numa armadura brilhante num segundo e, no seguinte, estar incentivando seu irmão a abusar sexualmente da minha irmã.
— Acredite, Luca não precisa de incentivo.
— Você me dá nojo. Tudo isso dá. — Virei e segui meu caminho, mas Matteo me pegou e barrou minha passagem com um braço na parede.
— Sua irmã vai ficar bem. Luca não é cruel com as mulheres.
— Isso deveria me tranquilizar?
Matteo deu de ombros.
— Eu conheço meu irmão. Aria não vai se machucar.

Analisei seu rosto. Ele parecia falar sério. Queria acreditar nele, mas pelo que havia testemunhado, Luca era tudo, exceto gentil. Ele era violento, cruel e frio.

— Eu quero *pra* caralho te beijar — disse Matteo com uma voz rouca, me assustando.

Meus olhos arregalaram. Ele não se mexeu. Apenas ficou parado na minha frente com seu braço apoiado na parede e seus olhos sombrios cravados nos meus. Nós não estávamos comprometidos, graças a Deus, então, falar comigo daquele jeito era mais do que inapropriado. Papai enlouqueceria se escutasse. Eu deveria ter ficado nervosa, envergonhada pelo menos, com suas palavras, mas, ao invés disso, me peguei imaginando como seria beijar alguém. Todas as garotas na minha turma já tinham beijado e feito mais que isso. Apenas Aria, eu e as outras garotas de famílias da máfia éramos protegidas por guarda-costas. Como seria beijar alguém proibido? Fazer algo que uma boa menina não faz?

— Então, por que não beija? — Eu me ouvi dizer. Alarmes ecoaram na minha mente, mas eu os ignorei.

Isso era escolha minha. Se não fôssemos quem somos, se não tivéssemos nascido nesse mundo fodido, se Matteo não fosse um Homem de Honra e um assassino, talvez eu pudesse me apaixonar por ele. Se nos conhecêssemos como duas pessoas normais, então, talvez pudéssemos nos tornar algo mais.

Matteo se aproximou de mim. Por algum motivo, eu recuei até esbarrar na parede, mas Matteo veio e logo eu já estava presa entre a pedra fria e seu corpo.

— Porque existem regras em nosso mundo e quebrá-las traz consequências.

— Você não parece ser do tipo que segue regras.

Eu não tinha certeza de por que o incentivava. Eu não queria sua atenção. Eu queria sair desse mundo fodido com pessoas fodidas, me envolver de qualquer forma com alguém como ele tornaria isso impossível.

Matteo sorriu sombriamente. — Não sou.

Ele tocou meu rosto e, lentamente, passou os dedos pelos meus cabelos. Estremeci com o toque suave. Eu nem mesmo gostava de Matteo, não é? Ele era irritante e arrogante e nunca soube quando se calar.

Ele é igual a você.

Mas o meu corpo queria mais. Segurei seu colete, meus dedos agarraram o tecido macio.

— Eu também não. Não quero que meu primeiro beijo seja com meu marido.

Matteo deixou escapar uma risada baixa, mas ele estava tão perto que eu pude senti-la mais do que escutá-la.

— Esta é uma péssima ideia — murmurou ele, seus lábios a menos de três centímetros dos meus, seus olhos escuros e isentos da curtição habitual.

Meu interior parecia queimar com a necessidade.

— Eu não ligo.

E, então, Matteo me beijou, no início suavemente como se ele não tivesse certeza de que eu falava sério. Puxei seu colete, querendo que ele parasse de ser tão prudente, e Matteo imprensou seu corpo ao meu, sua língua escorregando entre meus lábios, enrolando na minha, não me dando tempo para me perguntar o que ele estava fazendo. Ele tinha gosto de *whiskey* e alguma coisa mais doce, como o mais delicioso *whiskey* trufado que eu poderia imaginar. Seu corpo irradiava calor e força. Sua mão encaixou na minha nuca enquanto sua boca deixava meu corpo aceso com a necessidade.

Deus, não é de se estranhar que Papai não nos quisesse perto de homens. Agora que eu sabia como beijar era bom, nunca iria querer parar de fazer isso.

Ouvimos um arquejo e Matteo e eu nos afastamos. Eu ainda estava entorpecida quando meus olhos pousaram em minha irmã Lily, que estava parada imóvel no corredor, provavelmente a caminho de seu quarto. Seus olhos estavam arregalados.

— Desculpe! — Descarregou ela, depois, deu alguns passos hesitantes em nossa direção. — Isso significa que vocês vão se casar?

Bufei. — Não, não significa. Eu não vou me casar com ele. Isso não significa nada.

Matteo me lançou um olhar e eu quase me senti mal pelas minhas palavras rudes, mas era a verdade. Não tinha intenção nenhuma de me casar com um

Homem de Honra, independente de quanto seu beijo fosse bom, ou do quanto ele conseguisse me fazer rir. Os homens em nosso mundo eram assassinos e torturadores. Não eram homens bons, nem mesmo homens decentes. Eles eram maus, podres até a alma. Nada poderia mudar isso. Talvez de vez em quando eles conseguissem fazer o papel de caras normais, principalmente Matteo sabia fazer isso com perfeição, mas, no fim das contas, era apenas uma máscara.

Matteo virou para Lily.

— Não conte a ninguém o que você viu, tudo bem?

Deslizei para longe dele, precisando colocar certa distância entre nós dois. Como eu pude deixá-lo me beijar? Talvez eu tivesse sorte e ele estivesse mais embriagado do que dava a entender. Talvez ele não fosse se lembrar de coisa nenhuma amanhã de manhã.

— Tudo bem — disse Lily sorrindo.

Matteo me deu um olhar cúmplice antes de passar por Lily e virar no corredor. Assim que ele se foi, Lily correu para mim.

— Você o beijou!

— Shh — pedi silêncio conforme caminhávamos pelo corredor.

— Posso dormir em seu quarto esta noite? Eu disse à Mamãe que podia.

— Claro que pode.

— Como foi? — Perguntou ela num sussurro abafado. — O beijo, quero dizer.

A princípio eu quis mentir, mas, depois, optei pela verdade.

— Maravilhoso.

Lily deu uma risadinha e me seguiu para o meu quarto.

— Então, você vai beijá-lo outra vez?

Eu queria, mas sabia que seria uma péssima ideia. Eu não queria que ele pensasse nada além.

— Não. Nunca mais vou beijar Matteo.

Eu deveria saber que isso não acabaria assim tão fácil.



No dia seguinte, umas duas horas antes de a minha família ter que voltar para Chicago, Matteo me pegou sozinha em frente ao meu quarto. Ele não tentou me beijar, mas ficou parado muito perto. Teria sido fácil reduzir a distância entre nós, agarrar sua camisa e puxá-lo para mim. Em vez disso, mantive a prudência e o olhei.

— O que você quer?

Matteo estalou a língua.

— Ontem à noite, quando estávamos sozinhos, você não me tratou com desprezo.

— Esperava que você estivesse bêbado demais para lembrar.

— Sinto desapontá-la.

Se ele não parasse de sorrir daquele jeito arrogante, eu torceria seu pescoço, ou o beijaria, ainda não tinha decidido. A primeira opção era, sem dúvida, a melhor.

— Foi coisa de uma vez só. Não significou nada. Eu ainda não gosto de você. Só fiz aquilo porque queria fazer algo proibido.

— Existem várias outras coisas proibidas que poderíamos fazer — murmurou ele, dando um passo mais para perto de mim e me envolvendo com seu cheiro.

— Não, obrigada.

— Por quê? Perdeu a coragem? Eu poderia pedir a sua mão em casamento para o seu pai se você estiver cansada de coisas proibidas.

— *Certo* — falei com sarcasmo. — Eu nunca vou me casar com você, e isso é uma promessa. E agora que Aria já está presa em Nova York, Papai nunca me mandaria embora mesmo.

Matteo sorriu. — Se você está dizendo.

Seu excesso de confiança me estressou. Enfiei meu dedo em seu peito.

— Você se acha irresistível, não acha? Mas não é. Você e Luca e todos os outros

caras na porra da máfia te acham oh-tão-maravilhoso. Deixa eu te dizer uma coisa: se você não fosse rico *pra* caralho e não carregasse uma porra de uma arma para onde vai, não seria melhor que nenhuma outra pessoa lá fora.

— Eu ainda seria bonito e ainda poderia matar a maioria dos imbecis lá fora com as minhas próprias mãos. E quanto a você, Gianna? O que você seria sem a proteção de sua família e o dinheiro do seu pai?

Respirei fundo. É, o que eu seria sem tudo isso? Nada. Eu nunca tive que fazer nada por conta própria, nunca tive permissão para fazer nada, mas não era por falta de vontade.

— Livre.

Matteo riu. — Você nunca será livre. Nenhum de nós é. Somos todos prisioneiros das regras do nosso mundo.

É por isso que quero sair desse mundo.

— Talvez, mas um casamento com você nunca será a minha prisão. — Deixei-o ali, sem dar outra oportunidade para uma resposta.

CAPÍTULO TRÊS

Matteo



Talvez Gianna não entendesse ainda, mas o casamento seria sua prisão querendo ela ou não.

Ontem à noite, depois do nosso beijo, voltei para a festa para beber até cair quando cruzei com o idiota do meu pai e Rocco Scuderi, conversando sobre Gianna e seus planos para que ela se case com um velho esquisito conhecido por tratar mal as mulheres. Naquela hora eu não disse nada porque conhecia Papai. Se pensasse que eu queria Gianna porque a desejava, gostava dela ou queria eixaa-la de um destino pior, ele nunca concordaria em me arranjar com ela.

Agora, de manhã, depois da apresentação do lençol, procurei por Luca e o encontrei a caminho do quarto principal com Aria ao seu lado.

— Os dois pombinhos terão que adiar a sessão de amor. Preciso dar uma palavrinha com você, Luca — falei.

Luca e Aria se viraram. O rosto de Aria corou e ela olhou para o meu irmão com uma mistura de preocupação e vergonha. Ele olhou para mim antes de abaixar o olhar para a sua mulher.

— Pode ir. Confira se as empregadas colocaram todas as suas coisas na mala. Já volto. — Ela desapareceu depressa no quarto.

— O lençol era falso, não era? Meu irmão mais velho do mal poupou a noivinha virgem.

Luca me fuzilou com os olhos ao chegar mais perto de mim.

— Abaixa a porra da voz.

— O que aconteceu? Você bebeu demais e não conseguiu subir?

— Vá se foder. Como se o álcool já tivesse me impedido alguma vez — falou.

— Então, o quê?

Luca me olhou. — Ela começou a chorar.

Eu ri. Alcancei o suporte de faca em seu antebraço e o empurrei para cima, revelando um pequeno corte. Luca tirou o braço.

— Você se cortou.

Luca parecia estar considerando fazer picadinho de mim. Como eu ainda precisava de sua ajuda, decidi reduzir a provocação ao mínimo.

— Eu sabia. Eu falei para Gianna ontem à noite que ela não precisava se preocupar com Aria. Você tem um ponto fraco pelas donzelas em apuros.

— Eu não... — Ele franziu a testa. — Você ficou sozinho com Gianna?

Assenti, depois o tirei de perto do quarto, para o caso de Aria estar tentando bisbilhotar. Ela contaria tudo para a irmã.

— Eu a beijei, e o gosto dela é ainda melhor do que a aparência.

— Eu não acredito que você conseguiu mais do que eu na porra da minha própria noite de núpcias — resmungou Luca.

— As moças não resistem ao meu charme.

Ele agarrou meu ombro.

— Isto não é uma piada, Matteo. A Outfit não vai achar engraçado se você ficar por aí tirando a virgindade das garotas deles.

— Eu não tirei a virgindade de ninguém. Eu a beijei.

— É... como se terminasse por aí.

— Eu quero tirar a virgindade dela. Mas não sou idiota.

Mesmo? Era o que dizia a expressão de Luca.

— Quero me casar com ela.

Luca parou abruptamente.

— Diz que você está brincando.

— Não estou. É por isso que preciso da sua ajuda. Papai não vai falar com Scuderi a meu favor se ele pensar que quero Gianna por algum outro motivo que não seja ofensa ou vingança. Você o conhece.

— Então, o que você quer que eu faça?

— Me ajude a convencê-lo de que ela me odeia e me insultou e que eu quero

casar com ela para fazê-la infeliz.
— E isso não é verdade? A garota não te suporta e é por isso que você a quer. Como isso é diferente da história que vamos contar ao Papai?
— Não quero fazê-la infeliz.
Luca pareceu em dúvida.
— O resultado final pode ser o mesmo. Essa garota vai te deixar louco, você tem consciência disso, não tem? E eu não tenho certeza se a quero em Nova York.
— Você vai saber lidar com isso. E Aria ficará feliz em ter a irmã com ela.
— Você realmente pensou em tudo, não?
— Pensei. E, em breve, Papai vai escolher alguma vaca para mim que vai me fazer infeliz.
— Então, você prefere escolher sua própria vaca que vai te fazer infeliz.
Eu me livrei de sua mão.
— Gianna não é uma vaca.
— Você quer me bater por causa dela — concluiu Luca com um sorriso torto.
— Quero te bater por muitos motivos.
Luca balançou a cabeça.
— Venha. Vamos encontrar o Papai.
Nós seguimos o corredor e descemos as escadas em direção ao escritório de Papai. Ele estava saindo do cômodo. Fiz cara de quem estava com raiva.
— Não dá para acreditar na porra da audácia dela.
— Não há nada que você possa fazer — Luca disse para mim, e, depois, virou para Papai. — A Scuderi ruiva provocou Matteo.
Papai ergueu as sobrancelhas com um leve interesse.
— Como assim? — Ele fez um gesto para que entrássemos em seu escritório, depois, fechou a porta.
Fingi estar fervendo enquanto Luca inventava uma história ridícula que terminava com Gianna me dizendo que seu Pai nunca a entregaria a Nova York e que ninguém o convenceria do contrário.
— Ela fez parecer como se eu estivesse abaixo dela, como se nós estivéssemos

abaixo dela. Quero que essa vaca pague. Não me interessa o que ela quer. Eu a quero na minha cama.
Os olhos de Papai brilharam de entusiasmo. O sádico realmente acreditou naquela merda, porque em sua mente doentia, cruel e faminta por poder, aquilo fazia sentido.
— Acho que posso falar com Scuderi, ele ficará contente em se livrar dela. Ela dá trabalho. — O sorriso dele se alargou. — Você vai ter que ensinar boas maneiras a ela, Matteo.
— Não se preocupe — falei. Eu lhe ensinaria muitas coisas.
Dois dias depois, meu pai e Scuderi chegaram a um acordo e Gianna era minha. Agora, eu só precisava descobrir uma boa hora para contar a ela.

Gianna



Às vezes, à noite, quando eu revivia nosso beijo, ficava imaginando se talvez Matteo e eu não fôssemos uma ideia tão ruim. Mas, então, Aria me ligou e contou como encontrou Luca traindo-a, e isso foi o alerta que eu desesperadamente precisava. Homens de Honra sempre iriam matar, trair, destruir tudo o que tocavam. Eu não deixaria ninguém me tratar desse jeito. Eu nem mesmo lhes daria a oportunidade de tentar. Independente do quanto meu corpo quisesse beijar Matteo outra vez, jurei para mim mesma que o afastaria. Um beijo já fora demais. Se eu deixasse ele se aproximar de novo, nunca me deixaria em paz.
Claro que quando visitei Nova York algumas semanas depois do casamento de Aria, Matteo estava lá no apartamento de Luca para jantar conosco. O sorriso que ele me deu quando Aria me levou para a mesa fez meu sangue ferver. Será que ele tinha contado sobre o nosso beijo para alguém? Eu nem mesmo tinha

contado para Aria sobre isso e eu sempre contei tudo a ela. Este jantar seria longo.



No dia seguinte, convenci Aria a me levar para a boate, desesperada para esquecer Matteo. Foi o meu primeiro gostinho de liberdade e, caramba, era gostoso. Não tão gostoso quanto Matteo, lembrou-me uma voz irritante, mas que logo foi substituída pelas criaturas que enchiam a pista de dança da Sphere. Ter estranhos me olhando, me querendo, era uma experiência estimulante. Eu nunca me vesti tão sexy antes, nunca tive permissão para isso, e não podia deixar de me sentir curiosamente empoderada. Eu estava dançando com um cara alto quando ele, de repente, foi jogado para longe de mim por ninguém menos que Matteo-caralho-Vitiello.

— Que porra você está fazendo? — Rosnou.

— Que porra *você* está fazendo? Isso não é da sua conta.

Meu companheiro de dança conseguiu se equilibrar novamente e caminhou em nossa direção, mas, antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Matteo deu um soco em sua costela, fazendo-o cair de joelhos e, então, dois seguranças chegaram e arrastaram o cara dali.

Fiquei parada atordoada em silêncio.

— Você enlouqueceu, caralho?

Matteo chegou o rosto perto do meu e agarrou meu braço.

— Nunca mais faça isso. Não vou deixar que fique de sacanagem com outros caras.

— Eu não estava de sacanagem, estava dançando. — Então, suas palavras me bateram com tudo. — Com *outros* caras? Quer dizer que só porque nos beijamos uma vez você acha que pode me dizer o que fazer com a minha vida? Novidade: você não é o meu dono, Matteo.

Ele sorriu maliciosamente.

— Ah, mas eu *sou*. — Seus olhos sombrios vagaram pela minha roupa justa e permaneceram nas minhas pernas. — De cada centímetro.

Desfiz de seu sorriso.

— Você é louco. Saia da minha frente. — Ele seguiu Luca sem dizer mais nada, mas deixou um de seus micos/guarda-costas idiotas comigo. Eu estava com tanta raiva, queria correr atrás dele e transformá-lo em poeira.

Em vez disso, fui até Aria que parecia perdida parada imóvel no meio da pista de dança.

— Idiota — resmunguei.

Depois de um tempo, seus olhos pousaram em mim.

— Quem?

— Matteo. O cara teve a audácia de me dizer para não dançar com outros homens. Quem ele é? Meu dono? Vai se foder. — Aria parecia estar a quilômetros de distância. — Tudo bem?

Ela assentiu.

— Sim. Vamos para o bar. — Romero e Cesare, os dois capangas de Luca, nos seguiram e Aria descontou em cima deles. — Vocês podem nos vigiar de longe? Estão me deixando louca.

Atordoada, observei enquanto ela corria em direção ao bar e pedia bebidas para nós. Romero e Cesare nos observavam de longe com olhos de águia. Lá se foram a sensação de liberdade e a diversão. A raiva por Matteo ressurgiu, mas eu a engoli. Não deixaria que ele arruinasse a noite.

— Você pode ir dançar — disse Aria com um sorriso trêmulo, segurando a bebida como se sua vida dependesse disso.

— Daqui a pouco. Você está pálida.

— Estou bem.

Ela não parecia bem e eu não sabia por que ela não queria me contar o que a incomodava. Embora eu realmente não tivesse motivo para reclamar. Afinal de contas, eu ainda não tinha contado a ela sobre o beijo.

— Preciso mesmo é ir ao banheiro — falei depois de vários minutos de silêncio.

— Preciso ficar mais um pouco sentada.
Hesitei, imaginando se era uma boa ideia eixa-la, mas não era como se ela estivesse sozinha. Afinal, Romero nunca a perdia de vista, graças à possessividade de Luca.
Fui em direção à parte atrás do bar onde ficavam os banheiros, tentando não me estressar com Cesare que parecia uma sombra irritante. Quando voltei para o bar alguns minutos depois, toda a merda tinha acontecido. Aria oscilava e Cesare teve que segurá-la enquanto Romero tinha enfiado a faca na perna de algum babaca.
— Você vai nos seguir. Se tentar fugir, morre — grunhiu Romero.
— Aria? — Sussurrei com o coração martelando no peito. Ela não parecia me escutar.
— Pegue a bebida dela. Mas não beba — disse Cesare. Peguei o copo, tremendo demais para ficar irritada com seu tom mandão.
Fomos para os fundos, depois, descemos para o subsolo. As pernas de Aria mal a aguentavam. Fiquei ao lado dela o tempo todo. Quando entramos numa espécie de escritório, meus olhos pousaram em Matteo, que descansava na cadeira. Seu olhar voou para mim antes de assimilar o resto do cenário. Ele ficou de pé.
— O que está acontecendo?
— Provavelmente um “boa noite, cinderela” — disse Romero.
Boa noite, cinderela? Estreitei o olhar para o babaca que drogou minha irmã. Eu queria machucá-lo, mas a expressão no rosto de Matteo deixou claro que eu teria meu desejo realizado. Seus olhos me fizeram uma promessa. Eu sabia que era doentio, mas por algum motivo isso me fez querer beijá-lo mais ainda.
Havia algo de muito errado comigo.



Aria e eu fomos mandadas para fora antes de Luca e Matteo começarem a lidar com o filho da puta, e Romero nos conduziu para a saída dos fundos em

direção ao SUV. Meu coração ficou apertado quando eu me ajeitei no banco de trás com a cabeça de Aria em meu colo. Ela estava tão indefesa... Acariciei seus cabelos enquanto a escutava divagar. Pensar que alguém queria machucá-la me assustou *pra* cacete. Esta devia ser a primeira vez que eu ficava contente pelos nossos guarda-costas, sem eles, aquele filho da puta doente teria sequestrado Aria e a estuprado. Mas eu sabia que ele teria o que merece e eu estava estranhamente bem com isso. Odiava a máfia e o que ela representava, mas, neste momento, eu não era capaz de me sentir mal pelo agressor de Aria. Talvez fosse um sinal do quanto esta vida havia me moldado, um sinal do quanto eu era perturbada. Eu não conseguia tirar a expressão de Matteo da minha cabeça. Aquela pontinha de excitação quando ele puxou da faca antes de Aria e eu sairmos da sala. Ele e Luca eram dois monstros, eu ainda não tinha certeza de qual dos dois era o mais perigoso, mas o pior de tudo era que parte de mim se sentia atraída pelo lado monstruoso de Matteo.



Quase um mês tinha se passado desde a última vez em que vi Matteo. Por algum motivo, suas palavras sobre ser meu dono ainda não haviam saído da minha mente. Sempre que revivia nosso beijo, eu focava toda a minha atenção nele para deixar a minha raiva levar embora qualquer desejo que meu corpo sentisse. O único motivo por que eu ainda me lembrava do beijo estúpido era porque as coisas em casa iam muito mal. Eu brigava constantemente com Papai, na maioria das vezes era sobre o meu costume em dizer o que pensava, como acontecia hoje.

— Eu não estou nem aí para o que se espera de mim.

Mamãe me calou, seus olhos arregalados em espanto, mas eu não quis ouvir. Se Papai me dissesse mais uma vez que eu deveria me comportar como uma dama decente, eu enlouqueceria.

— Por que é tão difícil de entender? Eu não quero ser uma dama, definitivamente não quero, algum dia, ser uma esposinha boa para qualquer idiota da máfia. Prefiro cortar a minha própria garganta a terminar desse jeito.

Eu antecipei o que iria acontecer, e nem mesmo tentei evitar. Papai deu um tapa no meu rosto. Foi um de seus tapas mais leves, o que normalmente não era um bom sinal. Ele batia forte quando não tinha palavras para tentar me persuadir. Se ele pegasse leve comigo, eu não iria gostar do que tinha a dizer. Ele segurou meus ombros com força até que meu olhar se encontrasse com o seu.

— Então, talvez você devesse procurar por uma faca afiada, Gianna, porque Vitiello e eu decidimos que você vai se casar com Matteo, o filho dele.

Fiquei boquiaberta.

— O quê?

— Você deve ter causado uma impressão e tanto porque ele pediu ao Pai para fazer esse acordo.

— Você não pode fazer isso!

— Posso, sim. E não foi ideia minha. Matteo pareceu bem determinado a se casar com você.

— Imbecil.

Papai me apertou ainda mais forte e recuou. Lily só ficava olhando com seus enormes olhos azuis. Ela e Aria haviam presenciado apenas ocasionalmente esse lado violento de Papai. Ele costumava reservar seus tapas e sua crueldade para mim, a filha má.

— É exatamente por isso que fico feliz de te ter fora do nosso território. Se eu te casar com um de nossos soldados, teria que punir um dos nossos por te espancar até a morte pela sua insolência, mas se Matteo Vitiello te torturar por um pouco de bom senso, eu ficarei livre porque não posso arriscar uma guerra com Nova York.

Engoli a minha dor. Eu sabia que era a que Papai menos gostava e não era como se eu precisasse de sua aprovação ou de seu carinho, mas suas palavras feriam mesmo assim. Mamãe, é claro, não dizia nada, apenas encarava seu prato

conforme dobrava e desdobrava o guardanapo idiota. As lágrimas transbordavam dos olhos de Lily, mas ela sabia que era melhor do que abrir a boca quando Papai estava de mau humor. Ela e Aria sempre foram melhores com o instinto de sobrevivência que eu.

— Quando você tomou a decisão? — Perguntei com firmeza, tentando disfarçar minhas emoções.

— Matteo e o pai se aproximaram de mim depois do casamento de Aria.

E, de repente, eu soube quando Matteo tinha decidido se casar comigo: quando eu disse, na manhã depois de nosso beijo, que eu nunca me casaria com ele. O babaca arrogante não pôde aguentar o golpe em seu orgulho. Ele iria se casar comigo para provar que tinha razão: que ele conseguia tudo o que queria, que tinha o poder enquanto eu era uma marionete nas mãos da máfia.

— Não vou me casar com ele nem com ninguém. Não ligo para o que disser. Não ligo para o que os Vitiello disserem. Não ligo *pra porra* nenhuma.

Papai me sacudiu com força até que meus ouvidos começaram a zumbir.

— Você vai fazer o que eu disser ou eu juro que vou te bater até se esquecer do seu nome.

Olhei para ele. Nunca odiei tanto alguém quanto odiava o homem na minha frente, e, mesmo assim, parte de mim, uma parte otimista, estúpida e fraca, o amava.

— Por que você faz isso? Não tem necessidade. Nós já demos Aria a eles para fazer as pazes. Por que me obriga a casar? Por que não me deixa ir para a faculdade e ser feliz?

Os lábios de Papai curvaram-se de desgosto.

— Ir para a faculdade? Você é mesmo tão burra? Você será a esposa de Matteo. Irá aquecer a cama dele e parir seus filhos. Fim da história. Agora, vá para o seu quarto antes que eu perca a minha paciência.

Lily me lançou um olhar de súplica. O que um dia foi tarefa de Aria, agora, era de Lily: manter-me longe de problemas. Se não fosse por ela, eu teria continuado a briga. Não me importava se Papai me batesse constantemente, eu

não mudaria de ideia.

Virei-me e fui depressa para o meu quarto, onde peguei meu telefone e me atirei na cama. Liguei logo para Aria e, depois do segundo toque, ela atendeu. Ao ouvir sua voz, as lágrimas que eu estive segurando despencaram. Pelo menos, o babaca do nosso pai não as vira.

— Aria — sussurrei. As lágrimas desciam com mais rapidez.

— *Gianna, o que houve? O que está acontecendo? Alguém te machucou?*

— Papai está me entregando a Matteo. — As palavras soavam ridículas. Ninguém no mundo fora da máfia as entenderia. Eu não era uma peça de mobília que podia ser entregue a alguém e, ainda assim, essa era a minha realidade.

— *O que quer dizer com está te entregando a Matteo?*

— Salvatore Vitiello falou com Papai e disse a ele que Matteo quer se casar comigo. E Papai concordou!

— *Papai disse por quê? Não entendo. Já estou em Nova York. Ele não precisa te casar com alguém da* Famiglia *também.*

— Não sei por quê. Talvez Papai queira me castigar por dizer o que penso. Ele sabe o quanto eu desprezo nossos homens e o quanto eu odeio Matteo. Ele quer me ver sofrer. — Essa não era bem a verdade. Eu não odiava Matteo realmente, pelo menos, não mais do que odiava qualquer outro Homem de Honra. Eu odiava o que ele representava e o que ele fazia, odiava que ele tivesse que pedir minha mão a Papai como se a minha opinião não importasse.

— *Ah, Gianna. Sinto muito. Quem sabe se eu conversar com Luca ele não possa fazer Matteo mudar de ideia?*

— Não seja inocente, Aria. Luca sabia de tudo. Ele é irmão de Matteo e futuro Capo. Não se decide algo assim sem que ele esteja envolvido.

— *Quando eles decidiram?*

Depois de eu ter sido burra o suficiente para beijá-lo. — Há algumas semanas, antes mesmo de eu ir te visitar. — Eu não poderia dizer a ela o que acontecera em seu casamento. Aria apenas descobriria um jeito de se culpar pela minha infelicidade.

— Não dá para acreditar nele! Vou eix-lo! Ele sabe o quanto te amo. Ele sabe que eu não teria permitido. Eu teria feito qualquer coisa para impedir o acordo.

Aria se parecia extremamente comigo neste momento, e enquanto meu coração se enchia de amor por ela por causa de sua disposição em me proteger, eu não podia permitir isso. Talvez Aria não enxergasse, mas Luca era um monstro e eu não queria que ela se ferisse, não por minha causa, não quando já era tarde demais.

— Não entre em apuros por minha causa. De qualquer modo, é tarde demais. Nova York e Chicago já selaram o acordo. Está feito, e Matteo não vai me deixar longe de suas amarras.

E eu sabia que isso era verdade. Mesmo que ele decidisse que não me queria, nunca admitiria isso. Eu sempre pensei que conseguiria evitar o casamento, sempre pensei que poderia descobrir um jeito de ir para a faculdade, de encontrar uma vida longe do mundo da máfia.

— Quero te ajudar, só não sei como — lastimou-se Aria.

— Eu te amo, Aria. A única coisa que me impede de cortar os pulsos neste momento é saber que meu casamento com Matteo significa viver em Nova York com
você.

Nunca considerei o suicídio uma opção válida, nunca me senti tão infeliz a ponto de fazer isso, mas, às vezes, eu sentia como se a única escolha que tinha na vida, o único modo de decidir meu próprio destino e destruir os planos de Papai era realmente terminar com ela. Mas eu nunca prosseguiria com isso de verdade. Não poderia ferir minhas irmãs desse jeito e, apesar de tudo, eu era apegada demais à vida.

— Gianna, você é a pessoa mais forte que eu conheço. Prometa que não fará nada de estúpido. Se você se machucar, não vou conseguir viver comigo mesma.

— Você é tão mais forte que eu, Aria. Tenho uma boca enorme e uma

ousadia
evidente, mas você é resiliente. Casou-se com Luca, vive com um homem como ele. Não acho que eu conseguiria fazer isso. Não acho que consiga.

Eu tive vislumbres da escuridão de Matteo em Nova York quando ele se ofereceu para matar o agressor de Aria para me fazer feliz e, em seguida, em seus olhos, quando estava coberto de sangue igual a Luca. Não havia arrependimento nem culpa em seu olhar naquele momento. Às vezes, eu achava que ele era o mais perigoso dos dois porque tinha menos controle. Às vezes, achava que ele escondia o quanto era perturbado através de sua personalidade extrovertida.

— *Descobriremos, Gianna* — falou Aria.

Eu sabia que ela não poderia fazer nada.



Naquela noite, a porra do Matteo Vitiello realmente se atreveu a ligar para o meu celular. Eu o ignorei. De jeito nenhum eu falaria com ele, não depois do que ele fez. Se ele achava que tinha terminado, se ele achava que tinha ganhado, estava muito enganado.

CAPÍTULO QUATRO

Matteo



Já estava pronto para esta merda de dia terminar. Primeiro, o funeral de Papai e, agora, horas de discussão com os Cavallaro e os Scuderi sobre meios de manter os russos sob controle e lhes mostrar quem mandava. Até parece que eu precisava de um tempo para o luto. Luca e eu não nutríamos nenhum sentimento pelo nosso pai há muito tempo, exceto o desprezo e o ódio, mas eu não era fã de funerais e tudo o que os envolvia. Sobretudo ver minha madrasta chorar lágrimas de crocodilo tinha me dado nos nervos. Ela realmente achava que alguém acreditaria que sentia falta de seu marido sádico? Ela provavelmente cuspiria no defunto quando ninguém estivesse olhando. Era o que eu queria fazer.

A única coisa boa sobre todo esse tormento foi Gianna, que compareceu ao funeral com sua família. Ela ignorava minhas ligações desde que descobriu sobre nosso casamento uma semana atrás, mas não poderia me evitar para sempre. Na verdade, eu estava ansioso pelo nosso primeiro encontro reservado. Eu amava quando ela estava com raiva.

Depois da reunião, eu estava a caminho da minha moto quando ouvi passos atrás de mim. Virei, deparando-me com Luca correndo em minha direção, com o celular encostado em sua orelha e uma expressão tempestuosa em seu rosto.

Antes que eu pudesse perguntar que merda tinha se passado, ele abaixou o aparelho e disse:

— Cesare ligou. Os russos estão atacando a mansão. Romero está tentando levar todos para um local seguro, mas são muitos atacando.

— Onde estão Gianna e Aria?

— Não sei, caralho. Temos que pegar o helicóptero.

Segui Luca até seu carro. Ele pisou no acelerador assim que nós dois entramos. Nunca deveríamos ter deixado Aria e Gianna irem para os Hamptons sem nós dois. Achamos que elas estariam seguras. Achamos que nossos inimigos atacariam na cidade, onde tantos membros nossos e da Outfit estariam reunidos em honra ao meu pai. Fomos uns idiotas de merda.

Luca deu um soco no volante.

— Vou caçar cada merda de russo se eles machucarem Aria.

— Eu estarei ao seu lado — afirmei. Não me importava quantos russos eu teria que partir em mil pedacinhos para chegar até Gianna. Maldição!

Quando finalmente pousamos perto da nossa mansão nos Hamptons, Luca e eu não falamos nada. Nós dois sabíamos que poderia ser tarde demais.

— Elas estão bem — falei para Luca.

Saímos do helicóptero e abrimos caminho até alcançarmos a entrada da mansão. Saquei da minha faca direto para a garganta de algum babaca e me recompus quando um dos russos filhos da puta gritou do lado de dentro.

— Estamos com a sua mulher, Vitiello. Se quiser vê-la inteira, é melhor parar de lutar e abaixar suas armas.

Luca olhou em minha direção.

— Não faça nada de estúpido, Matteo.

— Você não é o único que tem algo a perder — falei com severidade. — Gianna também está lá dentro.

Luca assentiu, depois, seguiu em frente devagar. Eu seguia a poucos passos atrás dele. Meus olhos encontraram Aria primeiro. Um dos subchefes russo, um fodido chamado Vitali, segurava uma faca contra a garganta dela. Luca mataria o filho da puta.

— Quer dizer que esta é a sua mulher, Vitiello? — Perguntou Vitali, mas eu mal ouvi.

Gianna estava estatelada no chão, com um hematoma enorme na testa. Dava para notar que ela tremia, se era de medo ou de dor, eu não tinha certeza. Seus olhos azuis encontraram os meus. Um babaca russo enorme pairava sobre

ela. Meu corpo foi tomado por uma sede de sangue. Girei minhas facas nas mãos, tentando decidir que parte do corpo do russo eu cortaria primeiro, provavelmente a mão que ele usou para bater nela.

Gianna não tirava os olhos de mim, como se ela soubesse que eu faria tudo ficar bem, que não deixaria mais nenhum desses fodidos machucá-la agora que eu estava aqui. E, por Deus, eu os faria pagar, os faria se arrepender do dia em que eles colocaram os olhos em Gianna, os faria se arrepender da porra do dia em que nasceram.

— Solte-a, Vitali — rosnou Luca.

— Acho que não — disse Vitali com aquele sotaque irritante. — Você pegou algo que nos pertence, Vitiello, e, agora, temos algo que pertence a você. Quero saber onde está.

Eu não sabia ao certo o que o canalha da Bratva fez, porque mantive meus olhos no captor de Gianna, assim como nos babacas atrás dele, mas Luca deu um passo ameaçador para frente e, então, parou.

— Abaixe as armas ou eu vou cortar a garganta dela.

Nem que a vaca tussa, filho da puta.

Então, houve um estrondo e depois outro. Meus olhos voaram para Luca, que largou as porras das armas no chão. Mal consegui acreditar. Ele estreitou os olhos para mim.

Sério mesmo? Pela expressão em seu rosto, era bem sério. Coloquei minhas facas no chão devagar. Gianna fechou os olhos como se estivesse pensando que tudo estava acabado. Não estava, longe disso. Não antes que eu matasse cada babaca na sala e os fizesse se arrepender do dia em que nasceram.

— Sua mulher é deliciosa. Imagino se ela é deliciosa assim em todas as partes — disse Vitali enquanto colocava Aria encostada nele como se fosse beijá-la. Dava para ver que Luca estava a poucos segundos de eixa-lo.

O babaca russo atrás de Gianna cutucou a bunda dela com o sapato e sorriu. Seu pé seria a segunda coisa que eu cortaria fora e eu aproveitaria um bom tempo matando-o.

Vitali lambeu o queixo de Aria, parecia que ela ia vomitar. E, então, ela alcançou o bolso traseiro e tirou um canivete dali. Onde diabos ela encontrara aquilo? No instante em que ela o enfiou na coxa de Vitali, caí de joelhos, peguei minha arma com a mão esquerda e uma das minhas facas com a direita. Dei quatro tiros numa sequência rápida. Duas balas atravessaram as panturrilhas do canalha que chutou Gianna, a terceira, quebrou cada osso da sua mão direita e a quarta partiu o crânio de outro filho da puta. Arremessei a faca ao mesmo tempo e ela perfurou o olho do russo número três.

Fui num rompante em direção a Gianna, deslizei meus braços sob seu corpo e a carreguei para o lado onde ela estaria protegida por um aparador de madeira maciça. Ajoelhei-me diante dela e atirei em outro russo, e em mais outro. O rosto de Gianna estava contra o meu joelho e eu coloquei a minha mão em sua cabeça, acariciando seus rebeldes cabelos ruivos.

Uma mulher gritou. Meus olhos correram em volta até pousarem em Luca, que embalava uma Aria imóvel em seus braços. Congelei, meu coração martelava dentro do peito.

— Não! — Gritou Gianna rouca. Ela tentou se sentar, mas seus braços cederam e ela caiu em cima de mim. — Aria!

Envolvi-a em meus braços e ela me encarou com os olhos tomados pelo terror.

— Ajude Aria! Ajude-a! — Sussurrou ela.

Ela tentou se levantar mais uma vez. Eu a ajudei, com um braço em volta de sua cintura, mas não a deixei ir até a irmã. Luca parecia que mataria qualquer um que ousasse se aproximar. Havia uma expressão em seu rosto que eu nunca vira antes. Por levar uma vida de brutalidade, Luca e eu tínhamos potencial para surtar, mas até agora eu não achava que houvesse qualquer coisa neste planeta que pudesse levar Luca ao abismo.

Gianna começou a chorar. Toquei seu rosto.

— Shh. Aria vai ficar bem. Luca não deixará que ela morra.

Pelo bem de todos, eu esperava estar certo. Gianna se recostou em mim,

com as mãos agarrando minha camisa. Olhei para baixo, para ela.

Quando Aria finalmente abriu os olhos, Gianna soltou um soluço e eu trouxe seu rosto para o meu peito. Segurei sua cabeça, depois, pousei um beijo ali. Ela não reagiu. Devia estar em choque.

— E Gianna, Lily e Fabi? — Perguntou Aria com a voz fraca.

Gianna levantou a cabeça, mas não se afastou de mim. — Estão bem.

Luca ergueu Aria em seus braços e, depois de uma pequena discussão, a carregou para o andar de cima, para um dos quartos. O Doc já estava a caminho.

Gianna tentou ficar de pé sozinha, mas oscilou e segurou meu braço. Seus olhos perderam o foco por um momento antes de pousarem em mim outra vez. Ela não disse nada, apenas me encarava. Eu toquei levemente o hematoma em sua testa com as pontas dos dedos.

— É o único local ferido?

Ela deu de ombros, depois, se retraiu.

— Dói aqui do lado e na costela.

— Ei, Matteo, e este babaca aqui? — Perguntou Romero, empurrando o russo que tinha chutado Gianna.

— Só ele sobreviveu?

— Tem pelo menos mais um — afirmou Romero.

— Bom. Mas este aqui é meu, eu vou eixaaa-lo.

— Foi esse cara que bateu na minha cabeça — disse Gianna baixinho.

— Eu sei.

Ela analisou meu rosto, mas eu não estava certo sobre o que ela procurava. Seus olhos fecharam-se por um instante, porém, ela rapidamente os abriu de novo.

— Você precisa se deitar — falei.

Ela nem mesmo tentou protestar, o que era um mau sinal. Apertei-a com mais força e a levei em direção à escadaria.

— Matteo? — Chamou Romero.

Olhei por sobre o ombro para ele e o outro homem.

— Já volto. Livre-se dos corpos e leve os dois russos vivos para o porão.

Romero assentiu. — Tudo bem.

Então, seus olhos voaram para o corpo de Cesare no chão. Não havia nada que pudéssemos fazer por ele. Eu o conhecia há bastante tempo. Ele fora um soldado bom e leal. O momento de velá-lo chegaria, mas não era agora.

Ajudei Gianna a subir as escadas, e basicamente a carreguei pelo corredor em direção a um dos quartos de hóspedes. Eu realmente queria eix-la para o quarto onde eu dormia quando estava na mansão, mas não quis ter a porra de uma briga, não até Gianna estar apta o bastante para ser uma concorrente à altura. Ela se deitou na cama e fechou os olhos, gemendo.

Inclinei-me sobre ela.

— Quero dar uma olhada em sua costela. Não me bata.

Ela abriu os olhos e a sombra de um sorriso fez seus lábios contraírem. Imaginei se era porque ela tinha uma concussão ou se finalmente tinha aceitado nosso casamento iminente.

Empurrei sua blusa para cima, revelando centímetro por centímetro de sua pele sedosa, mas antes que meu cérebro pudesse ter qualquer ideia, encontrei os primeiros hematomas. Um bem grande em sua cintura e dois um pouco menores sobre seu tórax. Com cuidado, pressionei o hematoma na cintura, mas ela se encolheu ao meu toque, chiando.

— Caralho. Isso dói.

Cerrei os dentes. Mal podia esperar para descer ao porão e ter uma palavrinha com o idiota que a machucou. Deslizei minhas mãos mais para cima, delineando levemente suas costelas.

Ela tremeu. — O que você está fazendo?

— Quero ver se suas costelas estão quebradas — disse-lhe.

— Você quer aproveitar a oportunidade de me apalpar, admita. — Sua tentativa de fazer uma brincadeira foi arruinada pela voz trêmula, mas eu decidi entrar no jogo. Ela não precisava saber que eu estava pensando num jeito de prolongar o sofrimento de seu agressor.

Sorri com ironia.

— Estaremos casados em menos de um ano, então, posso te apalpar quando e onde eu quiser.

O sorriso dela se desfez e ela se virou, fechando os olhos. Talvez ela não tivesse aceitado nosso casamento ainda...

Estiquei a coluna.

— Preciso voltar lá para baixo. Vou mandar o Doc te ver quando ele tiver acabado com a sua irmã. Você deveria descansar um pouco. Não fique andando pela casa.

Ela não abriu os olhos, não deu nenhum indício de que tinha sequer me ouvido.

Saí e fechei a porta. O Doc vinha em minha direção, uma de suas assistentes, uma jovem cujo nome eu sempre esquecia, vinha logo atrás dele.

— Onde está Aria? — Perguntou com sua voz rouca de fumante inveterado.

Apontei para o quarto principal.

— Quando terminar com Aria, dê uma olhada em Gianna. Não acredito que ela esteja gravemente ferida, mas quero me certificar.

Ele deu um aceno breve, sem nem mesmo diminuir o passo. Ninguém queria fazer Luca esperar.

— Me chame antes de entrar. Quero estar lá quando for ver Gianna.

O Doc já tinha passado dos sessenta, mas isso não significava que o queria sozinho com Gianna, não depois de quase eixa-la.

Ele deu uma breve pausa, seus olhos pálidos pousaram em mim.

— Ela é sua?

— É.

Ele simplesmente assentiu, depois, continuou a caminho do quarto principal. Virei-me e desci a escada.

Quando entrei no porão, os dois sobreviventes russos estavam presos a cadeiras. Tito, um de nossos melhores capangas, estava encostado em uma parede com os braços cruzados. Romero estava ao lado dele. Nino, outro

soldado, colocou uma bolsa de sangue no filho da puta que eu iria fazer em pedaços. O outro russo estava levemente melhor e não precisava de uma transfusão... ainda. Assim que Tito pusesse as mãos no pobre coitado isso também mudaria.

Tito se esticou e inclinou a cabeça.

— Espero que ainda não tenham começado — falei.

— Esperamos por você — disse Tito.

— Parece que Tito já começou o serviço? — Perguntou Nino ansioso. O garoto tinha um fascínio doentio pela tortura.

— Bom. — Segui para o agressor de Gianna. Ele me fuzilou com os olhos. — Qual o seu nome? — Perguntei.

— Vá se foder — disse ele com um forte sotaque.

Sorri para Tito, Romero e Nino. Depois, desembainhei minha faca e a segurei para que o canalha russo a contemplasse.

— Tem certeza de que não quer me dizer o seu nome?

Ele cuspiu na frente do meu pé.

— Cadê aquela puta ruiva? A boceta dela estava me chamando.

Nino cutucou Romero com um sorriso ansioso. Tito sacou da sua faca e a limpou em seu jeans.

— Palavras duras para um homem morto — falei despreocupadamente.

— Não vou te contar nada.

— É o que todos dizem. — Dei mais um passo em direção a ele. — Vamos ver o quão valente você é de verdade. Vinte minutos é o máximo de tempo que já precisei para conseguir o nome de alguém.

Dei um soco em sua costela, bem acima de seu rim esquerdo. Enquanto ele engasgava sem ar, acenei para Tito começar seu serviço no outro filho da puta russo.

Doze minutos depois, fiquei sabendo que o homem na minha frente se chamava Boris e trabalhava para a Bratva em Nova York há seis anos, antes, ele tinha estado em São Petersburgo. Ele ainda relutava em me dar mais do que as

informações básicas. Parei, olhando para seu rosto coberto de sangue.

— Tem certeza de que não tem uma resposta para a minha pergunta?

Ele tossia e o sangue pingava em sua camisa.

— Vá se foder.

— Eu posso fazer isso a noite inteira, mas te prometo, não vai ser bonito.

Gianna

Já estava ficando cansada de esperar o Doc aparecer, não me sentia mais tão zonza e quase não me retraía ao me esticar. E, para ser sincera, ficar sozinha me assustava depois do que aconteceu hoje, eu estava certa de que todos iríamos morrer e meu corpo ainda não estava convencido do contrário; minha pulsação estava acelerada e de vez em quando eu suava. Tudo porque a máfia tinha contas a ajustar com a Bratva.

Saí do quarto onde estava, depois, fiquei hesitante do lado de fora. Meus olhos focaram no fim do corredor onde ficava o quarto principal. Luca e o Doc ainda deviam estar cuidando de Aria, eles me expulsariam se eu tentasse entrar, ou pior, me trancariam no quarto de hóspedes para que eu não perambulasse pela casa. Decidi ir procurar Lily e Fabi, em vez disso. Arranquei o celular do meu bolso e enviei uma mensagem para a minha irmã.

Kd vcs?

Em vez de uma resposta, uma porta abriu e a cabeça loiro-escura de Lily apareceu. Seu rosto estava inchado de tanto chorar e seus olhos, enormes e cheios de medo. Quando seu olhar pousou em mim, ela correu em minha direção e jogou os braços ao meu redor.

— Onde está Fabi? — Perguntei quando consegui voltar a respirar. Minhas costelas latejavam violentamente por causa do abraço dela, mas não quis que ela soubesse que eu estava ferida. Ela já parecia aterrorizada o suficiente.

— Dormindo. Deram algum tipo de sonífero para ele porque estava tendo um colapso. — Ela olhou para mim. — Tive tanto medo, Gianna, pensei que íamos morrer, mas Romero protegeu Fabi e eu.

Suas bochechas ficaram vermelhas. Sua queda por Romero crescera rapidamente durante os últimos meses. Eu não era capaz de dizer a ela que tipo de homem ele deveria ser se Luca o escolheu para proteger Aria. Lily perceberia em breve que estávamos rodeadas por caras maus, e não por cavaleiros em armaduras brilhantes.

— E Aria? Romero só disse que ela estava bem antes de deixar Fabi e eu sozinhos naquele quarto e me falou para não andar pela casa porque era perigoso demais.

— Ela foi baleada no ombro, mas o Doc está cuidando dela. Ela vai ficar bem.

Assim eu esperava. Meus olhos correram para o quarto principal mais uma vez. Eu tinha que tentar me esgueirar para dentro dele mais tarde quando o Doc e Luca saíssem.

— Volte para o seu quarto, eu volto logo. — Virei-me para deixar Lily, mas ela me seguiu como se fosse um cachorrinho perdido.

— Para onde você está indo? — Perguntou ela.

— Lá para baixo. Quero ver o estrago.

— Eu vou com você.

Suspirei. Aria teria dito que “não” à nossa irmã, mas seria hipocrisia da minha parte dizer a Lily como se comportar quando eu raramente seguia ordens na minha vida. Lily não era mais uma criancinha.

— Está bem, mas fique quieta e longe dos homens.

Lily revirou os olhos. — Não estou interessada neles.

— Não falei que você estava, mas eles podem estar interessados em você.

Eu realmente não queria ter que explicar a Luca que tive que matar um de seus homens por tocar em Lily. Claro que, primeiro, eu teria que descobrir um jeito de matar. Descemos as escadas. O *hall* de entrada estava uma zona. Sangue

e vidro quebrado cobriam o chão. Pelo menos os corpos não estavam mais lá, porém, uma trilha de sangue conduzia a uma pilha de russos do lado de fora. Eu realmente esperava que eles não tivessem tratado o corpo de Umberto da mesma maneira. Meu peito se apertou, mas lutei contra a tristeza. Umberto escolheu esta vida. Morte fazia parte do jogo.

Bloqueei a visão de Lily dos corpos e a arrastei para a sala de estar, que não estava num estado muito melhor. Os sofás brancos definitivamente teriam que ser trocados. Acho que nenhum alvejante no mundo conseguiria tirar as manchas. Lily emitiu um pequeno som aflito e eu a puxei para mais longe, já me arrependendo de ter permitido que ela viesse comigo. Dois homens estavam numa pausa para o cigarro no terraço e olharam para nós quando passamos. Eles não pareceram se incomodar com o sangue. Apressei o passo.

— Ei — protestou Lily, todavia, eu a ignorei. Se eu estivesse sozinha, não teria me importado, mas não queria colocar minha irmã em perigo.

Fomos para os fundos da casa onde ficava a cozinha, e quase esbarramos em outro homem.

— Olhe por onde vai — falou ele, depois, parou e deu uma conferida em nós duas. Eu não o conhecia e não tinha nenhum interesse em descobrir nada mais sobre ele.

Empurrei Lily para além dele, seus olhos nos seguiram por toda a extensão do corredor. Quando viramos, demos de cara com uma porta de aço, que foi deixada entreaberta. Um grito de dor veio lá de baixo e me deu arrepios.

Lily agarrou meu braço, seus olhos azuis arregalados.

— O que foi isso?

Engoli em seco. Fazia uma boa ideia do que estava acontecendo, porém, não iria contar a ela.

— Não sei.

Dei um passo para mais perto da porta e, então, hesitei. Não poderia levar Lily comigo, mas, também, não poderia eixa-la sozinha no corredor, uma vez que tinham tantos malditos asquerosos andando por ali. Abri a porta e dei uma

espiada lá embaixo da escada escura. Uma luz emanava de algum lugar no porão. Lily estava praticamente imprensada nas minhas costas, seu hálito quente no meu pescoço.

— Você não quer descer, não é? — Sussurrou ela.

— Quero, mas você fica na escada.

Lily me seguiu alguns degraus abaixo antes que eu lhe desse um olhar de advertência.

— Fique aqui. Prometa.

Outro grito veio lá de baixo.

Lily estremeceu. — Tudo bem. Prometo.

Não tinha certeza se ela estava falando a verdade, mas parecia apavorada o suficiente para que eu estivesse disposta a correr o risco. Arrastei-me pelos degraus restantes, mas parei bruscamente no último, assustada com o que eu pudesse ver. Expirei, desci outro degrau e me vi num porão enorme. A bile fechou a minha garganta. Eu não era burra, sabia que a máfia tinha inimigos, principalmente, se queriam extrair informações deles, mas entre ouvir as histórias e dar de cara com a realidade horrenda delas, eram duas coisas bem diferentes.

Apoiei a mão na parede áspera, meus dedos curvaram-se na aresta rígida. Dois homens estavam amarrados a cadeiras. Matteo e um cara alto e tremendamente musculoso pareciam no comando para retirar informações deles, enquanto Romero permanecia atrás, só que ele também deve ter tido alguma participação na tortura porque suas mãos estavam cobertas de sangue, assim como suas roupas. Mas isso não era nada comparado à visão de Matteo. Sua camisa branca estava coberta de sangue, suas mangas erguidas revelavam uma pele repleta da mesma substância. Havia vermelho, vermelho e mais vermelho, tantos tons diferentes de vermelho. Mas o pior, Deus, a pior coisa, era o rosto. Não havia piedade, misericórdia, nada. Também não havia emoção nem ansiedade, foi nisso que eu tentei me apegar. Pelo menos, ele não deixava transparecer o que fazia. Julgando pela sua expressão, não parecia sentir nada.

Sempre soube que sua descontração, as brincadeiras, sua postura sedutora eram uma máscara para disfarçar a verdade cruel, mas, novamente, saber e ter a compreensão confirmada de um jeito tão brutal eram duas coisas completamente distintas. Talvez, se eu fosse mais ingênua, poderia ter me convencido de que Matteo fazia isso porque teve que enterrar o pai hoje, porque estava de luto e precisava de uma descarga para a dor, mas eu sabia da verdade. Eram negócios comuns da máfia, não tinha nada a ver com o luto.

Um dos russos amarrados era o homem que me machucara e eu sabia que era por isso que Matteo o escolhera como sua vítima.

Eu sempre quis sair do mundo em que nasci, esse mundo brutalmente fodido que eu conhecia, porém, neste momento, tomei a decisão de realmente tentar escapar. Não me importando a que custo, não me importando o que fosse preciso e o que eu tivesse que fazer, eu escaparia desse inferno. Como alguém iria querer ficar depois de ver isto?

Eu conhecia pessoas que se acostumaram a essas coisas, mas eu não queria me acostumar a elas. Já dava para perceber que eu tinha menos problemas com sangue a cada vez que via. Quanto tempo mais até que a visão de alguém sendo torturado não me afetasse em nada? Quanto tempo mais até que a voz na minha cabeça, que dizia que o russo filho da puta merecia isso e que teria feito o mesmo comigo se tivesse a chance, não fosse um sussurro tranquilo e, sim, um grito estrondoso?

Algo roçou em meu braço e eu me assustei, quase dando um grito de surpresa. Lily estava ao meu lado e, então, tudo aconteceu muito rápido. Abri minha boca para eixa-la voltar, mas, ao mesmo tempo, os olhos dela avistaram a cena no meio do porão e eu soube que as coisas ficariam muito feias. Já tinha ouvido Lily gritar antes, só que não fora nada em comparação ao som que saiu de seus lábios quando ela viu o sangue e os homens que o tinham perdido. Você já se perguntou sobre o som que os cordeiros fofos emitem quando são abatidos? Eu imaginava que fosse algo como isso.

Na verdade, eu me assustei com Lily. Seus olhos arregalaram, depois, se

dilataram assustadoramente, seu rosto tomou uma expressão que me deu um puta medo. Todos os olhos se voltaram a nós duas. Matteo soltou o russo, estreitou seus olhos negros para mim, como se eu estivesse fazendo algo errado. Lily continuava gritando, um gemido estridente que fez os pelos da minha nuca eriçarem.

— Romero! — Rosnou Matteo, fazendo um sinal em direção à minha irmã. — Cuide de Liliana.

Romero veio até nós, alto e imponente.

Lily sempre o bajulou, mas, agora, mesmo ela não conseguia ver nada além do assassino nele. Suas mãos estavam vermelhas, vermelhas de sangue, e Lily enlouqueceu totalmente. Eu só consegui olhar. Fui incapaz de me mexer. Em algum lugar no fundo da minha mente, algo me dizia para conversar com a minha irmã, para tentar acalmá-la, para fazer alguma coisa, *qualquer coisa*, mas essa voz foi dragada pela imobilidade estarrecida preenchendo a minha cabeça.

A porta de aço bateu na parede acima de nossas cabeças, então, Luca apareceu de repente.

— Que caralho está acontecendo aqui?

Ninguém respondeu.

Romero falava com a minha irmã num tom suave.

— Acalme-se, Lily. Está tudo bem.

Sério? A cena na frente de todos nos contava uma história diferente. Nada sobre estar tudo bem.

Claro que Lily não se acalmou. Romero segurou seu braço e Luca foi eixa-lo, mas ela lutava com eles como um animal. Como uma garota tão magrinha conseguia lutar com dois homens?

Romero pendurou seu braço em volta do peito dela, prendendo seus braços ao lado de seu corpo, mas isso não impediu Lily de chutá-lo e todos ao redor dela, e ela ainda não tinha parado de gritar a plenos pulmões.

— Cale a boca dela! Aria vai ouvir — grunhiu Luca. Ele tentou pegar as pernas dela, só que ela atacou e chutou seu queixo. Ele cambaleou para trás,

mais pela surpresa do que qualquer outra coisa. Claro que eles poderiam tê-la calado com facilidade se não quisessem ser tão cuidadosos em não machucá-la. Dei um passo na direção deles, preocupada que logo pudessem desistir da abordagem gentil, mas o chão se inclinou debaixo de mim e eu tive que me segurar na parede outra vez.

— Lily — falei. — Lily, pare.

Ela nem me escutou.

O cara alto e musculoso deu alguns passos em direção a eles como se fosse interferir, mas Matteo o empurrou de volta.

— Não. Fique fora disso.

Eu tinha me esquecido de Matteo, mas enquanto eu observava Lily, ele conseguiu limpar as mãos. Ainda estava meio rosada, mas, pelo menos, não suja de sangue. Os olhos dele pousaram em mim, mas eu tive que desviar. Não podia retribuir seu olhar neste momento. Tinha a sensação de que eu não estava muito longe de fazer o mesmo que Lily e dar uma de louca com eles. O cheiro de ferrugem do sangue pairava como névoa no ar, entupindo minha garganta e meu nariz, parecendo afundar na minha pele, se entranhar no fundo do meu corpo com as imagens horríveis.

Lily conseguiu se lançar da parede, fazendo Romero cambalear para trás, perder o equilíbrio e cair de costas com Lily em cima dele. Ele grunhiu e acabou soltando minha irmã. Ela se levantou, com uma expressão de animal acuado em seu rosto. Seu olhar passou direto por mim.

— Lily, acalme-se — tentei novamente.

Ela tentou passar por Matteo feito um furacão, mas ele foi bastante veloz. Agarrou seu pulso e envolveu um braço em sua cintura. Então, ela estava subitamente de costas e ele ajoelhado em suas pernas, com as mãos presas acima da cabeça. Luca foi em direção a eles com uma seringa na mão. Era o golpe final.

Cambaleei em direção a eles apesar das minhas pernas bambas.

— Não a machuque! — Censurei. — Não se atreva a machucá-la!

— Estou tentando muito não machucá-la, mas ela está dificultando isso. Luca agora! — Grunhiu Matteo de onde estava acima da minha irmã.

Bloqueei o caminho de Luca.

— O que é isso? — Apontei para a seringa.

— Algo que irá acalmá-la — explicou Matteo.

— Saia da porra do caminho. — Luca passou zunindo por mim, ajoelhou-se ao lado da minha irmã, que ainda lutava contra Matteo, e enfiou a agulha no braço dela. Não demorou muito para ela começar a se acalmar e parar de se debater. Matteo soltou seus pulsos e se sentou. Lily choramingou antes de se encolher e começar a chorar em silêncio.

— Espero que todos vocês queimem no inferno — sussurrei asperamente conforme me ajoelhava ao lado dela e acariciava seus cabelos. Matteo me observava com olhos sombrios indecifráveis. Havia alguns pontinhos de sangue no pescoço dele; e parecia ser só o que eu conseguia enxergar.

Um dos russos começou a rir. Por um segundo, considerei dar um soco na cara dele. Nem mesmo tinha certeza de como ele ainda era capaz de emitir qualquer som julgando pela sua aparência.

Matteo levantou-se e acertou seu rosto.

— Cala a porra da boca, ou eu juro que vou cortar seu pau em pedacinhos e te fazer assistir.

— Romero, leve Liliana para o quarto dela e diga ao Doc para dar uma olhada nela — ordenou Luca com o tom de voz já de volta aos negócios.

Romero ergueu Lily nos braços e ela, de fato, apoiou o rosto no peito dele e soluçou. Ele era a última pessoa em quem ela deveria buscar por conforto. Ele era, para começo de conversa, um dos motivos do porquê ela surtou. Talvez ela nem mesmo tenha se dado conta de quem a segurava.

Eu também me levantei para segui-los. Não deixaria minha irmã sozinha com nenhum deles. Luca agarrou meu pulso.

— Antes, quero ter uma conversa com você.

— Me solta! — Rosnei, mas ele nem se mexeu.

Matteo segurou o antebraço de Luca.

— Deixe-a ir.

Luca e ele ficaram se encarando por um instante, depois, eu finalmente fiquei livre, mas agora, Matteo bloqueava a escada. Eu ainda não conseguia olhar para a cara dele. Ao invés disso, olhei para Luca.

— Preciso ir com Lily. Talvez vocês não tenham percebido, mas ela teve uma crise por causa de vocês, seus fodidos.

— Ela vai superar — disse Luca com desprezo.

— Você está ouvindo o que diz? Você me dá nojo. Lily nunca vai superar o que viu hoje. Provavelmente, terá pesadelos de merda por anos, só por culpa de vocês.

Luca sorriu friamente.

— Se você quer culpar alguém, culpe a si mesma, porque eu tenha a sensação de que ela só desceu aqui porque te seguiu.

— Luca — falou Matteo em tom de advertência. — Não foi culpa de Gianna.

A culpa foi minha, pelo menos em parte, mas eu nunca admitiria isso na frente deles. Se não fosse pelos negócios doentios deles, nada disso teria acontecido. Decidi mudar para o modo agressor.

— Pergunto-me o que Aria dirá quando descobrir o que aconteceu.

Luca estreitou os olhos.

— Você não vai contar para ela.

— Ah, não vou? — Questionei. Eu não tinha absolutamente nenhuma intenção de contar, ela não precisava de uma bagagem extra, mas Luca não precisava saber disso. Matteo parou entre seu irmão e eu e tocou meus braços. Retraí-me, como se ele tivesse me queimado. — Nunca mais me toque.

— Eu realmente não entendo o que você vê nela — falou Luca.

— Pare de eixaa-la, Luca — censurou Matteo, depois, virou seus olhos sombrios para mim. — Você não pode contar a Aria. Não vai servir de nada, apenas a deixará arrasada.

— Quem sabe ela decida eixa-lo. — Acenei em direção a Luca.

— Aria nunca vai me deixar — falou Luca com calma. — Ela levou a porra de um tiro por mim hoje. Quase a perdi. Nunca a perderei. E não vou deixar que você estrague as coisas entre nós dois.

O pior era que eu sabia que ele estava certo ao dizer que Aria não o deixaria, nem mesmo quando eu contasse o que vi hoje, não era como se ela não soubesse que tipo de homem Luca era e que tipo de coisas seus homens faziam sob seu comando. Ele já tinha matado e torturado antes, e ela ainda o amava. Por algum motivo, ela conseguia esquecer o monstro e ver apenas o homem quando estava com Luca. Eu tinha quase certeza de que não conseguiria fazer isso. Eu mal conseguia olhar nos olhos de Matteo.

— Não vou contar a ela — acabei falando —, mas não é por você. Estou fazendo isso por ela. Quero vê-la feliz. — E por algum motivo insano, Luca a fazia feliz, mais feliz do que eu já a vira. Pelo bem dela, eu fingiria.

Luca se virou para Matteo.

— Leve-a para o quarto dela e certifique-se de que fique lá até Scuderi chegar para pegá-los. Não quero que ela faça outro escândalo.

Engoli um comentário sarcástico.

— Quero ver Aria. Ela precisa de mim.

Dava para notar que Luca queria me dizer “não”, mas ele me surpreendeu ao dizer:

— Você pode ficar com ela quando eu não estiver por perto.

— Como se eu estivesse ansiosa para ficar no mesmo cômodo que você.

— Vamos, Gianna. — Matteo agarrou meu braço e não me soltou nem mesmo quando eu protestei. Ele me conduziu pela escada do porão, depois, pelo longo corredor e para o andar de cima. Não falamos nada até chegarmos ao meu quarto e eu me soltar de sua mão.

Meus olhos percorreram suas mãos rosadas e sua camisa coberta de sangue. Matteo seguiu meu olhar fazendo careta.

— Vou me trocar.

— Não se incomode. Eu nunca vou me esquecer do que vi.

Matteo caminhou até mim e eu me mantive firme, apesar de meu corpo desejar fugir.

— Você é inteligente, Gianna. Não me diga que não sabia o que fazemos a portas fechadas. Acredite, a Outfit tampouco lida com os inimigos com delicadeza.

— Eu sei. É por isso que eu desprezo tudo o que tenha a ver com a porra da máfia. E você está certo, não fiquei surpresa com o que vi hoje. Apenas confirmou o que eu sempre soube.

— E o que é?

— Que você é um doente fodido e que eu preferia morrer a me casar com você.

Matteo me puxou para si, seus olhos sombrios praticamente me queimando com sua intensidade.

— Talvez você ache que pode viver no mundo normal, talvez você ache que pode namorar um cara normal, mas você vai se entediar, Gianna. Talvez você não queira admitir, mas te excita estar com alguém como eu. Se um cara normal te dissesse que mataria e torturaria para te proteger, estaria mentindo, no mínimo, exagerando, mas eu faço uma promessa que posso cumprir.

— Me deixa em paz — falei entredentes.

Ele deixou, depois, deu aquela porra de sorriso de tubarão e se encaminhou para a porta.

— Vou trancar a porta. Luca vai destrancá-la quando for te levar até Aria.

— Quer dizer que você vai voltar para torturar aquele cara?

Matteo piscou os olhos com uma emoção que não consegui decifrar.

— Talvez. Sou um doente fodido, lembra? — Ele deixou escapar. — Mas talvez eu deixe Luca se divertir um pouco com os russos primeiro.

Seu olhar permaneceu em mim mais um segundo antes de fechar a porta e trancá-la. Alcancei o vaso no aparador e o atirei na porta, onde ele se partiu e caiu no chão.

Fechei os olhos apertados, fazendo uma promessa que estava determinada a cumprir: eu fugiria antes do meu casamento com Matteo, deixaria esta vida para trás e nunca voltaria. Tentaria levar uma vida decente, honesta e comum.

Em seguida, me senti mais calma, mesmo sabendo que seria praticamente impossível escapar da máfia. Seria preciso um plano e alguma ajuda, mas eu ainda tinha dez meses até o meu casamento. Tempo de sobra.

Mais tarde, quando Luca me buscou e me levou até Aria, nem o provoquei. Eu o ignorei, até mesmo quando ele me avisou mais uma vez para não contar a Aria sobre o porão, ele não tinha com o que se preocupar. Não poderia sobrecarregar Aria com a verdade, não quando ela ainda teria que viver neste mundo com Luca.

CAPÍTULO CINCO

Gianna



— Você está tão bonita — falou Lily de onde ela estava na minha cama no quarto de hóspedes da mansão Vitiello, nos Hamptons. Pelo menos, era o mesmo quarto onde tinha ficado da última vez. Tinha que reprimir um calafrio quando pensava nesse dia e em todo o sangue que vi.

Olhei para o meu reflexo. Mamãe escolheu o vestido para mim porque eu me recusei a ir às compras com ela para a minha festa de noivado. Era um vestido surpreendentemente bonito, que não me deixava igual a uma puta. Eu ainda me abalava sempre que lembrava do vestido que escolheram para Aria quando ela ficou noiva de Luca.

Meu vestido era verde escuro, minha cor preferida. Fiquei surpresa por Mamãe saber tanto sobre mim, ou talvez Lily a tivesse ajudado secretamente. A saia era evasê e ia até os joelhos. Definitivamente recatada. Talvez Papai pensasse que eu era uma garota má o suficiente a ponto de não precisar de uma roupa indecente para enfatizar isso ainda mais.

— Não sei por que se dão ao trabalho — falei. — Eles sabem que não quero comemorar meu noivado com Matteo, não quero me casar com ele.

— É uma tradição.

Lily estava torcendo suas mãos de nervoso no colo. Deixando meus próprios sentimentos de lado, andei em direção a ela e me sentei. Ela nem olhou para cima, mas seu lábio inferior estava tremendo.

— Ei, você está bem?

Ela balançou a cabeça de leve.

— Eu sei que é idiota, mas estou meio com medo.

— De Luca, Matteo e Romero?

— Desculpe.

Eu a abracei.

— Por que você está se desculpando? É perfeitamente natural sentir medo deles depois do que viu em setembro.

Ela estremeceu.

— Não consigo tirar isso da minha cabeça. Sonho com isso praticamente todas as noites.

Fazia dois meses desde aquele dia e quase toda noite ela me acordava com seus gritos antes de deslizar para a minha cama.

— Eles nunca te machucariam, Lily. Somos garotas, eles sempre vão querer nos proteger do perigo. — Era cômico que eu estivesse falando algo de bom deles, mas eu faria qualquer coisa para acalmar Lily.

— Eu sei. — Ela respirou fundo. — Espero não surtar como da última vez. Papai ficaria tão chateado se eu fizesse um escândalo.

Beijei sua bochecha.

— Você não vai surtar, estarei ao seu lado. E Aria também. Tudo vai ficar bem.

Alguém bateu à porta, mas antes que eu pudesse responder, Fabi enfiou a cabeça para dentro do quarto, seus olhos passando entre Lily e eu.

— Vocês estão tendo uma conversa de garotas?

— Sim — respondeu Lily ao mesmo tempo em que eu disse “não”.

Fabi estreitou os olhos e entrou no quarto. Ele estava tão fofo de *smoking*.

— Papai me mandou aqui para dizer que todos estão esperando. — Ele endireitou os ombros, seu pequeno queixo levantou um pouco. Fabi tinha feito dez anos há alguns dias e em poucos anos ele já começaria seu processo de iniciação. Eu fiquei feliz porque provavelmente não teria a chance de ver meu doce e simpático irmão se tornar um assassino.

— Você está pronta? — Perguntei a Lily, que assentiu rapidamente, mas seus olhos contavam uma história diferente. Eu a entendia muito bem.

Fabi afrouxou seu colarinho, que parecia apertado mesmo de longe.

— Lily deve ir comigo para você poder entrar sozinha.

Lily enrijeceu ao meu lado. Ela grudara em mim assim que colocamos o pé dentro da mansão nesta manhã. Eu não tinha certeza de por que Luca e Matteo insistiram em comemorar em Nova York e, pior, no mesmo lugar onde Lily vira Romero e Matteo torturar um russo, mas já era tarde demais. Até agora, conseguimos evitá-los. Eu ainda nem tinha visto Aria.

— Não, não ligo para o que Papai quer. Lily e eu vamos descer juntas.

Fabi mordeu seu lábio.

— Papai vai ficar furioso.

Levantei, trazendo Lily comigo.

— Ele vai superar. — Ele não faria uma cena na frente de Nova York. Esperaria para me castigar até voltarmos para Chicago.

Lily, Fabi e eu descemos as escadas juntos e, a cada degrau, Lily apertava mais forte a minha mão. Quando passamos pelo *hall* de entrada, seu olhar correu para os fundos, onde ficava a entrada para o porão. Ela tremeu. Vozes vinham da sala de estar e nós nos dirigimos para a porta, nossos sapatos estalando no piso de mármore, um piso que havia estado manchado de sangue há dois meses. Tentei esquecer o que vi naquele dia. Precisava focar no dia de hoje se não quisesse que as coisas terminassem mal.

Não era uma grande festa, porém, os membros mais importantes da *Famiglia* de Nova York e da Outfit tinham sido convidados. Estava determinada a me comportar da melhor maneira hoje. Não queria que Papai achasse que eu estava pensando em meios de fugir e aumentasse a quantidade de guarda-costas.

No momento em que entrei na sala de estar, soube que poderia dar adeus a este plano. Lily soltou um som baixo do fundo da garganta e enterrou as unhas na palma da minha mão. Papai conversava com Dante Cavallaro, Luca e Matteo, enquanto os outros homens, assim como Aria, minha mãe e Nina Vitiello, a madrasta de Matteo, os cercavam. Os olhos de Papai se estreitaram imediatamente quando ele me viu com Lily. Fabi logo correu para ele e Papai fez

uma careta, provavelmente dando a Fabi um sermão inaudível.

O olhar de Matteo me prendeu com sua intensidade. Ele vestia calça preta e uma camisa branca.

— Gianna — disse Papai com a voz firme —, estávamos te esperando.

Todos esperavam que eu fosse até Papai, para que ele pudesse me entregar para Matteo, e eu teria ido, se Lily não começasse a tremer ao meu lado ao ver Matteo, Romero e Luca.

Os olhos dela correram para mim, havia uma pontada de medo em seu rosto. Eu não queria que Papai, muito menos outra pessoa, soubesse que ela estava apavorada. Papai ficaria furioso, talvez até batesse nela, e Lily realmente não precisava de outra experiência ruim, ela vinha lutando o suficiente pelos últimos meses.

Ela estava congelada ao meu lado.

— Gianna, pare de tolice e venha aqui — grunhiu Papai.

Aria veio até mim.

— O que houve?

Lily e eu trocamos olhares. Até agora, não tínhamos contado nada a Aria, mas seria difícil explicar o comportamento estranho de Lily.

— Longa história — falei. — Você pode segurar a mão de Lily?

Porém, Papai já tinha visto o suficiente. Ele seguiu em minha direção e segurou meu pulso, esmagando-o, antes de me arrastar para Matteo.

— Já tive o bastante de sua insolência.

Eu quase tropecei nos saltos.

Matteo me puxou para ele, forçando Papai a me soltar. A expressão no rosto de Matteo tinha uma notável semelhança com aquela quando o russo me chutou. Eu fiquei contente em escapar da ira de Papai por enquanto e não me afastei de Matteo. Aria abraçava Lily a seu lado e as duas sussurravam. Eu esperava que Aria pudesse acalmar nossa irmã, odiava ver Lily tão angustiada.

— Eu sei o que você fazia ali — murmurou Matteo no meu ouvido assim que colocou o anel de noivado no meu dedo.

— E o que seria?

— Você ajudava sua irmã.

Deslizei para fora de seu braço.

— Eu não teria que ajudá-la se ela não estivesse apavorada com vocês.

Matteo não parecia arrependido. Talvez ele não fosse capaz de sentir culpa.

— Vou conversar com ela.

— Fique longe dela — censurei-o, mas ele pareceu achar meu tom ameaçador engraçado e eu explodi. Levantei a voz. Não estava nem aí se as outras pessoas ouvissem. — E enquanto estiver nisso, fique longe de mim também. Não quero nada a ver com seu mundo fodido.

Infelizmente, Papai ouviu e, provavelmente, todos os que estavam na sala e, enquanto Matteo não pareceu levar meu rompante a sério, Papai fez cara de quem prometia um castigo. Eu tinha a sensação de que Matteo o impediria se eu pedisse ajuda, mas eu não queria estar em dívida com Matteo. Preferia suportar a surra de Papai.

CAPÍTULO SEIS

Gianna



Eu odiava ter que envolver Aria nisso tudo, mas ela era a minha última opção. O problema maior era, na verdade, pedir a ela. Eu não confiava em telefones, não duvidava que nosso pai os grampeasse para poder me vigiar. Eu tinha que perguntar a ela pessoalmente, porém, como castigo pelo meu deslize na festa de noivado, eu não tinha permissão para ver Aria desde a nossa festa de Natal da família, mas depois de semanas implorando, Lily e eu finalmente conseguimos convencer Papai a deixar Lily e eu voar para Nova York para o aniversário de Lily, em abril.

Lily quase pulava de entusiasmo durante o voo. Eu ainda estava surpresa por quão rápido ela se recuperou dos eventos terríveis de setembro passado. Eu realmente esperava que ela não retrocedesse por estar de volta a Nova York. Ela evitou Matteo e Luca nas últimas vezes que os vimos, mas, desta vez, iríamos ficar na cobertura de Luca, então, ela não teria como fazer isso.

Assim que entramos na sala de espera que vibrava com as vozes, eu quis gemer. Matteo estava junto de Aria e Luca. Eu deveria ter me dado conta de que ele viria. Ele parecia determinado a ignorar a minha antipatia. Às vezes, eu quase considerava desistir da minha fuga e tentar aceitar meu casamento com Matteo, entretanto, havia momentos, como agora, em que ele me dava aquele sorriso arrogante e, aí, eu queria sair correndo o mais rápido que meus pés conseguissem me levar, porque eu realmente queria beijá-lo, apesar do que vira em setembro.

Lily não saiu de perto de mim, foi o único indício de que ela não tinha esquecido o que aconteceu há quase sete meses. Ela não segurou na minha mão como teria feito alguns anos atrás, mas seu braço roçava no meu conforme nos

dirigíamos para Luca, Matteo e Aria.

— Você está bem? — Sussurrei.

Ela deu um pulo, corando.

— Estou. — Endireitou os ombros. — Estou bem.

Ela quase conseguiu esconder o nervosismo de mim. Aria correu em nossa direção quando estávamos quase chegando a eles e jogou os braços em volta de nós duas.

— Senti tanta saudade de vocês.

— Nós também sentimos — sussurrei, beijando-a na bochecha.

Lily sorriu para nós duas.

Aria balançou a cabeça.

— Você já está do meu tamanho. Eu ainda me lembro de quando você não queria ir a lugar nenhum sem segurar na minha mão.

Lily gemeu. — Não diga nada assim quando Romero estiver por perto. Onde ele está, afinal?

Revirei os olhos e Aria riu.

— Deve estar no apartamento dele.

Lily devia ter conseguido superar a ansiedade perto de Romero em algum momento. A paixão adolescente tornava as pessoas cegas.

— Venha — falou Aria. — Vamos.

Como esperado, Lily ficou tímida outra vez assim que paramos em frente aos caras. Meu lado protetor queria ficar na frente dela e protegê-la de tudo, mas eu sabia que ela ficaria com vergonha se eu fizesse algo do tipo. Meu olhar encontrou os olhos de Matteo; eles eram quentes; eram olhos normais de um cara e, por um instante, eu quis acreditar na mentira que ele contava tão bem, mas me obriguei a quebrar nossa disputa de olhares.

— A aniversariante — disse Matteo sorrindo para Lily, com os braços cruzados sobre o peito. Ele parecia muito acessível e inofensivo, e eu sabia que estava fazendo isso de propósito por causa de Lily. Apesar das minhas melhores intenções, eu me senti grata e, ao mesmo tempo, não consegui evitar imaginar

como ele podia ser tão gentil e engraçado num momento, sendo que era capaz das coisas terríveis que eu havia visto em setembro.

— Ainda não — disse Lily, mordendo o lábio. — A menos que você vá me dar um presente antecipado.

Quase explodi de alívio. Fiquei preocupada com que Lily ficasse tão nervosa quanto da última vez que ela viu Matteo, mas ele era um mestre da manipulação e a tinha sob seu controle de novo.

— Gosto do jeito que você pensa — disse Matteo piscando.

Ele pegou a mala dela, depois, estendeu o braço para que ela pegasse. Ela olhou entre nós dois.

— Você não vai carregar a bagagem de Gianna?

— Luca pode se encarregar disso — disse Matteo, com os olhos alegres ao pousarem em mim. Por que ele tinha que ser tão... tolerável? Se eu não soubesse, diria que ele desconfiava de que eu estava tentando descobrir um jeito de fugir de nosso casamento iminente.

Estreitei o olhar para ele antes de virar para Lily.

— Pode ir.

Ela entrelaçou o braço no de Matteo e eles caminharam na frente. Luca pegou a minha mala sem dizer nada antes de seguir o seu irmão e a minha irmãzinha. Fiquei atrás com Aria.

— Talvez Papai devesse ter casado Lily com Matteo ao invés de mim — falei, meio de brincadeira. Ela parecia não ter nenhum problema em se entender com ele.

— Matteo precisa de alguém como você, alguém que o responda à altura. Acho que ela não conseguiria lidar com ele.

Bufei. — Mas você acha que eu posso?

Aria analisou minha expressão.

— Tem alguma coisa que você não está me contando.

— Mais tarde — sussurrei, e ela assentiu olhando para Luca e Matteo.



Eu não tive a oportunidade de conversar com Aria até bem mais tarde naquele dia, e apenas porque Luca e Matteo tinham negócios a tratar na Sphere, a boate deles. Romero ainda estava lá, mas Lily o convenceu a jogar Palavras Cruzadas com ela na sala de estar para ocupá-lo, enquanto eu levava Aria para o terraço, apesar do frio. Assim que chegamos na mureta, ela virou-se para mim:

— Você está aprontando alguma coisa, não está?

Hesitei, sentindo-me repentinamente culpada por chegar a considerar envolver Aria.

— Não posso fazer isso, Aria. Quero ir embora. Sair deste mundo. Sair do meu casamento arranjado. Apenas ir embora.

Ela ficou sem expressão, com os olhos azuis arregalados.

— Você quer fugir?

O vento passou balançando meus cabelos, mas eu não estava certa de que era o único motivo por eu ter me arrepiado.

— Quero.

— Tem certeza?

— Absoluta — falei, embora às vezes a dúvida me mantivesse acordada à noite. Esse era um passo enorme. — Desde que a Bratva atacou a mansão e eu vi do que Matteo é capaz, soube que tinha que fugir.

— Não é só Matteo, você sabe disso, não sabe? Ele não é pior do que qualquer outro Homem de Honra.

— E isso torna tudo ainda pior. Eu sei muito bem que todos os homens em nosso meio são capazes de coisas horríveis e, algum dia, até Fabi será, e eu odeio isso, odeio cada segundo em que estou presa a este mundo perturbado.

— Pensei que você e Matteo estivessem se dando bem. Vocês nem tentaram arrancar a cabeça um do outro hoje.

— Ele está tentando me manipular. Você não percebeu o quanto foi fácil para ele fazer Lily esquecer seu nervosismo em sua presença?

Aria deu de ombros.

— Poderia ser pior. A maioria dos homens não teria te perdoado por dar tanto trabalho, mas ele realmente parece gostar de você.

Parece? Eu nunca tinha certeza com Matteo. Ele era bom demais em esconder seus sentimentos, em escolher disfarçar o que queria mostrar ao mundo.

— Você está do lado dele? — Perguntei com um pouco mais de energia do que pretendia.

— Não estou do lado dele. Só estou tentando te mostrar uma alternativa para a fuga.

Atordoada, falei:

— Por quê? Você sabe que eu nunca quis esta vida. Por que está tentando me fazer ficar?

Aria me fitou, segurando meu pulso.

— Porque eu não quero te perder, Gianna.

— Você não vai me perder.

— Vou, sim. Logo que você fugir, não poderemos mais nem nos ver de novo, talvez nem mesmo conversar a menos que descubramos um jeito de fazer isso sem arriscar que a máfia te rastreie.

Claro que, no fundo da minha mente, eu sabia que esse seria o resultado da minha fuga, mas deixei isso de lado, incapaz de suportar a ideia.

— Eu sei — sussurrei. — Você poderia vir comigo.

Aria entreabriu os lábios, surpresa, e mesmo antes que ela falasse, eu sabia a resposta.

— Não posso.

Assenti, dando as costas para ela e deixando que meu olhar vagasse por Nova York. Pisquei algumas vezes.

— Porque você ama Luca.

Ela pôs a mão na minha.

— Amo, mas não é só por isso. Também não posso deixar Fabi e Lily para trás, e fiz as pazes com esta vida. É tudo o que sempre conheci. E estou bem com isto.

A culpa me atingiu.

— Você acha que os estou abandonando se eu for embora?

— Eles entenderão. Nem todos estão preparados para uma vida neste mundo. Você sempre quis uma vida normal e eles ainda terão a mim. Você tem que pensar em si mesma. Eu só quero que seja feliz.

Abracei-a, enterrando meu rosto em seus cabelos.

— Acho que não consigo ser feliz aqui.

— Porque você não quer se casar com um assassino, porque não consegue viver como Matteo vive.

— Não — falei baixinho. — Porque não consigo me ver estando bem com isto.

Aria recuou, suas sobrancelhas pálidas uniram-se.

— O que isto tem de errado?

Eu quis rir e chorar ao mesmo tempo porque eu tinha a sensação de que Aria não teria me perguntado isso antes de Luca.

— Você está bem com o que Luca faz? Nunca se deita à noite se sentindo culpada por estar casada com um homem como ele?

— Nós vimos de uma família de homens como ele. — Ela deu um passo para trás, deixando os braços caírem ao lado do corpo. — Você quer que eu me sinta culpada?

— Não, mas pessoas normais sentiriam culpa. Não consegue ver o quanto nós somos fodidas? Eu não quero ser assim. Não quero passar a minha vida com um homem que esquarteja seus inimigos.

Aria me encarou, mas não disse nada. Ela parecia tão horrivelmente triste e ferida que eu quis me bater forte por ter aberto a minha boca estúpida.

— Desculpe. Não quis te deixar mal. Eu só... — Parei, incerta de como

explicar meus sentimentos conflituosos para Aria. — Sei que preciso arriscar. Tenho que tentar me livrar de tudo isso e ter uma vida sem toda essa violência e princípios imorais. Vou me arrepender para sempre se não tentar.

— Você sabe que nunca poderá voltar, não há volta uma vez que você sai. Mesmo se Matteo te perdoar por insultá-lo desse jeito, a Outfit ficaria responsável pela sua punição até o casamento. E fugir da máfia é traição.

— Eu sei.

— A Outfit pune a traição com a morte. Como você não é um Homem de Honra, eles podem decidir facilitar com você e te jogar em uma das casas de prostituição ou te casar com alguém muito pior que Matteo.

— Eu sei.

Aria agarrou meus ombros.

— Sabe mesmo? Poucas pessoas arriscam fugir da máfia e existe um motivo para isso. A maioria é pega.

— A maioria, mas não todas.

— Você alguma vez já ouviu sobre alguém que escapou da máfia com sucesso?

— Não, mas duvido que alguém nos contaria sobre isso. Nem Papai, nem Matteo nem Luca têm nenhum interesse em colocar ideias nas nossas cabeças.

Aria suspirou.

— Você está mesmo determinada a prosseguir com isso.

— Estou.

— Tudo bem — falou. Este era o momento perfeito para pedir ajuda a ela, mas eu percebi que não poderia fazer isso, não poderia lhe pedir isso. Claro que Aria sendo Aria nem precisaria que eu pedisse.

— Você não pode fazer isso sozinha. Se quiser ter qualquer chance de conseguir, precisará da minha ajuda.

Fiquei encarando minha irmã, minha linda e valente irmã. Eu costumava pensar que éramos gêmeas que nasceram separadas por algum truque cruel do destino. Ela era a única pessoa por quem eu morreria. E se ela me pedisse para

ficar, se me dissesse que não poderia viver sem mim, eu nem teria hesitado. Eu ficaria e me casaria com Matteo. Por ela. Contudo, Aria nunca me pediria isso. Aria era a única coisa que me lembrava de que também havia bondade em nosso meio, e eu esperava que ela nunca deixasse a escuridão à nossa volta corrompê-la.

— Não — falei com firmeza. — Posso fazer isso sozinha.

Mas Aria ignorou minha declaração.

— Se eu te ajudar a fugir, estarei traindo a Cosa Nostra e, por tabela, o meu marido — disse ela com um olhar distante.

Balancei a cabeça. — Você está certa. Não posso deixar que se arrisque desse jeito. Não vou te deixar correr este risco.

Ela entrelaçou os dedos nos meus.

— Não, eu vou te ajudar. Sou sua única opção. E se alguém pode fazer isso, é você. Você nunca quis fazer parte de nada disso.

— Aria, você mesma disse, o que vou fazer é traição e a máfia lida duramente com as pessoas que a traem. Luca não faz o tipo misericordioso.

— Luca não vai me machucar. — Não havia nenhuma pontada de dúvida em sua voz. Infelizmente, eu não compartilhava de sua segurança. Abri minha boca para protestar, mas ela levantou a mão.

— Não vai. Se Salvatore Vitiello ainda estivesse vivo, as coisas seriam diferentes. Eu estaria sob sua jurisdição, mas Luca é o Capo e não vai me punir.

Como ela podia confiar tanto naquele filho da puta cruel? Como seria amar tanto alguém ao ponto de colocar sua vida em suas mãos sem hesitar?

— Talvez seus homens não lhe deixem alternativa. Ele é um Capo recente e se parecer fraco, seus homens podem se revoltar. Luca não vai arriscar seu poder por você. A *Famiglia* vem em primeiro lugar para os Homens de Honra.

Eu falava com as paredes a julgar pelo impacto que eu causava em Aria.

— Confie em mim — falou simplesmente.

— Eu confio em você. É em Luca que não confio.

— E se pensar bem, eu não estaria traindo a *Famiglia* de verdade. Você

ainda faz parte da Outfit até se casar com Matteo. Isso significa que estaria traindo a Outfit, mas não sou ligada a eles, então, não posso traí-los.

— De qualquer forma, Luca pode não ver dessa maneira. Mesmo que você não esteja traindo a *Famiglia*, ainda age pelas costas dele. Sem falar que Matteo provavelmente moverá céus e terras para me encontrar.

— Verdade — disse Aria devagar. — Ele vai te caçar.

— Uma hora vai acabar perdendo o interesse.

Aria parecia em dúvida.

— Talvez, mas eu não contaria com isso. Precisamos nos assegurar de que ele não te encontre.

Sobre nós, o céu ia ficando cinza escuro, os primeiros sinais de uma tempestade iminente. Se fôssemos supersticiosas, eu provavelmente veria isso como um mau agouro.

— Aria, eu não deveria ter vindo com isso até você. Você não pode se envolver.

Aria revirou os olhos. Era uma coisa tão minha que eu não pude deixar de sorrir apesar da seriedade da nossa conversa.

— Não tente me convencer a não participar disso. Eu me sentiria culpada se não pudesse te ajudar e você fosse pega — falou com segurança.

— E eu vou me sentir culpada se você tiver problemas por me ajudar.

— Eu vou te ajudar. Ponto final.

— Como poderei te compensar?

— Apenas seja feliz, Gianna. Viva a vida que quer, é tudo o que eu quero.

Essa era a típica Aria. Se alguém merecia uma vida fora deste mundo fodido, era ela. Comprimi meus lábios, lutando contra as lágrimas.

— Merda.

Aria sorriu.

— Vamos. Precisamos descobrir quando e como vamos te levar para fora.

— Suponho que seja um pouco tarde demais para tentar durante esta visita? — Forcei um sorriso, querendo me livrar dessa sensação pesada no meu

peito.

— É, mas terá definitivamente que fugir quando estiver em Nova York. Você nunca vai escapar dos homens de Papai.

Infelizmente, ela estava certa. Papai não tirava os olhos de mim nem por um segundo. Ele não confiava em mim. A única coisa que a minha prisão não tinha eram os grilhões.

— Mas Romero está sempre por perto.

Aria e eu olhamos em direção à sala de estar onde Lily ria por causa de alguma coisa que Romero devia ter dito. Ela parecia tão feliz.

— Acho que podemos tirá-lo de nossos pés — falou Aria.

— Da próxima vez, Lily não estará por perto para distraí-lo. Não quero que ela saiba disso.

Aria concordou.

— Irei pensar em algo. Já o enganei uma vez. Posso fazer de novo. Luca confia em mim. Romero não me segue tanto quanto no começo.

A culpa me corroía por dentro, mas a ignorei.

— Tenho que tirar o passaporte para poder sair do país. Nunca estarei a salvo nos Estados Unidos.

— Você devia ir para a Europa.

— Sempre quis visitar a Sicília — brinquei.

Aria rachou de rir.

— Sim, parece um plano à prova de falhas.

— Preciso de dinheiro. Talvez eu possa descobrir onde Papai guarda o dele.

— Não, ele perceberia. Precisamos pegar o dinheiro de Luca. Se esperarmos até o último minuto antes de pegar, ele não vai perceber até que seja tarde demais.

— Tem certeza? — Perguntei.

Aria assentiu, mas havia uma pontada de hesitação em seus olhos.

— Talvez possamos conseguir dinheiro em outro lugar. Eu poderia pedir

um empréstimo para um dos agiotas. Não é como se eu fosse ficar por aqui para eles cobrarem — falei depressa.

Aria balançou a cabeça imediatamente.

— Todos os agiotas ou pertencem à *Famiglia* ou à Bratva. Esse seria o jeito mais rápido de ser pega.

— Eu sei que não posso pedir à *Famiglia*, mas, e quanto aos agiotas russos? Não preciso dizer para eles quem eu sou. Posso fingir ser uma garota qualquer com problemas financeiros.

Aria pareceu considerar isso, entretanto, ela balançou a cabeça em negação.

— É arriscado demais. Esses caras são perigosos.

Lembranças que eu tentava enterrar ressurgiram como um tsunami. Fiquei apavorada quando os russos atacaram a mansão, tive a certeza de que teríamos uma morte horrível, certeza de que seríamos estupradas e torturadas. Eu realmente não queria ter nada a ver com a Bratva nunca mais, mas Aria não precisava saber do quanto as imagens daquele dia ainda me incomodavam. Na maior parte do tempo, eu conseguia trancá-las longe, e quando estivesse na Europa, longe deste mundo, com sorte elas desapareceriam para sempre.

— Aria, você é casada com o homem que todos esses caras perigosos temem.

— E você está noiva do homem que esquarteja esses caras perigosos — declarou ela —, mas os russos são piores que nossos homens. Eles não têm honra nenhuma.

Não sabia ao certo se isso era possível, mas não estava a fim de discutir.

— Certo, então, sem empréstimos com agiotas, mas, e quanto ao passaporte falso? Terei que conseguir um em algum lugar. Existe alguém que possamos subornar?

Outra rajada de vento passou por nós, fazendo o meu corpo inteiro arrepiar. Aria chegou mais perto de mim até estarmos aninhadas.

— Ninguém fará nada contra Luca.

— Exceto nós duas — falei bufando. — Diga que isto não é uma loucura.

— É uma loucura, mas vamos dar um jeito. — Ela parou, me analisando.

Ergui as sobrancelhas.

— O quê?

Ela sorriu.

— Tive uma ideia. Você sabe como as pessoas sempre dizem que somos parecidas?

— Não se olhar bem de perto. Sou alguns centímetros mais alta que você e ainda tem isso. — Levantei uma mecha do meu cabelo.

— Sim, mas se tingirmos seus cabelos de loiro, ninguém vai duvidar de que você sou eu. Luca mantém alguns passaportes falsos com nomes diferentes no mesmo lugar onde esconde o dinheiro, caso nós precisemos sair do país às pressas. Você poderia usar um deles.

— Luca será capaz de rastreá-los.

— Sim, mas você já terá pousado na Europa a esta altura. Você pode jogá-lo fora assim que chegar e viajar por lá sem passaporte até descobrir um jeito de conseguir um novo. A União Europeia não tem controle de fronteira, então, você ficará bem se movimentando através dos países dentro da Europa.

A esperança acendeu em meu corpo.

— Isso pode mesmo dar certo.

— Vai dar.

Nós nos encaramos.

— Então, eu vou mesmo fugir — sussurrei.

— Vai — disse Aria baixinho.

— Quando?

— Da próxima vez que vier me visitar, então, temos tempo para pensar bastante em cada detalhe de nosso plano.

Eu mal podia acreditar que eu iria realmente fazer isso, mas agora, eu não voltaria atrás, mesmo que parte de mim se perguntasse se isso era mesmo o que eu queria.



Tive permissão para visitar Aria novamente em maio; fingir que havia finalmente aceitado meu casamento com Matteo deixou meu pai mais tolerante comigo.

Mentir já foi difícil para mim, mas eu estava ficando melhor nisso.

Abracei Lily e Fabi antes de deixar Chicago, sabendo que poderia perfeitamente ser a última vez que os via, porém, eu não me permiti permanecer com este pensamento. Isso só dificultaria as coisas, se eu começasse a chorar, alguém poderia desconfiar.

Quando cheguei a Nova York, Aria me buscou no aeroporto com um novo guarda-costas. Havia algo de amargo em nosso encontro. O cara novo acenou brevemente para mim depois que Aria e eu nos afastamos uma da outra.

— Quem é ele? — Sussurrei.

— É Sandro. É um dos homens de Matteo.

Então, Matteo já escolhera um guarda-costas para mim, para uma vida futura como sua esposa, alguém que me enjaularia sempre que Matteo não estivesse por perto para fazer isso.

Assim que entramos na cobertura, meu novo guarda-costas retirou-se para a cozinha sob o pretexto de nos dar privacidade. Como se existisse tal coisa sob sua vigilância constante. Aria e eu permanecemos perto do sofá, fora do alcance de outros ouvidos.

— Luca ainda mantém Romero te vigiando o dia todo?

Aria deu de ombros.

— Não me importo de ter Romero por perto, principalmente quando Luca está ocupado. Sandro ficou basicamente no lugar de Cesare, mas ele nunca me vigiou.

— Você precisa pedir a Luca que te deixe ir para a faculdade ou fazer

alguma coisa antes que enlouqueça aqui. Eu também quero que você seja feliz, Aria. Quero saber que ficará bem quando eu for embora.

— Não se preocupe. E nas últimas semanas, estive bem ocupada planejando a sua fuga — disse Aria com um sorriso provocador, mas havia uma pontada de melancolia em sua voz.

Ambas olhamos para Sandro, que preparava café.

— Para que de verdade esse tal de Sandro está aqui?

— Por sua causa.

— Porque eu sou problemática?

— Não — falou Aria rindo —, porque Matteo quer que você conheça o cara que será seu guarda-costas quando se mudar para Nova York.

— Ah, ótimo, como ele é atencioso. — Novamente uma decisão sobre a minha vida que ninguém se importou em discutir comigo. Com um aceno de cabeça em direção a Sandro, perguntei: — Como vamos nos livrar dele?

— Eu tenho um plano. — Aria abriu sua bolsa e apontou para uma pequena seringa. Diante do meu olhar confuso, ela explicou: — Lembrei-me de quando você me contou que Luca encontrou o tranquilizante que usou em Lily numa gaveta no porão. Da última vez que estive na mansão, me esgueirei lá para baixo e peguei o que precisamos.

Meus olhos arregalaram.

— Você é um gênio, Aria.

— Na verdade, não.

Nossos olhos correram em direção ao nosso guarda-costas mais uma vez. Ele estava ocupado com seu celular.

— Como vamos injetar o tranquilizante nele? — Perguntei. — Ele é alto e forte, e, provavelmente, um lutador habilidoso.

Aria mordeu o lábio. — Precisamos distraí-lo. Talvez eu possa conversar com ele e você enfia a agulha na coxa?

— E se eu, acidentalmente, quebrar a agulha ou se ele a destruir?

— Tenho mais uma seringa, mas é só, então, devemos tentar acertar de

primeira.

Aria conseguia ser tão fodona se tentasse.

— Tem certeza de que a dosagem está correta?

— Não quero que ele fique mal, então, reduzi a dosagem que está registrada na embalagem.

— Tudo bem. Ainda será o suficiente para derrubá-lo por um tempo, certo?

Aria assentiu. — Acho que deveríamos amarrá-lo. Encontrei fita isolante no armário de armas.

Ela sabia onde o marido guardava as armas?

— Luca deve confiar mesmo em você.

Aria não disse nada e eu me senti mal por mencioná-lo. Eu tinha mesmo que lembrá-la do quanto estava arriscando seu casamento por mim?

— Venha — disse ela depois de um segundo. — Vamos fazer isso. Matteo e Luca voltarão em algumas horas. É melhor que já tenhamos ido a esta altura.

Depois de outro olhar em direção a Sandro, que ainda lia alguma coisa no celular, ela me entregou a seringa depressa. Eu a escondi atrás das minhas costas enquanto íamos para onde Sandro estava, ele finalmente tirou os olhos do aparelho e o colocou no balcão.

— Vocês gostariam de um pouco de café? — Perguntou com um aceno para sua xícara. Ele era educado e seus olhos castanhos, amigáveis, não *parecia* muito ameaçador, mas eu não deixaria me enganar.

Aria se encostou no balcão ao lado dele e pôs uma mão na barriga.

Sandro olhou preocupado. — Você está bem?

— Não estou me sentindo muito bem — falou ela, então, suas pernas cederam.

Para mim foi meio exagerado, mas Sandro deve ter agido sem pensar porque ele a segurou. *Minha oportunidade.*

Disparei meu braço e enfiei a seringa na parte de trás da coxa dele, injetando o tranquilizante. Sandro assobiou e soltou Aria, atacando

instintivamente. Ele pegou meu braço e eu fui jogada contra a ilha da cozinha, minhas costas colidiram dolorosamente. Engoli um grito.

— Que porra é essa? — Engasgou, seus olhos furiosos correndo entre mim e Aria. Ele alcançou seu telefone, mas Aria o empurrou para longe, voando para fora do balcão, caindo no chão e deslizando pelo mármore. Sandro foi cambaleando até o aparelho, seus movimentos já estavam menos coordenados que o normal. Corri depressa até o celular e o chutei para longe.

— Onde está a merda da fita?

Aria assentiu e saiu correndo.

Sandro me olhou.

— O que estão fazendo? — Grunhiu. Ele avançou para mim, sua mão tateando em busca da arma em seu coldre. Será que ele queria nos manter sob a mira da arma?

Ele não chegou muito longe. Suas pernas cederam e ele caiu de joelhos, balançando a cabeça como um cachorro, depois, tentou ficar em pé outra vez.

— Aria! — Bradei. E se isso não funcionasse? E se nosso plano estivesse acabado antes mesmo de começar de verdade?

— Estou indo. — Ela correu para mim com a fita. — Pegue os braços dele.

Tentei puxar os braços de Sandro atrás de suas costas, mas ele era forte demais mesmo entorpecido. Ele se sacudiu para me afastar.

— Não é tranquilizante suficiente!

— Não quero machucá-lo — disse Aria em pânico.

Tentei segurar seus braços mais uma vez, só que ele conseguiu levantar, me empurrando para fora de seu caminho. Aria se moveu rapidamente e enfiou a segunda seringa na perna dele. Desta vez, ele caiu de joelhos quase que instantaneamente, depois, tombou de lado. Aria e eu fizemos um trabalho rápido com a fita nele, em seguida, ela tocou seu pescoço.

— Ele está bem? — Perguntei.

— Sim, parece que sim. Espero que não tenhamos dado muito.

— Ele é um cara grande. Tenho certeza de que ficará bem.

Levantei-me. Aria fez o mesmo e saiu correndo de novo. Alguns minutos depois, ela voltou com um maço enorme de notas de dólares e com dois passaportes. Por um instante, pensei que ela tivesse decidido vir comigo, que era por isso que não havia apenas um passaporte, então, me dei conta do quão ridículo esse pensamento era.

— Aqui — Ela me entregou tudo. — Deve ter cerca de dez mil dólares. Deve dar para você se virar por um tempo, e dois passaportes por precaução, mas você tem mesmo que se livrar deles assim que chegar na Europa.

Enfiei tudo na minha bolsa e peguei a minha mala.

— Pronta? — Perguntou Aria hesitante.

— Como nunca estive.

Ela não retribuiu o meu sorriso, apenas olhou para Sandro de novo antes de colocar seu celular no balcão. Fiz o mesmo para impedir de sermos rastreadas.

Pegamos o elevador para baixo e fizemos sinal para um táxi. O tráfego estava do nosso lado e paramos em frente ao aeroporto JFK depois de 45 minutos.

Ao entrarmos na área de embarque, fui direto para o guichê comprar uma passagem só de ida para Amsterdã enquanto Aria ficou para trás; a foto no passaporte parecia mais com ela do que comigo e se ficássemos lado a lado ninguém se enganaria.

Deslizei o passaporte falso cuidadosamente pelo guichê. A mulher mal olhou para a foto, apesar do fato de eu não ter os cabelos loiros como a garota nela. Ela deve ter pensado que eu os tingi de vermelho. Vinte minutos depois, caminhei até Aria com a passagem para a liberdade em minhas mãos. Eu pensei que me sentiria mais animada, em vez disso, o nervosismo atacava meu estômago tão fortemente que fiquei preocupada que fosse vomitar, mas não poderia deixar que Aria visse.

— E aí, como foi? — Perguntou ela nervosa.

Agitei a passagem em resposta. — Ela nem me perguntou sobre o cabelo.

— Que bom, mas assim que estiver em Amsterdã, precisa mudar sua aparência.

Sorri, comovida pela sua preocupação e, ao mesmo tempo, me perguntava se eu realmente estava fazendo a coisa certa. Esta poderia ser a última vez que veria Aria. Não conseguia nem imaginar um ano sem ela, quanto mais o resto da minha vida.

— Não se preocupe.

Uma partezinha de mim se perguntava como Matteo se sentiria quando descobrisse. Eu não achava que meu desaparecimento faria mais que ferir seu orgulho. Não tinha nada a ver com amor, nem mesmo com sentimentos.

Aria deu uma olhada em direção à entrada principal novamente.

— Quando o voo sai?

— Em duas horas. Eu deveria passar pela segurança.

— Vou alugar um carro e dirigir para fora da cidade para criar uma pista falsa. Luca vai pensar que você e eu fugimos juntas, talvez isso te consiga mais um pouco de tempo. Assim que estiver no avião, vá ao banheiro e coloque a peruca, para o caso de já ter alguém te procurando no aeroporto de Schiphol.

Aria falava rápido, porém, isso não me impediu de perceber como sua voz tremia. Ela estava tentando ser forte por mim.

Abracei-a.

— Muito obrigada por se arriscar tanto por mim. Eu te amo.

— Crie o blog sobre o qual conversamos e poste notícias assim que puder. Ficarei preocupada se não souber de você até no máximo amanhã — disse ela com os dedos enterrados nos meus ombros. — Prometa que será feliz, Gianna. Prometa.

— Eu prometo. — Era possível prometer algo desse tipo? Meus olhos queimavam furiosamente, mas lutei contra as lágrimas. Já era difícil o bastante sem eu me transformar numa manteiga derretida. Afastei-me e corri a mão sobre meus olhos.

Aria perdera sua luta contra as lágrimas.

— Se você quiser voltar, daremos um jeito.

— Você mesma disse, não há volta — falei e finalmente a verdade me bateu. Era isso. Era um adeus à vida que eu conhecia, à minha família, à minha casa, a tudo. Dei mais um passo me distanciando de Aria e deixei meus braços caírem. Ela me deu um sorriso de incentivo. Logo me virei e me apressei em direção ao controle de segurança. Se eu não deixasse Aria agora, perderia a coragem. A dúvida já engolia a minha decisão, só que esta era a minha única chance. Eu precisava pegá-la. Precisava viver minha própria vida, precisava tomar minhas próprias decisões, precisava fugir dos horrores do nosso mundo.

O guarda não me parou. Ninguém me parou. Assim que passei pela segurança, arrisquei outra olhadela por sobre meu ombro para onde Aria estava. Ela levantou o braço acenando antes de sair depressa, enxugando os olhos.

Assisti suas costas desaparecerem. Meu coração ficou pesado, minha garganta apertada. Ainda não era tarde demais, eu ainda poderia voltar atrás, nós poderíamos dar uma explicação ridícula por drogar Sandro. Nada estava perdido ainda.

Dei uma olhada na minha passagem para Amsterdã, minha passagem para a liberdade, antes de ir para o terminal onde, em breve, o embarque teria início.

Enquanto esperava, continuei observando nervosa ao meu redor, mas ninguém apareceu. E por que apareceriam? Ninguém suspeitava de nada. Quando Sandro finalmente acordasse depois de algumas horas e ligasse para Luca e Matteo, eu já estaria no avião.



Meu coração pulsava no pescoço ao embarcar no avião. Era a primeira vez que eu voava de classe econômica. Papai sempre comprava passagens de primeira classe ou executiva quando não usávamos o jatinho particular. Fui presa

entre um estranho, que insistia em usar o meu descanso de braço, e a janela. Mal ousei respirar até finalmente estarmos no ar e, mesmo nesta hora, continuei procurando por um rosto conhecido entre os outros passageiros, levei um tempo até finalmente me acomodar no meu assento e relaxar. Agora que não havia mais volta, uma pontada de animação se mesclou com a minha ansiedade; esta era a minha vida e eu finalmente a estava tomando em minhas próprias mãos, enfim, retomando o controle daqueles que comandaram cada aspecto da minha existência até agora. Eu seria livre.

Matteo



O telefone de Luca tocou.

— Fale, Romero. — Silêncio. — Repete.

Eu conferia o faturamento das nossas boates em Manhattan do mês passado, mas tirei os olhos dos relatórios ao ouvir a tensão na voz de Luca. A expressão dele me fez fechar o notebook.

— O que está acontecendo?

Luca ficou em pé.

— Romero encontrou Sandro drogado e amarrado no chão da cobertura. Aria e Gianna foram embora.

Eu endireitei a postura.

— Você está de sacanagem.

— Você acha que eu brincaria com algo assim? — Rosnou na minha cara.

Encarei-o.

— Pensei que Aria fosse apaixonada por você.

Por um instante, Luca pareceu que iria me socar. E, então, ele girou nos calcanhares e saiu do porão da Sphere como um furacão. Saí correndo atrás dele.

— Isso é culpa de Gianna. Essa garota é a raiz de todos os problemas. Por que você não ficou longe dela como eu te disse, caralho? — Resmungou.

Se ao menos eu *soubesse*. Por algum motivo, não conseguia tirá-la da minha cabeça. E agora, ela tinha fugido. *De mim*.

***

— Desculpe, Chefe — disse Sandro mais uma vez, meio debruçado no sofá de Luca com os olhos vermelhos.

Eu queria matá-lo por deixá-la escapar. Eu nunca deveria te tirado os olhos dela. Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro de novo, meus olhos correram para a porta do quarto, por onde Luca desaparecera com Aria há mais de vinte minutos. *Ela* não tinha fugido. Tudo isso foi para uma encenação. Ela ajudou a minha noiva a fugir, mas voltou para Luca. Ela voltou.

Normalmente, eu não duvidaria da habilidade de Luca em extrair informação de ninguém, mas era Aria, e Luca não a machucaria. Nem mesmo por mim, nem mesmo quando ela era a única que poderia me ajudar a encontrar a minha noiva.

— Eu não deveria ter tirado a manhã de folga — afirmou Romero da poltrona onde estava sentado.

— Um guarda-costas deveria ter sido o suficiente. Eu deveria ter sido o suficiente. Elas são só garotas — resmungou Sandro.

Eu não falei nada. Estava puto demais. Meu coração pulsava em minhas têmporas. Queria partir cada porra de peça da mobília em pedacinhos. A porta do quarto finalmente abriu e Luca desceu as escadas. Pela expressão em seu rosto, eu sabia que não iria gostar do que ele tinha a dizer.

— Não me diga que você não conseguiu tirar nada dela — rosnei.

Luca fez uma careta.

— Só sei que Gianna pegou um avião no JFK. Aria não vai me contar nada, mas nossos informantes me dirão em breve que avião Gianna pegou.

— Ótimo — resmunguei. — E depois? Aria sabe qual o plano de Gianna.

Elas contam tudo uma para outra. A única maneira de encontrar Gianna é através da sua esposa.

— Ela não vai me contar nada.

Tentei passar por ele.

— Então, me deixe falar com ela.

Luca segurou meu braço e me empurrou para trás.

— Você vai ficar longe dela, Matteo.

— *Você* a deixou roubar *seu* dinheiro, *seus* passaportes. Você a deixou atacar nossos homens, deixou que ela te fizesse de idiota e te traiu. Você deveria querer puni-la. Você é o Capo.

Os olhos de Luca flamejaram. Eu estava cutucando a onça com vara curta, mas foda-se.

— Aria é minha esposa. Como eu lido com ela não é da sua conta. Eu te disse que Gianna significava problemas, mas você não ouviu. Você nunca deveria tê-la pedido em casamento — grunhiu.

Meus dedos coçavam para pegar minhas facas. Dei as costas para ele e segui para o jardim do terraço. Precisava esfriar a cabeça antes de descontar em meu irmão. Luca e eu brigávamos esporadicamente quando éramos mais novos, só que nunca foi para valer. Eu tinha a sensação de que uma briga entre nós dois hoje não terminaria bem. Ambos estávamos putos e loucos por sangue.

Apoiei os braços no balaústre e deixei meus olhos vagarem por Nova York. Gianna estava escorregando por entre meus dedos, a cada segundo que passava ela ficava mais distante de mim. Assim que ela pousasse aonde quer que estivesse indo, não pararia de fugir até ter certeza de estar segura. Ela estaria sozinha, desprotegida. E se algo acontecesse com ela?

Passos rangeram atrás de mim e fiquei tenso, mas não olhei por sobre o meu ombro. Luca parou ao meu lado.

— Liguei para Scuderi. Ele está furioso e, claro, nos culpa.

— Claro — falei com calma.

— Ele está mandando dois de seus homens atrás de Gianna.

— Eu vou com eles.

— Imaginei que fosse. Disse isso a Scuderi. Encontre com eles em Amsterdã.

Eu me virei.

— Amsterdã?

Luca assentiu. — Fiquei sabendo que ela pegou um avião para Schiphol.

— Quando vou? — Perguntei, a adrenalina da caçada iminente correndo pelas minhas veias.

— Em quatro horas.

— Tenho que ir antes.

— Impossível. Tentei tudo o que podia.

— Merda! Gianna já terá ido quando eu chegar.

— Você a encontrará. É o melhor rastreador que conheço. Ela não tem a mínima chance.

Dei um tapinha em seu ombro.

— Você me deixa ir, mesmo precisando de mim aqui.

— Você não será muito útil para mim se só consegue pensar em Gianna.

— Pode levar semanas — falei. — Não vou voltar até tê-la apanhado.

— Eu sei. Se Aria tivesse fugido, eu faria o mesmo.

Assenti. Eu não pararia até que Gianna fosse minha. Não me importava se tivesse que procurar no mundo inteiro, se tivesse que virar cada pedra, se tivesse que extrair informações de cada porra de pessoa em Amsterdã, eu encontraria Gianna.

CAPÍTULO SETE

Gianna



Mal consegui dormir nas seis horas que o avião levou para chegar a Amsterdã. A preocupação por Aria tomou o lugar da preocupação em ser pega. Ela estava certa de que Luca não veria seu ato como traição, mas e se estivesse errada? Deus, o que eu fiz? Eu não deveria tê-la envolvido, não deveria nem mesmo ter contado a ela sobre a minha intenção de fugir.

Quando eu finalmente saí do avião e passei com sucesso pela imigração, entrei no primeiro banheiro que encontrei e me tranquei em uma das pequenas cabines. No fundo da minha bolsa estava a peruca que Aria havia me dado. Era comprida e loira. Não enganaria ninguém muito de perto, mas teria que servir apenas até que eu tingisse meus cabelos mais tarde.

O medo fechou a minha garganta quando fui para a área de espera, meio que esperava que alguém de Nova York ou da Outfit estivesse esperando por mim, contudo, isso era impossível. Mesmo se Matteo tivesse descoberto onde eu estava agora, eu tinha bastante certeza de que a Cosa Nostra não tinha nenhuma relação com nenhum sindicato criminoso na Holanda e levaria algum tempo para que os mafiosos da Sicília viajassem até Amsterdã. Por enquanto eu estava segura. Pelo menos até o próximo avião da Costa Oeste pousar em Schiphol, o que aconteceria em poucas horas.

Saí depressa do aeroporto com a minha mala, impressionada com o som das pessoas falando em idiomas que eu não entendia. Eu conhecia algumas palavras em holandês, porém, não me interessei em aprender a língua; nunca tive a intenção de que a Holanda fosse mais do que um destino intermediário.

Fiz sinal para um táxi para que me levasse a um hotel qualquer de classe média na cidade, onde reservei o quarto mais barato. Apesar do cansaço por

causa do fuso horário e do voo, apenas coloquei minha mala no quarto antes de me aventurar na rua outra vez para comprar algumas coisas de que precisava.

Duas horas depois, eu estava de volta ao meu quartinho de hotel com uma tintura castanho-claro para os cabelos, tesouras, algumas roupas novas que ajudariam a me misturar melhor do que as minhas roupas de grife, assim como um celular pré-pago e um pequeno notebook. Depois de conectar meu notebook no *wi-fi* do hotel e criar o blog sobre o qual Aria e eu tínhamos conversado, escrevi uma postagem curta, dizendo que uma nova jornada começava e que eu tinha chegado bem ao meu destino. Era tudo meio misterioso e ninguém provavelmente leria meu blog com exceção de Aria. Resisti ao impulso de escrever algo mais pessoal, ou pior, usar meu celular novo para ligar para ela. Queria ouvir sua voz, queria saber se ela estava bem, mas não poderia arriscar. Mesmo este blog já representava um risco. Ao invés disso, entrei no banheiro e mudei os cabelos.

Duas horas depois, encarava o meu novo reflexo. Meus cabelos estavam cor de caramelo e fiz um corte bob que ia até o queixo. Claro que isso não impediria que as pessoas me reconhecessem de perto, mas a menos que eu pagasse um cirurgião para reconstruir o meu rosto, o que eu não tinha nenhuma intenção de fazer, um novo corte de cabelo teria que ser o suficiente. Eu simplesmente precisava me mudar de cidade em cidade até ter certeza de que Matteo trocara seu alvo e eu estava segura. Isso provavelmente levaria um tempo. Matteo me disse inúmeras vezes que não desistiria de mim e eu tinha a sensação de que ele falava sério.

Eu não lhe daria a oportunidade de me pegar. Amanhã, eu deixaria Amsterdã direto para Paris, e quem sabe onde eu estaria no dia seguinte? Este era um novo começo com possibilidades infinitas.



Fiquei olhando para o teto branco do meu quarto no hostel. Eu vivi em vinte lugares diferentes pelos últimos três meses, nunca fiquei mais de uma semana por vez em lugar nenhum. Às vezes, quando acordava de manhã, não tinha certeza de onde estava; às vezes, eu até pensava que estava de volta a Chicago; e, outras vezes, eu me descobria desejando por isso. Não pelo meu pai e as regras de nosso mundo, mas por Fabi, Lily e Aria, e algumas vezes até por Mamãe.

Sentei-me, gemendo, e passei pelo meu hábito costumeiro de me lembrar do meu pseudônimo atual e de tudo o que o envolvia antes de sair da cama. Já era quase meio-dia. Eu ainda não havia encontrado nenhum tipo de rotina. Na maioria dos dias, passava explorando a cidade onde estava enquanto conferia tudo à minha volta. Será que este medo de ser seguida, de ser caçada, nunca acabaria? Duvidava disso. Sempre que eu via um homem de terno escuro, o pânico me consumia. Perdi as contas de quantas vezes eu imaginei ver Matteo pelo canto do olho.

Ainda não havia feito nenhum amigo de verdade, o que não era uma surpresa tão grande; nunca permaneci em lugar nenhum tempo suficiente para criar uma conexão. O que era melhor de qualquer forma. Ainda não poderia arriscar me aproximar de ninguém, talvez nunca. Isso não significava que eu estava sozinha. Sempre ficava em albergues da juventude onde quer que estivesse e conhecia pessoas de todo o mundo. Óbvio que não podia contar a ninguém sobre mim, nem mesmo o meu nome. Atualmente, eu me nomeara Liz, apelido de Elizabeth, e estava passando um ano viajando pela Europa antes da faculdade. Essa era basicamente a história que eu contava onde quer que eu estivesse, apenas o nome mudava.

Mentir para todos sete dias por semana tornava difícil qualquer tipo de amizade. Abri meu notebook e chequei meu blog, que eu atualizava quase todos os dias, mesmo que não tivesse recebido um comentário de Aria há semanas. Há 31 dias para ser exata. Meus olhos correram para o celular na mesa de cabeceira. E como era bastante frequente ultimamente, senti um impulso quase irresistível

de ligar para ela e descobrir o que a impedia de visitar meu blog. Tinha a sensação de que era para a minha segurança. No último comentário, ela me avisou para não desperdiçar tempo em um lugar só porque havia muito a ser explorado na Europa. Assumi como uma dica de que Matteo poderia estar atrás de mim e pulei de cidade em cidade nas últimas semanas, nunca parando em lugar nenhum mais do que um ou dois dias, mas estava ficando cansada de fugir constantemente. Perdi peso, e a maioria das minhas roupas pairava sobre mim como se pertencessem a outra pessoa. Queria fazer parte de algo de novo, encontrar um lugar para chamar de meu.

Vesti-me e enfiei minhas roupas na mochila. Tinha me livrado da mala depois de quatro semanas de jornada. Não era funcional carregar uma mala pesada para onde quer que eu fosse. Não precisava da maioria das coisas que tinha mesmo. Quando eu usaria vestidos de noite e saltos *Louboutin* outra vez? Essa vida tinha acabado. Encarei minha mochila surrada, meus tênis e jeans baratos e, por um instante, desejei algo que nunca pensei que sentiria falta. Quando decidi fugir da máfia, sabia que sentiria uma saudade horrível dos meus irmãos e até agora nem um único dia se passou sem que eu tivesse considerado voltar para Chicago apenas para vê-los outra vez, conversar com Aria mais uma vez, ter um lar estável novamente, mas, até agora, eu tinha conseguido não sentir falta dos luxos que minha antiga vida me proporcionava, pelo menos não tão insistentemente. Então, por que eu repentinamente sentia falta das coisas que desprezei?

Tudo que já tive foi pago com dinheiro sujo, e mesmo meu voo até aqui foi financiado assim. Contudo, eu estava assustadoramente com pouco dinheiro e teria que encontrar um emprego no próximo lugar que ficasse, embora isso significasse ficar mais tempo do que apenas alguns dias, a menos que eu tentasse roubar carteiras, o que, na verdade, não seria um progresso muito grande em relação ao dinheiro da máfia, exceto que ninguém seria assassinado por isso.

Balancei minha mochila para cima do ombro e saí do meu quartinho. Quinze minutos depois, fechei a conta e deixei meu alter ego “Liz, apelido de

Elizabeth” para trás. Eu me transformaria em alguém diferente no meu próximo destino. Talvez uma Megan.

Era agosto, porém, nuvens pesadas estendiam-se sobre Viena enquanto eu seguia para a estação de trem. Eu amava os edifícios majestosos, mas já era hora de me mudar da Áustria. Estive morando no mesmo país por quase duas semanas e estava ficando inquieta.

Depois de embarcar no trem para Berlim, conferi meu celular, um hábito idiota que eu ainda não tinha largado. Nunca recebia mensagem de ninguém. A data me chamou a atenção. Quinze de agosto. O dia que eu deveria me casar com Matteo.

Contra a minha vontade, o beijo que demos surgiu na minha mente e um pequeno arrepio correu pela minha espinha. Tinha beijado três caras desde que cheguei na Europa, todos eles eram estrangeiros fofos que não estavam interessados em nada além disso, assim como eu, mas nenhum desses beijos chegou perto do que senti quando beijei Matteo. Talvez fosse porque ele tinha mais experiência do que qualquer outro cara. Matteo era um gigolô, não havia dúvidas quanto a isso.

Só que o que mais me preocupou foi que eu me vi comparando cada cara que conhecia com Matteo, e eles sempre ficavam aquém. Não eram tão bonitos, tão interessantes, não tinham o abdômen tanquinho e, o mais importante, estar perto deles não me deixava cheia de adrenalina. Era muito irritante que apesar de estar (espero) a milhares de quilômetros de distância de Matteo, ele ainda tinha algum poder sobre mim. Desejei nunca ter deixado que ele me beijasse, assim, eu não teria esse problema.

Eu só precisava encontrar um cara legal que pudesse me fazer esquecer Matteo e seu sorriso irritantemente sexy e arrogante. Talvez Berlim, meu próximo destino, pudesse me ajudar com isso.



Só fiquei quatro semanas em Berlim antes de decidir me mudar. Alguma coisa não parecia certa, ou talvez, eu não estivesse mais acostumada a ficar num lugar por um período maior de tempo. Pelo menos, trabalhara como garçonete pelas últimas três semanas e consegui ganhar algum dinheiro. Não era muito, mas o bastante para comprar minha passagem de trem para Munique e comida para os próximos dias. Contudo, não me sobrava mais nada para um quarto de hotel, então, esse era o principal problema.

Eu tinha gastado demais no começo da minha viagem, sem nunca aprender a economizar. Dinheiro nunca fora um problema em casa. Se havia uma coisa que as mulheres da máfia nunca precisavam abrir mão era do dinheiro. Eu fui uma pirralha mimada, disso eu me dei conta.

Assim que cheguei em Munique, soube que poderia dar certo. Amei tudo na cidade, mas ainda havia o problema de eu não ter nenhum dinheiro para pagar por um quarto. Não queria passar a noite na rua. Não sabia ao certo o quão seguro seria. Ao caminhar pelo centro da cidade, percebi algumas pessoas cantando e tocando instrumentos, e pareciam fazer dinheiro rápido com isso. Havia sempre uma pilha de moedas de Euro nos chapéus que colocavam no chão.

Eu poderia tocar piano. Papai obrigou Aria, Lily e eu a ter aulas desde o momento que começamos a falar, mas eu não tinha nem um piano, nem um teclado que pudesse usar para tocar. Tinha uma voz decente, definitivamente nada para me animar muito, mas, pelo menos, não fazia as pessoas tamparem os ouvidos. Talvez valesse a pena tentar.

Um grupo de três garotas com cabelos coloridos cantava e tocava violão na outra esquina, e eu fui até elas. Quando elas, enfim, deram uma pausa, me aproximei. Esperava de verdade que falassem inglês. Elas pareciam ser da mesma faixa etária que eu.

— Ei. Eu me perguntava se vocês sabem de algum lugar onde eu possa fazer o mesmo que vocês e cantar para as pessoas. Estou sem grana e essa é minha única chance de pagar por um quarto esta noite.

As garotas trocaram olhares e eu meio que me convenci de que elas não tinham me entendido, quando a garota com cabelos azuis curtos disse com um sotaque que não consegui identificar.

— Você precisa de uma licença. As autoridades são bem rigorosas em Munique. Elas irão te pegar se fizer música ou qualquer outro tipo de arte nas ruas sem autorização.

— Droga. É fácil conseguir uma licença?

A garota com cabelos rosa balançou a cabeça.

— Não. Eles distribuem poucas licenças e se certificam de que você possa cantar e tocar algum instrumento de verdade antes de permitirem que faça música aqui.

Suspirei e desabei contra a parede do edifício. As três garotas trocaram outro olhar, depois, sussurraram em uma língua que definitivamente não era alemão antes de virarem-se para mim.

— Nós dividimos um pequeno apartamento. Se você quiser, pode dormir no sofá da sala até encontrar um emprego e poder pagar um lugar para você.

Meus olhos arregalaram.

— Sério?

A garota de cabelo azul assentiu sorrindo.

— Você é uma mochileira, não é?

— Sim. Estou viajando pela Europa antes da faculdade.

— Somos todas da Croácia, mas passamos os últimos meses em Munique. Amamos isso aqui. — A garota de cabelo rosa levantou. — Então, qual o seu nome?

Hesitei por um momento antes de decidir quem eu queria ser.

— Gwen.

Talvez Munique finalmente se tornaria um lugar onde eu pudesse ficar e

descobrir o que faria pelo resto da vida.



O que era para ter sido apenas por alguns dias, tinha se transformado em dois meses. Eu ainda dividia um apartamento com as três garotas doidas da Croácia. Nós nos tornamos amigas e eu pagava o aluguel pelo meu lugar no sofá, ainda que não fosse muito. Claro que cada parte da minha vida foi construída sob mentiras, mas às vezes eu quase esquecia que não era quem fingia ser. Até arrumei um emprego como garçonete num Café que atendia, principalmente, turistas e meu alemão tinha melhorado muito.

Agora que eu finalmente achei um lugar onde quisesse ficar, decidi dar uma chance de verdade para o romance. Quando minhas colegas de apartamento me apresentaram ao Sid, um músico do Canadá com dreadlocks compridos, eu soube que ele era alguém a quem poderia me acostumar e, talvez, até me fizesse esquecer aquele beijo idiota em Matteo.

Sid não tinha nada a ver com Matteo. Ele não tinha nada a ver com os homens do mundo onde cresci. Era um idealista vegano e pacifista e nunca hesitava em convencer às pessoas sobre seus ideais. Podia passar horas falando sobre os horrores das fazendas de laticínios e sobre os perigos da Associação Nacional de Armas. Às vezes, eu me perguntava o que ele diria se soubesse quem eu era.

Percebi que esta reforma mundial idealística era a sua máscara. Talvez todos usassem algum tipo de máscara. O que foi uma novidade e um encanto no início, logo começou a me irritar. Mesmo assim, eu não poderia terminar com Sid porque pareceria como um fracasso final. Se mesmo alguém como Sid não podia me fazer parar de pensar em Matteo, quem poderia?

A mão de Sid arrastou-se para baixo da minha blusa e abriu meu sutiã. Protestei audivelmente. Estávamos na sala do meu apartamento compartilhado,

então, se uma das minhas colegas voltasse, veria um show. Seus dedos tinham calos por causa do violão. Ele me empurrou para baixo até que eu estivesse deitada e ele, meio que sobre mim. Sua língua parecia tomar espaço demais dentro da minha boca e ele tinha o gosto de fumo velho. Por que eu pensei que um fumante seria sexy? Talvez na teoria, mas o gosto e o fedor não eram algo que me deixavam excitada. Ele começou a desabotoar meu jeans e continuava esfregando seu volume contra a minha perna como se fosse um cachorro tarado.

— Eu te quero, Gwen — rosnou Sid, já tentando arrancar minha calça pernas abaixo.

Gwen. Pela primeira vez, o nome não me fez parar. Dois meses usando o mesmo nome parecia ser um limite mágico para me acostumar a uma nova identidade. Pena ter a sensação de que não o usaria por muito mais tempo. Munique estava ficando confortável demais, e Sid estava simplesmente sendo demais. Ele estava sendo insistente demais.

— Ainda não — falei entredentes, tentando esconder meu tédio e minha irritação. Não era culpa dele eu não estar afim de sessões de pegação. Estávamos saindo há pelo menos quatro semanas, então, não era uma grande surpresa que ele quisesse dormir comigo. E eu nem tinha certeza do que diabos me impedia. Ele não era um cara ruim. Podia ser engraçado depois de algumas cervejas ou uns tragos de maconha, e quando tocava seu violão e cantava, não era nem um pouco ruim. E, ainda assim, eu não queria me comprometer completamente com este relacionamento, não queria dar o próximo passo. Antes de fugir de casa, pensei que iria para a cama com todos os caras que conhecesse, já que estaria livre dos meus guarda-costas, por despeito a Matteo e meu pai, mais do que qualquer outra coisa, então, o que me impedia?

— Vamos, Gwen. Vou fazer com que seja bom para você — falou tentando enfiar a mão dentro da minha calça.

Travei minhas pernas e empurrei sua mão para longe. Eu não queria que ele me tocasse *lá*. Por algum motivo, a ideia de que ele fosse o primeiro a fazer isso me deixou enjoada.

— Eu não estou mesmo no clima. E estou menstruada — falei para impedi-lo de ficar reclamando ainda mais. Era uma merda de mentira. O estresse dos últimos meses tinha feito com que minha menstruação não viesse regularmente.

Mas ele não sabia disso. Eu só queria que a sessão de pegação acabasse para eu poder pegar meu notebook e descobrir para onde ir depois. Sid logo encontraria outra garota. Seu sotaque canadense fofo, sua natureza descontraída e seus dreads faziam um enorme sucesso com as alemãs.

Ele nem se preocupou em esconder sua irritação, o que, por sua vez, me deu muita vontade de empurrá-lo e dizer que estava tudo acabado.

— Você nunca está no clima — resmungou Sid. — Pelo menos ‘bata’ uma para mim.

Fui tomada pela raiva ao ouvir sua exigência. Por não ter reagido, ele agarrou minha mão e a colocou no volume em sua calça. Onde estava o idealista pacífico agora?

Com uma batida, a porta abriu. Antes que Sid ou eu pudéssemos nos mexer, três homens entraram. Matteo era um deles. Ai, puta merda.

CAPÍTULO OITO

Gianna



Matteo vinha na frente, os cabelos escuros bagunçados e molhados da tempestade que caía lá fora, sua camisa branca grudada em seu peitoral. Naquele momento, quase me senti uma boba por achar que poderia esquecê-lo algum dia. Ele era mais homem do que todos os caras que conheci juntos. Seus olhos escuros pousaram em mim, depois na minha mão, que ainda estava na virilha de Sid. Não havia dúvida nenhuma do que ele acabara de ver e seu rosto se contorceu pela fúria.

— Que porra é essa, caras? — Gritou Sid.

Eu queria gritar: “Cala a boca, cala a boca”. Não tive a chance. Matteo cruzou a sala em poucos passos, agarrou Sid pelo braço e o arrancou de cima de mim. Sid caiu no chão duro, com uma expressão de dor, depois, de raiva. Matteo elevou-se sobre mim, narinas infladas, olhos quase negros e um olhar que fez querer me esconder. Meu olhar encontrou o dele. Ele queria me assustar. Meu medo era algo que eu nunca lhe daria.

Sid tropeçou em seus pés e quase perdeu a porra da calça. Ele devia ter aberto o zíper em algum momento para “facilitar” para mim. Ele foi para cima de Matteo. Dei um pulo, sabendo que tinha que intervir antes que as coisas piorassem.

— Saia desse apartamento ou vou chamar a polícia — falou Sid.

Deus, não.

Matteo lançou um olhar que me fez perceber o quanto essa situação era perigosa. Não para mim, mas para alguém que nunca deveria ter sido arrastado para o tormento fodido que era a vida na máfia.

— Ele não falou sério — soltei.

Sid me encarou.

— Falei, sim, caralho. — Por um instante, ele pareceu ter se esquecido de seus ideais pacíficos.

Matteo ainda não tinha sacado suas armas. Eu queria convencer a mim mesma que isso era um bom sinal, mas a visão dos dois homens com ele fez meu coração desabar. Ambos eram homens de meu pai, eles já tinham fechado a porta e estavam parados ao lado dela com rostos inexpressivos. Uma porta fechada nunca era boa coisa. Nada que eu pudesse dizer mudaria a intenção deles, porque agiam sob as ordens de meu pai. Eles fariam o que ele mandou. Só havia uma pessoa que poderia me ajudar agora.

Sid foi direto para o rosto de Matteo como se quisesse socá-lo. Matteo nem se mexeu, apenas o encarou com o olhar mais amedrontador que eu jamais vira nos olhos de ninguém. Mesmo sem saber quem era Matteo, Sid deve ter sentido o quão perigoso o homem na frente dele era e recuou, seus olhos correram entre mim e Matteo. Disparei e fiquei entre os dois.

— Ele não sabe de nada. Por favor, deixe-o ir.

Os homens de meu pai riram e um deles murmurou alguma coisa que parecia extremamente com “puta”. A expressão de Matteo ficou ainda mais sombria. Os homens de meu pai o observavam com expectativa. Eu insultara Matteo ao fugir e, pior, por estar com outro homem. No nosso mundo, só havia uma coisa que um homem na posição de Matteo poderia fazer para proteger sua honra. Eu só tinha visto Matteo com o tipo de sorriso arrogante em seu rosto, mas não havia nenhum vestígio de diversão agora.

— Eu deveria ir — disse Sid repentinamente, afastando-se. — Isto não tem nada a ver comigo.

Covarde. Assim que o pensamento passou pelo meu cérebro, me senti mal. Fugir era realmente a única coisa sensata que ele podia fazer. Ele não podia me proteger de Matteo nem dos homens de meu pai, mas nem ao menos tentar era algo que eu nunca poderia, nem iria entender.

Stan, ou algo assim, se eu lembrava direito, um dos homens de meu pai,

pegou Sid pelos braços, que começou a se debater como se fosse um louco, mas era óbvio que nunca estivera numa briga na vida. Stan riu, jogou os braços de Sid bruscamente para trás e deu uma joelhada nas costas dele. Gritando, Sid caiu de joelhos, apenas sendo segurado pelas mãos de Stan.

— Ei! Pare com isso — gritei, querendo correr em direção a eles, mas Matteo pegou o meu braço, me fazendo parar no susto. Girei, a ponto de rosnar em sua cara, mas me impedi. Ele era a única chance de Sid, independente de quanto isso soava ridículo.

— Por favor — falei, embora implorar deixasse um gosto amargo na minha boca. Os olhos escuros de Matteo nem piscaram ao me olhar. Esperar que ele me ajudasse depois do que eu fiz era um disparate. — Não o mate. Deixe-o ir. Ele não é perigoso.

— Você quer que eu poupe o filho da puta que estava com as porras das mãos em cima de você? Você deixou esse babaca ter o que é meu e quer que eu o deixe ir? É isso que você quer de mim? — Matteo perguntou com um tom perigosamente baixo.

Engoli uma réplica sórdida. Eu não era dele, nunca seria. Nada do que eu fiz com Sid era da conta de Matteo. Mesmo se eu tivesse transado com Sid, ainda não seria da porra da conta dele. Mesmo se eu tivesse transado com todos os caras que conheci, ainda não seria da porra da conta dele. Eu precisava contar que não tinha dormido com Sid. Talvez o apaziguasse saber que eu não havia cedido. Seu ego amaria ter algo que ele ainda pudesse tirar de mim. O orgulho manteve meus lábios selados.

— É melhor irmos embora, alguém deve ter ouvido quando arrombamos a porta. Vamos nos livrar desse imbecil e seguir em frente — disse Stan, dando outra joelhada nas costas de Sid. Os olhos dele estavam arregalados ao percorrer por entre a gente.

— Silêncio — disse Matteo bruscamente e Stan calou a boca.

Alcancei o braço de Matteo, cravando os dedos no tecido úmido da sua camisa, sentindo os músculos definidos por baixo dela. Precisava engolir a porra

do meu orgulho se quisesse salvar a vida de Sid.

— Matteo, não é...

Minhas palavras foram interrompidas pelo estalo sônico de um tiro suprimido. Congelei e meu olhar voou para a fonte do barulho. O outro Homem de Honra apontava uma *Glock* com um silenciador para onde a cabeça de Sid estivera segundos atrás. Ele estava caído para frente, a cabeça pendurada sem força e o sangue pingando no chão. Stan soltou os braços de Sid. O corpo tombou ao chão com um estrondo. Eu fiquei encarando. Lentamente, minha mão deslizou do braço de Matteo.

— Eu te dei a ordem para matá-lo, caralho? — Rosnou Matteo.

— Isso é assunto da Outfit. Enquanto ela não for casada com você, está sob a nossa jurisdição, assim como esse idiota aqui. — Stan chutou o corpo sem vida de Sid. Estremeci outra vez. Por dentro, uma fera enfurecida queria cravar as garras nos olhos de Stan e arrancá-los, queria matar todos eles, mas fiquei paralisada.

Sangue escorria pela cabeça de Sid, ensopando seus dreads. Meu estômago revirou. Eu só tinha visto tanto sangue assim três vezes antes. A primeira vez, foi quando Luca decepou o dedo de Raffaele; a segunda vez, foi em Luca, quando ele lidou com o cara que drogou Aria; e a terceira vez, quando os russos nos atacaram. Não ficou mais fácil como as pessoas diziam, como *eu* suspeitava. Tinha a sensação de que nunca ficaria.

Stan fez um gesto em minha direção.

— E quanto às outras testemunhas? Você não mora aqui sozinha.

Pisquei, o terror me atingia tão forte que eu mal conseguia respirar. Não poderia deixá-los matar minhas colegas de apartamento também. As garotas não foram nada além de boas comigo. Elas não mereciam isso. Meus olhos encontraram os de Matteo. Seu olhar analisou minha expressão antes de se voltar para os homens de meu pai.

— Acabamos aqui.

Stan parecia querer protestar, mas o outro cara cutucou seu ombro.

Olhando para mim, Stan abriu a porta e conferiu o corredor.

— Livre. Vamos.

Virei para o corpo de Sid mais uma vez. Matteo envolveu minha cintura com um braço. Não olhei para ele. Não conseguia desviar meu olhar de Sid como se minha atenção fosse a única coisa que o prendia à vida. Ele já tinha ido. Pedaços de cérebro pontilhavam o mar vermelho no chão.

Matteo me conduziu até a porta, depois, pelo corredor. Stan ia à nossa frente e o outro Homem de Honra, na retaguarda. Cercada. Eu estava cercada. Deveria ter tentado fugir. As chances sempre estiveram contra mim e isso nunca me impediu antes. Talvez esta fosse a minha última oportunidade de escapar. No momento em que estivesse de volta aos Estados Unidos, seria aprisionada. Desistir não era da minha natureza. Sempre lutei minhas próprias batalhas, porém, até agora, só o que ganhei foi ter que pagar pela minha coragem. Esta noite, um inocente, alguém que nunca fora manchado pela escuridão do meu mundo, pagou com a vida pelos meus sonhos, pelo meu desejo de liberdade, pelo meu egoísmo. Achei que pudesse burlar o destino, que pudesse escapar de um mundo de sangue, mas havia inadvertidamente arrastado inocentes para este mundo.

Será que eu poderia conviver com isso?

Não tinha certeza.

Talvez fosse da nossa natureza levar dor e morte para todos à nossa volta. Talvez fosse por isso que era melhor permanecermos entre nós. Aria não tinha dito algo sobre isso há algum tempo?

Aria. Enfim, eu a veria. Essa era a boa notícia em que eu iria me agarrar agora. Ela me faria superar isso. Sempre fazia.

Matteo segurava meu pulso a ponto de doer. Seus olhos transmitiam uma mensagem clara: agora que ele havia me pegado, nunca mais me deixaria.



Tudo parecia acontecer debaixo de uma névoa. Fui jogada no banco de trás de um carro e Matteo entrou ao meu lado, depois, arrancaram cantando pneus. Assisti o lugar que chamei de lar pelos últimos dois meses desaparecer. Encostei minha testa na janela fria. Nem ousei piscar. Todas as vezes que fechava meus olhos, o carmim acendia por trás das minhas pálpebras. Sid estava morto por minha culpa.

Pude ouvir Matteo conversando com alguém pelo telefone ao fundo, mas não conseguia me concentrar. Estava tudo acabado. Agora, ele me levaria de volta ao meu pai e eu não tinha nenhuma dúvida de que não poderia esperar nenhuma piedade da parte dele. Eu tinha traído não somente a Outfit, mas também Nova York, tinha feito meu pai e Matteo passarem por uma humilhação. Eu seria punida. Olhei de relance para Matteo, que fitava as costas do banco dianteiro. Rapidamente, fechei meu sutiã de novo e o ajeitei de volta no lugar. Claro que Matteo percebeu.

Dava para notar que ele estava furioso. Perguntei-me que tipo de punição ele tinha em mente para mim. Estive fugindo por seis meses, ele não poderia me querer por nenhum outro motivo que não fosse vingança. Eu sabia as regras, não era mais digna de casamento. Matteo já devia ter uma nova noiva e, assim que ele lidasse comigo, seguiria com a sua vida. Se ele quisesse me matar, já teria feito isso. Isso não significava que Papai não faria isso no instante em que eu colocasse os pés em Chicago.

Estacionamos em frente a um hotel do aeroporto e Matteo virou-se para mim, seus olhos firmando um alerta.

— Vamos passar as próximas horas aqui enquanto esperamos nosso voo. Se você tentar pedir ajuda a alguém, vai acabar num banho de sangue, entendeu?

Assenti. Então, Matteo me tirou do carro com ele, me levando para dentro.

Ninguém prestou atenção em nós ao irmos em direção aos elevadores e subirmos para o quarto andar.

Matteo me conduziu pelo longo corredor até chegarmos em frente a uma porta branca simples.

Stan e o outro homem da Outfit também pararam.

— Ela deve ficar no quarto comigo e Carmine. Ela ainda faz parte da Outfit — disse Stan com os olhos passeando pelo meu corpo. Eu sabia o que ele e o outro cara fariam comigo se eu entrasse num quarto com eles.

— Ela é minha. Não vou tirar os olhos dela novamente. Agora, deem o fora. Gianna e eu temos assuntos a tratar — grunhiu Matteo. Ele deslizou o cartão-chave no local e abriu a porta.

Stan e Carmine trocaram um olhar, mas não protestaram. Depois, Stan sorriu cruelmente para mim.

— Ensine um pouco de boas maneiras a ela.

Matteo me arrastou para dentro do quarto, deu um chute na porta para fechá-la e cravou os olhos em mim com uma expressão apavorante.

— Ah, mas eu vou.

CAPÍTULO NOVE

Gianna



Matteo me arremessou para a cama. E logo estava em cima de mim. Ele prendeu meus braços no colchão sobre a minha cabeça e seus joelhos imprensaram lateralmente as minhas coxas. Seus olhos estavam praticamente negros de raiva. Será que ele queria que eu implorasse por misericórdia? Que lhe pedisse perdão? Se for assim, ele terá um longo caminho a percorrer.

— Você deixou que outra pessoa tivesse o que é meu — grunhiu ele, seus olhos fulminavam meu corpo com sua possessividade. Ele se abaixou como se fosse me beijar. Nossos narizes quase roçaram, mas ele apenas fez uma careta. — Seu pai me deu permissão para fazer o que fosse da minha vontade com você. Ele não se importa se você vive ou morre. Ele não se importa com o que faço com você. Eu acho que ele até aprova que eu te puna severamente.

Isso não me surpreendeu. Papai já mal me tolerava antes de eu trazer vergonha para a nossa família ao fugir. Agora, ele provavelmente me odiava feito o diabo. Eu quase quis que Matteo me machucasse. Eu merecia isso por deixar Sid ser morto. Eu sabia que Matteo não teria problema nenhum em me machucar. Já vira do que ele era capaz. Talvez dor física finalmente abafasse a angústia que eu sentia lá no fundo dentro de mim.

Matteo



Gianna não disse porra nenhuma, como se não se importasse nem um pouco com o que eu faria com ela.

Apertei seus pulsos com mais força para ver se ela finalmente mostraria uma faísca daquele fogo que eu costumava tirar dela, mas, apesar do leve

retraimento, ela não reagiu.

Eu odiava o que ela tinha feito com o cabelo. Estava castanho claro, não era mais aquele vermelho flamejante que eu amava. Pelo menos, ela não o cortara.

Meus olhos desceram para o pedaço nu de sua barriga, que aparecia onde a blusa dela subira. A ideia de que outro cara a tivesse tocado ali, a tivesse tocado em qualquer lugar, me fez querer botar tudo abaixo.

Ela deveria ser minha. *Só minha.*

Por um momento, a raiva era tão ofuscante que eu quis machucá-la, quis mostrar que ela pertencia a mim, queria fodê-la tão forte que ela esqueceria todo o resto. Agarrei sua cintura, meus dedos roçavam sua pele macia. Minha. Só minha de agora em diante. O pai dela me dissera que eu poderia usá-la como bem entendesse antes de devolvê-la a ele. Ninguém nem piscaria se eu tomasse dela o que tinha sido meu em primeiro lugar. Ela se retesou sob meu toque, mesmo assim, não disse nada. Seu olhar era de resignação. Nenhum sinal de seu temperamento costumeiro.

Ela não brigou comigo, não fez nada, lembrava uma boneca de pano. Provavelmente estava esperando que eu fizesse o que todos esperavam que eu fizesse, fodê-la mesmo que ela não quisesse, machucá-la até ela implorar pelo meu perdão. E eu poderia fazer isso, só não queria. Apesar do que ela fizera e do quanto me fez mal, eu ainda a queria, e não apenas o seu corpo.

— A submissão não combina com você — falei com calma. Sua pulsação acelerou sob meus dedos. Era o único sinal de que ela não estava tão indiferente quanto sua expressão me fez querer acreditar. Talvez não se importasse com o que aconteceria com ela porque estava com o coração partido por causa do babaca com quem a encontrei.

O pensamento enviou uma nova injeção de ira em mim e eu logo a soltei antes de perder o controle. Saí de cima dela e sentei na beirada do colchão, tentando ignorar o olhar de surpresa e espanto em seu rosto. Olhei para o chão, abrindo e fechando os punhos. Se Carmine não tivesse matado o filho da puta, eu

provavelmente teria feito isso. Ainda queria fazer, queria cortar fora a parte do meu cérebro que armazenava a lembrança do corpo de Gianna embaixo dele.

Gianna sentou-se lentamente, com cuidado, como se pensasse que eu poderia agredi-la se ela se movimentasse rápido demais.

— Você não vai me estuprar ou me torturar?

Quase ri. Isso era o que todos esperavam. A maioria dos homens em nosso mundo até pensaria que ela merecia. Virei-me para ela, meu olhar contemplando seu lindo rosto. Ainda mais bonito que a minha memória me fez acreditar, mesmo agora, quando ela estava pálida e seus olhos inchados pelas lágrimas.

— Você achou que eu faria isso? — Perguntei com uma voz surpreendentemente calma. De repente, um pouco da minha raiva foi embora porque ela me olhava com aqueles seus olhos azuis arregalados.

— Sim. Os homens do meu pai definitivamente pensaram que você faria. Você não viu as expressões deles? Provavelmente esperam que você lhes dê sinal verde quando tiver acabado comigo.

Claro, eles me disseram inúmeras vezes enquanto estávamos na caçada. Eu sabia o que eles pensavam que estava acontecendo neste momento. Caralho, parte de mim desejou que eles estivessem certos. Eu não era um cara bom.

— Os homens do seu pai não me importam porra nenhuma, e o seu pai não me importa porra nenhuma. E se eles encostarem um dedo que seja em você, eu os mato. Eles não vão te machucar, ninguém vai.

Ela contraiu as sobrancelhas.

— Assim que eu voltar a Chicago, Papai vai me castigar.

Ela achava mesmo que eu iria entregá-la ao babaca do pai dela? Não tinha procurado por ela por seis meses para abandoná-la. Eu sorri com ironia.

— Você não vai voltar para Chicago, Gianna. Você vai para Nova York comigo.

Esperança e alívio atravessaram seu rosto.

— Para Aria? Ela está bem? Ela teve algum problema por me ajudar?

Por algum motivo, a resposta dela me irritou.

— Aria está bem — falei, antes de me levantar e ir em direção à janela. Fiquei de costas para ela quando perguntei: — Aquele cara... Você o amava?

Eu não tinha certeza do que faria se ela dissesse que sim. Não podia mais machucar aquele filho da puta, e não queria machucá-la, então, o que eu poderia fazer? Matar outra pessoa, de preferência os dois idiotas da Outfit que me tiraram a paciência por tempo demais, e talvez, como já estava nisso, mataria a porra do pai dela da próxima vez que o visse.

— Sid? — Perguntou ela com a voz tremida, e eu quase perdi a cabeça neste momento. Fiz uma careta para ela por sobre meu ombro. De fato, seus olhos estavam úmidos pelas lágrimas.

— Não quero saber o nome dele — grunhi.

Caralho, eu queria tanto matar o cara. Eu pagaria um bilhão de dólares se tivesse um jeito de ressuscitar o babaca apenas para poder matá-lo outra vez. Devagar, dolorosamente.

— O nome dele era Sid — falou ela, teimosa, um brilho familiar voltava a seus olhos.

Ela ainda não tinha respondido à minha pergunta.

— Você o amava?

— Não — respondeu sem hesitar. — Eu mal o conhecia.

Eu teria me alegrado se ela não tivesse começado a morder o lábio inferior como se estivesse lutando contra as lágrimas. Ela parecia triste *pra* caralho e, então, uma lágrima caiu de seu olho esquerdo. Ela piscou algumas vezes.

— Se você não o amava, então, por que está chorando?

Ela olhou para mim. Olhou como se fosse a única com motivo para estar com raiva.

— Você não sabe mesmo?

— Eu sou um Homem de Honra, Gianna. Já vi muitas pessoas morrerem, eu mesmo já matei muitas. — E neste momento, queria matar de novo, mais do que qualquer coisa no mundo.

— Sid não merecia morrer. Ele morreu por minha culpa. Ele nunca fez

nada de errado.

Mas que porra? Sério?

— Ele tocou a garota errada. Ele morreu por colocar as mãos no que não era dele.

Gianna balançou a cabeça.

— Você mesmo queria matá-lo, não é? Foi por isso que parou Stan? Não porque queria poupar a vida de Sid.

Ela ficou mesmo surpresa com isso? Para alguém que estava convencida de que eu e os outros membros da máfia éramos monstros, ela parecia estranhamente surpresa com o meu desejo de matar o idiota que colocou a pata na minha noiva.

Antes que eu pudesse responder, meu telefone tocou. O nome de Luca apareceu na minha tela. Tinha mandado para ele apenas uma pequena mensagem de texto enquanto estávamos no carro. Ele esteve tentando me ligar, mas com a exceção de uma breve conversa com o piloto do nosso jato particular, eu não estava no clima de falar com ninguém, mas conhecendo Luca, ele não desistiria. Com um gemido, atendi, dando as costas para Gianna mais uma vez.

— *Uma mensagem dizendo* Eu a peguei *é tudo que recebo de você?* — Falou com raiva.

— Estive ocupado.

Dava para ouvir a voz alterada de Aria ao fundo, mas, felizmente, Luca não passou para ela. Eu realmente não estava no clima de falar com uma mulher histérica, menos ainda com a mulher que ajudou a minha noiva a fugir, para começar. Era de manhã cedo em Nova York, Luca não poderia ter deixado a mulher dele dormir até mais tarde, para variar?

— *Com o quê?* — Ele deu uma pausa. — *Não, não me diga. Eu não quero saber de porra nenhuma.*

— *Ele a machucou?* — Perguntou Aria alto o suficiente para que eu ouvisse.

Eu não falei nada.

Luca abaixou a voz.

— *Ela está viva?*

— Vá se foder.

— *Vou tomar isso como um sim.*

Aria ainda falava ao fundo.

— Diga à sua esposa que a irmã dela está bem.

— *Gianna está bem* — disse Luca numa voz abafada, depois, falou comigo: — *Quando vocês voltam?*

— O voo sai em menos de duas horas.

— *Vocês vão direto para Chicago encontrar Scuderi. Certo?*

— Ele já te ligou, não é? — Falei. Stan e Carmine com certeza tinham mandado uma mensagem ao chefe quando pegamos Gianna. Isso significava, claro, que ele sabia sobre Sid também.

— *Óbvio que ele me ligou. Sua filha esteve fugindo por seis meses. É uma notícia importante.*

— Não diga que ele está feliz por tê-la de volta.

— *Não, pelo menos não pelo mesmo motivo que Aria. Ele quer que ela seja punida. Ela o fez passar por uma humilhação, e a você também. Pelo que ouvi, você a pegou com outro cara. Você tem noção de que a notícia vai se espalhar como fogo? Scuderi está ansioso para fazer da punição de Gianna um show público e espera que você o ajude.*

Cerrei os dentes.

— Estou pouco me fodendo. Não vou levá-la a Chicago. Se ele quiser falar com ela, que venha a Nova York.

— *Você quer protegê-la depois do que ela fez?*

— Sim.

— *Matteo, isso é assunto da Outfit. Ela não é sua esposa, e ninguém espera que você se case com ela depois de ela ter saído dando para metade da Europa.*

— Cuidado — censurei.

— Merda! Não dá para você simplesmente esquecê-la? Coma ela, não é como se ainda importasse, depois a entregue de volta para o pai.

— Aria ainda está por aí para ouvir você falando da irmã dela desse jeito? — Perguntei.

— Não, preciso pensar na Famiglia. *Gianna fez isso consigo mesma. Você tem que levá-la a Chicago, Matteo. Não vou arriscar uma guerra por causa dela.*

— Vá se foder, Luca. Você é meu irmão, caralho. Não deveria ficar do meu lado, porra?

— Não se você enlouqueceu, caralho.

— Vá se foder.

Luca suspirou do outro lado da linha.

— Ouça, não estou dizendo que você deve abandoná-la. Leve-a para Chicago e finja que a está entregando para o pai. Depois, faça um acordo com ele. Ela ainda está prometida a você, então, ele não vai se recusar. Provavelmente, ficará contente de se ver livre disso. Aria e eu vamos voar para lá também. Estou enviando um e-mail para o nosso piloto agora mesmo. Você não vai ter que lidar com isso sozinho.

— Certo, vou levá-la para Chicago. Mas não vou embora sem ela, independente do que Scuderi disser. Ela é minha.

— Tudo bem, mas duvido que haja algum problema. E, acredite, não tenho interesse nenhum em deixar Gianna ser ferida pelo pai. Aria ama a irmã, e eu quero que Aria seja feliz, então, não vou deixar que Scuderi a mate nem a machuque. Nós a traremos de volta para Nova York conosco, até como sua esposa se for isso mesmo que você quer.

— Você vai contra Scuderi se ele por algum motivo não concordar?

— Vou. Por você e por Aria.

— Jure.

Luca suspirou mais uma vez.

— Eu juro. Você e Aria serão a minha morte.

Quase sorri, mas desliguei. Quando me voltei de novo para Gianna, ela me observava com uma expressão ansiosa, que tentou disfarçar assim que olhei para ela, mas não conseguiu. Às vezes, durante os últimos meses, eu tive a certeza de que não a encontraria, que ela era muito esperta; fiquei contente por estar errado.

— A tradição manda que eu te entregue para a Outfit e para o seu pai.

O medo invadiu seu rosto. Gianna não era burra, ela sabia o que aconteceria se seu pai tivesse sua vontade feita. Não tinha certeza se Dante Cavallaro interviria, e não dava a mínima. O instinto de proteção tomou conta de mim. Eles não tinham o direito de decidir sobre o destino dela. Esta era a minha oportunidade de mostrar que ela errou em fugir, que eu era o cara certo para ela. Ela me encarou por um bom tempo com uma expressão desprotegida e vulnerável. Este era um lado dela que só tinha visto duas vezes antes: quando Aria foi drogada e quando ela mesma estava nas mãos dos russos. Eu ainda estava furioso com ela, furioso *pra* caralho, principalmente, porque eu sabia que ela fugiria de novo se eu desse a chance, mas parte de mim estava simplesmente feliz por tê-la de volta.

— Vou te levar para Chicago, mas não vou sair do seu lado, Gianna. Não vou te dar a chance de fugir de mim de novo.

Gianna

Depois do que aconteceu hoje, eu não estava segura de arriscar outra fuga.

O celular de Matteo tocou outra vez e ele xingou. Agradeci a distração. A intensidade de seu olhar se comunicou com uma parte de mim contra a qual eu tentava lutar desde o beijo. Deitei-me, mas, assim que fechei meus olhos, as imagens do corpo de Sid surgiram na minha mente. Mesmo que Matteo não o tivesse matado, não significava que não era sua culpa. Ele teria feito o mesmo se Carmine não tivesse agido primeiro.

Devo ter cochilado, porque me mexi abruptamente quando algo tocou meu braço. Meus olhos abriram e vi Matteo pairando sobre mim. Ele se esticou com

um sorriso sarcástico.

— A morte de Sid não parece ter te aborrecido tanto já que você conseguiu pegar no sono desse jeito.

Sentei, encarando, sabendo que ele estava sendo cruel de propósito, mas, ao mesmo tempo me perguntando se era verdade. Será que eu já estava tão calejada assim? Será que eu era mais parecida com Matteo do que queria admitir? Não. Sonhara com a morte de Sid, e meu peito parecia pesado quando eu pensava nele.

— Precisamos ir. Nosso voo vai sair em breve. — Matteo segurou meu pulso, me puxando para levantar, mas me livrei dele com força, repentinamente furiosa. Matteo voltou a me segurar, me levantando bruscamente contra seu corpo. — Cuidado, Gianna. Menos de duas horas atrás te vi se pegando com outro cara. Eu me orgulho do meu controle, mas existe um limite para o que vou suportar de você.

Engoli minhas palavras e deixei Matteo me conduzir para fora do quarto. Stan e Carmine já esperavam no corredor. Os olhos deles me analisaram da cabeça aos pés, depois, Stan disse:

— Ela continua surpreendentemente intacta. Se a minha noiva tivesse ficado por aí fodendo outros caras, eu a teria espancado até a morte.

— Pareço com alguém que se importa com a sua opinião de merda? — Perguntou Matteo perigosamente.

Arrisquei olhar para ele, imaginando por que exatamente ele não fazia o que Stan sugeriu. Decidi manter minha boca fechada por enquanto. O instinto de sobrevivência não era minha característica mais forte, porém, eu não era totalmente suicida, mesmo que a morte fosse preferível ao que Papai tinha em mente para mim.

Vinte minutos depois, embarcamos no jato particular da Outfit e eu peguei um assento perto da janela. Matteo sentou de frente para mim, contudo, não falou nada. Ninguém tentou falar comigo durante todo o voo. Eu desconfiava de que Matteo usava o tempo para se acalmar. Esporadicamente, eu o pegava me

observando, mas não conseguia decifrar a expressão em seus olhos. Quando levantei no meio do voo para ir ao banheiro, Matteo também se levantou.

Engoli um comentário e caminhei em direção ao banheiro na parte de trás do avião. Uma vez que Matteo não se retirou nem mesmo quando abri a porta, não consegui mais me conter. O instinto de sobrevivência que se danasse.

— Você vai me assistir fazer xixi? Até parece que posso fugir pulando do avião.

— Não me surpreenderia que você tentasse abrir um buraco na lataria do avião para matar a todos nós.

Ele estava falando sério? O canto da sua boca se curvou, mas logo sua expressão se endureceu outra vez. Por um instante nossos olhos fixaram-se um no outro, depois, eu rapidamente entrei no banheiro minúsculo e fechei a porta. Matteo não me impediu, mas eu sabia que ficaria esperando por mim e, provavelmente, tentaria ouvir sons estranhos.

Encostei-me na parede e fechei os olhos. O medo e a tristeza percorreram meu corpo e ficava cada vez mais difícil não ter um colapso e cair no pranto. Quase desejei que Matteo me maltratasse. Por que ele tinha que agir como um ser humano decente?

— O que você está fazendo? Não me obrigue e chutar a porra da porta — resmungou Matteo.

Sem nem me importar que ele pudesse ouvir, fiz as minhas necessidades antes de sair depois de dois minutos. Os olhos de Matteo me analisaram como se ele estivesse procurando por um sinal de que eu estava tramando algo. Eu teria rido se achasse que podia.

Voltamos para os nossos assentos e retornamos ao silêncio.

Meu estômago estava dando um nó quando pousamos em Chicago. Não consegui dormir nenhum minuto enquanto estávamos no ar. A ciência de que teria que encarar Papai em breve me manteve bastante desperta. Ontem mesmo eu tinha comido pizza com as minhas colegas de apartamento e feito planos para uma viagem à Croácia no verão, agora, a minha vida estava novamente fora das

minhas mãos. Pior ainda, provavelmente eu iria encarar uma punição severa da Outfit. Matteo realmente não tinha nenhum motivo para me proteger da ira de Papai. E mesmo que ele tentasse, por que Luca permitiria que ele arriscasse um conflito com a Outfit por minha causa? Eu era menos do que um parasita aos olhos deles.

O jato particular parou e Matteo se levantou, me motivando a fazer o mesmo. Minhas pernas tremiam conforme eu o seguia em direção à porta, que já estava abrindo. O ar frio explodiu na minha cara. Neve cobria a pista de pouso e ao redor dos prédios. Era cerca de 16h, mas eu sentia como se fosse no meio da noite. Matteo segurou meu pulso, me dando um olhar de alerta.

— Não corra. Não faça nada estúpido. Os homens de seu pai estão procurando uma oportunidade de te ferir. Eu os mataria, é claro, mas isso não vai te ajudar.

Ele estava mesmo preocupado comigo? Matteo era um enigma. Eu não tinha certeza de por que ele estava tão interessado em mim. Desconfiava de que era por causa do seu orgulho. Ele não conseguia aceitar que eu não o queria, então, iria me obrigar a casar com ele mesmo que eu não quisesse, mesmo que *ele* não me quisesse mais. Se ele se importasse mesmo comigo, me deixaria ir. Não, isso era um jogo de poder. Sentimentos não tinham nada a ver com isso.

— Não se preocupe. Quero ver Aria.

Ele balançou a cabeça.

— Esta não é a melhor hora para seu sarcasmo voltar. Seu pai não vai gostar.

Então, por que ele praticamente sorria se achava que era uma ideia tão ruim? A porta abriu completamente e Matteo desceu os poucos degraus comigo, seus dedos firmes em volta do meu pulso. Senti-me como um bebê dando seus primeiros passos. Em meu corpo, a irritação e a preocupação duelavam, porém, antes que pudesse decidi se queria arriscar uma resposta, avistei uma cabeça loira familiar. Aria. Ela estava ao lado de Luca, e quando me viu, começou a correr.

Lancei um olhar suplicante para Matteo, mas ele não me soltou e continuou me conduzindo em direção a Aria com passos apressados. Quando minha irmã estava quase nos alcançando, ele me largou e eu corri para Aria. Nós nos colidimos quase que dolorosamente. Apertei Aria contra mim, abraçando-a tão forte quanto possível e ela retribuiu.

— Ai, Gianna, fiquei com tanto medo por você. Estou tão feliz que esteja aqui. — Ela chorava e meu próprio rosto estava banhado em lágrimas. Deus, eu senti saudades dela.

Depois de um tempo, ela se afastou, seus olhos fizeram uma rápida análise, permanecendo na minha nova cor de cabelo.

— Você está bem? Eles te machucaram?

Afastei alguns fios de seus cachos dourados do rosto dela, sentindo repentinamente como se fosse cair em prantos. O arrependimento pesou com tudo na minha cabeça. Eu nunca deveria ter fugido. Ver o rosto preocupado de Aria era mais um lembrete. Se eu tivesse ficado, se tivesse me casado com Matteo, Sid ainda estaria vivo e Aria não teria se preocupado durante meses. Por que eu tinha que querer a liberdade para tomar as minhas próprias decisões?

— Gianna? — Aria abaixou a voz. — Matteo fez alguma coisa?

— Matteo não fez nada — disse Matteo num tom duro, fazendo com que Aria e eu nos assustássemos.

— Não perguntei para você — falou Aria com calma.

Meus olhos correram entre os dois. Desconfiei que eles não estivessem se dando muito bem. Tudo por minha causa.

Luca chegou ao nosso lado e deu um tapinha no ombro do irmão.

— Bom te ver de novo.

Eu nem mesmo tinha pensado que Matteo ficara longe de casa por muito tempo por estar me procurando. Luca mal me olhou, não que eu me importasse.

— Estou bem — falei para Aria, que parecia relutante em acreditar em mim.

— O chefe está esperando — latiu Stan. — Vamos. Não é como se a puta

merecesse uma festa de boas-vindas.

Aria engasgou. Eu fiquei tensa, mas consegui não demonstrar meu choque. Eu não dava a mínima para o que Stan pensava de mim, mas Matteo reagiu muito rápido. Ele sacou da faca e a lançou em Stan, que gritou quando a lâmina cortou sua orelha.

— Da próxima vez, a faca vai partir a porra do seu crânio se não ficar de boca fechada — falou.

Stan pousou a mão na arma em seu coldre, mas não a sacou. O sangue pingava do corte em sua orelha direto para sua camisa. Seu olhar era de assassino. Carmine continuou imóvel, mas tampouco sacou da sua arma. Quando virei-me para Luca, soube por quê. Ele tinha suas duas pistolas apontadas para os homens de meu pai e atrás dele, Romero, que eu não tinha visto antes, fazia o mesmo.

— Não queremos que isso termine mal, queremos? — Perguntou Luca com uma voz muito baixa. — Seu chefe não gostaria disso.

Carmine assentiu e relaxou sua postura, porém, Stan parecia não se importar se meu pai o puniria contanto que ele matasse Matteo primeiro. Por um bom tempo nenhum de nós se mexeu, e então, Luca colocou as pistolas de volta em seus coldres.

— Vamos.

Carmine pegou a faca que Matteo tinha jogado e a entregou de volta para ele, que não tirava os olhos de Stan.

— Ela vai no carro com a gente — disse Stan.

Os lábios de Matteo se curvaram num sorriso frio.

— Este é o seu último aviso. Pare de me irritar ou vou esculpir um sorriso na sua garganta.

Carmine pegou o braço de Stan e o puxou em direção a um carro preto da Outfit, enquanto o resto de nós foi em direção a duas *BMWs*.

Aria fez menção de se sentar atrás comigo, mas Luca a deteve.

— Não. Quero que Matteo fique de olho em sua irmã.

Aria sorriu para mim se desculpando antes de sentar ao lado de Luca.

Matteo me deu um olhar cúmplice ao se acomodar ao meu lado no banco de trás.

— Você provavelmente pularia do carro em movimento se eu te desse a chance.

Eu me irritei.

— Não sou completamente louca. Você acha que eu arriscaria sair correndo desprotegida em Chicago, com os homens do meu pai lá fora querendo obviamente me ferir?

— Então, você confia em mim para te proteger, mas ainda não quer se casar comigo?

Fui pega de surpresa.

— Você ainda que ir em frente com o casamento?

— Você poderia enfiar uma faca nas costas dele e ele ainda iria querer prosseguir com isso — disse Luca do banco da frente. — Ele é uma porra de um cabeça dura.

— Eu não te cacei por seis meses para simplesmente desistir de você.

Analisei seu rosto, mas não consegui olhar através de sua máscara de arrogância. Ele não deixaria.

— Talvez você não devesse ter desperdiçado tanto tempo me procurando. — Assim, eu ainda estaria em Munique e Sid ainda estaria vivo, mas eu tinha que admitir que parte de mim sentia falta da minha antiga vida. Não de tudo, veja bem, mas definitivamente dos meus irmãos e talvez até de algumas outras partes que eu ainda não queria admitir para mim mesma.

Matteo não disse nada, mas comprimiu os lábios. Pelo restante do caminho, fomos em silêncio.

Tentei esconder meu nervosismo enquanto estacionávamos em frente à minha antiga casa. O que Papai faria comigo?

CAPÍTULO DEZ

Matteo



O carro da Outfit parou em frente à mansão Scuderi e Luca estacionou a *BMW* alugada logo atrás dele. Luca e Aria saíram do carro imediatamente e eu empurrei a porta, abrindo-a, para segui-los, mas parei quando percebi que Gianna não tinha nem desatado o cinto de segurança ainda. Ela encarava atentamente as mãos que descansavam em seu colo. Fui tomado pela irritação. Será que ela nunca poderia ir pelo caminho mais fácil? Ela tinha que ser tão teimosa?

— Não estou no clima de discutir com você, Gianna. Você não quer realmente deixar seu pai esperando agora, ele já está puto o suficiente. Saia do carro ou eu vou te carregar.

Esperei por uma resposta inteligente. Em vez disso, ela foi desatar o cinto. Suas mãos tremiam e, de repente, eu me dei conta do que estava acontecendo. Gianna não tentava me irritar. Ela estava nervosa por estar de volta aqui. Seus dedos brigavam com o cinto, afastei-os e desatei para ela. Ela ergueu o olhar e suas sobrancelhas uniram-se como se estivesse estudando o meu rosto. Parecia ansiosa *pra* caralho, nem tentou afastar as minhas mãos, que ainda estavam em sua coxa.

— Precisamos sair — falei novamente, desta vez, sem a irritação anterior.

Ela assentiu devagar com os olhos correndo em direção à janela. Pude ver Luca e Aria nos observando e, atrás deles, Stan e Carmine esperavam. Romero permanecia ao lado do nosso segundo carro, analisando as redondezas. Eu não pensei que isso fosse uma armadilha, mas nunca dava para saber com a porra da Outfit. As coisas não tinham sido exatamente maravilhosas entre nós nos últimos meses.

— Estou com medo — falou baixinho, depois, riu com aspereza. — Não é uma porcaria que eu tenha medo do meu próprio pai?

— Seu pai é o *Consigliere* e um enorme babaca. Existem muitos motivos para ter medo dele.

Ela ainda encarava seu colo.

— Ele me odeia, nem hesitaria em colocar uma bala na minha cabeça depois do que eu fiz.

Ele teria que passar por mim, e eu não tinha dúvidas de que poderia acabar com ele com um braço nas costas. Coloquei um dedo debaixo do queixo dela e levantei sua cabeça para mim até que seus olhos azuis encontrassem os meus.

— Eu não vou deixar.

Por um instante, ela relaxou e seus olhos correram para os meus lábios, mas logo Gianna voltou ao seu normal e se afastou. Praticamente gemi. Ela abriu a porta e saiu. Quando a segurei, não havia sinal de medo em seu rosto, ela manteve a cabeça erguida e olhou para os homens de Scuderi da forma mais fulminante que eu já a vi fazer. Essa era a Gianna que eu conhecia. O único indício de que não estava tão tranquila quanto fingia estar era que ela não discutiu quando eu pousei minha mão na sua lombar ao conduzi-la para a porta de entrada. Mal conseguia esperar para percorrer cada centímetro de seu corpo com as minhas mãos, para finalmente tê-la. Imagens de Sid com as patas nela atravessaram a minha mente mais uma vez e eu tive que resistir ao impulso de bater em alguma coisa.

Luca levantou as sobrancelhas, a impaciência desenhada por todo o seu rosto.

— Por que demoraram tanto, porra?

Eu o ignorei porque a porta abriu naquele momento e Scuderi apareceu no batente com uma careta em seu rosto. Gianna se encolhia contra mim. Acho que ela nem percebeu porque seu rosto continuava perfeitamente indiferente.

Scuderi falou com seus homens brevemente antes de mandá-los embora e virou-se para Luca. Eles apertaram as mãos e, depois, ele abraçou Aria. Ele não

tinha dispensado nenhum olhar para Gianna até agora e isso me irritava *pra* caralho. Seus olhos frios ampliaram-se em mim e eu zombei dele. Odiava tudo o que tinha a ver com aquele homem, até seu rosto idiota e seu cabelo penteado para trás. Ele parecia o pior clichê de um mafioso.

— Vejo que a encontrou — falou ele.

— Sempre consigo o que quero.

Ele ainda não tinha olhado para Gianna, mas sua expressão tornou-se cruel.

— O que você queria era uma garota italiana respeitável. O que conseguiu foram os restos de sabe Deus quantos homens.

Gianna enrijeceu sob as minhas mãos, seus olhos arregalaram por uma fração de segundo antes que ela retomasse o controle de seu rosto, mas seu pai ainda não tinha acabado. Não me espanta que ele e meu pai se dessem tão bem.

— Não posso entender por que você se incomodou em desperdiçar seu tempo com ela. Meus homens poderiam tê-la pego sem você.

Seus homens teriam feito várias coisas com Gianna. Luca estreitou os olhos para mim em advertência. Será que ele percebia o quanto eu queria enterrar minha faca na cara feia do Scuderi? Olhei de volta para Scuderi, querendo arrancar aquele sorriso de superioridade de seu rosto.

— Acho que poderíamos entrar para discutir o que importa — disse Luca usando sua voz de Capo. Isso normalmente me tirava do sério, mas desta vez provavelmente era o melhor a fazer. Tinha a sensação de que a minha faca iria acidentalmente encontrar um caminho até o olho de Scuderi se tivesse que aguentar sua expressão idiota por mais um segundo.

Scuderi assentiu e escancarou a porta. Gianna estava praticamente encostada em mim conforme passávamos por ele. Meu instinto protetor queimava em minhas veias. Talvez ela não percebesse, mas procurar ficar próxima a mim quando estava com medo era toda a confirmação de que eu precisava dos seus sentimentos por mim, mesmo ela não estando ciente deles ainda.

— Como você pode tocá-la depois do que ela fez? Depois do que você a viu fazendo? Eu estaria com nojo — disse Scuderi ao fechar a porta. Ele obviamente não esperava uma resposta porque virou-se para Luca. — Se a minha esposa tivesse feito algo desse tipo, eu a mataria, e desconfio de que você faria o mesmo, Luca.

Aria olhou espantada para Luca, mas ele estava ocupado encarando Scuderi.

— Não estou aqui para discutir possibilidades com você. Quero resolver isso de uma vez e para sempre. Você nos prometeu algo e espero que entregue.

— O que eu prometi não está mais utilizável. — Scuderi acenou em direção a Gianna. — Mas se você quer mercadoria danificada, estou certo de que podemos chegar a um acordo. Dante nos espera na sala de estar. Este é um assunto prioritariamente da Outfit e Dante terá a última palavra sobre o assunto.

Luca encontrou meu olhar, o alerta era claro em seus olhos.

— Então, vamos. Tenho coisas melhores a fazer do que ficar de conversa fiada com você. E tenho certeza de que podemos chegar a um acordo que beneficiará a todos.

Eu não dava a mínima para Dante ou Scuderi. Iria levar Gianna de volta para Nova York comigo, mesmo que tivesse que estripar cada idiota da Outfit no percurso.

Gianna



Eu tentava mesmo manter uma expressão neutra, mas era incrivelmente difícil. Para o meu constrangimento, a mão de Matteo nas minhas costas ajudava de verdade a me concentrar. Por outro lado, sua expressão apenas fazia minha ansiedade aumentar. Ele parecia um homem sedento por sangue. Arrisquei olhar

para Luca e para o meu pai, que também não se incomodavam em mostrar nenhuma gentileza.

As coisas mudaram claramente para pior desde que eu fui embora. Se Luca mal agia civilizadamente com meu pai, a relação entre a Outfit e Nova York não poderia estar boa agora.

Aria tocou meu braço delicadamente, seus olhos estavam repletos de preocupação. Forcei um sorriso, porém, acho que não foi muito convincente porque ela apenas franziu a testa em resposta. Maldição! Matteo me cutucava para ir em frente. Papai e Luca já se encaminhavam para a sala de estar, mas, ao som de passos apressados, eu congelei e meus olhos correram para as escadas. Lily e Fabi vinham correndo em minha direção, seus rostos iluminados de felicidade. Lágrimas escorreram dos meus olhos assim que meu irmãozinho me alcançou, enterrando a cabeça em meu peito. Deus, ele cresceu desde a última vez que o vira. Como isso era possível? Fiquei fora por apenas seis meses. E depois, Lily me abraçou também.

— Nós sentimos tantas saudades — sussurrou ela em lágrimas.

Fabi me apertava tão forte que senti dificuldade em respirar, mas não me importei. Eu os abracei igualmente apertado. Enquanto estive fugindo, eu mal ousava pensar na minha família porque sentia como se um abismo estivesse se abrindo em meu coração sempre que o fazia.

— Não falei para mantê-los lá em cima? — Censurou Papai, me fazendo olhar para cima e encontrar Mamãe descendo as escadas apressadamente.

— Desculpe, eles foram rápidos demais — disse ela com um tom submisso. Seus olhos voaram para mim rapidamente antes de retornar ao olhar de Papai sem me dirigir nenhuma palavra.

Engoli em seco. Então era assim? Porque não fiz o que eles queriam, eu estava morta para eles? Eu sabia que Papai me condenaria, mas esperava que, pelo menos, Mamãe ficasse feliz por me ter de volta.

— Lily, Fabi, voltem aos seus quartos.

— Mas, Papai, não vemos Gianna há séculos — resmungou Fabi.

Papai atravessou a distância entre nós com dois passos rápidos e arrancou meus irmãos dali, antes de jogá-los para Mamãe.

— Para cima agora.

Fabi levantou o queixo e Lily tampouco se mexeu. O rosto de Papai foi ficando vermelho de raiva.

— Está tudo bem — falei para eles. — Podemos conversar depois.

— Não, não podem. Não vou te deixar perto deles. Você não é mais minha filha e eu não quero que sua podridão contagie Liliana — declarou Papai com dureza em seus olhos.

Nem mesmo soube o que responder. Ele não queria mais que eu visse meus próprios irmãos.

— Isso é ridículo — disse Matteo.

— Matteo — Luca alertou. Ele já estava segurando Aria pelo pulso para evitar que ela interferisse. — Isso não é da nossa conta.

Papai encarou.

— Isso mesmo. Esta é a minha família, e Gianna ainda está sujeita às minhas regras, nunca se esqueça disso.

— Pensei que não fosse mais sua filha, então, por que eu tenho que ouvir o que você diz?

Matteo segurou com mais força a minha cintura. Como assim? Ele podia provocar meu pai, mas eu não tinha permissão para fazer isso?

— Cuidado — alertou Papai. — Você ainda faz parte da Outfit.

— Não deveríamos deixar Dante esperando por mais tempo — disse Luca.

Desta vez, nós realmente entramos na sala sem nenhum incidente. Dante Cavallaro esperava em frente à janela, falando ao telefone. Ele desligou e se voltou para nós. Tive que reprimir um tremor quando seus olhos frios pousaram em mim. Sem dúvida, o homem de gelo. De repente, eu fiquei com medo de verdade. Isso era sério.

Não conseguia me lembrar da última vez que me senti tão horrivelmente impotente.

— Luca, Matteo, Aria — falou Dante Cavallaro com sua voz sem emoção. — Gianna.

Fiquei surpresa. Imaginei que ele fingiria que eu não era digna de um cumprimento como fez meu pai.

— Senhor — falei, curvando a cabeça levemente. Odiava fazer isso, mas eu sabia o que era bom para mim.

— Você entende que o que você fez foi traição? — Perguntou Dante.

Não sabia o que responder. Se eu concordasse estaria ferrada e, se não, enfureceria o homem que poderia decidir me matar.

— Gianna é minha noiva, e se ela não tivesse fugido, já seria minha esposa agora. Acho que determinar se ela merece ser punida recai sobre meu irmão como Capo de Nova York.

Meus olhos voaram de Matteo para Luca, cujos olhos duros enviaram outro tremor pela minha espinha.

— Isso é ridículo — resmungou Papai.

Contudo, Dante não parecia ofendido.

— Vou assumir que você ainda quer prosseguir com o casamento?

— Sim — falou Matteo sem hesitar.

Claro que ninguém se incomodou em perguntar o que eu queria, mas eu sabia que era melhor do que abrir a minha boca. Principalmente quando as coisas poderiam terminar muito mal para mim.

Dante gesticulou para que Papai se aproximasse e eles conversaram em voz baixa por um instante. No fim, Papai não parecia contente.

— Não vou fazer disso um assunto oficial da Outfit. Não vou te impedir de seguir em frente com o casamento. Contudo, se você não o fizer, não terei opção a não ser te punir — Dante disse para mim. Ele acenou para Matteo antes de se virar para o meu pai outra vez. — Vou deixar isso com você já que Gianna é sua família, e espero que ao fim deste dia haja um acordo que nos permita trabalhar juntos pacificamente. — Dito isso, ele recuou e fez um sinal para que Papai assumisse.

— Você pode mesmo permitir que alguém como Gianna seja recebida em Nova York? Como um novo Capo, seu pessoal espera que você proteja as tradições e trate os traidores sem misericórdia — Papai disse a Luca.

— Meus homens aceitam minhas decisões — disse Luca, mas havia uma pontada de alerta em sua voz. — Qualquer que seja essa decisão.

E, então, eu me perguntei se Luca iria realmente se responsabilizar por mim. Não era como se eu quisesse me tornar parte da Cosa Nostra, mas se a escolha era entre permanecer no território de meu pai e viver em Nova York com Aria, então, eu sabia o que escolheria.

Parecendo que estava prestes a sacar das suas facas, Matteo caminhou até Luca para discutir alguma coisa em voz baixa e Aria aproveitou o momento para se juntar a mim. Sorri agradecida.

— Meu irmão vai tirar sua filha da sua responsabilidade, apesar das transgressões dela. Acho que é uma oferta muito generosa de nossa parte. Você deveria ficar feliz por não ter que procurar um novo marido para ela.

Papai riu de deboche.

— Como se eu fosse encontrar alguém. Eu não desperdiçaria meu precioso tempo desse jeito.

Meu sangue fervia, não só por causa das palavras de Papai, mas a oferta de Luca também não me caiu bem. Eles agiam como se eu fosse um pedaço de lixo. Ouvi-los me fez perceber que fiz bem em fugir. Este mundo era enormemente bagunçado.

— E então, o que diz? — Perguntou Luca, os lábios comprimidos.

Papai olhou para seu chefe, mas Dante parecia determinado em permanecer fora disso. Ele parecia não poder se importar menos com o resultado.

— Espero que não tenha a intenção de ter uma festa de casamento. Quero que lide com esse problema com o máximo de discrição. Ela já causou vergonha suficiente para mim e para a Outfit, não vou lhe dar a oportunidade de nos envergonhar ainda mais — Papai acabou por dizer.

Cerrei meus dentes tão forte que fiquei surpresa pelo meu maxilar não deslocar.

Matteo balançou a cabeça.

— Não preciso de uma festa de casamento. Prefiro me embebedar sem as velhas solteironas da família por perto mesmo.

Uma risada coçava no fundo da minha garganta, porém, eu a engoli. Matteo me lançou um olhar como se quisesse ver se eu o achava tão engraçado quanto ele evidentemente se achava. Tudo o que ele fazia era calculado, era algo que eu nunca iria esquecer. Matteo disfarçava sua letalidade com humor e sorrisos, mas eu não me deixaria enganar. Nem agora, nem nunca, principalmente quando era óbvio que ele pensava que estava sendo generoso me aceitando de volta.

— As velhas solteironas não viriam de qualquer forma. Ninguém quer ser relacionado com alguém como ela — disse Papai com um olhar em minha direção.

Aria segurava meu pulso de maneira inflexível, como se ela ainda não confiasse que eu não iria atacar brutalmente nosso pai.

— Haverá uma cerimônia religiosa como manda a tradição — disse Luca. — Não há necessidade de nenhum convidado além dos parentes mais próximos.

— Tradição — Papai se irritou. — Gianna cuspiu nas nossas tradições. A apresentação do lençol sobre a qual a sua *Famiglia* é tão irredutível terá que ser cancelada. E um vestido branco está fora de cogitação também. Ela não fará dos nossos valores uma piada.

Luca assentiu. — Isso é sensato.

Aria olhou incrédula para o marido, mas eu não me surpreendi por não ter permissão para usar um vestido branco. Como se eu desse a mínima. Por mim, eu casaria nua. Não queria nada disso, e não me importava porra nenhuma com as tradições idiotas deles. Eles agiam como se estivessem me fazendo um favor, como se eu fosse uma criminosa no corredor da morte que recebeu perdão numa bandeja de prata. Não tinha feito nada de errado, nada comparado ao que cada

um dos homens nesta sala havia feito.

— Ela deve ter deixado que todos os homens na Europa a comessem e você ainda a quer? — Papai perguntou outra vez. Eu sabia que ele fazia isso para me envergonhar e me machucar, e eu odiava que ele não estivesse falhando completamente.

Encarei o homem que foi meu pai e não senti nada. Eu sempre soube que ele não gostava muito de mim, mas nunca me dei conta do quanto ele me desprezava. Enfiei as unhas nas palmas das minhas mãos.

Matteo era corajoso com aquele sorriso debochado em seu rosto.

— Eu a procurei por seis meses. Se eu não a quisesse, você acha mesmo que eu teria passado tanto tempo atrás dela? Tenho coisas melhores a fazer.

Se eu ouvisse aquilo mais uma vez, enlouqueceria completamente.

— Pensei que estivesse querendo se vingar, mas meus homens me contaram que você não encostou um dedo nela. — Papai dirigiu um olhar severo para mim. — Por outro lado, você provavelmente não quer sujar suas mãos. Não acredito que um simples banho vá deixar minha filha pura de novo.

Aria apertou ainda mais o meu pulso e eu travei. Eu nem tinha percebido que dei um passo em direção ao nosso pai para... Eu nem sei bem o que teria feito. Bater nele? Talvez. Suas palavras e sua expressão me fizeram sentir suja de verdade e eu odiei que ele tivesse esse poder sobre mim. Ao mesmo tempo, eu teria preferido me jogar do telhado desta casa do que admitir que não havia dormido com nenhum cara enquanto fugia. Este era um segredo que guardaria com toda a minha força.

— Quem disse que eu não estou mais à procura de vingança? — Perguntou Matteo num tom perigoso. Seus olhos escuros encontraram os meus. Filho da puta. Então, o olhar preocupado no carro foi só uma encenação? Ele sabia que eu não queria me casar com ele. Ele sabia que isso era um castigo para mim. Quem sabia o que mais ele tinha em mente para mim assim que eu estivesse em suas garras?

— Não vou me casar com ninguém — explodi. — Esta é a minha vida.

Papai parecia furioso quando veio pisando duro em minha direção e me deu um tapa na cara. Meus ouvidos zumbiam e o gosto de ferrugem encheu a minha boca. Um longo tempo e muitos tapas atrás eu teria chorado.

— Você fará o que eu disser, já manchou nosso nome e a minha honra o bastante. Não vou tolerar sua insolência nem mais um dia — grunhiu ele, com o rosto muito vermelho.

— E se eu não fizer?

Meu pulso estava praticamente adormecido pela força de Aria nele. Ela conseguiu se posicionar entre Papai e eu, apesar da evidente reprovação de Luca, porém, ele estava ocupado segurando a camisa de Matteo com pulso de ferro.

Tentei puxar Aria para trás, mas não conseguia tirar os olhos de Papai. Aria ainda tentava me proteger, mas esta era uma batalha que ela não podia lutar por mim.

A mão de Papai ainda estava erguida, pronta para me bater novamente. O que ele faria se eu revidasse o tapa? Desejei ser corajosa o suficiente para descobrir.

— Por causa da sua traição, ninguém piscaria nenhum olho se eu te entregasse para um dos clubes de sexo da Outfit para fazermos uso da sua promiscuidade.

Apesar das minhas melhores intenções, arregalei os olhos, chocada. Dante franziu a testa, mas eu não fazia ideia se isso era um bom sinal ou não.

Os olhos de Matteo queimavam de tanto ódio que os pelos da minha nuca se eriçaram. Luca ainda segurava seu ombro, impedindo-o de quê? Eu não tinha certeza.

— Isso não vai acontecer. Gianna vai se tornar minha esposa. Hoje — afirmou Matteo.

— O quê? Eu... — Deixei escapar, mas Papai me deu outro tapa me silenciando novamente. Foi mais forte que antes e seu anel pegou meu lábio inferior. A dor explodiu pelo meu rosto e um líquido quente escorreu pelo meu queixo.

— Chega — disse Aria, e de repente Luca a puxava para trás e Matteo segurava apertado meu braço, me levando da sala corredor afora em direção ao banheiro. Não tinha certeza se foi o choque ou o que aconteceu ou a velocidade com que Matteo me arrastou, mas não briguei com ele, apenas fui cambaleando, sem nem me importar em parar o sangue que caía do meu lábio partido direto na minha blusa. Matteo me enfiou no banheiro, e entrou depois de mim, trancando a porta.

Eu encarava o meu reflexo no espelho. Meu queixo estava coberto de sangue e, do corte no meu lábio inferior pingava mais sangue direto para a minha blusa. Meu lábio já começava a inchar, mas eu fiquei contente por ver que meus olhos estavam secos, não havia nenhum sinal de uma única lágrima. Matteo apareceu atrás de mim, imponente, seus olhos escuros analisavam meu rosto destruído. Sem o sorriso de tubarão que era sua marca registrada e a postura arrogante, ele parecia quase tolerável.

— Você não sabe quando calar a boca, não é? — Murmurou. Seus lábios curvaram-se num sorriso, mas, de alguma forma, ele parecia errado. Havia algo inquietante em seus olhos. Aquele olhar me lembrava do que eu vira quando ele lidou com os prisioneiros russos no porão.

— Nem você — falei, depois me retraí por causa da dor no meu lábio.

— Verdade — disse ele com uma voz estranha. Antes que eu tivesse tempo de reagir, ele agarrou meus quadris, me virou e me ergueu para a pia. — É por isso que somos perfeitos um para o outro.

E o sorriso arrogante estava de volta. O filho da puta se enfiou no meio das minhas pernas.

— O que você está fazendo? — Censurei, deslizando para trás da beirada da pia para colocar mais distância entre nós dois, e empurrei seu peitoral.

Ele nem se mexeu, forte demais para mim. O sorriso se alargou. Ele segurou meu queixo e levantou minha cabeça.

— Quero dar uma olhada em seu lábio.

— Não preciso da sua ajuda agora. Talvez você devesse ter impedido o

meu pai de arrebentar meu lábio, para começar.

O gosto do sangue, doce e enferrujado, fez meu estômago se revirar e me recordei de cenas mais sombrias.

— Sim. Eu deveria — falou de modo sombrio, seu polegar tocando minha ferida enquanto ele entreabria meus lábios. — Se Luca não tivesse me segurado, eu teria enfiado a minha faca na porra das costas do seu pai e que se danassem as consequências. Talvez eu ainda faça isso.

Ele soltou meu lábio e tirou do coldre sob seu paletó uma faca curva e comprida, rodando-a na mão com uma expressão calculista em seu rosto. E, então, seus olhos piscaram em minha direção.

— Você quer que eu o mate?

Deus, sim. Estremeci ao som da voz de Matteo. Eu sabia que era errado, mas depois do que Papai disse hoje, queria vê-lo implorar por misericórdia e sabia que Matteo era capaz de fazer qualquer pessoa ficar de joelhos, e isso me excitava. Era exatamente por isso que eu queria sair dessa vida. Eu tinha potencial para a crueldade e esta vida era o motivo.

— Isso significaria guerra entre Chicago e Nova York — falei simplesmente.

— Ver o seu pai sangrar até a morte aos meus pés valeria o risco. Você *vale*.

Eu não fazia ideia se ele estava brincando ou não, mas isso estava ficando muito... sério. Eu queria beijá-lo pelas suas palavras, mas era errado. Matteo era errado. Tudo era. Não muito tempo atrás, eu assisti Sid ser assassinado e soube muito bem que poderia ter sido Matteo a puxar o gatilho. Não poderia deixá-lo mexer com a minha cabeça. Ele era bom demais nisso.

Empurrei seu ombro outra vez.

— Preciso cuidar do meu lábio. Se você não tiver nada melhor a fazer do que ficar parado aqui, saia da minha frente.

Ele não se moveu e era simplesmente forte demais para que eu o afastasse. Seus músculos flexionaram por baixo da camisa, me fazendo imaginar como ele

seria sem ela. *Errado. Muito errado.*

Ele pôs a faca na bancada ao meu lado.

— Você não deveria deixar objetos cortantes ao meu alcance uma vez que estou puta.

— Acho que vou correr o risco — falou, sustentando as palmas das mãos em cada lado das minhas coxas, me deixando sem escolha a não ser me inclinar para trás para colocar certa distância entre nós.

— Pare com isso! — Grunhi porque ele cheirava gostoso demais e eu senti meu corpo querendo chegar mais perto, depois, me retraí de novo. Levantei a mão e senti meu lábio. Parecia ter inchado ainda mais e ainda não tinha parado de sangrar.

Matteo afastou a minha mão dali.

— Você vai deixar pior. Precisa de pontos. Não é melhor eu chamar o médico?

— Não — falei depressa. Eu não queria que mais ninguém descobrisse e, mais que tudo, eu não queria que o babaca do meu pai descobrisse que ele tinha conseguido arrebentar o meu lábio. — Eu mesma faço.

Matteo ergueu as sobrancelhas. Ele deu um passo para trás e deu uma olhada rápida nos armários antes de aparecer com um kit de primeiros socorros, enfiou uma linha na agulha e me entregou. Mudei de posição na pia para me ver no espelho, depois, levei a agulha ao meu lábio. Eu nunca havia dado pontos em ninguém, muito menos em mim mesma. Odiava agulhas. Tinha até que fechar os olhos sempre que tomava injeção. Matteo me observava e eu não quis parecer uma medrosa para ele, então, cutuquei meu lábio com a ponta da agulha, dei um pulo com a dor e puxei de volta.

— Porra! Isso dói *pra* caralho. — Corei e olhei para Matteo. — Continue. Ria.

Matteo arrancou a agulha da minha mão.

— Isto não vai dar certo.

— Eu sei — resmunguei. — Você pode fazer?

— Vai doer. Não tenho nada contra a dor.

— Você alguma vez já deu pontos em si mesmo?

— Algumas vezes.

— Então, eu consigo aguentar com você me dando pontos. Apenas faça.

Ele me passou o *Tylenol*.

— Engula alguns. Eles não vão te ajudar imediatamente com a dor, mas mais tarde te farão bem.

— Vodca também funciona.

— Acho que você descobriu isso em seus meses como fugitiva — falou com um sorriso que beirava o terror. Ele não tinha perguntado muita coisa ainda. Nem mesmo sobre os outros caras além de Sid. Talvez não quisesse saber e eu não iria contar mesmo. Já era ruim o bastante que um inocente tivesse perdido a vida por minha culpa. Não lhe contaria os nomes dos outros caras que beijei para que ele não os matasse também. Morte era uma punição severa demais para um beijo, para qualquer coisa na verdade, mas isso não era algo com que concordaria um homem como Matteo.

— Entre outras coisas — falei porque nunca soube quando calar a boca. E que momento melhor para escolher provocar alguém do que antes de ser espetada com uma agulha afiada.

— Aposto — disse ele com o sorriso amedrontador ficando um pouco mais terrível. Matteo segurou meu queixo. — Tente não se mexer.

Abracei a mim mesma enquanto ele colocava a agulha no meu lábio. Apesar da minha provocação, Matteo foi cuidadoso ao dar os pontos. Ainda doía *pra* caralho cada vez que a agulha furava a minha pele e meus olhos enchiam de lágrimas idiotas. Lutei contra elas pelo máximo de tempo possível, mas, no fim, algumas caíram pelo meu rosto. Matteo não fez nenhum comentário, o que me deixou feliz. Para ele, isso provavelmente não era nada. Quando descansou a agulha depois do que eu achei que pareceu uma eternidade, mas que provavelmente durou menos que cinco minutos, enxuguei depressa as lágrimas do meu rosto, envergonhada por ter mostrado fraqueza na frente dele desse jeito.

— Vai inchar ainda mais. Amanhã de manhã você vai estar com um lábio volumoso — disse Matteo.

Conferi meu reflexo. Meu lábio já tinha inchado consideravelmente desde a última vez que olhei, ou talvez fosse minha imaginação. Puxei o lábio para baixo para ver os pontos. Não dava para ver do outro lado. Pelo menos eu não ficaria com uma cicatriz feia.

— Não é possível você querer casar comigo com esta cara. — Apontei para o meu rosto. — Podemos adiar o casamento.

Matteo balançou a cabeça com uma risadinha.

— Nem fodendo. Você não vai escapar de mim de novo, Gianna. Vamos nos casar hoje. Nada vai me impedir.

CAPÍTULO ONZE

Gianna



Depois de cuidar do meu lábio, Aria e eu tivemos permissão para ir até o meu antigo quarto enquanto os homens discutiam como proceder com o casamento. Dois guarda-costas foram ordenados a continuar de olho em mim. Um, esperou em frente à porta, o outro, debaixo da minha janela, para o caso de eu decidir descer por ela. Assim que a porta do meu quarto foi fechada, encostei-me nela e soltei um suspiro abalado.

Aria tocou meu rosto.

— Como está o seu lábio?

— Está bem. Matteo suturou para mim.

— Estou tão feliz por ele ter decidido se casar com você.

Olhei espantada.

— Você também não, Aria.

Aria me puxou para a cama e me fez sentar.

— Papai teria te dado para um dos soldados dele como castigo, Gianna. E pode ter certeza de que seria escolhida a opção menos agradável. Alguém realmente asqueroso. Ele está com muita raiva de você. Matteo não é uma escolha ruim e deve se importar com você, já que percorreu um longo caminho para te encontrar.

— Ele é um homem orgulhoso. Homens orgulhosos me perseguem, só isso.

— Talvez — disse ela incerta.

Ela pegou uma escova da mesa de cabeceira. Tudo ainda estava como deixei seis meses atrás. Fiquei surpresa por Papai não ter colocado fogo em todas as minhas coisas. Eu estava tão cansada que mal conseguia ficar de olhos

abertos. Eram quase sete da noite. Já devia ser mais de meia-noite na Alemanha. Não conseguia acreditar em quanta coisa acontecera desde que acordei em Munique esta manhã.

— Valeu a pena? — Perguntou Aria docemente enquanto penteava meus cabelos. Não me lembrava da última vez que ela tinha feito isso. A sensação de seus dedos em minha cabeça era boa e eu tive que resistir ao impulso de enterrar o meu rosto na barriga dela e chorar.

Encontrei seu olhar solidário e, por algum motivo, sua compreensão me enfureceu.

— A possibilidade da liberdade valeu irritar Papai e ser chamada de piranha e vagabunda? Sim, com certeza. Mas meu desejo bobo por algo mais valeu a vida de um cara inocente? Porra nenhuma. Toda a minha existência não vale tão a pena assim. Sid pagou o preço mais alto pelo meu egoísmo. Não há nada que eu possa fazer para me redimir. — Lágrimas rolaram dos meus olhos.

— Luca me contou — disse Aria. — Eu sinto muito.

Esfreguei as lágrimas do meu rosto.

— Talvez eu devesse deixar Papai me casar com um de seus soldados sádicos. Iria me servir direitinho.

— Não diga isso, Gianna. Você merece ser feliz tanto quanto qualquer um. Não tinha como saber o que aconteceria. Não é sua culpa que eles tenham matado Sid.

— Como você pode dizer isso? Claro que é minha culpa. Eu sabia quem estava atrás de mim. Eu sabia do que Matteo e os homens de Papai eram capazes. Eu sabia que eu colocaria em risco quem quer que eu deixasse se aproximar. É por isso que eu nunca namorei ninguém em nenhum dos lugares onde fiquei. Paquerei e beijei, mas, depois, ia embora. Suas palavras de tempos atrás sempre ecoavam na minha cabeça, que ficar com outro cara quando você é noiva de alguém como Luca significaria a morte do cara.

— Eu não falava de você. Isso foi há muito tempo.

— Mas Matteo é exatamente como Luca e eu sabia disso. Eu sabia que ele

mataria qualquer cara que encontrasse comigo, mas, mesmo assim, eu saí com Sid. É como se eu mesma tivesse puxado o gatilho!

— Não, você não achou que ele fosse te pegar. Você queria se sentir em casa e começar uma nova e merecida vida depois de fugir por tanto tempo, se sentiu segura e quis dar uma chance ao amor. Tudo bem por isso.

— Não. Tudo bem, não. Você não entende, Aria. Nem tinha a ver com amor. Eu nem mesmo estava apaixonada por Sid. Eu nem mesmo gostava dele tanto assim no fim, porque ele conseguia ser um babaca, e isso faz com que seja ainda pior. Arrisquei demais por alguns beijos medíocres e mãos bobas constrangedoras, e Sid morreu por isso.

— Por favor, não se culpe. Culpe Papai e seus homens. Culpe Matteo. Não me importo, mas não se culpe.

— Ah, mas eu culpo todos eles, não se preocupe, só que isso não muda o fato de que, sem mim, Sid ainda estaria tocando a porcaria do violão dele e dando em cima das garotas em Munique.

— Você não pode mudar o passado, Gianna, mas pode fazer o melhor do seu futuro.

Não pude evitar um sorriso.

— Senti falta do seu otimismo. — Repousei minha cabeça no colo dela e fechei os olhos. — Senti tantas saudades suas.

Ela acariciou meus cabelos.

— Eu também senti saudades suas. Estou tão feliz que você vai morar em Nova York comigo.

— Primeiro, tenho que me casar com Matteo. Como vou ser uma esposa, Aria?

— Ele e Luca trabalham muito. Você não terá que vê-lo tanto.

— Mesmo assim... terei que dormir com ele e dividir uma cama com ele e tentar ser civilizada com ele por sabe Deus quanto tempo. Até parece que ele vai me dar outra oportunidade de fugir.

— Você está pensando em fugir de novo? — Perguntou ela em voz baixa.

— Não sei. Quem sabe...

— Quem sabe não seja tão ruim quanto você pensa. Matteo pode ser divertido, e ele é bonito, então, na parte física, pelo menos, não deve ser tão ruim. Tenho certeza de que ele é um bom amante se levar em consideração quantas garotas ele teve no passado.

Eu me contraí.

— É. Se voltarmos a Nova York esta noite, ele deve estar esperando dormir comigo.

Aria analisou minha expressão.

— Você está preocupada que ele desconte a raiva por você ter dormido com outros caras antes dele?

— Eu não fiz isso.

Aria piscou. — Você não fez o quê?

— Eu não dormi com nenhum outro cara. Teria se tivesse tido um pouco mais de tempo para conhecer alguém direito, mas nunca aconteceu.

— Por que você não disse nada? Papai te tratou muito mal. Talvez ele te perdoasse se você contasse a verdade. — Ela se mexeu como se quisesse ir lá embaixo contar a ele, mas eu a puxei de volta para a cama.

— Não — falei com firmeza. — Não quero que ninguém saiba. Não ligo que me chamem de puta. Não quero lhes dar a satisfação de saber.

Aria me olhou como se tivesse a certeza de que enlouqueci.

— Você tem que contar pelo menos para Matteo. Precisa.

— Por quê? Para ele se gabar de ter sido o meu primeiro? Porra nenhuma. Ele já está agindo como se fosse meu salvador, se descobrir só vai piorar tudo.

— Não, você tem que contar para que ele seja gentil.

Bufei. — Não preciso que ele seja gentil. Não quero que ele saiba.

— Gianna, se a sua primeira vez for um pouco parecida com a minha, você vai agradecer aos céus se Matteo for gentil, acredite.

— Eu vou sobreviver. — Mas as palavras de Aria começaram a me deixar nervosa.

— Isso é ridículo. Se ele pensar que você é experiente, pode te pegar sem muito preparo. Vai doer muito.

Balancei a cabeça. — Aria, por favor. Já me decidi. Não quero que Matteo saiba. Não é da conta dele.

— E se ele descobrir de qualquer maneira? Não teria nenhuma possibilidade de eu ter conseguido esconder isso de Luca.

— Sou boa em camuflar a dor. Talvez eu morda um travesseiro.

Aria riu. — Isso soa como a ideia mais idiota que eu já ouvi.

Alguém bateu à porta. Sentei depressa, meu estômago dava um nó. E se Papai e Dante tivessem mudado de ideia e eu fosse ficar em Chicago?

Quando a porta abriu e Mamãe entrou, eu soltei o ar. Ela não sorriu e nem tentou se aproximar. Era a imagem da perfeita esposa italiana, sempre vestida apropriadamente, sempre submissa e educada, e incrivelmente habilidosa em esconder os hematomas sempre que Papai perdia a cabeça e batia nela. Era tudo o que eu nunca quis me tornar. Se Matteo algum dia me batesse, eu o bateria de volta, independente das consequências.

— O padre está a caminho, estará aqui em quinze minutos. Precisamos te aprontar para a cerimônia — disse ela com naturalidade.

Meus olhos arregalaram.

— Tão rápido?

Mamãe assentiu. — Os Vitiello querem voltar a Nova York assim que possível, o que provavelmente é o melhor a se fazer.

Levantei da cama e caminhei devagar em direção à Mamãe.

— Papai ficará contente em me ver partir.

E você?, quis perguntar, mas não me atrevi.

Mamãe levantou a mão e passou no meu rosto por um mísero segundo antes de recuar.

— Você não deveria ter fugido. Você arruinou sua reputação.

— Não ligo para a minha reputação.

— Mas deveria. — Ela voltou-se para o meu guarda-roupa e o abriu. —

Agora, vamos ver se tem algum vestido que você possa usar na cerimônia. Claro que eu queria poder te ver andar caminhar até o altar num lindo vestido branco de noiva. — Ela suspirou. Será que tentava me fazer sentir culpada? Porque estava funcionando.

Aria veio para o meu lado e apertou meu ombro antes de ajudar Mamãe a procurar por um vestido. No fim, ela escolheu um vestido creme, longo, de frente única, que usei no Ano Novo. Aria me ajudou com a maquiagem, embora não tenha escondido meu lábio inchado.

— Vou ver se o padre chegou — disse Mamãe, e ficou hesitante no batente da porta com uma expressão melancólica. Ela abriu a boca, entretanto, virou-se e fechou a porta.

Tentei não dar tanta importância a isso. Eu sabia que meus pais e a maioria das pessoas no meu mundo me condenariam pelo que fiz, então, por que doía tanto?

— Você acha que permitirão que Lily e Fabi assistam à cerimônia? — Perguntei com uma voz vergonhosamente esperançosa.

— Deixa eu falar com Papai. Tenho certeza de que posso convencê-lo.

Não reclamei quando ela saiu. Se alguém podia convencer Papai, era Aria. Encarei o espelho. Meus olhos estavam tristes e cansados. Eu não parecia a tímida noiva feliz. Não que alguém esperasse isso de mim. Não era nem um casamento de verdade. Apesar das minhas melhores intenções, o arrependimento me atingiu mais uma vez. Como minha vida se tornara uma bagunça dessas? Tudo o que eu queria era ser livre para tomar minhas próprias decisões. Talvez eu tivesse me casado com Matteo se ele tivesse se dado ao trabalho de me perguntar ao invés de me obrigar. E, agora, eu nem teria um casamento de verdade nem um vestido bonito. Sempre pensei que não ligava para essas coisas, mas agora que estavam perdidas para mim, me entristecia.

Aria voltou.

— Está na hora. O padre está esperando na sala de estar. Fabi e Lily também estão lá.

Sorri.

— Então, vamos ao casamento.

Matteo



Mesmo sem um vestido de noiva, Gianna estava um puta espetáculo. O vestido aderia às suas curvas; curvas que eu aproveitaria explorando quando estivéssemos de volta a Nova York. Mal podia esperar para reivindicar cada centímetro do corpo dela. Eu a faria esquecer tudo que aconteceu antes de mim.

Gianna encontrou meu olhar como se soubesse em que eu estava pensando. E eu realmente não me dei ao trabalho de esconder dela o meu desejo. Eu a foderia esta noite, não importa o quão cansado e atordoado pelas horas de voo eu estivesse. Esperei muito tempo por isso. Gianna parou ao meu lado e eu segurei sua mão. O padre a olhava com superioridade. Mal conseguia esperar para deixar Chicago para trás. Não que as pessoas em Nova York olhariam para Gianna com mais gentileza, mas, pelo menos, eles tinham muito medo de mim para demonstrar seu desprezo descaradamente.

A mão de Gianna estava gelada na minha e ela evitava meus olhos conforme o padre pronunciava os votos. Quando foi a vez dela de dizer “Aceito”, eu meio que esperei que ela dissesse “Não” e eu não tinha certeza do que faria se ela tivesse feito isso, mas ela não fez. Gianna era esperta; ela esconderia seu ódio pela nossa união até estar a uma distância segura de Chicago e do filho da puta do pai dela.

Enfim, quando chegou a hora de colocar a aliança, ela estremeceu de verdade e por algum motivo aquilo me irritou *pra* caralho. Ela deveria ser grata por eu a querer tanto quanto queria. Seus atos estúpidos poderiam ter lhe custado tudo. Ela poderia pelo menos fingir estar agradecida.

— Pode beijar a noiva — entoou o padre.

Não hesitei. Segurei seu rosto e encostei meus lábios nos dela. Gianna

enrijeceu, fazendo meu sangue ferver mais ainda. Quando me afastei, ela logo me encarou, estava mesmo determinada a me provocar. Se ela gostava de brincar com fogo, tudo bem. Não me importava em ser queimado. Eu andaria sobre brasas por ela.



Menos de sessenta minutos depois, estávamos de volta ao ar a caminho de Nova York. Meu corpo cantarolava de desejo ao observar Gianna naquele vestido sexy. Ela e Aria ficaram agarradas na última fileira do avião.

Luca se sentou ao meu lado e me entregou um copo de *whiskey*. Engoli tudo num só gole.

— Um café expresso cairia melhor. Preciso ficar acordado.

Luca seguiu meu olhar em direção às garotas.

— Você pretende ter sua noite de núpcias assim que chegar em casa.

— Pode ter certeza.

— Pelo que sei de Gianna, ela provavelmente não vai facilitar. O que vai fazer se ela brigar com você?

Eu não tinha pensado nisso. Em todas as fantasias que tinha com Gianna, ela era uma participante disposta. Eu queria que ela gritasse de prazer o meu nome, queria deixá-la molhada. Será que ela me rejeitaria mesmo?

— Não vai — falei com mais convicção do que sentia.

Os olhos de Luca praticamente fizeram um raio-X de mim.

— Ninguém te culparia se você tomasse o que quer contra a vontade dela. Não é como se ela já não tivesse cometido o ato.

Minhas mãos fecharam-se em punhos, mas ao invés de seguir meu primeiro impulso e socar Luca, contei até dez em silêncio. Luca frequentemente falava coisas como essas para avaliar a reação dos outros. Não achava que ele estava falando sério. Talvez antes de Aria eu tivesse duvidado mais.

Seus olhos assimilaram meus punhos cerrados, depois, ele analisou meu rosto antes de sorrir.

— Você é tipo um livro aberto para mim.

— Cala a boca — resmunguei. Meus olhos encontraram Aria e Gianna mais uma vez. Elas pareciam estar discutindo, uma visão incomum. Nunca vi as duas não se darem bem.

— O que é aquilo? — Perguntei depois de um tempo.

— E como eu vou saber?

— Você e Aria são praticamente almas gêmeas, vocês não dominam a arte de ler os pensamentos um do outro?

Luca me mostrou o dedo do meio.

— Eu sei que a sua esposa vai fazer da sua vida um inferno, então, vou te dar um desconto.

— Quanta consideração.

Imaginei como seria a vida com Gianna. Hoje, ela esteve a maior parte do tempo calada, exceto por algumas ocasiões, mas eu tinha a sensação de que ela se recuperaria depressa e voltaria ao seu antigo modo sarcástico. Odiei ver seu lado quieto, principalmente quando isso significava que ela estava triste por causa da porra do Sid. Tentei esquecer o babaca, mas, por algum motivo, ele se enraizou no meu cérebro. E, então, eu não conseguia parar de pensar nele com Gianna. Quantos outros caras a viram nua? Tinham estado dentro dela? Eu realmente precisava descobrir os nomes e matar a todos.

Quando finalmente pousamos em Nova York, voltei a ficar puto. Mal olhei para Gianna enquanto levamos meu *Porsche Cayenne* de volta ao nosso prédio. Sempre que dava uma olhada nas suas pernas compridas através do tecido de seu vestido, quase perdia minha cabeça. Precisava me controlar. Não importava o que Gianna fizera antes de hoje. Agora, ela era minha e se eu não colocasse um freio na minha ira crescente, acabaria fazendo algo pelo qual me arrependeria depois.

Gianna

Matteo ficava com uma expressão estranha sempre que olhava para mim. Eu não sabia dizer o que era, mas, por algum motivo, isso me deixava nervosa, claro que fingi não perceber nada.

Durante todo o nosso voo, Aria tentou me convencer a contar a Matteo a verdade, e mesmo agora que estacionamos na garagem do prédio, ela ainda me olhava profundamente. Fiquei preocupada que ela assumisse meu segredo e contasse a Matteo, mas ela sabia que eu veria isso como um desrespeito à minha confiança e, assim, esperava que ela se contivesse.

Matteo pegou minha mão quando saímos do carro e praticamente me arrastou para o elevador. Aria e Luca tiveram dificuldade em acompanhar nosso passo. Desconfiava que soubesse por que Matteo estava tão ansioso para chegar ao apartamento. Entramos todos no elevador. Ele começou a se movimentar e os olhos sombrios de Matteo me observavam pelo espelho, um pouco de fome e fúria brilhavam no fundo deles. A fome era inexplicável para mim. Eu estava uma bagunça: olheiras, lábio inchado, pele pálida.

Talvez eu devesse me sentir mais nervosa, mas só queria acabar logo com isso. Talvez Matteo até perdesse o interesse em mim depois que me tivesse, embora parte de mim se perguntasse se eu ficaria mesmo contente se Matteo começasse a me ignorar de repente.

O elevador parou com um sinal sonoro e as portas elegantes abriram deslizando. Sem dizer nada, Matteo me puxou para dentro do seu apartamento. Dei uma olhada por sobre o meu ombro e avistei a expressão preocupada de Aria momentos antes de a porta do elevador se fechar, escondendo-a da minha vista. Matteo me levou para uma porta à nossa direita. Eu mal tive tempo de assimilar a mobília moderna e a vista deslumbrante de Nova York antes de entrarmos correndo no quarto e Matteo bater a porta. O desejo em seus olhos deixou claro que ele não aceitaria “não” como resposta esta noite.

CAPÍTULO DOZE

Gianna



Ninguém nunca nem tinha olhado para mim desse jeito, como se eu fosse a única fonte de água em tempos de seca. E, meu Deus, eu gostei. Pelo menos, parte de mim, a outra parte, a parte teimosa, quis se agarrar à minha raiva, à minha tristeza e à minha indignação e não dar a mínima para o desejo de Matteo por mim.

Nas últimas 24 horas, meus sonhos foram destruídos e uma vida inocente havia sido tirada. Senti como se fosse meu dever lutar contra esse casamento e contra o formigamento que inundava meu corpo sempre que Matteo me tocava. Eu devia isso a Sid e ao meu próprio autorrespeito. Eu lutaria com todas as forças e todo o tempo para ser livre.

Antes que eu pudesse me decidir sobre o que fazer, Matteo me puxou contra ele e reivindicou a minha boca num beijo voraz que me fez ofegar, e, depois, fiquei tensa. A língua dele escorregou por entre meus lábios e, sem esperar que eu os abrisse para ele, ela o fez, atacando a minha língua. Minhas mãos foram até seus cabelos, puxando, alisando, querendo-o mais perto e, ao mesmo tempo, querendo mandá-lo para longe.

Matteo agarrou a minha bunda e me levantou. Minhas pernas enrolaram-se em volta de sua cintura, mas nossos lábios não se deixaram nem por um segundo. Meu corpo ardia de luxúria. Nenhum beijo havia chegado nem perto deste. Matteo começou a andar, me carregando para a sua cama.

Resista a ele, Gianna. Resista a isto. Você deve isso a Sid.

Mas eu estava cansada de lutar por hoje, cansada dos meus sentimentos. Hoje, eu só queria sentir, deixar meu corpo tomar o controle, esquecer tudo por pelo menos algumas horas. Haveria bastante tempo neste casamento para a

resistência.

Matteo me jogou na cama e o ar deixou meus pulmões às pressas, mas eu não tive muito tempo para me recuperar porque, de repente, ele estava em cima de mim e seus lábios estavam de volta. Sua mão deslizou por baixo da minha roupa, seus dedos contemplavam minha barriga, depois, a pele sensível sobre minhas costelas. Ele pôs a mão em meu seio por cima do sutiã e arqueei contra ele. Ele se afastou e eu mal consegui suprimir um som de protesto. Contudo, ele pareceu saber disso. Sorriu daquele jeito arrogante ao empurrar minha roupa sobre a minha cabeça e abrir meu sutiã. Meus mamilos endureceram e seu sorriso se alargou ainda mais.

Fiquei irritada. Ele parecia tão seguro de si, certo de sua vitória sobre mim. Ele estava muito enganado.

— O que você faria se eu te dissesse “não”? — Perguntei num tom desafiador.

Esperei fúria ou irritação em resposta.

— Você não vai — disse ele sem nenhuma nuance de dúvida em sua voz.

Olhei para ele, mas não tive tempo para uma réplica perversa. Ele abaixou a cabeça sobre meus seios e chupou um dos mamilos eretos. Um gemido escapou antes que eu pudesse me conter e Matteo não me permitiu nenhum tempo para me preparar, para criar minhas defesas. Sua boca era impiedosa. As sensações que serpenteavam pelo meu corpo eram quase palpáveis. Como ele conseguia me fazer sentir desse jeito? Sua língua circundou meu mamilo, depois, o outro, deixando uma trilha úmida entre meus seios. Eu me arrepiei. Os olhos de Matteo estavam fixos no meu rosto. Ele queria me ver surpreendê-lo, queria aproveitar sua vitória até o fim. Resisti ao impulso de fechar meus olhos. Ele veria isso como mais uma vitória. Eu não lhe daria isso também. Ele mordeu delicadamente meu mamilo e eu gemi, ainda mais alto do que na primeira vez.

Com um sorriso convencido, ele desceu, mergulhando a língua no meu umbigo. Soltei um gritinho como uma garota idiota e tentei espernear para me livrar dele, mas suas mãos desceram para os meus quadris, segurando apertado,

enquanto sua língua encontrou cada parte sensível da minha barriga e dos meus quadris. Eu ria com tanta força que lágrimas brotavam de meus olhos. Eu esperava que ele fosse mais violento depois do que havia testemunhado, tinha praticamente desejado isso, mas esse lado brincalhão dele? Ele me assustava porque parecia agradável, até amável. Empurrei sua testa.

— Pare com isso! — Eu ria e tossia ao mesmo tempo.

— Qual é a palavra mágica? — Murmurou ele contra um lugar particularmente sensível sobre meu ilíaco.

— Vá se foder — falei com doçura.

Preparei-me, porém, isso não impediu os gritinhos e as risadas quando Matteo trilhou sua língua pelo mesmo osso. Eu estava prestes a implorar quando ele, de repente, parou seu ataque. Seus olhos passearam pelas minhas pernas e suas mãos seguiram pelo mesmo caminho, apenas roçando em minha pele. Seus movimentos eram quase uma reverência, eu não entendia. Nojo e raiva, isso eu teria entendido.

Quando ele me beijou por cima da calcinha, fiquei imóvel. Eu sabia o que ele queria fazer. Ninguém nunca havia feito isso antes. Era muito íntimo, como se eu tivesse que me despir para ele num sentido além do físico, e eu não podia fazer isso, não importando o quanto meu corpo almejava essa experiência. Matteo segurou minha calcinha e a deslizou para baixo pelas minhas pernas. Ele se sentou por um momento, me admirando.

— Eu me perguntava se você era ruiva.

Revirei os olhos, apesar do rubor que se espalhava pelas minhas bochechas.

— Não é isso que todos os homens se perguntam?

Percebi um pouco tarde demais que mencionar outros homens não era a melhor das ideias na minha atual situação.

— Como você explicou isso para os outros caras com quem você esteve? Castanho em cima e ruivo embaixo? — Sua voz e seus olhos endureceram, *perigo*.

Ninguém nunca havia me visto desse jeito. As palavras pairavam na ponta da minha língua.

— Eu pensei que você quisesse me foder. Não estou a fim de conversa fiada.

Matteo balançou a cabeça.

— Ah, eu vou te foder, não se preocupe.

Ele meteu os lábios nos meus e eu retribuí o beijo de maneira igualmente violenta. *Sinta, não pense*, se tornou o meu mantra. As mãos dele vagaram pelo meu corpo até encontrar o caminho para o meio das minhas pernas. Eu me forcei a relaxar apesar de nervosa. Quando seus dedos roçaram as minhas dobras, engasguei contra seus lábios. A sensação era deliciosa. Seu polegar encontrou meu montinho de nervos e começou a massagear. Dois de seus dedos deslizavam para frente e para trás pela minha fenda, enquanto seu polegar pressionava meu clitóris. Talvez meu cérebro não quisesse Matteo, mas meu corpo estava tão ansioso por ele que chegava a ser ridículo.

Meus dedos dos pés curvavam-se conforme ele colocava mais pressão em seus dedos. Agarrei seu pescoço, trazendo-o mais para perto, enroscando minha língua na dele, enquanto o orgasmo me atingia. Enfiei minhas unhas na sua pele, mas isso pareceu excitá-lo ainda mais, a julgar pelo ronco profundo em seu peito. De repente, dois dedos dele se moveram mais para baixo, roçando a minha abertura. O medo disparou. Travando as pernas, empurrei seu peito e arranquei meus lábios dos dele.

— Pare com as preliminares — falei sem ar. E se ele conseguisse sentir alguma coisa com os dedos? Duvidava que seu pau fosse tão sensível quanto as pontas de seus dedos.

O indício de uma careta atravessou o rosto de Matteo, mas depois, ele saiu da cama com um sorriso perverso, ficando de pé em frente a ela. O volume em sua calça era evidente. Ele não me deu muito tempo para imaginar o que ficava por baixo do tecido. Suas mãos fizeram um trabalho rápido em desabotoar a camisa e deslizá-la para fora de seus ombros fortes, deixando-a cair no chão.

Esta foi a primeira vez que o vi sem camisa. Tive uma noção de seu tanquinho através da camisa branca antes, mas não dava para comparar com a visão de seu peito nu. Meu centro de prazer contraiu de desejo. Mesmo a personalidade de Matteo me dando nos nervos, meu corpo, definitivamente, reagia à sua aparência. Suas mãos foram até sua calça e, num movimento rápido, ele jogou tanto a calça quanto a cueca no chão. Ao se esticar, precisei de todas as minhas habilidades de atuação para disfarçar meu constrangimento e meu nervosismo ao vê-lo totalmente ereto.

Eu devia mesmo ter ouvido Aria, porém, mesmo que a ideia tivesse passado pela minha cabeça, eu sabia que era orgulhosa demais para contar a verdade para Matteo. Meus olhos demoraram um tempo em cada centímetro dele, sem nem me importar que ele sorrisse diante da minha admiração evidente.

E, caramba, ele era lindo. Tudo nele era, seu peitoral definido e seu tanquinho, até seu pau. Eu o odiava por isso. Odiava como meu corpo reagiu a ele tão rápido e fácil enquanto nunca reagira ao Sid ou a outro cara com quem fiquei. Ele avançou para a cama, cada movimento ágil e calculado, cada movimento tinha o objetivo de exibir seus músculos e sua força. Deus, eu queria que não me impressionasse. Ele colocou um joelho na cama, me prendendo com um olhar que me fez estremecer.

— Pare de ficar brincando — censurei porque meus nervos estavam tirando o melhor de mim e essa era a última coisa que eu precisava.

E ele fez o que pedi. Ele veio para a cama e subiu entre as minhas pernas, segurando meus quadris com um sorriso sombrio.

— Vou te fazer esquecer de cada imbecil com quem já esteve.

Olhei para ele, prestes a dar uma resposta malcriada, quando ele pulou nos meus quadris bruscamente e meteu em mim em uma única estocada violenta. Eu me arqueei gritando ao ser consumida pela dor. Caralho! Aria não estava brincando. Isso doía pra cacete. Manter segredo já era. Respirei fundo algumas vezes pelo nariz, com os olhos fechados.

— Ai, caralho — soltei quando consegui voltar a falar. Isso foi muito pior

do que eu pensava. Abri os olhos devagar, com medo do que veria. Eu deveria ter mordido a porra de um travesseiro, ou até a minha língua idiota.

Matteo congelado em cima de mim, me encarava com surpresa.

— Gianna?

Meu rosto ferveu.

— Cala a boca — resmunguei. Soltei meus dedos, que estavam agarrados ao lençol da cama.

O olhar de Matteo era brando.

— Por que você não me contou?

Decidi me fazer de desentendida. Talvez eu pudesse convencê-lo que não era o que parecia.

— Contei o quê?

Um sorriso malicioso formou-se em seus lábios e eu só queria arrancá-lo de seu rosto. Claro que ele não compraria a minha mentira. Ele não era idiota. Ele era um mestre da manipulação e eu, obviamente, tinha muito a aprender antes de conseguir enganá-lo.

— Que eu sou o seu primeiro — falou. Ele precisava soar tão... aliviado e orgulhoso?

Se eu não estivesse preocupada que tirar o pau dele de dentro de mim doeria muito mais do que colocá-lo lá dentro, eu o teria empurrado para longe. Estar deitada embaixo dele dificultava uma discussão justa.

Estreitei o olhar.

— Achei que fôssemos foder. Estou cansada de conversar com você.

Matteo se apoiou nas mãos, aproximando-se ainda mais de mim. Fiquei tensa com a pontada que o movimento causou.

— Primeiro, quero que responda à minha pergunta. Por quê? Você poderia ter se poupado de tanta dor se tivesse me contado — disse com calma. Parecia que era a coisa mais fácil do mundo para ele, estar enterrado profundamente dentro de mim e conversar.

Quando ficou claro que ele esperaria até eu dar o que queria, falei:

— Porque eu não queria que você soubesse.

Seu sorriso ficou ainda mais convencido.

— Porque você não queria admitir que esperou por mim.

— Não esperei por você. Agora, pare de falar e me foda, caralho.

Isso estava ficando íntimo demais e eu odiava o quanto estava vulnerável, nua por dentro e por fora. Como eu deveria parar de sentir se Matteo continuava me perguntando coisas sobre as quais não queria pensar?

Matteo não tirou os olhos de mim. Eram sombrios e possessivos, e pareciam enxergar através de mim. Se não fosse parecer como uma derrota, eu teria desviado o olhar. Ele saiu devagar antes de voltar a meter e eu fiquei tensa com a dor. Meu corpo era um traidor terrível. Pelo menos, consegui conter um suspiro desta vez. Matteo se mexia lentamente e com cuidado, seus músculos contraíam a cada estocada.

Eu odiava que ele estava tendo essa consideração. Odiava ele não estar agindo como um completo babaca, odiava o fato de que odiá-lo não era tão fácil quanto eu pensara. Se ele não fosse um babaca, então, de alguma forma, a morte de Sid tinha sido ainda mais culpa minha, porque minha fuga foi desnecessária, egoísta e sem fundamento.

Agarrei seus ombros.

— Pare de se conter.

As sobrancelhas de Matteo uniram-se, mesmo assim, ele não acelerou.

Enfiei os dedos na pele dele e empurrei meu quadril apesar da dor entre as minhas pernas.

— Pare de se conter!

Desta vez, ele ouviu. Seus olhos brilharam e, então, ele empurrou em mim mais rápido e mais forte. Fechei meus olhos e segurei em seu ombro. Devo ter deixado marcas com as minhas unhas. Não liguei, e Matteo não pareceu se importar, se é que sua respiração acelerada queria dizer alguma coisa.

A dor era gostosa, me deu algo em que focar além da culpa esmagadora. Mas não era só dor. Logo a sensação de repuxo se transformou numa pressão

deliciosa, um zumbido baixo de prazer que eu nunca tinha sentido antes. Matteo se abaixou, mudando o ângulo no qual empurrava dentro de mim, me atingindo num lugar maravilhoso bem lá no fundo. A boca de Matteo descobriu o meu pescoço e mordiscou levemente a minha pele. Um gemido escapou de meus lábios. Abri os olhos, encontrando o olhar intenso de Matteo. Eu não conseguia desviar o olhar. Queria puxá-lo mais para perto e empurrá-lo ao mesmo tempo, queria me esconder e me abrir para ele, queria e não queria.

— Você vai gozar? — Rosnou Matteo.

Balancei a cabeça dizendo que “não”, sem confiar na minha voz. Talvez eu pudesse ter gozado. Era incrivelmente bom, mas eu precisava colocar um espaço entre Matteo e eu, precisava de tempo para lidar com os meus sentimentos antes de eles me dominarem. Eu estava confusa, cansada e triste.

Matteo se ergueu em seus braços outra vez e acelerou ainda mais, metendo em mim várias vezes, depois, ele ficou tenso sobre mim, seu rosto se contorcendo de prazer, e, caramba, ele estava magnífico, como algo que nem mesmo Michelangelo poderia ter feito melhor. Os movimentos de Matteo se tornaram irregulares e, então, ele travou, seus olhos fecharam, alguns fios de cabelos escuros presos na testa dele.

Meus dedos coçavam para colocá-los para trás, para tocar seus lábios e seu maxilar. Em vez disso, deixei minhas mãos caírem de seus ombros e as repousei na cama ao meu lado, onde não poderia fazer nada de estúpido, algo de que eu me arrependeria mais tarde.

Matteo abriu os olhos devagar e eu respirei fundo calmamente. Por que ele não parava de me olhar daquele jeito? Ele não sorria, apenas me atravessava com seu olhar sombrio.

Empurrei seu peito.

— Você está ficando pesado, saia.

Os cantos da sua boca curvaram, ele saiu devagar e caiu na cama ao meu lado, se aproximando como se fosse me abraçar. Em pânico, sentei-me e saí da cama. Se ele me abraçasse agora, se ele agisse como se fôssemos um casal de

verdade, onde um se importava com o outro, eu enlouqueceria. Fui para o banheiro, sem me incomodar em me cobrir. Matteo já tinha visto tudo de mim e eu não lhe daria a satisfação de pensar que eu estava envergonhada em ficar nua na frente dele.

Não o ouvi vindo atrás de mim, mas, de repente, Matteo pegou na minha mão, me impedindo de desaparecer dentro da segurança do banheiro. Nossos olhos se encontraram. Os dele estavam quase... arrependidos.

— Eu não deveria ter ido com tanta violência com você, mas você sabe como me irritar, Gianna. Eu te machuquei?

Preocupação, lá estava ela outra vez. Caralho! Por que ele não podia parar de agir como se fosse um cara normal? Ele achava mesmo que me faria esquecer quem e o que ele realmente era?

— Não finja que não gostou.

— Não vou fingir, amei cada porra de segundo. Esperei muito tempo por este momento. Quase todo o tempo que estava acordado quando te procurava, passei imaginando ter seu corpo gostoso sob mim. Mas, na minha imaginação, você gemia meu nome e tinha orgasmos múltiplos. Com certeza, não sentia dor.

Esse filho da puta arrogante.

— Continue imaginando. Não vai acontecer.

Matteo se apoiou no batente da porta, me prendendo entre seus braços.

— Seu corpo reagiu a mim, Gianna, mesmo que você não queira admitir isso. Da próxima vez, você vai gozar quando eu te foder, acredite.

— O que te faz pensar que meu corpo reagiu a você? Talvez eu estivesse imaginando estar com outra pessoa. A mente é uma ferramenta poderosa. — Tentei escapar por baixo de seu braço, mas ele me empurrou contra o batente. — Talvez eu estivesse imaginando que era Sid e não você me fodendo.

Matteo nem piscou. Ele não acreditava em nenhuma palavra que eu dizia. Merda!

— Se você quisesse mesmo que Sid fosse seu primeiro, teria deixado ele te foder. Então, por que não deixou?

— Porque você o matou!

Matteo sorriu. — Ambos sabemos que não foi esse o motivo, mas vamos fingir que seja verdade. Então, estou feliz por ele estar morto. Aquele covarde não merecia esse privilégio.

Não dava para acreditar nele.

— Seu babaca. Eu sabia que iria se divertir com isso, por isso não contei nada.

Matteo se aproximou mais até seus lábios estarem a menos de um centímetro dos meus.

— Mas eu sei e não vou esquecer nunca. Você é minha, Gianna, e eu amo *pra* caralho ter te encontrado antes que você encontrasse um otário para tirar a sua virgindade.

Eu tentei bater nele, mas ele segurou meu pulso e beijou a palma da minha mão com um sorriso convencido. Arranquei minha mão da dele. Uma infinidade de insultos cruzou a minha mente, insultos demais para escolher apenas um.

Matteo acenou em direção à cama. — Talvez eu devesse contar a todo mundo que podemos ter a apresentação do lençol no fim das contas.

Arregalei os olhos. Era a última coisa que eu queria, e Matteo sabia disso. Ele estava me provocando. Empurrei-o para passar e, desta vez, ele deixou, e corri para a cama. Havia uma manchinha rosada no lençol. Os homens conseguiam tudo com muita facilidade. As mulheres tinham sido muito sacaneadas em relação à anatomia. Ficamos menstruadas, não podemos fazer xixi em pé, temos que empurrar para fora da nossa vagina uma coisa do tamanho de um melão e nossas primeiras vezes eram absurdamente péssimas.

— Você não se atreveria — falei.

Matteo cruzou os braços. Ele ainda estava gloriosamente nu e ficando duro de novo. O filho da puta ficou excitado com a nossa discussão.

— Você não deveria ter me provocado.

Dei de ombros. — Mesmo que você mostrasse o lençol para a nossa família, ninguém acreditaria mesmo. Eles acham que sou uma puta, lembra?

Provavelmente vão pensar que você forjou a mancha com seu próprio sangue como Luca fez na noite de núpcias dele. — Fiquei tensa. Esse era um segredo que eu deveria guardar. Ninguém sabia. Por que eu não conseguia nunca ficar com a minha boca idiota fechada?

CAPÍTULO TREZE

Matteo



Gianna arregalou os olhos ao deixar escapar o segredinho de Aria e Luca. Ela achava mesmo que eu não sabia? Luca e eu morreríamos um pelo outro. Ele sabia que podia confiar todos os seus segredos a mim, mesmo aquele que revelava que não era o canalha cruel que ele mesmo e todas as outras pessoas pensavam que fosse. Por algum motivo, por algum golpe de sorte, nosso pai sádico tomara a decisão certa ao escolher Aria para Luca. Eu não achava que ele soubesse o quanto aqueles dois poderiam se dar bem, ou não teria concordado com o arranjo. Ele sempre se empenhou pelo sofrimento dos outros.

— Não se preocupe. Luca me contou. Sua irmã aqueceu o coração frio dele. Vocês, mulheres Scuderi, têm talento para isso.

Gianna relaxou. Independente do quanto ela se achava durona, seu corpo a entregava. Ela não era muito boa em esconder seus sentimentos, o que facilitaria as coisas para mim. Seu olhar voltou para a mancha no lençol. Ver aquilo encheu meus olhos de forma doentia, assim como a manchinha de sangue no meu pau. Eu não era como alguns homens em nosso mundo que teria se recusado a se casar com Gianna porque ela teria andado por aí com outros caras durante a sua fuga. Não que eu não odiasse a ideia de que qualquer cara tivesse sequer encostado a porra de um dedo em seu lindo corpo, mas eu queria Gianna demais para me importar e, de qualquer maneira, achava ridícula toda essa obsessão com a castidade em nosso mundo. As melhores transas que tive na vida definitivamente tinham sido com mulheres que sabiam o que estavam fazendo, mas eu tinha um pressentimento que Gianna aprendia rápido. Ainda depois do choque inicial de Gianna gritando de dor, eu senti uma descarga de possessividade e alegria do caralho.

Gianna olhou para mim, seus lábios beijáveis contraindo-se pela desconfiança. Os cabelos cobriam seu ombro pálido como um véu, eu não consegui resistir e afastei os fios do ombro dela, admirando sua sedosidade. Apenas a pele de Gianna era ainda mais suave. Acho que nunca me cansaria de tocá-la. Meus dedos encontraram sua pulsação antes de começar a acariciar seu pescoço levemente. Gianna prendeu o fôlego por um segundo e se dobrou ao meu toque, depois, pareceu se segurar. Ela recuou, então, não tive escolha a não ser deixar minha mão cair. Tive que reprimir um sorriso. Ela era tão previsível. Pelo menos quanto às suas reações a mim. Às vezes, no passado, ela conseguia me surpreender, algo que outras pessoas não conseguiam fazer com frequência.

Gianna estreitou seus olhos para mim. Se ela soubesse o quanto ficava sexy quando estava com raiva, sorriria mais vezes. Eu já estava duro outra vez e queria nada além de foder Gianna. Seus olhos voaram para o meu pau e ela bufou. Balançando a cabeça, passou raspando por mim e desapareceu dentro do banheiro, batendo a porta com um estrondo.

Soltei uma risadinha e voltei para a cama, me jogando de costas e cruzando os braços atrás da cabeça. Não consegui tirar o sorriso do rosto. Depois de meses de frustração, eu tinha sido recompensado, bem mais do que esperava. Esperei pelo som da água correndo, mas o silêncio reinava no banheiro. Senti-me cheio de desconfiança. Não havia nenhum jeito que Gianna pudesse fugir do banheiro, mas e se ela decidisse que preferia dar um fim à sua vida do que passá-la comigo?

Gianna parecia amar demais a vida para cometer um ato desses, mas eu não tinha certeza de que não faria isso para se vingar de mim. Fui até a porta do banheiro, pronto para colocá-la abaixo quando ela se abriu. Gianna saiu, olhou espantada quando me viu bem em frente a ela. Seus olhos não estavam inchados, então, pelo menos não esteve chorando, o que era um alívio.

Ela contraiu o nariz.

— O que foi? Não me diga que você estava me espiando no banheiro.

Cruzei meus braços sorrindo. Era óbvio que eu não iria contar a ela o que

pensei.

— Ambos sabemos que você precisa de supervisão.

Suspirando, ela passou por mim e subiu na cama, cobrindo-se com o lençol. Depois de verificar rapidamente o banheiro, que parecia o mesmo de antes, juntei-me a Gianna. Ela estava de costas para mim e coberta até o queixo. Encostei-me nas costas dela, deslizando meu braço em sua cintura nua. Ter seu corpo nu tão perto do meu me dava todos os tipos de ideias, e meu pau procurava a sua bunda insistentemente. Mal conseguia esperar para pegá-la assim, para tê-la na minha frente de quatro, para que ela montasse em mim. Queria fodê-la de mil jeitos diferentes.

— Nem pense nisso — advertiu Gianna baixinho. — Estou cansada e não te devo mais que uma vez na nossa noite de núpcias.

Eu ri contra seu pescoço e pousei um beijo em sua pele macia.

— Você é tão romântica, Gianna. Suas palavras sempre aquecem meu coração.

— Ai, cala a boca — resmungou.

Segurei-a mais apertado. Ela não tentou se afastar, o que me surpreendeu, e mais uma vez minha desconfiança veio à tona, mas eu culpava sua indiferença ao dia longo que tivemos. Já fazia mais de 24 horas desde que eu dormira.

Mesmo assim, lutei contra o sono até ouvir a respiração profunda de Gianna e seu corpo relaxar contra o meu. Eu não confiava em Gianna, não depois do que ela fizera. Não sabia se algum dia iria confiar nela completamente. Eu sabia que ela fugiria no momento em que tirasse os olhos dela. Não lhe daria outra oportunidade de escapar de mim, não me importava com o que tivesse que fazer para mantê-la em Nova York.

Luca pensava que eu perderia o interesse nela no momento que eu a fodesse. Parte de mim esperava por isso, mas já dava para dizer que não era o caso. Eu ainda a queria, provavelmente mais do que antes.

Eu estava completa e extremamente fodido.

Gianna



Na manhã seguinte, acordei com Matteo se movimentando pelo quarto. Não dei nenhum sinal de que estava acordada, em vez disso, ouvi os sons que ele fazia. Não queria encará-lo. Ele fora arrogante em relação à noite passada, absolutamente intolerável. Antes de um banho longo e um café forte, eu não tinha nenhum humor para este tipo de confronto em particular. Quando seus passos finalmente foram para fora e a porta se fechou com um clique, soltei o ar e abri meus olhos. O horizonte de Nova York estava repleto de nuvens pesadas. Talvez eu pudesse simplesmente ficar na cama, mas eu desconfiava de que Matteo poderia tentar se juntar a mim se eu fizesse isso. Meu corpo traiçoeiro formigava de excitação com a ideia de ter suas mãos novamente em mim, talvez até permitisse deixá-lo me chupar para valer.

Sentei-me depressa, saí da cama e corri para o banheiro para jogar água fria no rosto. Retrai-me com a ardência em meu lábio. Dei uma olhada no espelho. Meu lábio inferior estava consideravelmente inchado e a pele embaixo dele, roxa. Parecia que tinha estado numa briga, o que não estava muito longe da verdade. Abri minha boca para olhar os pontos. Aborrecida, fechei-a depressa. Os eventos de ontem atravessaram a minha mente.

Eu nem mesmo tinha tido pesadelos sobre o que aconteceu com Sid. Ainda me sentia horrível pela sua morte cruel, mas meus sonhos foram vazios, um vazio negro e insignificante. Talvez eu pertencesse a este mundo, afinal de contas.

Meus olhos desceram para o local no meu pescoço onde Matteo deixara um chupão. O filho da puta tinha me marcado como se eu fosse propriedade dele e, para ele, devia ser exatamente isso. Toquei o hematoma.

Com uma careta, desviei o olhar do meu reflexo e tomei um banho rápido.

Quando voltei ao quarto, encontrei minhas malas no chão. Matteo deve tê-las trazido enquanto eu me aprontava. Canalha sorrateiro. Como ele conseguia se movimentar tão silenciosamente?

Arrumei minhas roupas rapidamente dentro das gavetas que Matteo deve ter liberado para mim. De alguma forma, o fato de ele ter aberto um espaço para mim me irritou como se soubesse o tempo todo que eu iria acabar me mudando para cá. Ele deve ter feito isso há muito tempo. Não houve tempo algum na noite passada ou nesta manhã. Guardar as roupas que não usei em seis meses também me fez perceber que eu precisava ir às compras desesperadamente. Minhas roupas antigas pareciam uma relíquia de uma vida remota. Na nossa pressa de deixar o apartamento em Munique, eu não consegui pegar nenhuma das minhas roupas novas.

Em seguida, completamente vestida, desci a escada, parando de vez em quando para tentar escutar Matteo. O apartamento estava em silêncio e, enquanto caminhava pela sala de estar em direção à cozinha aberta, não encontrei ninguém, nem mesmo um guarda-costas. Fui tomada pela desconfiança. Matteo nunca me deixaria sem supervisão depois do que fiz. Meus olhos analisaram o teto, os cantos e todos os outros lugares possíveis para câmeras de segurança, mas não encontrei nenhuma. Fiquei hesitante no meio da cozinha por um instante e meus olhos correram para a máquina de café gigante. Dane-se. Precisava de cafeína. Se Matteo não estava aqui, e por isso eu era grata, fingiria que esta era a minha casa.

E eu nem precisava fingir. Esta era a minha casa agora, ou deveria ser. Claro que eu não sentia como se fosse. Já fazia muito tempo que nenhum lugar me fazia sentir em casa. Nem mesmo a casa dos meus pais me fazia mais sentir em casa durante os últimos meses que morei lá. Não valia a pena pensar nisso agora. Eu nunca perdoaria Papai pelo modo com que ele me tratou, nem Mamãe por deixá-lo fazer o que fez. Talvez eu estivesse morta para eles, mas eles também estavam mortos para mim.

Meu dedo pairou em frente ao botão que deveria ligar a máquina. Esse

silêncio estranho estava me deixando maluca. Repreendi-me pelo meu alerta ridículo e finalmente o pressionei. Peguei uma xícara e selecionei um cappuccino. Eu não estava mais fugindo, o pior já acontecera.

Com um assobio agradável, o líquido quente disparou. Quando ficou pronto, peguei a xícara e dei um gole generoso, sentindo o quanto o sabor quente e familiar clareava ainda mais a minha mente. Encostei-me no balcão, deixando meus olhos vagarem pelo apartamento. Na verdade, eu gostei do design puro, dos sofás elegantes de couro preto, da mobília de madeira maciça preta e das paredes brancas. Perguntei-me se Luca e Matteo haviam contratado a mesma decoradora porque a mobília era muito parecida. Pude me visualizar procurando por peças de arte que combinariam com o ambiente, comprando almofadas que trariam alguma cor, e decorando uma enorme árvore de Natal. Dei a volta no balcão, subi na banqueta e virei de costas para o local onde conseguia me ver morando tão facilmente.

Não era isso que eu queria. Ou, pelo menos, não era o que eu queria seis meses atrás, ou não deveria querer, não depois de me arriscar tanto para fugir. Fechei os olhos e inspirei o cheiro reconfortante do meu café. Precisava ver Aria de novo, mas será que eu tinha permissão para subir um andar até a sua cobertura? A ideia de que eu tinha que pedir permissão a Matteo, e talvez até a Luca, sempre que eu quisesse ver a minha irmã me tirava do sério. Era um bom lembrete de por que havia fugido para começar, algo que nunca poderia me permitir esquecer.

Um hálito quente invadiu meu pescoço, seguido por uma voz baixa:

— Bom dia.

Gritei de surpresa e minha xícara de café voou do balcão da cozinha. Ela se partiu em milhares de pedaços cortantes e espalhou café por todos os lugares. Girei minha cabeça e me vi cara a cara com um Matteo sorridente.

— Caralho. Por que diabos você se aproximou desse jeito? Me assustou pra cacete — afrontei.

Ele balançou a cabeça com cara de quem estava se divertindo.

— Todas essas palavras desagradáveis saindo da sua boca doce... É mesmo apropriado?

Ele estava debochando de mim. Seus olhos demoraram-se admirando minhas curvas, permanecendo no chupão antes de abaixarem mais um pouco novamente. E o pior era o jeito com que meu corpo reagia à sua proximidade, ao seu cheiro, ao seu peitoral musculoso. Felizmente, meu rosto não parecia quente, então, talvez, eu não estivesse ruborizada.

— Desde quando você se importa com ser apropriado? — Resmunguei.

Passei por Matteo e me ajoelhei ao lado dos restos da minha xícara quebrada. Esperava que Matteo não desconfiasse do que sua proximidade fazia comigo. Peguei os pedaços, mas ele veio me ajudar. Não tinha certeza se fazia isso para ser gentil ou se sabia o efeito que tinha sobre mim e estava tentando me provocar. Pelo que sabia dele, arriscaria a última opção. Eu tentava não olhar para ele enquanto se mantinha agachado ao meu lado. Ele estava me dando uma boa visão de sua bunda perfeitamente moldada. Caramba, por que ele tinha que ter essa aparência?

Sem aviso, ele passou o dedo no meu lábio inchado.

— Eu realmente deveria ter matado seu pai.

Seu toque era delicado, me fazia querer aconchegar meu rosto em seu pescoço e gritar.

— Você tem um esfregão? — Perguntei despreocupadamente.

Ele deu de ombros, deixando cair a mão.

— Eu já vi Marianna andando com um por aí esporadicamente.

Revirei os olhos. Claro que ele não fazia ideia. É provável que nunca tenha lavado a própria roupa.

— Pelo menos você sabe onde Marianna guarda o material de limpeza?

Seu olhar prolongou-se no meu decote. Suspirando, levantei e saí à procura de uma despensa. Quando finalmente voltei para a bagunça na cozinha, com o esfregão na mão, Matteo falava ao telefone. Ele estava encostado no balcão com as pernas casualmente cruzadas.

Tentei ouvir a conversa enquanto limpava o chão. Desconfiava que fosse sobre mim.

— Venha para cá agora. Quero isso resolvido o mais rápido possível.

Dito isso, ele desligou e virou-se para mim. Encostei o esfregão na parede e perguntei:

— Quem era? Um guarda-costas novo que você quer que me vigie?

— Algo assim. Vou colocar uma tornozeleira eletrônica em você.

— O quê? Você enlouqueceu?

— Pelo contrário, mas nós dois sabemos que você vai aproveitar a próxima oportunidade para fugir de novo, então, até que eu possa confiar que você vai ficar comigo, terá que usar a tornozeleira.

Encarei-o, completamente atordoada e tão furiosa que achei que minha cabeça explodiria.

— Quer dizer que você admite que sou sua prisioneira. Afinal, está me tratando como uma.

Matteo avançou em minha direção.

— Sem a tornozeleira, eu teria que te trancar neste apartamento, mas com ela, você pode passar um tempo com Aria, passear por Nova York e viver uma vida praticamente normal.

— Acho que você quer que eu te agradeça pela sua generosidade.

O filho da puta riu de verdade.

— Não, conhecendo você eu não esperava que gostasse disso.

— Ninguém gostaria disso! E você não me conhece, Matteo.

Ele chegou bem perto e, sem qualquer aviso, deslizou a mão por baixo da minha blusa, afastou o sutiã e beliscou meu mamilo. Imediatamente, meu centro de prazer contraiu-se de necessidade.

— Eu sei que você adora quando faço isso com seu mamilo perfeito — grunhiu.

Eu queria negar, mas pelo jeito que seu polegar e seu indicador me provocavam, não consegui encontrar palavras. Matteo cravou seus olhos

sombrios em mim conforme se aproximava cada vez mais.

— Sei que está molhada. Sei que sua boceta me quer mesmo que você não admita.

Ele ajoelhou e empurrou minha meia-calça e minha calcinha para baixo.

— O que...

Não fui mais longe. Ele se inclinou para frente e beijou minha carne quente. Assustada, prendi a respiração. Matteo libertou uma das minhas pernas da meia-calça e da calcinha antes de levantá-la e estendê-la sobre seu ombro. Seus olhos encontraram os meus ao mesmo tempo em que sua língua separava meus pequenos lábios e lambia devagar. Estremeci, pressionando minha boca com medo de emitir algum som embaraçoso.

Matteo recuou alguns centímetros.

— Está vendo? Eu sabia. Molhadinha para mim — disse com a voz grossa. Ele deu alguns beijos, depois, chupou levemente. Meus olhos queriam revirar na minha cabeça com a sensação.

— Alguém já fez isso por você? — Perguntou de forma intensa.

Nem consegui encontrar forças para mentir. Simplesmente balancei a cabeça dizendo “não”.

— Bom. — Ele me recompensou com um beijo avassalador, sua língua delineava minha abertura, depois, correu para o meu clitóris.

— Ai, meu Deus — sussurrei.

Matteo soltou meu lábio latejante.

— Seu gosto é perfeito, Gianna. — Ele me abriu e pousou um beijo no meu clitóris. — Você quer que eu pare?

Cerrei os dentes. Nunca quis nada menos. Foi necessário todo o meu autocontrole para não segurá-lo e empurrar sua cara em mim.

— Está me ignorando? — Perguntou Matteo com um tom provocador antes de me cutucar com a língua, enviando ondas de prazer pelo meu corpo, depois, tomou meu clitóris entre seus lábios e o chupou suavemente.

Engasguei e agarrei o balcão atrás de mim, precisando de algo em que me

apoiar. Minha cabeça caiu para trás conforme Matteo fazia a coisa mais maravilhosa com a língua. Com lambidas lentas, ele me levava cada vez mais perto do ápice. Dava para perceber que desta vez seria ainda mais intenso do que ontem. Sem que eu tivesse a intenção, minha mão agarrou a cabeça de Matteo e meus dedos enrolaram-se em seus cabelos escuros. Matteo me recompensou com um movimento de sua língua no meu clitóris.

— Isso — sussurrei. Eu nem me importava mais em estar admitindo como isso era bom. Todo o meu corpo gritava por alívio. Eu estava tão perto, minhas pernas começaram a tremer, minha respiração acelerou. Então, a campainha tocou. Dei um pulo de surpresa e meus olhos saltaram para o elevador. Ninguém poderia entrar sem que Matteo liberasse o acesso.

Matteo parou o que estava fazendo. Meus dedos ficaram mais apertados em sua cabeça.

— Não pare — exigi. Não tinha como esconder a necessidade em minha voz.

Matteo se endireitou e limpou a boca com um sorriso irritantemente convencido. Ele se inclinou para me beijar, mas eu virei a cara, fazendo com que ele beijasse minha bochecha.

— Paciência, Gianna. Tive seis meses para exercitar a paciência, agora, é a sua vez, mas não se preocupe, vou te comer mais tarde. Você é gostosa demais para resistir — murmurou ele antes de recuar e ir em direção ao elevador. — Você deveria se vestir. Não queremos oferecer um espetáculo a Sandro.

Não dava para acreditar nele. Eu me enrolei para vestir de volta a calcinha e a meia-calça depressa, depois, lavei as mãos e endireitei a saia. Meu sangue fervia de raiva. Matteo sorriu ao apertar o botão que permitia o elevador parar no nosso andar.

Nada estava terminado. Este jogo era para dois.

CAPÍTULO QUATORZE

Matteo



Gianna tentava me matar com os olhos. Não que a esta altura eu não estivesse acostumado com aquele olhar vindo dela, mas eu tinha que admitir que ainda me deixava excitado. Desejei que Sandro tivesse esperado mais alguns minutos para aparecer, ainda que sua aparição tenha me dado a chance de ensinar uma lição a Gianna. Infelizmente, eu estava me punindo com a minha própria lição tanto quanto a punia, o gosto dela era perfeito, mal podia esperar para lambê-la outra vez, para que ela gritasse meu nome e enfiasse os dedos em meus cabelos. Eu já estava ficando com um caralho de uma ereção de novo. Porra!

As portas do elevador abriram-se e Sandro entrou, segurando uma maleta preta.

— Bom dia, chefe. Espero não ter interrompido nada — falou com o olhar indo de mim para Gianna. Apesar da bagunça em que se deixou envolver seis meses atrás, ele ainda era um bom soldado. O melhor depois de Romero.

— Não interrompeu — falei sorrindo para Gianna, cujos olhos estreitaram-se ainda mais. Ainda bem que Sandro não olhou para a minha virilha porque não havia jeito de esconder o volume. Não que eu estivesse dando a mínima. — Vamos resolver isso agora — falei por fim.

Gianna cruzou os braços, de alguma forma conseguindo empinar os seios de um jeito delicioso. Será que fazia isso de propósito? Ela não se moveu enquanto eu caminhava em sua direção, parecia não se importar menos, mas eu a conhecia melhor que isso. Devia estar tentando descobrir um jeito de me fazer pagar por provocá-la, sem falar na tornozeleira. Mas ela mesma causou isso.

Sandro observava Gianna com desconfiança quando paramos ao lado dela. Não podia culpá-lo. Seu orgulho ficou bastante ferido quando ela e Aria drogaram-no e o amarraram. Entretanto, ele era esperto demais para mostrar seu

desagrado.

Apontei para os bancos.

— Você precisa tirar a meia-calça e se sentar.

— Obrigada pelo aviso. Você poderia ter mencionado a meia-calça antes e me poupado de uma série de problemas — resmungou ela. Porra, o olhar dela me fez querer jogá-la no balcão da cozinha e fodê-la até cansar.

Sandro fingiu estar ocupado com a tornozeleira eletrônica quando me inclinei para me aproximar de Gianna.

— Mas eu adorei te assistir vestindo sua meia-calça sexy e vou adorar te assistir tirá-la mais uma vez.

Gianna praticamente arrancou a meia-calça dessa vez, antes de subir na banqueta com suas longas pernas cruzadas. Ela comprimiu os lábios de raiva, e, então, estremeceu de dor. A fúria pelo pai dela irrompeu através da minha luxúria em ascensão. Dane-se Luca e sua determinação em manter a paz com a Outfit.

Sandro hesitou com a tornozeleira eletrônica na mão e lançou um olhar inquiridor em minha direção.

Eu nunca coloquei uma tornozeleira eletrônica em ninguém, então, mesmo que eu odiasse *pra* caralho a ideia de Sandro tocando na perna de Gianna, era a opção lógica. Assenti.

— Vá em frente.

— Estenda sua perna esquerda.

Gianna me deu um olhar fulminante, mas levantou a perna sem protestar. Talvez ela tenha decidido que era uma melhor opção do que ficar trancada no apartamento o tempo inteiro, ou talvez ela estivesse inventando coisas torturantes para fazer comigo como vingança. Eu tinha a sensação de que iria gostar do que quer que ela tivesse em mente, mesmo que não fosse a sua intenção.

Sandro se inclinou sobre a perna de Gianna e começou a apertar o pequeno monitor preto em volta de seu tornozelo. Debrucei no balcão da cozinha perto de

Gianna. Ela não olhou para mim.

— Isto também vai monitorar minha ingestão de álcool? — Perguntou a Sandro. Ele ergueu os olhos para ela, depois, para mim.

— Não ligo se você ficar bêbada, contanto que seja em Nova York — falei. Seus olhos azuis cravaram em mim com um ar de reprovação antes de ela virar para Sandro, que checava se a tornozeleira estava funcionando.

Com um aceno de cabeça, ele se levantou.

— Tudo pronto. Você pode rastreá-la com o notebook, celular ou qualquer outro aparelho que se conecte à internet.

— Ótimo — resmungou Gianna.

— Obrigado, Sandro.

— Precisa de algo mais?

Balancei a cabeça. — Hoje não. Romero está no andar de cima. Você pode voltar às suas outras tarefas.

Sandro deu um breve aceno para Gianna antes de se virar e ir para o elevador. Depois que ele saiu, voltei-me para Gianna.

— Então, por quanto tempo vou ter que usar esta coisa? — Perguntou ela, levantando a perna para olhar mais de perto o aparelhinho preto em volta de seu tornozelo. Odiava vê-la com aquele negócio. Parecia errado acorrentá-la daquele jeito, mas Luca sugeriu a tornozeleira e era uma solução adequada. Gianna era instável demais para seu próprio bem.

— Até que eu decida que posso confiar em você o suficiente para não fazer nada estúpido.

— Então, para sempre. — Ela deixou cair a perna.

Eu ri. — Não. Gosto bem mais das suas lindas pernas sem a tornozeleira eletrônica, acredite. Vou te liberar dessa coisa o quanto antes. — Passei os dedos sobre seu joelho nu, depois subi, até alcançar a bainha de sua saia jeans. Ela bateu na minha mão para afastá-la e desceu do banco pulando.

— Tire a mão — disse com suavidade.

Ergui as sobrancelhas. — Pensei que você quisesse continuar de onde

paramos. — Eu queria *pra* caralho continuar de onde paramos.

Ela passou por mim indo em direção à máquina de café, balançando os quadris de um jeito que me deixou duro mais uma vez.

— Estou bem — disse ela dando de ombros. — Só preciso de um pouco de café. — Ela pegou uma nova xícara e a pôs na máquina antes de me espiar sobre seu ombro. — E você? Está precisando de alguma coisa? — Seus olhos passearam pelo meu corpo em direção à minha ereção. Dava para notar que ela lutava contra um sorriso.

Ai, porra. Ela sabia mesmo como me dar um olhar sedutor. E, obviamente, pensava que podia jogar o meu jogo melhor que eu.

— Também estou bem.

Ela levou a xícara à boca, deu um gole, depois, passou a língua devagar pelo lábio superior.

Eu reprimi um gemido. Tinha que me encontrar com Luca para discutir o que havia perdido nos últimos meses enquanto estava atrás de Gianna, mas eu realmente desejava poder observá-la o dia todo e talvez convencê-la a passar a língua pelo meu pau. Caminhei até ela e enrolei uma mecha de seu cabelo no meu dedo indicador.

— Odiei essa nova cor. Você fica melhor ruiva.

Gianna recuou e colocou a xícara no balcão fazendo um barulho.

— Bem, estar bonita não era a minha maior preocupação enquanto fugia. Talvez você não tenha percebido, mas um mafioso famoso estava à minha caça.

Sorri. — Famoso?

Ela revirou os olhos. — Se você está atrás de elogios, está falando com a pessoa errada.

Eu não mandei que ela tingisse os cabelos para a cor natural, mesmo que fosse a minha vontade. Eu sabia que ela não o faria se eu tentasse pressioná-la. Talvez admitir que eu gostava mais dos cabelos ruivos já fosse o suficiente para fazê-la querer continuar morena para sempre.

— Tenho uma reunião com Luca. Você pode passar o dia com Aria lá em

cima se quiser.

Ela arregalou os olhos.

— Tenho permissão para passar o dia com Aria? — Depois de um segundo, sua boca se contraiu e ela acrescentou: — Não que eu precisasse da sua permissão para ver minha irmã...

— Você e Aria não se viam há bastante tempo, acredito que tenham muito o que conversar. — Perguntei-me se Gianna contaria a Aria sobre a noite passada e o que exatamente ela diria. Normalmente, eu perguntaria do que ela gostou, mas eu sabia que Gianna não me daria uma resposta honesta. As mulheres nunca reclamavam das minhas habilidades sexuais, mas eu queria ouvir de Gianna. Talvez Luca estivesse certo e eu fosse um babaca vaidoso.

— Podemos subir agora? — Perguntou Gianna, a animação era evidente em seu rosto. Era a primeira emoção de verdade que ela deixava transparecer durante esta manhã.

— O que me diz de um beijo para me convencer?

Ela me surpreendeu ao agarrar minha camisa, me puxando em direção a ela e colocando seus lábios sobre os meus. Seu corpo sexy inclinou-se para mim e sua língua deslizou para dentro da minha boca. Eu não precisava de mais nenhum incentivo. Segurei sua bunda, apertei, saboreando sua respiração enquanto nossas línguas dançavam uma com a outra. Empurrei meu pau duro nela. Ela precisava saber o que fazia comigo. Caralho. Eu estava tão fodidamente duro que era uma surpresa ainda não ter gozado na calça como se fosse um adolescente idiota.

Sem aviso, ela recuou e eu grunhi em resposta, apertei ainda mais forte sua bunda, mas ela tirou meus braços dali e saiu do meu alcance.

— Você queria um beijo, eu te beijei. Agora, vamos para Aria.

Que megera! Eu soube pela sua respiração acelerada e pelas bochechas ruborizadas que ela também foi afetada pelo nosso beijo, mas parecia determinada a reprimir seu desejo. Eu simplesmente precisava melhorar o meu jogo, mostrar a ela o que um orgasmo avassalador realmente significava. Depois

disso, esperava que ela ficasse em minhas mãos.

Fui para o elevador como se não ligasse a mínima. Eu tinha experiência suficiente em esconder meus sentimentos, então, não tive problema nenhum em disfarçar minha excitação. Apertei o botão para abrir as portas do elevador e fiz sinal para Gianna entrar. Ela franziu a testa, porém, entrou no elevador e se encostou na parede.

Escondendo um sorriso, juntei-me a ela e pressionei o botão para subir. Levaram vários segundos até que Luca autorizasse nossa subida. Antes de se casar com Aria, eu tinha permissão para pegar o elevador e subir sem sua autorização, mas, desde então, ele instalou o comando manual outra vez. Não que eu o culpasse. Eu também não queria que nem ele nem Aria invadissem quando Gianna e eu estivéssemos profanando cada espaço disponível do apartamento. O elevador começou a se mover e, em poucos segundos, parou novamente.

Aria já esperava em frente às portas quando elas se abriram. Ela mal me olhou antes de puxar a irmã para um abraço e arrastá-la para a sala.

Luca estava encostado na parede com os braços cruzados.

— Sem beijo de despedida da sua esposa adorável?

Aria e Gianna tinham se sentado no sofá e sussurravam entre elas. Romero levantou a mão para cumprimentar de onde estava na cozinha. Ele vigiaria Aria e Gianna enquanto Luca e eu estivéssemos ocupados na Sphere. Ele sabia o que as duas fizeram com Sandro, então, não baixaria a guarda, e mesmo se fizesse isso, a tornozeleira eletrônica me alertaria da localização de Gianna.

— Aria também não parece muito triste em te ver saindo — falei quando Luca se juntou a mim no elevador.

Ele sorriu maliciosamente.

— Nós já nos despedimos duas vezes de manhã. E quanto a vocês? Como foi a noite de núpcias?

Eu não conseguia parar de sorrir. — Melhor que a sua.

Luca ergueu as sobrancelhas num silêncio questionador.

— Quer dizer que ela deu?

— Deu — respondi. — E eu fui o primeiro.

— Ela te disse isso? — Luca perguntou em dúvida.

— Não, não disse. Ela ficou furiosa por eu ter descoberto, mas não tinha como ela conseguir esconder.

— Bom para você — disse Luca, dando um tapinha no meu ombro. — Então, você ainda a quer ou voltou à razão agora que seu pau não está mais comandando o seu cérebro?

Mostrei o dedo do meio a ele.

— O que te faz pensar que meu pau não está mais no comando?

Luca suspirou. — Como queira, mas não vem reclamar comigo quando ela começar a te irritar. — O elevador parou e abriu na garagem subterrânea. — Agora, vamos focar nos negócios. Você já desperdiçou tempo demais. Preciso de toda a sua atenção agora.

— Não se preocupe — falei, mas desconfiava que não seria fácil tirar Gianna da minha cabeça. A imagem de seu corpo nu embaixo de mim explodia no meu cérebro e eu não estava muito disposto a deixá-la ir.

Gianna

Aria me arrastou para o sofá, para longe de Luca e Matteo. Nós nos sentamos e Aria tocou meu lábio inchado fazendo uma careta.

— Não dá para acreditar que Papai te bateu tão forte.

— Não foi a primeira vez — resmunguei.

Romero nos observava da cozinha. Eu realmente me perguntava como ele suportava ficar preso nesta cobertura com Aria o dia inteiro. Duvidava que muitos soldados competissem pelo serviço.

Depois de um tempo, Aria inclinou-se para perto de mim e sussurrou:

— Você está bem? Como foi ontem à noite?

Olhei na direção onde Luca e Matteo estavam, mas eles já tinham desaparecido dentro do elevador e saído para Deus sabe onde.

— Gianna?

— Estou bem — falei, sorrindo para minha irmã de maneira reconfortante. Ela parecia não ter dormido muito esta noite. Será que a preocupação por mim a manteve acordada?

— E... Como foi? Você dormiu com Matteo?

Eu ri. Aria lembrava-me de mim mesma depois da noite de seu casamento. Eu estava tão terrivelmente preocupada com ela.

— Não soe tão nervosa. Estou bem de verdade. — Eu estava estranhamente bem. Talvez até bem demais. Fora tão fácil encontrar o caminho de volta para a minha antiga vida, como se a vida que tentei levar pelos últimos meses nunca tivesse combinado comigo de verdade. Hoje de manhã, eu não me perguntei onde estava, não tive que lembrar a mim mesma do meu pseudônimo atual. Eu era eu novamente.

— Você não parece bem. Por favor, me conte o que aconteceu. Deixei Luca louco com o meu nervosismo ontem à noite.

Isso me fez sorrir. Tudo o que acabava com o humor de Luca me fazia sorrir.

— Eu dormi com Matteo. — Meu cérebro retornou à sensação dele dentro de mim, de seu olhar intenso, seu corpo forte, seu toque, e meu centro de prazer contraiu-se mais uma vez. Não tinha certeza de como fazer meu corpo parar de ansiar tanto pela atenção de Matteo, mas eu sabia que tinha que dar um jeito se algum dia quisesse reter algum tipo de poder neste casamento.

— Parece que você não está dando a mínima — disse Aria com um sorriso provocador.

— Como você mesma disse, Matteo é bonito e sabe o que faz, então, não foi ruim.

— Ele percebeu que você não tinha dormido com ninguém antes?

— Percebeu. Você estava certa. Doeu *pra* diabos. Ele ficou tão arrogante

quanto a isso. Eu queria mesmo que ele não tivesse descoberto. Sinto como se ele tivesse mais poder sobre mim agora que sabe.

Aria balançou a cabeça.

— Você precisa parar de pensar assim. Você e Matteo precisam encontrar um jeito de se darem bem agora que estão casados. É bom ele saber da verdade.

— Matteo também não facilita para mim exatamente. Ele é sempre tão arrogante e é sempre ele que começa com os joguinhos. E você sabe o que mais ele fez? — Levantei a perna que estava com a tornozeleira eletrônica idiota. Eu ainda não conseguia acreditar que Matteo tinha mesmo colocado aquela coisa no meu corpo, como se eu fosse um cachorro que precisava de uma coleira. Claro que da perspectiva dele, provavelmente seria a coisa mais normal a se fazer. Afinal, ele era um assassino controlador, possessivo, com fome de poder, mas isso não significava que eu gostava.

Aria fez uma careta. — Eu sei. Luca comentou sobre isso comigo hoje de manhã. Foi ideia dele. — Ela parou de falar com uma expressão de desculpas. — Tentei convencê-lo a desistir, mas ele disse que não vai arriscar ter mais nenhum conflito com a Outfit te deixando à solta.

— Como se Papai ou qualquer outra pessoa da Outfit fosse se importar se eu fugisse outra vez. Não sou mais problema deles, lembra? — Abanei os dedos, mostrando a aliança.

— Luca e Matteo pareceriam fracos se você conseguisse fugir novamente, e isso enfraqueceria a posição deles. As coisas entre Nova York e Chicago não têm sido exatamente tranquilas ultimamente.

— Por minha causa?

— Não só por sua causa — esclareceu Aria. — Luca e Dante não se dão muito bem. Os dois são alfas que não estão acostumados a trabalhar com pessoas semelhantes a eles.

— Acredito que você não conheça nenhum jeito de se livrar dessa coisa. — Indiquei o aparelho preto.

— Não. É muito desconfortável?

Dei de ombros. — Na verdade, não, mas eu odeio. E posso me despedir das saias e dos vestidos curtos, a menos que eu queira que todos pensem que sou uma criminosa.

Aria tocou meu braço de leve.

— Tenho certeza de que Matteo logo vai tirá-la.

— Duvido. Se eu fosse ele, não confiaria em mim tão cedo. Provavelmente nunca.

Os olhos de Aria correram para os meus cabelos outra vez. Ela esteve fazendo isso desde que me viu pela primeira vez com a nova cor.

Passei uma mão sobre eles.

— Você odiou, não é?

— Não estou acostumada com essa cor. Talvez eu passe a gostar, mas sinto falta de seus cabelos ruivos.

— Eu também — admiti. — Matteo também odeia meus cabelos castanhos.

— Não me diga que você vai continuar morena porque quer irritá-lo? — Perguntou Aria com um olhar acusador.

Eu não era tão infantil assim. Talvez seis meses atrás, esta teria sido a minha reação, mas fugir me ajudou a amadurecer. Eu não manteria meu cabelo de uma cor que não gostava para irritar Matteo. Havia outras maneiras que poderia infernizar sua vida e esperava explorá-las o máximo possível.

— Vou voltar à cor natural assim que puder. Você acha que Matteo surtaria se saíssemos do apartamento para procurar um cabeleireiro?

— Provavelmente. Vocês estão casados há menos de um dia. Talvez devesse tentar se comportar da melhor forma possível pelo menos por hoje.

— Vou me empenhar — falei com sarcasmo.

Aria levantou-se.

— Já está quase na hora do almoço. Vamos ver alguma coisa para comer e eu ligo para a minha cabeleireira e peço que venha até aqui para fazer seu cabelo, pode ser?

Levantei-me.

— Perfeito. Estou morrendo de fome.

Segui Aria até a cozinha. Romero pousou o celular no balcão, seus olhos e sua postura ficaram em alerta quando nos aproximamos. Sandro deve tê-lo avisado sobre nós. Isso me lembrava de algo que queria perguntar a Aria desde que fugi. Esperei até que ela terminasse a ligação com a cabeleireira e nos fizesse uma salada antes de trazer o assunto à tona.

— Você teve muitos problemas com Luca por me ajudar? — Perguntei baixinho. Não queria que Romero nos escutasse. Ele parecia bastante ocupado ao telefone, provavelmente com Matteo ou Luca que nos checavam.

O rosto de Aria se contraiu.

— A princípio ele ficou com raiva, mas me perdoou. Acho que se deu conta de que nunca o deixarei.

Ela e Luca pareciam bem felizes, mas, às vezes, as aparências enganam e eu não estava tão certa de que Aria me falava a verdade. Ela não diria nada que pudesse me fazer sentir culpada.

— Tem certeza?

— Essa fala não é minha? — Perguntou brincando.

Sorri. — Você me ensinou umas coisinhas.

— Bom saber.

— Tem outra coisa que venho me perguntando — falei discretamente. — Como Matteo me encontrou?

— Na verdade, Luca não conversava comigo sobre a busca. Ele sabia que eu te avisaria. Você acha que pode ter sido pelo blog? Acho que Luca verificava meu notebook. Tentei te alertar.

— Eu tentei não mencionar nenhum local nas minhas publicações. Mas é possível que eles tenham conseguido a minha localização através do meu blog. Quem sabe?

A campainha tocou. Romero foi em direção ao elevador antes que Aria ou eu pudéssemos nos mexer.

— Ele vai nos deixar sozinhas em algum momento? — Perguntei quando ele estava a certa distância.

— Nem tão cedo — disse Aria dando de ombros. Ela se levantou da cadeira para cumprimentar a mulher com cerca de quarenta anos que entrava na cobertura com duas bolsas enormes. Aria me apresentou à sua cabeleireira e, cinco minutos depois, nós colocamos uma cadeira no banheiro e meus cabelos foram encharcados de um creme que deveria fazê-los voltar à cor original, não imediatamente, mas depois de vários tratamentos.

Felizmente, eu podia dar uma volta enquanto a cor reagia nos meus cabelos. Aria me emprestou o notebook dela e eu me acomodei na mesa de jantar. Temerosa, procurei por alguma notícia de homicídio em Munique em sites alemães. Não demorou muito para que eu visse o artigo que mencionava a morte de Sid, a polícia não tinha nenhuma pista. Minhas antigas colegas tiveram que se mudar por enquanto e eu duvidava que elas voltassem ao apartamento onde Sid encontrara seu fim. O jornal me mencionava, ou melhor, meu pseudônimo Gwen, e dizia que a polícia procurava por ela porque era uma testemunha. Graças a Deus não havia uma foto minha. Sempre tomei cuidado para não aparecer em nenhuma fotografia. Mas havia uma foto de Sid com seu violão.

Meu estômago contraiu-se de tristeza e arrependimento. Aria pôs uma mão em meu ombro.

— Você não deveria ler isso. Não há nada que possa fazer, Gianna.

Fechei o notebook lentamente. Havia uma coisa que eu poderia ter feito. Poderia ter dito à polícia quem era o responsável pela morte de Sid, para que sua família encontrasse a paz, mas isso era algo que eu nunca faria. Havia certas regras que nem eu quebraria. Eu não era burra nem suicida.

O olhar preocupado de Aria não me deixou quando voltamos para o banheiro para lavar meus cabelos.

— Estou bem — sussurrei, mas ela não pareceu acreditar, nem eu acreditava. As últimas 24 horas foram um turbilhão de emoções e mudanças. Eu mal tive tempo para refletir sobre tudo o que aconteceu e não tinha certeza se

queria fazer isso. Talvez Aria estivesse certa e eu devesse tentar seguir em frente e deixar o passado para trás. O problema era que eu não tinha certeza se conseguiria. Eu não devia à minha consciência e a Sid algum tipo de desafio, e não apenas me estabelecer em minha nova vida com Matteo como se nada tivesse acontecido?

CAPÍTULO QUINZE

Matteo



Quando Luca e eu voltamos para a cobertura naquela noite, parecia que a porra de um trem tinha passado por cima de mim. Eu não tinha tido mais do que quatro horas de sono nos últimos três dias. Assim que avistei Gianna, qualquer pensamento de cansaço foi pelos ares. Seus cabelos não estavam mais castanhos. Não estavam ruivos como antes de ela fugir, mas quase, e ela estava maravilhosa *pra* caralho até mesmo com o lábio inchado.

Contudo, senti que havia algo errado. Depois do jantar com Aria e Luca, nós voltamos para o nosso apartamento. Gianna correu para o quarto como se mal conseguisse esperar para se afastar de mim; infelizmente para ela, ali era mesmo onde eu a queria. Fui atrás dela e fechei a porta com um estrondo. Gianna me olhou irritada, mas não disse nada. Em vez disso, virou de costas para mim e remexeu as gavetas. Caminhei até ela, deslizei meus braços em volta de sua cintura e a puxei para mim.

— Você está pensando demais. Por que não me deixa te distrair? — Chupei a pele onde sentia sua pulsação. A princípio, ela ficou tensa, mas depois relaxou encostada em mim.

— Como eu sei que você não vai fazer joguinhos comigo outra vez? — A voz dela estava diferente, mas eu não estava no clima de conversar sobre sentimentos.

Tracei uma trilha de beijos até sua clavícula e deslizei minha mão mais para baixo, apalpando sua boceta através das roupas. Ela arqueou-se para mim. Ri contra a sua pele. Ela tinha cheiro de flores, misturado com o perfume próprio de seu corpo.

— Não se preocupe. Quero te saborear a noite inteira. Quero te fazer gozar várias vezes.

Ela estremeceu contra meu corpo, depois, sua mão apertou a minha, me puxando ainda mais para ela. Do fundo de sua garganta veio um som guloso. Lambi seu ombro conforme meus dedos escorregavam por baixo de sua saia e da calcinha, alcançando suas dobras molhadas. Reprimi um gemido ao sentir sua excitação. Precisei de todo o meu autocontrole para não enfiar minha língua na sua boceta naquele instante. Abri seus lábios de veludo, roçando as pontas dos dedos em sua pele úmida antes de enfiar um dedo dentro dela. Ela jogou a cabeça para trás contra o meu ombro ao mesmo tempo em que colocava a mão para trás e agarrava meu pau por cima da minha calça. Grunhi, depois, empurrei em sua mão.

Enfiei outro dedo dentro dela. Caralho, ela era tão apertada. Suas paredes internas contraíam-se em volta dos meus dedos como um torniquete. Mal podia esperar para substituí-los pelo meu pau. Estava com um tesão do caralho para ir devagar ou ser delicado. Eu a fodi com meus dedos, desfrutando da sensação de seus fluidos na minha pele e dos sons vindos da sua boca. Ela movimentava os quadris no mesmo ritmo que eu enfiava meus dedos, e apertava meu pau com tanta força que quase doía. Era incrível *pra* caralho. Esfreguei meu polegar em seu botão úmido de prazer.

— Deus, assim — ela arfou, seu corpo enrijecia contra o meu. Continuei metendo quando foi atingida pelo orgasmo. Depois que ela relaxou, a ergui em meus braços e a carreguei para a cama. Não dei tempo para ela se recuperar. Tirei sua saia e sua calcinha, montei entre suas pernas, abrindo-as. Meus olhos acolheram sua boceta gloriosa, reluzente e perfeitamente rosada. Diferente de algumas garotas, Gianna não era tímida em relação ao seu corpo. Ela não tentava proteger os seios nem a boceta de mim. Ela me deixava admirá-la e retribuía meu olhar sem hesitar. Ela era perfeita *pra* caralho.

Sem tirar os olhos dela, abaixei a cabeça. Ela ficou tensa quando meus lábios quase tocaram suas dobras, mas eu parei para inspirar profundamente seu cheiro inebriante. Gianna balançou os quadris, uma exigência silenciosa que me fez sorrir. Não precisava ser persuadido. Dei uma longa lambida desde o buraco

apertado até seu clitóris rosa perfeito. Meu pau se contraiu em resposta ao seu sabor arrebatador. Caralho! Fui com tudo, lambendo e mordiscando. Ela me recompensou com gemidos ofegantes. Quando chupei seus lábios internos, brincando com eles delicadamente, ela enterrou os dedos na colcha e se contorceu na cama. Demorei um pouco, trazendo-a mais para perto e, depois, me afastando diversas vezes. Os gemidos de Gianna transformaram-se em gritos. Assistir ao seu corpo arquear para cima em êxtase era a melhor visão do mundo. Minha ereção beirava à dor. Quando Gianna voltou de seu orgasmo, soltei-a e me movimentei rapidamente na cama.

Eu precisava fodê-la agora ou enlouqueceria. Tirei a calça e a cueca, mas não me incomodei com a camisa. Gianna me surpreendeu ao ajoelhar na cama e envolver meu pau com sua mão. Seus olhos azuis praticamente me desafiavam quando ela levou a boca para baixo e fechou os lábios ao redor da minha ereção. Gemi, afastei os cabelos do rosto dela para ter uma visão melhor de sua boca tomando o meu pau. Quase ejaculei naquele instante, mas alguns truques mentais me trouxeram de volta. Devagar no começo, depois, mais rápido, Gianna me chupava, seus lábios rosados se estendiam em volta da grossura do meu pau. Eu queria gozar em sua boca com ela olhando para mim deste jeito, mas, ainda mais que isso, eu queria sentir sua boceta apertada outra vez. Ela passou a língua em volta da cabeça antes de engoli-lo quase todo até atingir sua garganta.

Depois, saiu abruptamente e limpou a boca. Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você gosta quando eu paro assim?

Eu ri. Ela estava tentando me fazer pagar por hoje de manhã? Tinha escolhido um péssimo momento. Subi nela com um sorriso cruel e pressionei minha ereção em sua abertura quente. Ela arregalou os olhos, mas não lhe dei nenhum tempo para reagir. Enganchei minha mão sob sua perna e a abri ainda mais antes de começar a meter dentro dela. Ela ainda estava tensa e seu rosto mostrou desconforto com a minha invasão. Diminuí a velocidade, aliviando para ela e dando-lhe tempo para se acostumar com o meu pau. Ontem, eu não fui

cuidadoso porque não sabia da verdade, mas hoje, eu queria fazê-la gozar comigo dentro dela. Observei seu rosto mais atentamente até me abrigar completamente em seu canal apertado. Parei por um segundo. Ela agarrou meus ombros, seu olhar desafiador estava de volta.

— Você vai ficar assim ou em algum momento vai começar a se mexer?

— Ah, eu vou me mexer. — Marquei minhas palavras com uma estocada experimental para ver como ela reagiria. Não havia sinal de desconforto desta vez e eu fiquei contente *pra* caralho. Precisava fodê-la agora e não tinha nenhuma vontade de me conter. Mantendo meus olhos em seu rosto, estabeleci um ritmo rápido e forte, não tão forte como eu gostaria, mas Gianna ainda devia estar dolorida, ainda que não admitisse. Ela era apertada, fechando-se em volta do meu pau de um jeito avassalador. Cada gemido que eu extraía de seus lábios era como uma vitória, porque era óbvio que ela estava tentando mantê-los para si. Mudei de ângulo e enfiei ainda mais fundo dentro dela. Outro gemido escapou.

Coloquei a mão entre nós dois, pressionando meus dedos em seu clitóris. Precisava que ela gozasse. Meu próprio orgasmo já estava perto e de jeito nenhum eu gozaria antes dela.

Meti mais forte e mais fundo e Gianna arregalou os olhos, seu rosto contorcia de prazer. Ela agarrou minhas costas com as unhas arranhando a minha pele e eu enlouqueci. Fodi ainda mais forte, perdendo qualquer vestígio de controle. O tesão embaçou minha visão quando me derramei dentro dela. Grunhi contra seu pescoço suado, inspirando seu cheiro enquanto me aliviava em sua boceta. A respiração de Gianna era pesada quando meu corpo se acalmou. Levantei a cabeça e sorri para seu rosto corado, mesmo quando ela fez uma careta. Era quase adorável que ela ainda tentasse continuar com o joguinho.

Devagar, saí de dentro dela. Ela se retraiu, depois, disfarçou depressa.

— Dolorida? — Perguntei ao me esticar ao lado dela. Toquei sua barriga, ela não me afastou, apenas se encolheu em resposta..

Cheguei mais perto e beijei atrás de sua orelha.

— O sexo te deixou muda?

— Bem que você queria — resmungou ela, sua voz estava mais lenta e relaxada que o normal.

— Não, isso seria chato. As coisas que saem da sua boca são mais interessantes do que você pensa.

Ela olhou para mim.

— Fico feliz por te divertir.

— Eu também.

Como na noite passada, esperei que ela dormisse antes de eu relaxar. Não creio que isso fosse mudar algum dia.



Os próximos dias se seguiram com a mesma rotina, até a noite em que a respiração de Gianna não desacelerou como costumava acontecer. Eu estava cansado *pra* caralho e logo perdi o duelo contra o sono.

— Você sempre espera que eu durma primeiro — falou ela em meio à escuridão, despertando-me com o susto.

Claro que ela percebeu.

— Às vezes me esqueço do quanto você é observadora.

Ela virou-se para mim no escuro. Consegui distinguir o branco de seus olhos e o contorno de sua cabeça, mas não muito mais que isso.

— Por quê?

— Eu sou um babaca desconfiado.

— Você acha que eu te mataria enquanto dorme?

Estava difícil de avaliar suas emoções sem ver sua expressão e eu odiava isso *pra* cacete.

— Você esteve pensando nisso? — Era para ter soado como uma piada, mas saiu sério demais.

— Não, não posso ver sangue.

— Esse é o único motivo por que eu não tenho uma das minhas facas enfiada nas minhas costas?

— Não. Matar você não me tiraria deste apartamento. Não sei o código do elevador.

— Que alívio. — Resmunguei. Não tinha certeza se ela estava brincando ou não. — Você não parece tão infeliz assim com o casamento.

— Estamos casados há apenas alguns dias e você nunca está por perto, isso é um bônus. E talvez eu seja uma boa atriz.

— Então, eu acho que é bom mesmo não confiar em você.

— É — disse ela séria.

— Suponho que você esteja querendo me assustar. — Falei num murmúrio baixinho, me aproximando tanto dela que dava para sentir sua respiração no meu rosto.

— Não acredito que haja algo ou alguém que consiga te assustar — sussurrou em resposta.

— Todo mundo tem medo de alguma coisa. Por que comigo seria diferente?

— Porque você é a pessoa mais assustadora que conheço.

Fiquei quieto. Não parecia que ela estava brincando.

— Você tem medo de mim?

O silêncio foi a minha resposta.

Alcancei seu braço.

— Gianna?

— Tenho — foi sua resposta sonolenta.

— Por quê?

Mas sua respiração acalmara, ela havia adormecido. O que eu deveria fazer com esta confirmação? Nunca dei um motivo para ela ter medo de mim. Tudo bem, ela já me viu fazer algumas merdas assustadoras, mas nunca fiz nada contra ela.

Levou um bom tempo depois disso para eu cair no sono.



Gianna não falou nada sobre nossa conversa da noite anterior no dia seguinte. Desconfiava que ela odiara ter sido honesta. Eu nunca fugia de assunto nenhum, mas não queria perguntar-lhe outra vez por que ela tinha medo de mim. Não tinha certeza se queria saber.

Gianna tocava seu lábio o tempo todo durante o café da manhã. Não estava mais inchado.

— Deixa eu dar uma olhada — falei, afastando a mão dela. — Acho que dá para tirar os pontos.

Ela fez uma careta.

— Agora?

— Está com medo? — Perguntei, porque não consegui me conter.

— Não, claro que não — respondeu. Perguntei-me se ela se referia a algo além dos pontos. Levantei-me e a levei para o banheiro onde guardava meu kit de primeiros socorros. Desta vez, Gianna não reclamou quando a ergui para a bancada e me posicionei entre suas pernas.

Peguei uma tesoura pequena do kit.

— Abra a boca.

Ela abriu, mas me deu um olhar de advertência como se pensasse que eu tinha algo perverso em mente. Sorri e beijei sua orelha.

— Sabe quando as crianças ganham um doce como recompensa depois de ir ao médico?

Ela revirou os olhos, mas não afastou minha mão quando a coloquei no meio de suas pernas por cima de seu jeans.

— Seja uma boa menina e será recompensada.

Recuei, me divertindo com a careta que Gianna fazia. Ela não teve chance

de uma resposta porque comecei a mexer nos pontos. Não demorou muito, e Gianna se retraiu apenas duas vezes.

— Pronto — falei, guardando a tesoura e a pinça. — Quer sua recompensa agora? — Esfreguei sua boceta.

Ela olhou para mim.

— É só dizer o que precisa. — Ela comprimiu os lábios. — Não? — Perguntei, dando um passo para trás, e parei de tocá-la.

— Como se eu precisasse de você para isso — disse ela de repente, depois, abriu o jeans e enfiou sua mão lá dentro.

Soltei o ar ao assistir seus dedos se movendo embaixo do tecido.

— Caralho. — Avancei para ela e arranquei seu jeans e sua calcinha.

Gianna não parou de se acariciar. Seus dedos finos esfregavam seu clitóris com agilidade enquanto ela me observava com olhos estreitos. Foi a coisa mais sexy que já vi.

— Abra mais um pouco as pernas — ordenei. Para a minha surpresa, Gianna obedeceu. Seus olhos ficavam obscurecidos de tesão conforme ela se tocava. Cacete, dava para notar o quanto ela estava molhada.

Encostei na parede, abri o zíper e coloquei meu pau para fora. Gianna se acariciou ainda mais rápido quando segurei minha ereção e comecei a me masturbar.

— Isso não é certo — sussurrou. Ela não tirou os olhos do meu pau e eu não consegui tirar meus olhos dos dedos dela que agiam em seu botão rosado.

— Quem se importa? — Grunhi. — Coloque um dedo dentro da sua boceta.

Ela deslizou um dedo para dentro de sua abertura apertada.

— Mais um — ordenei.

Ela hesitou um pouco, mas eu não consegui mais aguentar. Cambaleei para frente, tirei a mão dela do caminho e me enterrei profundamente dentro dela. Ela estremeceu sobre mim conforme seu corpo ondulava pelo orgasmo. Depois de algumas estocadas, eu também gozei.

— Isso não é certo mesmo — falou mais uma vez, sua voz estava rouca por causa do sexo.

Não saí de dentro dela. Em vez disso, descansei minha testa em seu ombro e respirei fundo.

— O que não é certo, é bom.

— Sabia que diria isso.



— Essa merda é irritante — disse ela, depois de outra rodada de sexo nesta noite, balançando no ar a perna com a tornozeleira eletrônica. Aquilo também me incomodou nas poucas vezes em que estive em contato com ela durante o sexo, mas não arriscaria tirá-la. Não só Luca teria um ataque, também teria eu mesmo que supervisionar Gianna 24 horas por dia sem o aparelho.

— Você vai se acostumar. — Tentei puxá-la para mim, mas ela escapou, indo para a beirada da cama.

— Nada de dormir abraçados enquanto eu tiver que usar esta coisa — falou.

Eu ri. — Contanto que você não suspenda o sexo.

— Talvez eu faça isso.

Corri minha mão da sua barriga para baixo e passei um dedo em seu clitóris.

— Por que você iria querer se punir desse jeito?

— Você é um babaca arrogante. Talvez pense que seu pau é mágico, mas deixa eu te dizer uma coisa: não é. — Ela não tirou a minha mão de onde eu a acariciava. Talvez não tenha percebido, mas chegou a abrir as pernas um pouco mais para me dar um acesso melhor. Delineei levemente suas dobras macias. Adorava sua suavidade e o jeito que seu corpo respondia a mim. Não aumentei a pressão, apenas passei meus dedos sobre sua boceta levianamente. Ela ainda devia estar super sensível, então, eu precisava ser carinhoso se quisesse levá-la

ao clímax novamente. Seus lábios abriram-se e sua respiração acelerou um pouco. Fui para cima dela e chupei seu mamilo. Levá-la ao limite desta vez foi ainda melhor porque eu não estava ocupado com meu próprio desejo, podia focar totalmente em Gianna, sua respiração pesada, seus olhos semicerrados, seus mamilos entumecidos, enquanto ela sucumbia ao orgasmo.

Nem mesmo me importei quando Gianna deu as costas para mim logo depois, tentando me punir ao não retribuir. Eu tive o que queria.

— Você tem noção de que é só sexo o que existe entre nós dois, não tem? — disse ela com raiva.

— Sexo é importante.

— Claro, mas é só o que temos.

— Não é só o que temos — falei irritado.

— É, sim, e não haverá mais nada. Não pense que gosto de você só porque eu gosto de foder você.

— Obrigado pelo aviso — grunhi.

Gianna

Eu ainda estava aborrecida comigo mesma durante o café da manhã, principalmente porque a expressão de Matteo estava arrogante demais apesar das minhas palavras duras. Talvez ele pensasse que eu estava brincando, ou talvez não se importasse.

Meu corpo tinha vontade própria, sempre ansiava pelo seu toque. E Matteo parecer um modelo com aquela camisa branca justa e os cabelos bagunçados não ajudava. Ele era o sexo em pessoa, e eu sabia disso.

— Fomos convidados para jantar com a família de um dos chefes esta semana, então, você e Aria deveriam ir comprar roupas.

Deixei cair minha colher cheia de iogurte.

— Você quer que eu compareça a um evento social com você? — Mal podia acreditar que ele sairia comigo em público tão rápido. Estávamos casados

há duas semanas e as fofocas provavelmente continuavam a todo vapor. — Todos estarão falando de mim pelas costas.

Matteo deu de ombros.

— Não dou a mínima para o que pensam e todos sabem muito bem que é melhor não falar nada na nossa frente.

— Eu conheço essas mulheres, elas não perdem uma oportunidade de falar mal de alguém, principalmente de mim.

— Ignore. Até parece que a opinião delas importa. Elas sempre falarão merda sobre você. É só o que podem fazer.

Eu não ligava para o que diziam, mas nunca gostei de compromissos sociais e duvidava que isso mudasse tão cedo.

— Eu sei, mas odeio essas reuniões. É pura falsidade. As pessoas que não hesitariam em enfiar uma faca em suas costas sorriem para você se almejam obter algo com isso.

Por um bom tempo eu pensei que fosse antissocial e apenas não gostasse de estar perto de grupos grandes de pessoas, mas, durante o tempo em que estive fugindo, fui a várias festas e nunca me senti deslocada. Mesmo que eu estivesse fingindo ser outra pessoa no momento, sentia-me mais verdadeira comigo mesma do que jamais me senti perto das pessoas em nosso mundo.

— Você vai se acostumar a elas.

— Não quero me acostumar. Foi por isso que fugi.

Matteo analisou meu rosto com uma expressão estranha e, então, seus lábios contraíram.

— Então, você não fugiu apenas de mim?

— Não crie expectativas. Você definitivamente foi um dos principais motivos — falei.

— Mas não o único.

Revirei os olhos e dei outro gole no meu café.

— Eu tenho mesmo que ir a este jantar?

Matteo se levantou da cadeira e me surpreendeu com um beijo rápido na

boca.

— Sim. Não quero passar por isso sozinho agora que tenho uma esposa com quem dividir minha agonia. Apenas faça o que eu faço quando tenho que falar com idiotas: imagine como seria decapitá-los.

Independente do quanto eu tentasse afastá-lo, Matteo parecia ter a intenção de fazer as coisas entre nós funcionarem. Por que ele tinha que ser tão teimoso? Não podia finalmente se cansar de mim e me dar uma chance de ir embora?

— É fácil para você falar, mas nem todos temos o hábito de matar pessoas.

Cenas de Sid quiseram se ancorar no meu cérebro outra vez, mas eu não podia suportá-las neste momento e as forcei a sair.

— Então, imagine como seria me assistir matando as pessoas que te aborrecem. Afinal, como seu marido é o meu dever matar seus inimigos. — Matteo deu aquele sorriso arrogante e seus olhos iluminaram-se com humor. Meu estômago se agitou de um jeito assustador e eu logo desviei meu olhar dele e esvaziei minha xícara.

— Vou subir para a Aria e falar com ela para irmos às compras. Afinal, eu preciso ser uma boa esposa — falei zombando, mas, por algum motivo, soou errado. Meus sentimentos me confundiam, tudo em relação à minha situação me confundia.

— Você deveria comprar umas roupas novas — disse Matteo enquanto guardava a arma no coldre.

— Isso é uma ordem?

— Não sei se é necessário ordenar que uma mulher compre roupas. Não é o passatempo preferido de vocês?

— Sério? — Quase ri. — As mulheres não são todas iguais.

— Ah, eu sei. — E lá estava aquele sorriso de novo.

Meus olhos permaneceram na arma, tentando me lembrar que esse era quem ele realmente era. O sorriso que fazia meu estômago revirar era apenas um disfarce.

Levantei-me abruptamente.

— Você e Luca ficarão fora o dia inteiro outra vez?

— Por quê? Você e Aria têm outra fuga planejada?

— Ha ha — resmunguei, depois, levantei a perna da minha calça, revelando a tornozeleira eletrônica preta. — Não posso, lembra?

— Isso não te impede de fazer planos. Não me diga que você não pensa mais em fugir?

Considerei mentir, mas ao invés disso, optei pela verdade.

— Claro que penso nisso. Você acha que um bom sexo e um anel no meu dedo me fariam mudar de ideia de repente?

— Só “bom”? Hmm...

Bufei e fui para o elevador. Matteo se juntou a mim lá dentro, seus olhos focados em minha mão.

— Você está usando a aliança. Pensei que a jogaria fora na primeira oportunidade que tivesse.

Dei uma olhada para baixo, para o círculo de ouro com uma linha de diamantes.

— Você a levou consigo o tempo todo enquanto estava atrás de mim?

Matteo sorriu como se soubesse que eu estava evitando sua questão, e eu estava. Eu nem tinha considerado jogar a aliança fora. Parecia um grande desperdício. Pelo menos eu esperava que fosse o único motivo.

— Claro — falou. — Eu sempre soube que acabaria te pegando e sabia que teria que te fazer minha esposa antes que você fugisse de novo.

Sua confiança era insuportável. E, também, incrivelmente sexy. Agradeci quando as portas do elevador se abriram e eu pude me distanciar do sorriso de Matteo e dos meus próprios pensamentos indesejados. Luca passou por mim com um aceno quase imperceptível e se juntou ao irmão no elevador.

As boas-vindas de Aria foram bem mais calorosas. Ela estava toda radiante quando veio até mim e me abraçou.

— Ainda não consigo acreditar que você está morando tão perto de mim. Eu senti falta de verdade de te ter como minha confidente.

— Suponho que não haja muitas mulheres confiáveis por aqui — falei, meu sangue ferveu quando lembrei como Cosima, a prima de Luca, enganou Aria para que ela pegasse Grace e Luca juntos.

— Agora que você está aqui, eu não me importo. — Aria olhou para seu relógio de ouro elegante. — E se nós saíssemos para tomar um café agora e, depois, fôssemos ao shopping? Luca disse que fomos todos convidados para a festa de Natal dos Bardoni.

Suspirei. — Sim. Matteo me disse que tenho que ir.

— Pelo menos, passamos por isso juntas. Acredite, Luca também não está muito animado com esse convite, Bardoni quer que seu filho se torne o *Consigliere* de Luca porque no passado o *Consigliere* sempre foi um dos Bardoni, mas Luca quer Matteo e ninguém mais.

— Então, esta festa vai ser ainda mais desagradável do que eu pensei. Todo mundo vai conspirar contra mim e Matteo. Que alegria.

Aria sorriu se desculpando.

— Não vai ser tão ruim. Agora, vamos às compras. Preciso de ar fresco.

Claro que Romero nos acompanhou quando saímos para comprar roupas. Talvez eu tivesse me divertido mais se não tivesse que tomar cuidado em não deixar a tornozeleira eletrônica idiota aparecer sempre que experimentava um vestido. Pelo olhar no rosto dos vendedores, eu tinha quase certeza de que não consegui cobrir a tornozeleira com a bainha todas as vezes. Percebi que mal pensei em fugir durante as últimas semanas. Tanta coisa aconteceu. E também havia a vigilância constante de Romero sempre que eu saía com Aria. Além disso, a tornozeleira tornava isso totalmente impossível. Eu tinha que descobrir um jeito de convencer Matteo a tirar essa coisa. Uma vez que desse um jeito nisso, meu desejo de fugir provavelmente voltaria com força total.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Gianna

Eu soube o tempo inteiro que a festa de Natal na casa dos Bardoni seria um fiasco imenso, mas foi ainda pior do que pensei. A única coisa boa neste suplício foi que Matteo fez Sandro tirar a tornozeleira eletrônica para que eu pudesse usar meu vestido de *cocktail* sem mostrar aquela coisa para todo mundo. Teria sido o assunto da noite, com certeza.

Os Bardoni moravam numa mansão, que foi decorada em cada centímetro de seu espaço. Eles tinham colocado um anjo enorme, esculpido em gelo, na frente do jardim. A decoração era branca e dourada, bolas de cristal enfeitavam a árvore gigantesca. Tudo gritava “dinheiro” e parecia tão impessoal que eu tive a certeza de que foi feito por uma decoradora. Não parecia que a Sra. Bardoni havia colocado um dedo sequer em nada. Ela também era pelo menos vinte anos mais nova que o marido.

Ela e o marido cumprimentaram primeiro Aria e Luca e, embora seus sorrisos não tenham sido exatamente acolhedores nem honestos, tornaram-se positivamente falsos e condescendentes quando chegou a vez de me cumprimentarem.

Apertei a mão da Sra. Bardoni sorrindo educadamente ou, pelo menos, esperava que parecesse educado. Sua expressão era como se um escultor sem talento tivesse tentado talhar um sorriso numa estátua. O sorriso do anjo de gelo lá fora era mais acolhedor que o dela. Quando o Sr. Bardoni voltou-se para mim, tive que reprimir um tremor. Ele pegou a minha mão, mas, embora mal tivesse tocado em Aria, pressionou os lábios com força na minha mão e, depois, colocou a língua para fora e me lambeu. O olhar de soslaio que acompanhou o gesto quase me fez socá-lo. Tirei minha mão depressa, sem mal conseguir não limpá-la em meu vestido, e apenas porque a seda era bonita demais para entrar em contato com a saliva daquele babaca.

Matteo conversava com a Sra. Bardoni, que o apresentava a uma mulher tão jovem quanto eu. Era óbvio que a bruxa velha tentava juntar Matteo com a filha dela. A raiva borbulhava dentro de mim, mas eu sabia que era melhor não demonstrar o que sentia. Quando eu, enfim, voltei meu olhar para longe da cena, encontrei Aria me observando com uma expressão preocupada. Balancei a cabeça discretamente para ela. Matteo se afastou da Sra. Bardoni e de sua filha e envolveu seus braços em minha cintura. Ele analisou meu rosto enquanto me levava para a sala de estar onde os outros convidados estavam reunidos.

— Você parece furiosa.

Dei de ombros. Se eu lhe dissesse o que o Sr. Bardoni fez as coisas ficariam feias.

— Parece que você tem uma fã — optei por falar, fazendo um gesto em direção à filha dos Bardoni, cujos olhos seguiram Matteo.

— Ciúmes? — Perguntou ele sorrindo.

— Bem que você queria. — Mas será que eu estava?

Não tivemos a chance de continuar conversando porque outros convidados se aproximaram de nós e, embora a maioria tenha agido com educação, dava para perceber nos olhos deles que me desprezavam. Eu tinha a sensação de que me mostrariam o que realmente pensavam de mim no momento em que Matteo não estivesse por perto. Logo, eles teriam a oportunidade. Enquanto Matteo e Luca se juntaram a outros homens, Aria e eu caminhamos para o bufê. Claro que não ficamos sozinhas por muito tempo. Logo, a vadia da Cosima, Nina, a madrasta de Matteo, assim como a Sra. Bardoni e algumas outras mulheres se juntaram a nós duas. A presença de Aria ainda me oferecia um pouco de proteção dos insultos diretos, mas nenhuma das mulheres se incomodou em me dirigir a palavra. Era como se eu nem estivesse ali. Nem mesmo as tentativas de Aria de me incluir na conversa deram certo. Eu não liguei. Odiava essas mulheres, odiava seus sorrisos falsos e suas personalidades sórdidas. Mas o pior foi assistir Aria sendo educada com Cosima apesar do que a piranha havia feito.

Em algum momento, eu pedi licença e fui em direção à porta do terraço,

que permitia uma visão do pequeno jardim coberto de neve. Contudo, minha folga durou pouco tempo.

— Lindo, não é? — Pronunciou uma voz feminina aguda.

Nina Vitiello estava parada ao meu lado, sua boca esticada amplamente na imitação de um sorriso. Ela não estava mais usando preto. O funeral do marido dela tinha sido há mais de um ano. Ela entrelaçou seu braço ao meu para o meu desprezo absoluto e me conduziu para o lado de fora apesar do frio. Eu sabia que não seria agradável. Mesmo sendo madrasta de Luca e Matteo, nunca foi nos visitar. Desconfiava que ela tinha medo dos enteados.

Assim que nos afastamos dos ouvidos alheios, ela deu as costas para as janelas e virou-se para mim com uma expressão desprovida de qualquer gentileza. Ela lembrava um sapo feio.

— Você pode estar desfilando por aí como se fosse uma de nós, como se pertencesse ao nosso meio, mas se não fosse por Matteo, ninguém te convidaria.

Ergui as sobrancelhas. Ela achava mesmo que eu dava a mínima? Eu nunca quis fazer parte deste mundo, foi por isso que fugi. Foi preciso um controle imensurável da minha parte para não dizer o que queria. Em vez disso, tentei voltar à festa, mas Nina Vitiello segurou meu braço, obviamente não tinha acabado de falar.

— Uma garota decente teria morrido de vergonha depois de ser pega com outro homem. O único motivo pelo qual ainda está viva é o bom coração de Matteo. O garoto é respeitoso demais. Se bem que ninguém o culparia se ele te eliminasse como um trapo nojento depois do que você fez. Se meu marido ainda fosse vivo, ele teria te dado de comer para os cachorros.

Respeitoso e de bom coração? Isso não soava como Matteo.

Respire fundo, Gianna. Não faça um escândalo.

Mais uma vez tentei sair, mas ela enterrou os dedos na minha pele.

— Você não tem vergonha de si mesma? Você desonrou sua família e, agora, está trazendo vergonha ao nome Vitiello. Sua simples presença é um insulto para todas as mulheres dignas nesta casa. Sua existência é um pecado.

Não consegui evitar uma gargalhada.

— Pecado? Você quer falar sobre pecado? — Apontei para as janelas, que reuniam por trás delas os piores criminosos de Nova York. — Esta sala transpira pecado.

Nina Vitiello ergueu o queixo.

— Faça um favor a todos nós e se mate.

Arranquei meu braço do dela em choque.

— Nunca farei favor nenhum a vocês. — Virei-me e voltei para dentro. Matteo me avistou do outro lado da sala onde conversava com uma versão mais nova do Sr. Bardoni, Luca e mais uns dois homens. Desviei o olhar depressa, esperando que ele não se aproximasse. Não estava no clima de conversar com ele agora. Aria ainda estava onde eu a deixara, completamente arraigada na conversa.

Cruzei a sala o mais rápido possível, fingindo que não ouvia os sussurros de “puta” que algumas pessoas dirigiam a mim. Apesar de ser minha intenção não deixar aqueles insultos me atingirem, me senti aliviada quando finalmente saí da sala e me vi sozinha no corredor de entrada. Precisava encontrar o banheiro para jogar uma água no rosto e clarear meus pensamentos antes de voltar para a sala. Eu estava seriamente preocupada que pudesse agredir alguém se não me controlasse. Respirei fundo e saí à procura de um toalete. Esperava encontrar alguém saindo do banheiro para que não ter que abrir nenhuma porta. Eu, definitivamente, não pediria à Sra. Bardoni para me indicar a direção. Infelizmente, a única coisa que encontrei foi o Sr. Bardoni que devia estar me seguindo. O olhar de soslaio que o idiota careca lançou em minha direção me deu vontade de vomitar.

Matteo



Se Bardoni achou que eu não havia percebido que comia Gianna com os

olhos quando chegamos, ele era ainda mais burro do que eu pensava. Se não fosse por Luca, eu teria enfiado minha faca no filho da puta na mesma hora, mas Luca era um Capo novo e não precisava de mais nenhum problema, então, eu lhe prometi me comportar do melhor jeito possível. Conforme a festa seguia, cheguei à conclusão de que talvez tivesse que quebrar minha promessa.

Gianna tentava mostrar uma expressão corajosa, mas eu percebi o quanto ela ficou chateada depois de uma conversa com a vadia da minha madrasta. Eu não queria saber o que a vaca afetada dissera a Gianna, ela nunca ousaria dizer nada na minha cara. Desde quando eu me lembro, ela tinha medo de Luca e de mim.

Infelizmente, demorei alguns minutos para finalmente poder seguir Gianna depois que ela deixou a sala. O olhar de advertência de Luca quase me fez querer rir. Eu não tinha nenhuma intenção de fazer algo estúpido, exceto por dar uma rapidinha com a minha esposa para levantar seu ânimo. Qual o problema com isso?

Quando saí para o corredor, não vi Gianna em lugar nenhum. Fiquei parado, tentado ouvir alguma coisa, mas o barulho que vinha da festa abafava qualquer outro som. E se ela tivesse fugido? Eu deveria ter mandado Romero ou Sandro ficar de olho nela o tempo todo, mas não quis envergonhá-la mais ainda. As pessoas já faziam fofoca demais do jeito que estava.

Fui em direção onde lembrei que ficava o banheiro, esperando encontrá-la lá. Uma voz grossa me fez acelerar meus passos e quando cheguei perto do outro corredor, encontrei Gianna sozinha com o velho Bardoni. Bastou olhar para o rosto dela e eu soube que estava à beira do desespero. Ela não me viu quando me aproximei, seus olhos estreitos estavam focados em Bardoni.

— Por que você não me mostra o que aprendeu na Europa? Aposto que seus lábios são bastante talentosos. Foi por isso que Matteo estava tão ansioso para se casar com você, hein? — Disse Bardoni pegando o braço de Gianna. Antes que ela ou eu pudéssemos reagir, ele a puxou para si e a beijou apalpando seu seio. Meu sangue ferveu, pulei para cima dele, puxei minha faca, empurrei

Bardoni para longe de Gianna e investi meu punhal no ponto macio embaixo de seu queixo, perfurando a porra do cérebro dele. Gianna ficou sem ar e cambaleou para trás, encontrando a parede, seus olhos corriam da minha faca para o meu rosto.

— Caralho — resmunguei. Dei uma olhada em volta, depois, arrastei o corpo de Bardoni em direção ao escritório, deixando minha faca em seu queixo para o sangue não disparar.

— Você o matou — sussurrou Gianna com aspereza.

— Ele não deveria ter te tocado. — Fiz um gesto em direção à porta. — Abra-a para mim. Depois de um segundo de dúvida, ela cambaleou para frente e abriu a porta. Arrastei Bardoni para dentro, Gianna me seguiu depressa e fechou a porta.

Coloquei Bardoni em sua cadeira, depois, recuei. Isso era ruim. Luca iria acabar comigo quando descobrisse.

— O que vamos fazer? — Perguntou Gianna numa voz sem expressão perto da porta.

— Vamos fazer parecer como se eu não o tivesse matado.

— A sua faca está na cabeça dele.

Sorri, mas caí na real quando vi a expressão de Gianna. Aquilo me lembrava do olhar dela depois que Sid foi baleado. Às vezes, eu me esquecia de que nem todos estavam acostumados ao sangue e à morte como eu.

Ela se aproximou devagar com o olhar congelado no corpo.

— Por que o matou?

— Porque ele era um babaca.

Gianna parou entre mim e o corpo de Bardoni. Ela parecia não conseguir acreditar no que via. Levantou seu braço como se fosse tocar o cadáver para se convencer de sua existência.

— Não toque em nada — ordenei um pouco severo demais, agarrando seu pulso para detê-la.

Ela me encarava com os olhos arregalados. Depois de mais um segundo,

assentiu quase que roboticamente, parecia que estava entrando em choque. Esta era a última coisa de que precisávamos.

O ideal era que eu fosse atrás de Luca, mas não podia deixar Gianna sozinha com o corpo. Se alguém entrasse, ela teria mais problema para lidar com a pessoa do que eu.

Toquei em seu rosto para chamar sua atenção de volta para o meu.

— Vá lá e traga Luca — orientei.

Ela hesitou.

— Vá.

— Tudo bem. — Ela girou nos calcanhares, cruzou o cômodo depressa e saiu. Fechou a porta silenciosamente. Eu realmente esperava que ela não revelasse nada por causa de seu desespero.

Abaixei o olhar para Bardoni. Eu amava de verdade a visão da minha faca em seu crânio.

— Matteo? — Ouvi a voz baixa de Luca alguns minutos depois. Saí correndo para a porta e abri uma fresta. Quando vi Luca parado no corredor, puxei-o para dentro.

— O que você quer? Gianna não me disse nada — falou ele, mas se calou quando seu olhar pousou em Bardoni atrás da mesa. — Ai, porra!

— Bardoni teve um acidente — falei dando de ombros.

Luca lançou-me um olhar.

— Caralh, Matteo, o que você fez?

— Se quer saber, acho ótimo que o bom e velho Sr. Bardoni tenha se matado — falei.

Luca deu uma volta pelo corpo e, depois, olhou para mim.

— Foi por causa de Gianna, não? Bardoni fez ou disse alguma coisa que te irritou e você perdeu a cabeça. Eu sabia que a garota só traria problemas.

— O babaca já estava em sua lista de morte há algum tempo. Ele andou causando algumas merdas. Você está contente por ele ter ido, admita. Nós discutimos inúmeras vezes sobre matá-lo. Decidi finalizar o ato.

— Claro que eu o queria morto, mas não na porra da sua própria casa na festa de Natal. Caralho, Matteo! Pelo menos uma vez você não pode pensar primeiro e atirar depois?

Luca estava certo. Eu deveria ter escolhido um melhor momento para matar Bardoni, mas ele não deveria ter falado merda para Gianna e, principalmente, não deveria ter tocado nela. Ele cavou sua própria cova.

— Vou chamar Romero. Ele está vigiando Aria e Gianna, mas precisaremos dele aqui para lidar com a porra dessa confusão. — Luca passou a mão pelos cabelos, lançou-me outro olhar, depois, pegou o celular e ligou para Romero.

Alguns minutos depois, alguém bateu à porta. Luca estendeu a mão para me impedir de abri-la. Em vez disso, ele foi e deixou Romero entrar. Os olhos de Romero analisaram a cena diante dele antes de focar em mim.

— Você o matou?

Levantei os braços. — Por que tem que ter sido eu? — Era uma pergunta retórica. Era quase sempre eu que cometia os assassinatos em horas impróprias.

— Porque você é o louco — resmungou Luca, depois, disse a Romero: — Você consegue fazer parecer como se Bardoni tivesse se suicidado?

Nós três olhamos para o babaca morto, pendurado todo mole na cadeira, seus olhos sem vida ainda manifestando surpresa com sua morte prematura.

Romero fez uma careta. — Poucas pessoas apunhalam-se no cérebro.

— Sempre tem uma primeira vez para tudo. — Eu ri, mas fiz silêncio diante de um olhar de Luca. — Ah, fala sério — falei. — Foi engraçado.

Os lábios de Luca se contraíram, mas ele era muito cabeça dura para admitir que eu estava certo. Eu sabia que ele estava mais do que contente por me livrar de Bardoni por ele.

— Procure por uma arma que poderia ter explodido a cabeça dele no escritório. Não preciso dos Bardoni no meu encalço agora. Quero que esse assunto seja resolvido discretamente.

— Independente do que faremos parecer, os Bardoni irão suspeitar de algo.

Não acreditarão que foi suicídio. Bardoni era um tremendo narcisista para tirar a própria vida — falei.

— Talvez eu devesse colocar uma porra de uma tornozeleira eletrônica em você também — grunhiu Luca. — Você é uma bomba-relógio.

Romero parou de procurar nas gavetas da mesa.

— Mesmo se os Bardoni suspeitarem de algo, não dirão em voz alta. Se não tiverem provas, não procurarão por vingança.

— Não contaria com isso — falei. — Mas vamos nos certificar de que eles não tenham nenhuma chance de retaliação.

— É melhor tirar a sua faca da cabeça de Bardoni. Ninguém vai acreditar que foi suicídio com o seu punhal preso no queixo dele — disse Luca.

Caminhei até o corpo e tirei minha faca devagar, depois, recuei depressa, antes que o sangue pudesse alcançar as minhas roupas. Verifiquei se minha camisa branca não tinha nenhuma mancha. Minha calça preta e meu terno esconderiam melhor o sangue, mas felizmente eu estava limpo. Não se podia dizer o mesmo das roupas de Bardoni. O sangue ensopava rapidamente sua camisa e sua calça.

Romero tirou uma *Smith & Wesson* de alto calibre de dentro de uma gaveta do armário atrás da mesa.

— Isso deve servir.

— Bom — disse Luca assentindo. — Matteo e eu vamos voltar para a festa. Espere cerca de cinco minutos antes de explodir a cabeça dele, depois, dê o fora daqui. Com sorte, Matteo e eu chegaremos aqui primeiro e no tumulto ninguém vai perceber que você sumiu.

Romero já estava ocupado descobrindo o melhor ângulo para atirar em Bardoni e mal reagiu quando Luca e eu saímos do escritório discretamente e fechamos a porta. O corredor estava deserto, com a exceção de Gianna que continuava no fim dele, parecendo nervosa.

— Certifique-se de que ela não vai deixar nada escapar — ordenou Luca. — E nós dois teremos uma conversa sobre esse assunto mais tarde.

— Não se preocupe. Gianna sabe mentir se precisar.

— Ah, não duvido que saiba mentir perfeitamente se quiser, mas ela não é exatamente a pessoa mais confiável.

— Ela é minha esposa — lembrei ao meu irmão com um pouquinho demais de agressividade.

— Esse é o problema. — Ele voltou para a festa antes que eu pudesse responder, e eu caminhei até Gianna.

Gianna



Mal podia acreditar que Matteo tinha enfiado a faca pelo queixo daquele homem. Foi uma visão horrível, ver Bardoni com os olhos mortos e arregalados. Ele era um babaca e eu certamente não estava triste por ele ter morrido, mas ver meu próprio marido matá-lo sem nem pensar duas vezes foi apavorante. Matteo agiu com tanta agilidade, sem hesitação, sem preparação. Cada movimento gritava experiência. Claro que eu sabia que ele era bom com a faca. Mesmo em Chicago, as pessoas comentavam sobre suas habilidades, mas isso não me preparou para assisti-lo realmente desferindo uma faca em alguém daquele jeito.

Depois que disse para Luca ir encontrar Matteo, fiquei esperando no corredor. Aria havia voltado para a sala de estar; pareceria suspeito se todos nós desaparecêssemos repentinamente. E as pessoas estavam muito ansiosas para conversar com Aria, portanto, sua ausência definitivamente chamaria atenção; entretanto, ninguém se importaria com a minha.

Esperava há cerca de um minuto quando Romero passou correndo por mim em direção ao escritório. As pessoas sempre diziam que eu era imprevisível. Não ficava devendo nada a Matteo.

Abracei-me. Meu coração ainda martelava dentro do meu peito e eu não conseguia parar de conferir o meu redor, tomada pelo nervosismo.

Ainda tentava entrar num acordo com meus sentimentos sobre o que

aconteceu quando a porta do escritório abriu e Luca e Matteo saíram sem Romero. Luca passou por mim lançando-me um olhar. Ele provavelmente me culpava pela confusão que seu irmão tinha causado. Não achava que Matteo precisava de muita motivação para cometer um assassinato, mas evidentemente me dei conta de que fui a razão para a morte de Bardoni.

Matteo agiu de acordo com seu ciúme e sua possessividade, ver outro homem me tocando o deixou agressivo. Matteo analisou meu rosto ao se aproximar de mim. Eu devia estar parecendo bastante chateada. O problema era que eu não me sentia nem perto de estar tão chateada quanto sei que deveria. Não conseguia me sentir triste pela morte de Bardoni, não importa o quanto tentasse.

Os movimentos de Matteo eram tão ágeis, tão autoconfiantes. E por algum motivo, apesar de tudo, eu me senti atraída por ele, mesmo por aquele lado perigoso que ele expôs para mim hoje. Matteo passou um braço pela minha cintura e me conduziu para o *hall* de entrada. Em vez de voltar à festa, ele me levou para um pequeno banheiro de hóspedes perto da porta de entrada.

— Que diabos você está fazendo? — Explodi. — Não vou me pegar com você depois de ter cometido um assassinato.

Matteo agarrou a minha nuca e puxou nossos corpos um contra o outro, pressionando sua boca na minha, me beijando com força. Ofeguei quando ele recuou. Seus lábios roçavam em minha orelha.

— Você está gostosa *pra* caralho. Poderia te foder num quarto com um cadáver e não ligaria.

— Não duvido disso — resmunguei, mas não tentei me afastar. Seu corpo forte e quente estabilizavam minhas pernas bambas. Talvez os eventos tivessem me afetado mais do que eu pensava.

— Mas não é por isso que estamos aqui — murmurou.

Um tiro alto correu pela casa. Dei um pulo.

— O que...

— É por isso — disse Matteo com calma. — Vamos fingir que demos uma

rapidinha. Não queremos que as pessoas pensem que tivemos algo a ver com o fim lamentável de Bardoni, certo?

Ele bagunçou meu cabelo, depois o seu, antes de desabotoar os dois botões de cima da sua camisa e ergueu suas sobrancelhas escuras.

— Pronta?

Assenti.

— Lembre-se de que não sabemos de nada. Estamos chocados e surpresos.

Matteo abriu a porta com violência e saiu, sacando da sua arma. O corredor estava cheio com os outros convidados, a maioria era de homens com suas armas em punho. Olhares confusos foram trocados. Luca e o filho de Bardoni correram em direção de onde o tiro havia vindo. Várias pessoas olharam para Matteo e para mim com nojo. Elas pareciam acreditar na mentira que Matteo queria. Pensar que eu era uma puta devia ajudar.

— Fique aqui — disse Matteo. — Tenho que ver o que está acontecendo.

Ele parecia tão sinceramente preocupado e alerta como se realmente não soubesse por que tínhamos escutado um tiro. Ninguém duvidaria dele. Se não soubesse, até eu teria acreditado em sua inocência depois dessa exibição.

Ele correu em direção à cena do crime. Só podia assistir atordoada e em silêncio. Matteo era um mestre da manipulação.

CAPÍTULO DEZESSETE

Gianna



Já tinha passado muito da meia-noite quando finalmente chegamos em casa. A maioria dos outros convidados saiu antes de nós, mas Luca e Matteo, como líderes da Cosa Nostra, tiveram que ficar e fingir que tentavam descobrir o que aconteceu. Ninguém suspeitara deles, pelo menos, não claramente. Sinceramente, nem Bardoni Jr, nem a Sra. Bardoni pareciam muito transtornados. Obviamente, eles choravam lágrimas de crocodilo. Talvez ele tivesse sido desagradável com eles como foi comigo no curto período de tempo que passamos juntos.

Mal conseguia acreditar que minha vida mudara de trabalhar como garçonete em Munique a encobrir os crimes do meu marido. Depois de um banho rápido, mergulhei na cama. Matteo ainda discutia com Luca na nossa sala. Foi uma das poucas ocasiões que entendi totalmente a raiva de Luca.

Deitei de costas, encarando o teto enquanto ouvia as vozes deles. A tornozeleira eletrônica repousava na minha mesa de cabeceira, zombando de mim. Quem sabe eu devesse ter aproveitado a confusão dessa noite para fugir? Luca, Matteo e Romero estiveram ocupados limpando a bagunça que fizeram, e eu estava sem a minha tornozeleira idiota. Teria sido a oportunidade perfeita. Então, por que eu não fugi? Duvidava que qualquer um tivesse me impedido.

Por causa de Aria? Queria que fosse o único motivo, mas, enquanto eu esperava no corredor pela volta de Matteo, nem mesmo considerei fugir. Por que isto não era mais prioridade em meus pensamentos? Seis meses atrás, era só nisso que eu conseguia pensar, era uma obsessão que me consumia, e agora, às vezes, parecia que eu só pensava em fugir porque sentia que era o que deveria fazer.

Era confuso. Eu não estava tão infeliz quanto me preocupei que estaria por viver com Matteo. Claro, ele era um assassino louco, mas não era como se eu não estivesse acostumada com esse tipo de coisa e, na verdade, isso deixava a minha vida mais emocionante, mesmo que eu odiasse admitir. Viver como uma pessoa normal, fazendo coisas normais, ganhando dinheiro com empregos normais, foi uma experiência incrível, mas, por alguma razão, nunca me pareceu mais do que uma distração.

A porta abriu e Matteo entrou a passos largos no quarto. Ele não estava mais vestindo seu paletó e metade dos botões da sua camisa já estava desabotoada. Ele deu aquele seu sorriso de sempre para mim rapidamente antes de desaparecer no banheiro.

Eu poderia ter fingido que dormia para evitar uma conversa, mas por algum motivo inexplicável eu queria conversar com ele. Quando ele surgiu saindo do banheiro de cueca, com seu torso esbelto e musculoso, quase cancelei meus planos, mas isso pareceria mesmo muito errado. Um homem morrera, ainda que fosse um homem horrível, e transar tão cedo depois da sua morte pareceria extremamente errado.

Matteo entrou debaixo das cobertas e procurou pela minha cintura, me puxando para perto dele. Seu olhar estava faminto. Não havia sinal de que ele ao menos ainda se lembrasse do que fizera há não muito tempo. Seus lábios solicitaram os meus e deixei sua língua entrar, deixei seu beijo me consumir até que meu corpo cantarolasse de prazer e me obriguei a empurrá-lo antes que eu fizesse algo que faria eu me desprezar amanhã de manhã.

Matteo se jogou de costas gemendo.

— Isso é por causa do Bardoni, certo?

Olhei para ele.

— Talvez eu simplesmente não esteja no clima. Você não é tão irresistível assim.

— Se você está dizendo — falou com uma voz grave que enviou um arrepio traidor pela minha espinha. O idiota era muito manipulador.

Decidi conduzir esta conversa para um terreno mais seguro.

— Então, Luca vai te punir?

Matteo riu. — Luca nunca me puniu por nada. Ele está acostumado com a minha proatividade.

— Proatividade?

Matteo piscou e eu quase tentei pegá-lo outra vez. Em vez disso, puxei o cobertor para cima, até o queixo, como se fosse outro obstáculo entre nós.

— Luca pareceu furioso.

— Ele vai superar. Sempre supera. Bardoni seria morto de qualquer forma. Era só uma questão de tempo.

Desconfiei de que esta não seria uma conversa comum de antes de dormir.

— Quando você matou pela primeira vez? No jardim de infância?

Matteo apoiou a cabeça em seu braço, sorrindo. Ele passou um dedo pelo meu braço de um jeito bastante distrativo.

— Não, comecei tarde em relação a Luca.

— De verdade? Parece improvável.

— Na verdade, não é. Luca se certificou de que eu não me meteria em problemas quando era mais novo. Ele foi um irmão mais velho protetor.

— Não consigo nem imaginar Luca criança, muito menos se certificando de que você não se metesse em problemas.

— Mas é verdade. Isso realmente te surpreende tanto? Aria não tentava te proteger quando você era mais nova?

— Ela ainda tenta — falei fazendo uma careta.

— Então, Luca é do mesmo jeito. Claro que agora eu torno difícil para ele me manter sob controle, do mesmo jeito que você dificulta para Aria.

— Acho que tem uma enorme diferença entre o tipo de problema que eu provoco e o que você causa.

— Dê tempo ao tempo. Tenho a sensação de que você ainda não atingiu todo o seu potencial.

Explodi numa risada. Droga! Por que ele tinha que falar coisas que me

faziam rir?

— Você não me respondeu. Quando matou pela primeira vez?

— Foi algumas semanas depois do meu aniversário de treze anos.

— É isso que você chama de começar tarde? A maioria dos caras nessa idade se preocupa com os pelos pubianos que começam a crescer, e não em matar alguém.

— Ah, eu entrei num acordo com meus pelos pubianos muito tempo antes disso — disse numa voz provocante. — E a maioria dos caras não é o segundo filho do Capo da Cosa Nostra de Nova York.

— Bem observado. Mas Luca não deve ter te protegido tão bem assim se você teve que matar ainda tão novo.

O olhar de Matteo se tornou distante.

— Ele fez o que pôde. Nosso pai queria que eu matasse um dos garotos com quem Luca e eu andávamos ocasionalmente porque ele tentou sair da máfia.

Meu estômago contraiu.

— E?

— Luca sacou da sua arma e matou o garoto antes de mim. Papai ficou muito puto. Ele bateu em Luca até beirar a morte.

A ideia de que Luca fez alguma coisa tão atenciosa pelo irmão era estranha, mas não era totalmente surpresa se observasse como esses dois interagiam. Era óbvio que eles se importavam um com o outro, canalhas de coração frio ou não.

— Luca é enorme. Como alguém pode bater nele?

Matteo sorriu ironicamente.

— Luca poderia ter limpado o chão com o nosso pai se ele tivesse tentado, mas ele nunca reagiu. Papai era o Capo e teria abatido Luca como um cão raivoso se levantasse uma mão contra ele.

Às vezes, eu esquecia que as coisas não eram um mar de rosas para os homens. Eles tinham mais liberdade em relação à promiscuidade e ao namoro, mas tinham seus próprios fardos para carregar.

— Vou adivinhar que seu pai encontrou outra pessoa para você matar bem rápido depois disso. — Eu mal conheci Salvatore Vitiello, mas ele parecia um filho da puta sinistro.

Mattteo assentiu. — Ele encontrou outro traidor uns dois meses depois e me fez cortar sua garganta.

As garotas não recebiam uma informação detalhada sobre a cerimônia de iniciação, mas Umberto frequentemente deixava alguma coisa escapar quando nos vigiava. Normalmente, o primeiro assassinato de um iniciante acontecia de longe com uma arma.

— Ele não te deixou atirar?

— Não, isso devia significar um castigo extra porque consegui me livrar do assassinato na primeira vez. Atirar é fácil, é menos pessoal. Usar uma faca é um trabalho sujo. Você tem que se aproximar da sua vítima, tem que sujar suas mãos de sangue.

Prendi o fôlego. A voz dele havia se tornado bem calma. Eu me apoiei em meu braço lentamente. Queria tocá-lo, mas não o fiz.

— Isso parece horrível. Você conseguiu fazer?

— O que você acha?

Lá estava aquele sorriso largo assustador. O mesmo que me fazia acreditar que Matteo era capaz de qualquer coisa.

— Você o matou.

— Matei. Foi uma confusão. Ele estava amarrado a uma cadeira, então, não podia reagir, mas ainda me custou três tentativas de cortar sua jugular. Eu fiquei coberto de sangue da cabeça aos pés. Ainda encontrei sangue embaixo das minhas unhas no dia seguinte.

— Então, por que você prefere facas a armas de fogo? Realmente não parece mais que você se importa em sujar as mãos.

— No começo, foi para provar para o meu pai que eu era valente e que ele não tinha me quebrado, como provavelmente era a sua intenção. E assim que eu fiquei bom de verdade com a faca e todos admiravam as minhas habilidades,

pareceu um desperdício abdicar dela.

Analisei seu rosto, mas estava sem expressão. Não conseguia notar se era toda a verdade, ou se ele estava guardando o pior para si: que passou a gostar de mortes mais pessoais. Por um instante, encaramo-nos até ficar íntimo demais outra vez e voltei a me deitar de costas.

— Você já chegou a considerar matar Luca? Se ele morresse, você se tornaria o Capo, não seria o primeiro Homem de Honra a matar um membro da família para subir na carreira — indaguei.

A expressão de Matteo endureceu.

— Eu nunca mataria meu próprio irmão. Não estou nem aí para me tornar um Capo, e mesmo que eu ligasse, ainda assim, não me livraria de Luca para elevar minha posição. Luca me protege e eu o protejo. Sempre foi assim.

— Isso é bom. É importante ter em quem confiar — falei com sinceridade. A solidão era um problema enorme em nosso mundo. Sempre se tinha pessoas por perto, mas não dava para confiar em ninguém. Havia apenas uma pessoa que eu confiava cegamente, e era Aria. Lily era frágil demais e muito nova para vários dos meus segredos, e Fabi era um menino e a influência de Papai sobre ele crescia a cada dia. E eu nem mesmo podia mais falar com eles.

— O que precisa para você confiar em mim? — Perguntou Matteo com curiosidade.

— Um milagre. — Dei as costas para ele e desliguei a luminária na minha mesa de cabeceira. A expressão em seu olhar despertou algo em meu peito que me apavorou.

Matteo apagou as outras luzes, depois, se debruçou em mim e beijou minha orelha.

— Quem não gosta de um bom milagre?

O braço de Matteo pesava na minha cintura, sua respiração quente no meu pescoço e a perna jogada por cima da minha interrompiam minha circulação; então, por que parecia estranhamente bom acordar ao lado dele?

Empurrei seus braços para longe de mim e escapuli, levantando-me depressa. Matteo não acordou. Seus cabelos estavam completamente bagunçados e seu rosto parecia honesto e quase dócil ao dormir. Ia tocá-lo, mas me detive antes de realmente passar meus dedos sobre sua testa. Qual o problema comigo?

Recuei. Meus olhos pousaram na tornozeleira abandonada na mesa de cabeceira e uma ideia atravessou meu cérebro. Passei a mão na tornozeleira e corri para dentro do banheiro com ela. A coisa não poderia ser destruída com água. Afinal, dava para tomar banho com ela, mas talvez eu pudesse dar descarga nela no vaso sanitário. Não que Matteo não pudesse pedir a Sandro para trazer uma nova, mas o gesto mandaria uma boa mensagem. Enfiei a tornozeleira no vaso sanitário e dei descarga. Infelizmente, ela ficou presa.

— Você acabou de dar descarga na sua tornozeleira? — Perguntou Matteo com uma voz rouca de sono.

Eu virei para trás. Ele estava encostado no batente da porta com os braços cruzados em seu peito nu e com uma expressão divertida em seu rosto arrogante. Meu rosto ferveu.

— Eu tentei, mas ficou presa.

Rindo, Matteo avançou para mim e nós dois olhamos para o vaso.

— E quem vai tirar isso daí agora?

— Você?

Matteo estendeu a mão para baixo, porém, eu segurei seu braço.

— Você não vai colocar luvas ou algo assim?

— Está limpo e eu posso lavar as mãos em seguida — disse disfarçando muito mal seu divertimento. — Minhas mãos já estiveram cobertas com coisa pior, acredite.

Soltei-o, dando de ombros.

— Faça o que quiser.

Ele recolheu a tornozeleira eletrônica e a colocou na pia, depois, tirou a cueca e entrou no chuveiro, exibindo sua bunda firme para mim, abriu a água e se pôs debaixo do fluxo antes de me encarar mais uma vez com uma ereção violenta.

— Quer se juntar a mim?

Peguei minha escova de dente.

— Não, obrigada.

Precisei de muita força para me conter e não observar Matteo enquanto ele tomava banho. Desconfiava de que ele estava demorando de propósito. A água fechou e Matteo saiu, se enxugando com a toalha, e acenou em direção à tornozeleira.

— Você sabe que ela ainda funciona, não é?

— Ah, fala sério. Eu não fugi ontem à noite. Não precisa colocar essa coisa em mim de novo. Vou me comportar.

— Sério? — Perguntou Matteo, deixando cair a toalha e vindo na minha direção. — Isso não se parece com você.

Revirei os olhos. Este jogo era para dois. Tirei a blusa pela cabeça, depois, abaixei a calcinha antes de me esticar, completamente nua. Deixe que Matteo lide com isso.

Como esperado, os olhos de Matteo passearam pelo meu corpo e seu pau se contorceu em resposta.

Sorri presunçosamente.

— Eu odeio de verdade esta tornozeleira. Não quero usá-la outra vez.

Matteo se encostou na pia, tão perto que nossos corpos quase se tocavam e eu pude sentir o cheiro de seu gel de banho mentolado.

— Que tal uma pequena aposta?

Tive a sensação de que não gostaria do que ele iria sugerir, mas fiz um sinal para que ele continuasse.

— Se eu conseguir te dar um orgasmo hoje, colocamos a tornozeleira de

volta. Se você conseguir resistir às minhas habilidades, jogamos essa coisa no lixo.

— Apenas um?

— Menina gulosa — disse provocando, seus olhos sombrios brilhavam de euforia. — Pensei que eu não fosse atraente para você? Está preocupada que seu corpo não seja capaz de resistir a mim?

Desejei que ele estivesse errado, mas meu corpo realmente era um traidor terrível. Perdi as contas de quantas vezes nós transamos durante o pouco tempo que estamos casados.

— Não, claro que não. Mas apenas um orgasmo parece um padrão muito baixo para você, não acha?

— Ah, não sei. Nós dois sabemos o quanto posso ser teimoso e prometi a Luca que colocaria a tornozeleira em você. Não posso facilitar para você se livrar dela outra vez. — Seus olhos foram atraídos para os meus seios, depois, mais para baixo. — Então, o que me diz? Resista a um orgasmo até a meia-noite e ficará livre da tornozeleira.

Tomei uma distância segura dele.

— Tudo bem.

— Claro que você não pode simplesmente evitar um orgasmo sem me deixar te tocar. Tem que me dar uma oportunidade de luta justa.

Suspirei. — Uma oportunidade justa? E o que tem de justo nisso?

Matteo deu de ombros.

— Combinado?

— Combinado — falei relutante antes de correr para o chuveiro e fechar a porta. Isso não impediria Matteo, mas ele não tentou me seguir.

Sorrindo, voltou para o quarto.

— Estou te esperando.

Tudo bem, precisava entrar num estado de espírito de calma completa, precisava descobrir um jeito de me tornar imune ao que quer que Matteo fosse fazer. O problema era que meu coração pulsava de excitação quando pensava no

que ele faria. Droga. Fechei os olhos e abri a torneira de água fria. Ofegante, comecei a estremecer e minha excitação diminuiu lentamente. Depois de mais alguns minutos, saí do chuveiro, congelada até os ossos e, com sorte, tranquila o suficiente para resistir a Matteo, pelo menos por enquanto. Fui para o quarto. Matteo estava deitado na cama em toda a sua glória nua, com os braços cruzados atrás da cabeça.

Eu estava realmente feliz pelo seu sorriso autoconfiante porque apenas reforçava a minha decisão de resistir a ele. Endireitei os ombros e passei pela cama, determinada a ir direto para o closet.

— Não devíamos nos levantar?

O sorriso de Matteo se alargou. — Temos um tempinho. Ou está com medo de perder a aposta?

Caminhei em direção à cama sem dizer mais nada. Os olhos de Matteo seguiam cada movimento meu. Eu deveria ter apostado que ele não seria capaz de gozar. Essa aposta estaria ganha sem nenhum problema a julgar pela fome em seu olhar. Matteo me puxou para cima dele e me beijou. Ele demorou um tempo fazendo isso, suas mãos acariciavam minhas costas delicadamente e, mesmo assim, a tensão entre as minhas pernas já era quase insuportável.

Eu tentei pensar em outra coisa. Qualquer coisa na verdade, e, de alguma forma, Matteo pareceu sentir que eu estava me afastando. Ele nos girou de modo a ficar por cima de mim e, depois, a tortura começou. Sua boca fechou-se em volta do meu mamilo, mordiscando e lambendo, antes de passar para meu outro seio e se dedicar a este com a mesma intensidade. Apoiei as palmas das minhas mãos abertas na cama, tentando acalmar a minha respiração e minha pulsação acelerada.

Matteo envolveu meu outro seio e apertou mais forte do que o esperado. Arqueei as costas por causa da sensação intensa, depois, relaxei outra vez rapidamente. Não poderia facilitar para ele. Ele ficaria ainda mais arrogante se conseguisse me excitar tão rápido. Olhando para o teto, foquei toda a minha atenção para longe dos lábios provocantes de Matteo. Ele riu contra meu osso

esterno, depois, correu a língua no meu corpo abaixo indo até o umbigo.

— Tão teimosa.

Eu soube no momento em que Matteo abriu minhas pernas que ele veria o quanto meu corpo almejava seu toque. Não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso. Talvez houvesse um jeito de eu ter um orgasmo sem que Matteo percebesse de fato. Neste momento, essa era praticamente a minha única esperança porque eu tinha quase certeza de que meu corpo iria me trair.

Com um sorriso malicioso, Matteo entrou no meio das minhas pernas e enfiou as mãos por baixo do meu traseiro e pressionou a boca na minha carne quente. Engoli um gemido ao sentir sua língua. Seus olhos estavam em mim, tão possessivos e famintos que me excitaram ainda mais.

Fechei os meus olhos bem apertados, tentando bloquear o que Matteo fazia, mas ele estava dificultando as coisas.

— Deliciosa — murmurou ele, daí, deu outra lambida. — Você é tão gostosa, Gianna. Quero te comer todos os dias. — Ele enfiou a língua na minha abertura antes de desenhar círculos leves com a ponta dela, apenas para me invadir outra vez. Comprimi os lábios para conter um gemido Com as mãos, ele abriu ainda mais as minhas pernas e depois, com os dedos, abriu meus lábios gentilmente para lhe dar um acesso ainda melhor. Sua língua mal roçava em mim, tão suave que meus dedos dos pés se curvaram por causa das sensações intensas. — Você pode fingir que isto não te causa nenhum efeito, Gianna, mas seu corpo te trai.

Droga, como se eu não soubesse.

— Você vai ficar com os olhos fechados o tempo todo? — Perguntou com um tom de deboche.

Abri meus olhos e olhei para ele.

Ele levantou a cabeça sorrindo daquele jeito, seu queixo brilhando com meus fluidos.

— Assim está melhor — murmurou antes de abaixar o olhar para o meio do meu corpo e esfregar o polegar levemente pelo meu clitóris. Passou a língua

pela parte de dentro da minha coxa e a mordeu de leve. Fiquei ainda mais molhada entre as pernas e o sorriso de Matteo se alargou ainda mais. — Está vendo? Você gosta disso. — Ele deslizou o polegar por entre as minhas dobras, as ergueu para sua boca e lambeu meus fluidos. — Hmm. — Eu sabia que deveria fechar meus olhos outra vez, mas era impossível. Em vez disso, me apoiei nos cotovelos para ter uma visão melhor. Esta batalha já estava perdida mesmo, poderia muito bem aproveitar por completo.

Matteo ergueu as sobrancelhas.

— Subindo a aposta? — Voltou para baixo e eu joguei a cabeça para trás, sem nem me importar em segurar o gemido. Que se foda a aposta idiota e a tornozeleira estúpida. Minhas panturrilhas começaram a espasmar e o tremor se espalhou por todo o meu corpo conforme o prazer me envolvia. Não havia nenhuma hipótese de esconder meu orgasmo. Impossível.

Arqueei as costas, deixando o prazer me consumir. Gritos altos saíram dos meus lábios e eu os deixei ir sem resistência.

No fim, recuperei o fôlego. Matteo se colocou sobre os cotovelos. A expressão em seu rosto fez eu me arrepender da minha fraqueza.

— Talvez um só orgasmo fosse realmente injusto — falou com uma voz rouca.

— Você acha? — Sussurrei sem fôlego. — O que acha de uma aposta extra? Tudo ou nada?

— Estou ouvindo.

— Se eu te fizer gozar, você perde e eu não terei que usar a tornozeleira outra vez. Se você resistir, coloco aquela coisa de volta sem reclamar.

Matteo se sentou em suas coxas, exibindo seu pau duro. Inclinei-me para frente e envolvi meus dedos em sua extensão com um olhar desafiador.

— E, então, o que diz?

— Por que eu arriscaria perder se só posso ganhar a mesma coisa outra vez?

Lambi os lábios e apertei o pau dele uma vez.

— Está com medo de perder? — Repeti as mesmas palavras que ele disse antes.

Ele riu. — Claro que não. A aposta está de pé. Estou em suas mãos.

— Deite-se — ordenei, sem perder mais tempo. Eu ganharia essa aposta custe o que custar.

Matteo



Joguei-me de costas ao lado de Gianna e cruzei os braços atrás da minha cabeça. Gianna parecia bem confiante. Meu pau já estava duro só em chupá-la e ela provavelmente pensava que eu não aguentaria muito tempo. Ela não me conhecia muito bem.

Gianna ajoelhou-se ao meu lado, abaixou a cabeça bem devagar com os olhos grudados em mim, desafiadora e sexy *pra* caralho. Será que ela sabia o quanto seu olhar me excitava? Bastava apenas aquele olhar para meu pau se contorcer. Gianna segurou minha base e passou a língua em volta da ponta do meu pau antes de me colocar todo dentro daquela boca gostosa. Adorava ver meu pau desaparecer entre seus lábios rosados. Quando atingi o fundo de sua garganta, quase gemi.

Gianna sorriu em volta da minha extensão como se soubesse exatamente o que fazia comigo. E, então, começou a murmurar fazendo as vibrações irem direto para o meu saco.

— Caralho — grunhi, o que apenas pareceu incentivá-la ainda mais. Ela subia e descia a cabeça com os olhos em mim e massageava as minhas bolas da melhor maneira possível.

— Você é tão boa nisso — falei.

Ela revirou os olhos e, cacete, isso a deixava ainda mais sexy. O cabelo

dela ficou preso em sua testa e nas bochechas quando ela me engoliu ainda mais fundo.

Eu não iria aguentar para sempre. Nunca realmente achei que pudesse vencer esta aposta, na verdade, nunca quis. Tudo o que eu queria neste momento era gozar na boca gostosa de Gianna. Passei minhas mãos pelos seus lindos cachos. Os músculos das minhas coxas contraíram, mas lutei contra a sensação. Eu estava maravilhado *pra* caralho para terminar tão rápido e, conhecendo Gianna, eu teria que esperar um tempo até ela me fazer outro boquete. Ela parecia uma deusa do sexo. Caralho. Eu queria vê-la desse jeito por um bom tempo, tinha sonhado acordado com uma foda dessas. Movimentei meus quadris e senti minhas bolas contraírem. Gianna chupou com mais pressão ainda. Não que eu precisasse ser convencido de algo mais. Tudo o que eu queria era me derramar dentro dela. Então, eu explodi. Gianna não recuou. Porra, ela continuou chupando até quando eu ejaculei na garganta dela. Com um gemido longo, deixei minha cabeça cair para trás e meu corpo perdeu as forças. Gianna levantou a cabeça e limpou a boca com um sorriso largo.

— Eu ganhei.

Eu ri discretamente. — Ganhou. Parabéns.

— Então, eu nunca mais vou ter que usar a tornozeleira? — Perguntou ela com uma pitada de desconfiança.

— A aposta foi essa. — Não contei a ela que me sentia como o verdadeiro vencedor. Nunca gostei de vê-la com a tornozeleira eletrônica, sempre pareceu um sacrilégio prendê-la daquele jeito. Fiquei contente por ela não usar mais aquilo, mesmo que isso significasse que eu teria que ficar de olho nela e que Luca provavelmente me daria um soco.

CAPÍTULO DEZOITO

Gianna



Na manhã seguinte, depois de tomar banho e me vestir, aproveitei minha liberdade recém-descoberta, mesmo que fosse pequena. Matteo manteve sua promessa e guardou a tornozeleira eletrônica numa gaveta. Eu não tinha que usar aquela coisa estúpida, pelo menos por enquanto. Duvidava que Matteo continuaria mantendo a promessa se eu tentasse fugir outra vez.

Ambos perdemos nossas apostas e, mesmo assim, nós dois nos sentíamos vencedores. A vida com Matteo era um enigma. Ele já estava encostado no balcão da cozinha tomando café quando saí do quarto. Seu sorriso era tão presunçoso que tive dificuldade em me impedir de torcer seu pescoço. Peguei uma xícara para mim, depois, me inclinei em frente a ele.

— Você alguma vez já sentiu arrependimento ou culpa?

As sobrancelhas de Matteo foram parar na testa.

— Arrependimento?

— É, sabe, aquele sentimento que pessoas normais têm quando fazem algo de errado? — Tomei um gole. Não tinha certeza de por que perguntava isso, exceto para tirar aquela presunção irritante do rosto de Matteo.

Matteo apenas olhou para mim por um bom tempo, até que não consegui mais aguentar e fingi que meu café estava muito interessante. Por que, de repente, eu me senti culpada por fazer aquela pergunta?

— Existe um curto período de tempo para culpa e arrependimento na minha vida — refletiu Matteo. A voz dele era calma e desprovida de humor; não consegui evitar olhar para cima, tentando avaliar seu humor, mas como de costume, ele tornava isso difícil.

— Então, você *tem* esses sentimentos às vezes?

— De vez em quando. Mas há muito tempo aprendi que não é inteligente remoer o passado. Prefiro focar no futuro. — Dito isso, seu encanto de sempre voltou à tona. Ele caminhou até mim, pousou a xícara no balcão e apoiou os braços ao meu lado.

— Você em algum momento se arrependeu de fugir?

Abri minha boca para dizer que não, mas, por algum motivo, hesitei. O momento de hesitação era só a resposta de que Matteo precisava.

— Por quê?

— Porque alguém acabou assassinado — falei baixinho. Havia conseguido esquecer Sid e seu fim terrível, mas agora, tudo estava de volta. Poderia bater em Matteo por ressuscitar essa lembrança. Principalmente, porque cheguei à conclusão de que a vida da qual fugi não era tão horrível quanto eu queria que fosse.

A expressão de Matteo dizia que ele não dava a mínima para aquilo, e era bem isso que eu esperava mesmo.

— Posso te dizer sem dúvida nenhuma que não me sinto culpado pela morte daquele cara — murmurou. Ele passou a mão pela lateral do meu corpo. — Eu mataria todos os caras que te tocaram. Mas nós dois sabemos que não preciso porque, apesar das muitas oportunidades, você foi uma boa menina.

O jeito que ele disse “boa menina” fez meu sangue ferver. Eu ainda tentava pensar em uma resposta inteligente quando o elevador soou um sinal, anunciando um visitante. Matteo tocou a ponta do meu nariz com um ar superior antes de sair cambaleando em direção ao elevador. Não dava para acreditar nele.

Eu ainda olhava para suas costas quando as portas do elevador se abriram e Aria entrou no apartamento. Ela estava ao telefone. Para a minha surpresa, Matteo entrou no elevador, nos deixando a sós. Suspeitei de que ele pudesse travar o elevador pelo outro lado para eu não conseguir sair a menos que me jogasse da janela e terminasse como uma mancha de sangue na calçada lá embaixo.

— Com quem você está falando? — Perguntei a Aria conforme ela

caminhava até mim.

Ela me deu um sorriso luminoso e me entregou o celular.

— Lily e Fabi querem falar com você, mas Papai os proibiu de te ligarem, então... — ela fez uma pausa. Claro que desconfiei de algo nesse sentido. Papai deixou bem claro que não me queria mais perto deles.

— Obrigada — sussurrei para Aria antes de pegar o telefone dela e encostá-lo na minha orelha. — Lily? — Minha voz estava trêmula e tive que limpar a garganta.

— Ah, Gianna! Fiquei tão triste quando Papai não deixou me despedir de você. Tenho implorado que me deixe falar com você, mas ele ficou bastante chateado e, agora, estou de castigo.

Castigo sempre pareceu um termo estranho para a nossa punição. Afinal de contas, nunca tivemos permissão para ir a lugar nenhum sozinhos, então, castigo só significava que tínhamos que ficar mais ainda em casa.

— Sinto muito — falei, tentando manter afastada minha raiva pelo nosso pai. Lily ainda era obrigada a viver sob suas regras. Ela não precisava se meter em nenhum problema por minha causa. Caminhei até a sala e me afundei no sofá. Aria sentou no braço ao meu lado. — Como está a escola? — Perguntei.

— Chata. Mas em casa é bem pior. Desde que você e Aria se mudaram, nada de divertido aconteceu mais — murmurou Lily. Meu coração doeu por ela. Sempre tive Lily e, durante muito tempo, Aria, contudo, Lily teria que sobreviver por anos sem esse tipo de apoio. Claro que ela ainda tinha Fabi, só que ele era um menino e logo enfrentaria todos os tipos de desafios.

— E quanto a Fabi?

— Ele está um saco — declarou Lily. Ao fundo, pude ouvir meu irmão dizer algo. *— Você que é!* — Replicou Lily. *— Ah, cala a boca. É a minha vez agora. Você pode falar com ela depois.* — Houve um som de luta e, então, veio a voz de Fabi em meu ouvido: *— Gianna!*

— Shhh, imbecil — censurou Lily, obviamente tomando o telefone de volta. *— Ninguém pode saber que estamos falando com ela.* — Houve um

silêncio por um segundo como se eles estivessem tentando ouvir algum barulho, depois, Lily voltou a falar: — *Romero está aí com vocês?*

Eu ri. — É por isso que está ligando? Pensei que quisesse saber como estou — falei de brincadeira como se estivesse magoada.

— *Claro que quero saber como você está.*

— Estou bem. — Houve uma pausa. Decidi parar de torturá-la e acrescentei: — E Romero não está aqui. — Olhei para Aria e ela sussurrou "lá em cima" — Ele está no apartamento de Aria, discutindo negócios importantes da máfia com nossos maridos. — O sarcasmo escorria das palavras. — Quer que eu suba e peça a ele para falar com você?

— *Não!* — Despejou Lily. — *Ele vai pensar que estou apaixonada por ele.*

— E não está?

Silêncio. Pobre Lily, não tinha coragem para lhe contar que era impossível Papai sequer permitir uma união entre minha irmã e um mero soldado, principalmente um de Nova York. Amor simplesmente não era algo que importava.

— *Como você sabe que estou apaixonada?* — Sussurrou Lily depois de um tempo.

É, como? Eu não me apaixonei por Sid nem por ninguém. Não estava apaixonada por Matteo.

Certo?

— Eu não sei — admiti.

— *Você não está apaixonada por Matteo?*

— O que te leva a achar que estou? Eu fugi, se lembra?

— *Mas agora está casada.*

— Casamento não significa amor.

— *Para Aria significa* — falou Lily. Meus olhos correram para Aria, que me olhava curiosa.

— Você tem razão. Então, talvez você deva perguntar a ela. — Antes que

Lily pudesse dizer mais alguma coisa, entreguei o telefone para Aria. — Lily quer saber como é estar apaixonada.

Aria pegou o celular da minha mão, seus olhos azuis repletos de preocupação. Ela escutou Lily por um momento antes de dizer:

— É difícil de explicar com palavras. Amor é quando você se sente segura nos braços de alguém, quando ele é a primeira coisa que você quer ver pela manhã, amor é rendição. Você se arrisca a se machucar, mas não liga. Você se dispõe a dar a alguém o poder de partir seu coração. Amor significa ver alguém em seu pior e ainda ver o bem na pessoa; amor significa que alguém é perfeito para você apesar de suas imperfeições. — Ela ficou em silêncio, com o olhar distante.

Não precisei perguntar, sabia em quem ela estava pensando. Engoli em seco. Nunca poderia ter dito o que Aria acabou de falar. Contra a minha vontade, uma imagem do sorriso arrogante de Matteo surgiu na minha mente. Eu, definitivamente, havia visto o pior dele naquele dia que torturou os russos.

— *Mas como saber se eu estou apaixonada?* — Ouvi a lamentação de Lily pelo telefone.

É, como?

— É um processo gradual. Eu não sei exatamente quando comecei a amar Luca. Durante muito tempo, eu achei que o odiava.

Levantei, agitada de repente. Não era um assunto com o qual me sentia confortável. Fez meu peito ficar apertado, me fez começar a entrar em pânico de um jeito estranho. Corri para a cozinha e me servi de outra xícara de café. Depois de alguns goles, voltei para Aria, que me lançou um olhar questionador. Ergui minha xícara como uma forma de explicar.

— Toma — disse ela, entregando-me o celular de novo.

— E aí, quais as novidades? — Perguntei tranquila.

Quase dava para ouvir Lily revirando os olhos. — *Você virá para a nossa festa de Natal?*

Abri minha boca para dizer que sim, porque sempre estive lá, depois, me

dei conta de que eu provavelmente não era mais bem-vinda.

— Não sei. As coisas estão difíceis por ora.

— *Você quer dizer que Papai não quer que você venha.*

— O único motivo para eu querer ir são você e o Fabi. Não me importo com mais ninguém. E talvez você e Fabi possam vir visitar Nova York no Ano Novo.

Lily ficou em silêncio.

— *Papai disse que não vai nos deixar ir para Nova York outra vez depois do que você fez.*

Acho que isso não deveria ter me surpreendido tanto. Claro que ele não deixaria Lily fora de sua vigilância. Ele não poderia arriscar que outra filha sua se tornasse uma vagabunda.

— Vamos dar um jeito. Vou perguntar a Matteo se vamos a Chicago.

Dar de cara com Papai de novo era a última coisa que eu queria. Por minha vontade, nunca mais pisaria em Chicago, mas a ideia de nunca mais ver Fabi e Lily outra vez era ainda pior.

— *Promete*?

— Prometo — falei. — Agora, passe para Fabi antes que Papai perceba que vocês estão falando comigo e não com Aria.

— *Oi* — a voz de Fabi soou.

— Aposto que você cresceu mais uns cinco centímetros desde a última vez que te vi.

— *Quando eu crescer, terei pelo menos 1,80m de altura* — falou orgulhoso.

— No mínimo 1,95m. Você deve ficar mais alto que Luca.

— *Isso seria tão legal. Poderia sair dando porrada em todo mundo. Todos teriam que ser legais comigo e me respeitar.*

Sorri tristemente. Em breve, as pessoas fariam isso de qualquer jeito. O garoto fofo seria substituído por um assassino impiedoso.

— Isso seria legal — concordei. — Então... Você tem algum punhal novo?

Fabi tinha uma coleção enorme de punhais. Uma coleção de punhais maior do que um menino de dez anos deveria ter. Claro que Papai apoiava o interesse de meu irmão por armas.

— *Não* — disse Fabi chateado. — *Papai está furioso comigo.*

— Por minha causa?

A princípio, Fabi não disse nada, mas eu sabia que ele estava dando de ombros daquele jeito fofo que ele fazia.

— *Não gostei do jeito que ele gritou com você.*

— Eu também não, mas você tem que tentar não deixar Papai chateado com tanta frequência. Não quero que você seja castigado. — Agora que eu não era mais o saco de pancadas preferido de Papai, me preocupava que Fabi pudesse ter que suportar o peso de sua ira.

— *Tudo bem* — disse ele. — *Estou com saudades.*

— Eu também.

Desligamos e entreguei o telefone de volta para Aria.

— Você está bem? — Perguntou ela.

Assenti não muito convencida. — A festa é na semana que vem, não é?

— É.

— Acredito que eu não esteja convidada.

Aria fez uma careta. — Nem mesmo Luca e eu temos certeza se deveríamos ir.

— Por quê?

— As coisas estão bem feias agora. Luca tem muitos problemas em Nova York e não quer lidar com Dante Cavallaro nem com Papai paralelo a isso.

— Fabi e Lily ficarão muito tristes se você não for visitá-los.

— Eu sei — disse Aria suspirando e reclinou-se no encosto do sofá. — É o que tenho dito a Luca. Até sugeri que eu pudesse voar sozinha com Romero para Luca cuidar dos negócios aqui.

— Deixa eu adivinhar... Ele odiou a ideia.

Aria riu. — Pois é. Ele não confia na Outfit e não vai me deixar ir lá sem

ele.

— Eu meio que tenho que concordar com ele. Apesar de que eu gostaria que pudéssemos ir juntas.

— Quem sabe no ano que vem? Papai não pode ficar chateado com você para sempre.

— Papai ainda estará chateado comigo quando estiver ardendo no inferno.



Como esperado, não fui convidada para a festa de Natal da minha família. Oficialmente, Papai não podia negar a minha entrada como esposa de Matteo, mas isso não só teria sido constrangedor, como Matteo também não queria arriscar me levar de volta a Chicago tão cedo. Naquela noite, depois que meu corpo venceu meu cérebro mais uma vez e sucumbiu aos encantos de Matteo, deitei nua em seus braços, com seu peito encostado em minhas costas. Não tinha certeza de por que sempre me sentia sonolenta com ele me abraçando e, pior, por que às vezes ansiava pela sua proximidade durante o dia inteiro. Pelo menos até agora, tinha conseguido resistir a essa segunda intenção.

— Será que algum dia verei Fabi e Lily novamente? — Sussurrei no silêncio.

Os braços de Matteo ficaram mais apertados ao redor da minha cintura.

— Se eles fizessem parte da Cosa Nostra, Luca poderia fazer algo a respeito, mas seu pai tem que ouvir apenas a Cavallaro.

— Eu sei — falei quase que com raiva. Eu sabia como as coisas funcionavam em nosso mundo. — Mas não podemos convidar a minha família para vir aqui para algum tipo de reunião? Papai não recusaria um convite direto, certo?

Matteo se ergueu um pouco e me encarou.

— Seu pai definitivamente respeitaria o convite, mas não teria que trazer seus irmãos junto com ele. Muitos homens mantêm a família de fora por motivos de segurança.

Assenti.

Matteo me observou por bastante tempo e isso fez com que eu começasse a me sentir nua de um modo diferente. Olhei para ele.

— O que foi?

— Luca é bastante convincente. Talvez ele possa pedir a seu pai que deixe Liliana e Fabiano virem para uma visita depois do Natal. Seu pai mandaria seus próprios seguranças com eles se não confiar em nós.

— Por que Luca faria isso? Ele e Aria ainda são bem-vindos em Chicago.

— Se eu pedir a Luca, ele fará.

— E por que você pediria a ele? Já não teve problemas demais por causa de Bardoni e por se livrar da minha tornozeleira eletrônica?

Matteo enrolou uma mecha do meu cabelo em seu dedo.

— Eu faria por você. Você é minha mulher e eu quero te fazer feliz. — Seu sorriso era provocador e, mesmo assim, o que ele disse pareceu sincero.

Meu coração batia perigosamente e um novo pânico apareceu. O que estava acontecendo? O medo dos meus próprios sentimentos tirava o melhor de mim.

— Se você realmente se importa comigo e quer me ver feliz, me deixe ir. Tudo o que sempre quis foi a liberdade e uma vida normal.

Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que não tinha certeza se elas ainda eram verdadeiras.

A expressão de Matteo se apagou, algo frio e duro acomodou-se em seus olhos. Ele deitou e apagou as luzes. Quase pedi desculpas e toquei nele.

Seus lábios roçavam em minha orelha.

— Acho que isso significa que não me importo o suficiente. Porque te deixar ir... É algo que nunca farei.



Depois daquela conversa, nossas interações nos dias que se seguiram foram reduzidas outra vez a sexo.

Para a minha surpresa, eu sentia falta das nossas provocações. Até mesmo sentia falta da arrogância idiota de Matteo e daquele sorriso largo irritante, mas, acima de tudo, eu sentia falta de adormecer com seus dedos percorrendo a pele macia da parte interna do meu antebraço.

A época de Natal definitivamente se transformou no meu próprio pesadelo pessoal. Matteo e eu fomos convidados para mais três festas, todas elas ou eram oferecidas pelo alto escalão da máfia ou por empresários com estreitas ligações com a máfia. Todos eles importantes demais para serem ofendidos não comparecendo. Contudo, eu realmente esperava que Matteo não matasse mais nenhum dos anfitriões. Até agora, o fiasco com Bardoni não tivera consequências, mas eu ainda não estava completamente segura se continuaria assim. Em algum momento, as pessoas indubitavelmente ficariam desconfiadas.

Agora que eu não usava mais uma tornozeleira eletrônica, Sandro era a minha sombra e, quando Aria e eu íamos a algum lugar, Romero também sempre estava lá. Era ridículo. Mesmo sem um dispositivo eletrônico, eu não tinha controle sobre nenhum aspecto da minha vida. A alegria do casamento, uma ova.

Ajeitei uma mecha rebelde que caiu do meu coque e passei as mãos sobre meu novo vestido. Com todos os eventos sociais pairando no meu futuro, Aria e eu fizéramos outro grande passeio de compras. Eu estava começando a me sentir como uma daquelas esposas troféu da máfia que eu desprezava. Compras, eventos sociais e aquecer a cama do marido eram só o que existia no mundo delas, e também no meu. Olhei para o meu reflexo. Eu até mesmo tinha todo o jeito de uma esposa troféu com meus cabelos presos num coque elegante e com o lindo vestido verde escuro de *cocktail* que aderia às minhas curvas. Até minha enorme aliança de casamento e o colar de diamantes gritavam “esposa troféu”.

Custou todo o meu autocontrole para não arrancar o vestido do meu corpo e cortar meus cabelos. Como pude me tornar o que odiei por tanto tempo? E como podia estar bem com isso?

— Aria e Luca estão aqui — gritou Matteo. — Precisamos ir.

Isso foi mais do que ele dissera para mim fora do quarto desde aquela noite. Suspirando, virei as costas para o espelho e fui em direção à sala de estar onde Aria, Luca e Matteo esperavam. Matteo estava maravilhoso com o terno preto de corte ajustado, camisa branca e gravata preta. Era um mafioso tão clichê, porém, se sobressaía com facilidade. Esse homem sempre estava bonito. Seus olhos fizeram uma rápida análise da minha roupa e meu corpo reagiu com um arrepio familiar. Havia lido sobre olhares que mais pareciam sexo, mas sempre considerei isso uma lenda urbana. Só que Matteo tinha esse olhar sem tirar nem pôr.

Mantive a expressão inalterada conforme caminhava até eles. Aria era uma visão do outro mundo com seu vestido vermelho escuro e seus cachos dourados. No passado, eu frequentemente sentia como se nunca pudesse competir com ela, mas cheguei à conclusão de que não precisava disso. Luca se destacava sobre minha irmã com um terno parecido ao de Matteo, no entanto, isso não me afetou. Parei ao lado de Matteo e sua mão foi imediatamente para o meu quadril. Será que ele ao menos percebia o quão possessivos esses pequenos gestos eram? Antigamente, minha primeira reação a eles teria sido a irritação seguida de uma rejeição, mas agora, parecia quase natural. Não sabia ao certo do porquê, por que me adaptei com tanta facilidade a esta vida que fora preparada para mim antes mesmo de eu nascer. Algumas pessoas provavelmente procurariam uma explicação no destino ou na fé. Nunca considerei válida nenhuma das duas opções. Não gostava da ideia de que alguma coisa exterior maior controlava quem eu era e como minha vida se desenvolveria.

— Ei, onde você está? — Perguntou Matteo, dando um apertão de leve no meu quadril. Pisquei, focando nele. Nem havia percebido que entráramos no elevador.

Balancei a cabeça. — Pensando em todas as maneiras que esta noite poderia terminar mal — menti.

— Contanto que Matteo mantenha sua faca no coldre e que você mantenha sua boca sob controle, as coisas devem correr tranquilamente — murmurou Luca, lançando um olhar para mim e Matteo. — Esta noite é importante. Vários dos empresários presentes estão sob pressão dos russos. Quero mostrar força e deixar uma boa impressão. Seria ainda melhor se você conseguisse não ofender as outras esposas.

— Por que eu? E quanto a Aria?

— Aria sabe se comportar. Ela é a dama perfeita, ao passo que você é tudo, menos isso.

Aria tocou o peito de Luca. — Seja legal com a minha irmã.

— Não sou rude com todo mundo. Apenas com as pessoas de quem não gosto — falei incisivamente.

— Que serão todos na festa — interveio Matteo. — São todos insuportáveis, acredite. — Trocamos um sorriso, depois, como se nos lembrando da nossa "espécie de briga" algumas noites atrás, desviamos o olhar um do outro. Pude ver Luca lançando um daqueles olhares secretos para Aria que eles sempre compartilhavam.

— Apenas se comportem — disse Luca. — Os dois. É como se Deus tivesse enviado vocês dois para testar a minha paciência.

Aria soltou uma risadinha e bateu de leve no ombro de Luca, mas seus olhos brilhavam de adoração. Será que eu alguma vez já olhei para alguém daquele jeito? Não tinha certeza se queria. Parecia que ela estava expondo sua alma para todos verem e nem se importava.

Juntos, saímos do elevador para o frio congelante do estacionamento. Eu me arrepiei. Não trouxe um casaco comigo porque só teria que andar do elevador para o carro e, depois, do carro para onde quer que a festa fosse, mas agora eu me arrependia. Afinal, eram meados de dezembro. Um mês desde que Matteo me pegou. Às vezes, era difícil de acreditar que já tinha passado tanto tempo.

Matteo me soltou, tirou seu paletó e o colocou sobre os meus ombros. Seu calor e seu cheiro me envolveram, e eu me peguei respirando fundo.

— Obrigada — falei meio envergonhada.

Luca fez o mesmo com Aria apesar do curto caminho até o carro. Aria e eu nos sentamos no banco traseiro do *Porsche Cayenne* de Matteo, enquanto os dois foram na frente. Parecia que os homens não estavam mais preocupados que eu fosse tentar pular do carro em movimento para fugir. Talvez eles também tenham percebido o quão facilmente eu me adaptei.

Aria se inclinou para sussurrar em meu ouvido.

— Sei que não quer enxergar, mas você e Matteo são como se tivessem sido feitos um para o outro.

Olhei para ela, ignorando o jeito que minha pulsação acelerou com um sentimento sobre o qual eu nem queria pensar.

— Nem comece.

Aria deu de ombros.

— É a verdade. E ele está realmente tentando. Eles não são perfeitos, mas estão tentando ser bons para nós duas. Você não parece infeliz.

Eu não estava exatamente infeliz, mas tentava atribuir isso à presença constante de Aria na minha nova vida. Era a explicação conveniente. Não falei nada, não podia surgir com uma resposta inteligente que não fosse soar como uma mentira absoluta.

Ficamos sentadas em silêncio depois disso e, ainda assim, senti que meu silêncio foi uma resposta mais do que eu gostaria. Fiquei realmente aliviada quando enfim estacionamos em frente a um prédio luxuoso não muito diferente de onde Matteo e eu morávamos. Um porteiro correu até o nosso carro e abriu a minha porta. Ainda bem que ele não viu Luca e Matteo colocarem as mãos em suas armas, sempre prontos para atacar.

Agradeci ao rapaz que parecia ser mais ou menos da minha idade, e saí. Aria logo me seguiu. Devolvemos os paletós aos nossos maridos antes de entrarmos no saguão bem iluminado. Outro porteiro esperava próximo ao

elevador e apertou o botão correto para nós.

Enquanto subíamos em direção ao último andar, Matteo chegou perto de mim e murmurou:

— Não se esqueça de se comportar. — Ele piscou para mim quando se afastou e eu soube que teríamos problemas. A expressão de Matteo prometia que ele não tinha absolutamente nenhuma intenção de se comportar esta noite.

A festa era em uma cobertura enorme com vista para a cidade. Não era tão grande quanto a de Luca, mas, definitivamente, era ostentosa. As paredes estavam cobertas com quadros de Picasso, Warhol e Miró, todos originais, e eu desconfiava de que a mobília era tão pretensiosa quanto, mas tudo havia sido deslocado para caber duas mesas compridas para oito convidados na sala, assim como uma dúzia de bistrôs onde os convidados poderiam socializar antes do jantar.

O nível de barulho era avassalador apesar do tamanho da cobertura e não havia nada de natalino na decoração, exceto por um presépio em vidro abstrato na lareira e uma árvore de Natal em vidro mais abstrato ainda em um canto. Aria e eu olhamos uma para a outra e quase caímos na gargalhada.

Meu humor ruiu no momento em que os anfitriões, um casal de meia-idade que parecia ainda mais falso do que a árvore, se aproximaram de nós. Preparei-me para o desgosto mais uma vez, porém, a mulher sorriu para Aria e para mim da mesma maneira.

A dona da casa que se apresentou como Miriam praticamente *se iluminou* para mim, embora parecesse quase assustador porque seu rosto estava congelado dos tantos tratamentos com *Botox*.

— Você deve ser a linda nova esposa — disse ela, me beijando em ambas as bochechas.

— Sim, obrigada — falei assustada.

Olhei confusa para Matteo, que deve ter decifrado meu olhar porque se aproximou de mim enquanto a dona da casa falava com Luca e Aria.

— Eles não fazem parte da nossa cultura. Não dão a mínima para nossas

regras e costumes — sussurrou Matteo

A dona da casa voltou-se para nós dois.

— O jantar começa em trinta minutos. Mas, por favor, sirvam-se de nossos deliciosos canapés e champanhe. — Ela pronunciou “champanhe” com um sotaque francês estranho, o que quase me fez rir outra vez, mas me recompus e sorri educadamente. A mulher fora gentil comigo, então, eu devia agir de acordo, mesmo que Luca pensasse que eu era incapaz de gentilezas.

Olhei em volta, avistando apenas um casal conhecido, que supus deveriam fazer parte da máfia ou eu não os reconheceria. De resto, estávamos alegremente rodeados de estranhos, que não me chamavam de puta murmurando nem me olhavam de cima. Era um evento social puro a que pessoas normais, pessoas normais *bem ricas*, compareciam. Relaxei. Talvez isso não fosse ser tão ruim.

— Venha. Vamos pegar uma taça de champanhe. Precisamos das borbulhas para aguentar esse tédio — disse Matteo.

Luca franziu a testa para ele, mas Matteo simplesmente sorriu e me levou até um bistrô desocupado. Peguei uma taça e dei um gole profundo. Isso era uma coisa boa do nosso mundo: ninguém dava a mínima se eu tinha idade para beber. As bolhinhas dançavam deliciosamente na minha língua. Já fazia bastante tempo que não tomava um bom champanhe. A última vez foi no casamento de Aria.

Matteo sorriu.

— O que foi? — Perguntei, conferindo se meu vestido tinha alguma mancha.

— Você parece uma dama sofisticada.

— Eu não sou uma dama sofisticada — falei depressa e estava prestes a dar outro gole no champanhe, mas parei com a borda da taça em meus lábios. Com um olhar, abaixei-a. — Não sou.

— Eu não disse que você era. Apenas salientei que parece uma.

Ele estava certo. Eu me encaixava, o que me trouxe de volta ao meu problema inicial. Por que me tornava cada dia mais uma esposa troféu? Bebi o resto do meu champanhe de um gole só, nada a ver com uma dama, fazendo

Matteo rir, e não pude deixar de rir também. Era bom rir com ele e, ainda melhor, era ver a jovialidade banir um pouco da escuridão em seus olhos.

Miriam chamou a todos para se acomodarem nas mesas e nos pediu para sentar perto dela com outros convidados importantes. Infelizmente, Aria teve que se sentar à minha frente, então, eu não poderia nem conversar com ela se ficasse entediada. Fui encaixada entre Matteo e uma mulher que não conhecia. Por sorte, o primeiro prato foi servido quase que imediatamente, assim, eu tinha o que fazer. De qualquer forma, Miriam, assim como as outras mulheres à nossa volta, estava mais interessada em Aria, provavelmente porque ela era a esposa de Luca e sabia como ter uma conversa decente.

De repente, senti a mão de Matteo em meu joelho. Olhei para ele, mas estava imerso em uma conversa com Luca e o dono da casa. Comi mais um pedaço do meu carpaccio, mas parei no meio da mastigação quando sua mão começou a subir, indo em direção à borda rendada das minhas meias 7/8. Tive que conter um pequeno estremecimento que a sensação de seu leve toque enviava para o meu interior. Fechei as pernas e tentei focar na conversa que Aria mantinha com as outras mulheres. Matteo contraiu os cantos dos lábios em resposta. Claro que não tinha terminado. E quando alguma vez já acabara?

Os dedos de Matteo deslizaram por entre as minhas pernas, apesar das minhas tentativas de bloqueá-lo, depois, ele escorregou as pontas dos dedos para baixo da borda da minha calcinha e acariciou levemente a parte entre minha perna e minha vulva. Peguei a taça e tomei um gole enorme de vinho.

— O que você acha, Gianna? Seria do seu interesse? — Perguntou Miriam, a dona da casa. Suas sobrancelhas estavam erguidas, mas devido a todo aquele *Botox*, o restante de seu rosto estava estático e sua expressão assemelhava-se a um leve aborrecimento.

Meus olhos correram para Aria, esperando que ela me ajudasse. Eu não fazia ideia de sobre o que Miriam falava. Os dedos de Matteo distraíram-me completamente.

— Sei que você ama arte moderna e não é fácil conseguir um circuito

privado pelo Guggenheim. Tenho certeza de que Matteo pode te conceder algumas horas — disse Aria me olhando profundamente.

Eu poderia beijá-la. Ela sempre salvava o dia.

— Claro, eu adoraria... — os dedos de Matteo deslizaram para o meio dos meus pequenos lábios, separando-os delicadamente, encontrando-me molhada e dolorida. Filho da puta. Ele ainda conversava com Luca e com os outros homens como se nada de interessante estivesse acontecendo debaixo da mesa.

Aria e as outras mulheres me observavam com expectativa. Limpei a garganta e chutei bem forte a perna de Matteo antes de falar.

— Eu adoraria aceitar esse convite. — Poderia eu ter soado mais sofisticada? Esposa troféu em todos os sentidos.

O dedo de Matteo passeou pela minha abertura até alcançar meu clitóris, onde ele começou a desenhar pequenos círculos. Comprimi meus lábios para evitar que um gemido escapasse. Graças a Deus, Miriam começou outro monólogo sobre uma viagem ao Caribe e eu voltei a fingir que ouvia. Apenas Aria me olhava estranho esporadicamente, como se achasse que eu não me sentia bem.

Se ela soubesse... Os garçons entraram na sala com os pratos principais, mas eu nem dei importância.

Sem pretensão nenhuma, abri um pouco mais as pernas, dando a Matteo mais espaço para explorar minhas dobras molhadas. Seus dedos subiam e desciam, brincando com a minha abertura, antes de voltarem para o meu clitóris latejante. Agarrei minha taça de vinho. Não teria sido uma surpresa se eu a partisse em duas por causa da força que a segurava. Minha respiração estava fraca. Matteo mantinha o ritmo lento, me levando cada vez mais perto da minha liberação. Eu deveria ter tirado sua mão dali, deveria ter impedido essa loucura antes de se transformar na noite mais constrangedora da minha vida, mas a necessidade assumira o controle e baniu qualquer fragmento de raciocínio. Depois de alguns pedaços de vitela, pousei meu garfo. Minha fome era de outra coisa.

Matteo escorregou um dedo para dentro de mim e eu mal consegui guardar meu gemido. Eu estava tão perto. Será que eu conseguiria ficar quieta?

Só que estava muito longe de me importar. Matteo ainda não olhava para mim. Pelo contrário, ele estava totalmente focado na conversa, ou, pelo menos, fingia estar. Eu o odiava pelo seu talento para a atuação. Ele me levava cada vez mais para perto, indo com calma. Deus, essa era a tortura mais deliciosa.

Seus dedos habilidosos tornaram-se o centro total do meu ser, até que, de repente, sem nenhum aviso, ele os tirou. Em choque, encarei-o, apenas para perceber que os garçons tinham voltado com a nossa sobremesa: mousse de chocolate. Matteo sorriu para mim.

Eu queria arrancar as roupas dele e fazer do meu jeito com ele, levá-lo ao abismo, apenas para negar seu alívio. Matteo enfiou um dedo no mousse, o dedo que usou em mim, e colocou-o dentro da boca, lambendo-o todo.

— Hmm. Delicioso.

Meu corpo zumbia de desejo, mas, naquele momento, eu quis empurrar a cara de Matteo no mousse. Ele pegou a colher e começou a comer calmamente. Aria me lançou um olhar questionador quando não me mexi.

Segurei minha própria colher com um pouco demais de força e provei o mousse. Estava delicioso, cremoso e com muito chocolate, porém, agora tudo o que ele me lembrava era dos dedos de Matteo e do que fizeram meros segundos antes. Este jogo era para dois.

Assim que acabei a sobremesa, escorreguei a mão para baixo da mesa e alcancei as pernas de Matteo. Encontrei-o já duro e isso me fez ficar ainda mais dolorida. Considerei massagear a mim mesma ao invés de provocar Matteo, mas excluí esse pensamento. Se eu quisesse ganhar esse jogo, precisava jogar. Fechei meus dedos em volta da ereção de Matteo. Ele respirou fundo silenciosamente antes de seus olhos encontrarem os meus, um canto de sua boca se ergueu. Massageei-o por cima do tecido de sua calça, sentindo-o ficar ainda maior e mais duro. Infelizmente, meu próprio corpo também respondeu.

Matteo virou-se para um homem mais velho em frente a ele que lhe

perguntava algo e eu aproveitei o momento para encontrar sua ponta e começar a esfregá-la. Para Matteo foi fácil, ele não teve tantos obstáculos entre seus dedos e seu objetivo, mas, enquanto trabalhava na cabeça do seu pau, pude perceber pela contração de seu maxilar que Matteo não estava totalmente inalterado. E diferente de mim, ele teria bastante dificuldade em esconder sua excitação se se levantasse, e mais dificuldade ainda se gozasse na calça. Isso me fez sorrir.

Aria debruçou-se na minha frente na mesa. Eu realmente esperava que ela não percebesse nada.

— Qual o problema com você? Está agindo estranho — sussurrou.

Balancei a cabeça e sussurrei “depois”, contudo, a minha mão não parou de trabalhar embaixo da mesa. Esperava que Matteo estivesse chegando perto. Era difícil de dizer. Ele virou o rosto para longe de mim e estava realmente conduzindo uma conversa coerente com o velho. Apertei um pouco mais forte, ficando irritada, e enfim, consegui outra reação, ainda que ínfima. Matteo ficou brevemente tenso, entretanto, obrigou-se visivelmente a relaxar. Eu poderia ter gritado de frustração.

Estava prestes a apertá-lo mais uma vez, ainda com mais pressão quando a sua mão encontrou a minha debaixo da mesa e a tirou dali. Eu teria grudado em sua ereção se não estivesse preocupada que pudesse machucá-lo. Mesmo que nunca admitisse a ninguém, eu amava o pau de Matteo e, especialmente, as coisas que ele fazia. Arrisquei olhar para Matteo e encontrei seus olhos. Havia desejo neles, mas também algo mais, algo que me fez querer sair correndo, porque tinha a sensação de que sabia o que era e quase certeza de que começaria a me sentir do mesmo jeito. Arranquei minha mão da sua, empurrei a cadeira para trás e me estiquei.

Sorrindo para os outros convidados, falei:

— Com licença. — Sem olhar outra vez para Matteo, fui direto para onde esperava encontrar os banheiros.

Custou todo o meu autocontrole para não correr pelo longo corredor que se ramificava pela área principal do apartamento. Quando entrei no banheiro, soltei

o ar que pesava dentro de mim. Minhas bochechas estavam ruborizadas, mas não tanto que alguém pudesse suspeitar de algo. Pelo menos era o que eu esperava. Agarrei a beirada da pia e fechei os olhos. Meu coração martelava em meu peito. De repente, alguém agarrou meus quadris. Abri meus olhos e olhei para o espelho. Matteo me encobria, seu olhar quase incendiava de desejo. Ele pressionou os quadris na minha bunda.

— Você saiu tão cedo... — Uma mão dele deslizou para baixo do meu vestido enquanto a outra abria seu zíper.

— O que você está fazendo? — Censurei olhando para a porta. — E se alguém entrar?

— E quem se importa? Deixe que assistam ao espetáculo de suas vidas. Deve fazer anos que essas cadelas não veem um pau. — Ele empurrou minha calcinha para o lado e enfiou dois dedos dentro de mim. Projetei minha bunda para lhe dar melhor acesso. Meu corpo parecia agir por contra própria mesmo quando meu cérebro gritava para que eu afastasse Matteo.

— Matteo — arfei. — Tranque a porcaria da porta.

Ele movimentava os dedos para dentro e para fora num ritmo lento delicioso. Meus quadris se mexiam contra ele, obrigando seus dedos a entrarem ainda mais fundo.

— Você quer mesmo que eu pare para poder trancar a porra da porta? — Ele lambeu minhas costas desde a borda do meu vestido até chegar aos cabelos, depois, encontrou meu olhar pelo espelho. Eu me arrepiei. Ele meteu os dedos dentro de mim outra vez, atingindo um lugar sensível lá no fundo. Seus olhos pareciam me penetrar, tentando revelar meus mais sombrios desejos secretos. Meu coração se sobressaltou e eu sabia que estaria perdida se não parasse logo essa loucura. Com o sexo eu conseguia lidar, mas esses momentos de compreensão silenciosa, esses longos olhares cheios de tanto significado, começavam a rachar as paredes que levei anos para construir.

Matteo envolveu meus seios por cima do vestido, amassando-os e beliscando meus mamilos de um jeito quase doloroso e que me fez ficar ainda

mais molhada. Fechei meus olhos para evitar os dele e mergulhei nas sensações. Matteo empurrava constantemente seus dedos em mim. Mordi meu lábio para não emitir nenhum som. Os lábios de Matteo fecharam-se no meu ponto de pulsação, chupando a pele do meu pescoço. Arqueei-me, empurrando minha bunda em sua mão com toda a minha força conforme meu orgasmo fazia meu corpo se agitar.

— Olhe para mim — ordenou Matteo, e abri meus olhos, encontrando os dele. — Isso, assim. Caralho, você está tão molhada e quente.

Caí em meus antebraços com uma respiração trêmula, aproveitando as últimas ondas de prazer enquanto Matteo desacelerava os dedos. Ele levantou ainda mais a saia do meu vestido. Ouvi-o desabotoar a calça e, depois, colocou o braço em volta do meu peito, apertando, puxou-me contra ele e esfregou a ponta do pau na minha abertura. Então, foi entrando pouco a pouco. Tentei empinar minha bunda, precisando senti-lo todo dentro de mim, mas ele não deixou. Pelo contrário, ele abaixou ainda mais, entrando em mim.

— Me foda — sussurrei com severidade.

Ele pôs a mão na minha cabeça e a inclinou para o lado, reivindicando minha boca na dele, sua língua se apossou de mim. Finalmente ele entrou totalmente em mim e, depois de um momento sem se mexer, começou a meter. Minhas mãos logo agarraram a borda da pia. Matteo conduzia meu corpo para a pedra fria conforme seu pau estocava dentro de mim, fundo e com força.

— Caralho, você é tão gostosa — rosnou Matteo.

Gemi em resposta. Era melhor do que qualquer outra coisa. Tudo neste relacionamento era. Deus, o que estava acontecendo?

Tentei desligar meu cérebro e apenas focar no jeito que o pau de Matteo me preenchia, como ele saía quase completamente de dentro de mim para me deixar louca e, logo depois, metia de volta. A borda da pia desaparecia sob as minhas mãos conforme eu me grudava nela. Matteo abaixou as mãos, apertando meus quadris. Joguei a cabeça para trás, ofegando e choramingando enquanto caía sobre a pia outra vez com Matteo atrás de mim. O som de seus gemidos me

estimulou ainda mais. Um segundo antes de nós dois cairmos para frente, nossos olhares se cruzaram no espelho mais uma vez. E, então, eu soube por que quase não considerara fugir nas últimas semanas, e isso me apavorou como nada antes.

Olhei para baixo depressa, tentando recuperar o fôlego e acalmar meu coração e meu pulso acelerados.

Matteo beijou meu ombro. — Sou feliz *pra* caralho que você é minha.

Enrijeci e teria me afastado se não estivesse presa entre a pia e o corpo de Matteo.

Quando Matteo finalmente saiu de dentro de mim e ajeitamos nossas roupas e nos limpamos, não consegui olhar em seus olhos. Não estava com vergonha do que tínhamos feito. Já tinha acontecido. Estava confusa e apavorada pelo que vira em meus próprios olhos.

Matteo



Durante o sexo, havia momentos em que eu tinha certeza de que Gianna estava se apaixonando por mim, entretanto, sempre vinha o depois e eu não sabia mais se imaginava isso. Antigamente, as garotas sempre me queriam mesmo que eu nunca desse motivo, mas Gianna era osso duro de roer e, às vezes, me pegava imaginando se talvez ela nunca fosse se apaixonar por mim e apenas me fodia para tentar me agradar. Gianna era esperta, talvez estivesse tentando me ter nas palmas de suas mãos com sexo para que eu lhe desse mais liberdade e ela pudesse fugir outra vez.

Gianna arrumou algumas mechas que caíram durante nossa rapidinha de volta no coque. Ela fazia uma careta para o seu reflexo e fingia que eu não estava ali.

Quando saímos do banheiro, ela ainda me ignorava. Depois, parou subitamente.

— Não podemos voltar juntos para lá. Todos saberão o que fizemos.

Dei de ombros. Estava pouco me fodendo. Gianna era minha esposa e eu a fodia sempre que tivesse vontade.

— Estivemos fora por um tempo. Eles já devem desconfiar de alguma coisa.

— Ótimo — resmungou Gianna, entretanto, endireitou os ombros e voltou para a mesa com os outros convidados sem voltar a olhar para mim. Então, estávamos de volta aos joguinhos?



Naquela noite, acordei na cama vazia. Levantei e procurei por algum sinal de Gianna pelo quarto, mas ela não estava lá. Como ela pôde fugir? Não me incomodei em vestir uma calça. Peguei meu coldre pelo caminho enquanto saía igual a um furacão do quarto e ia para a sala.

Tinha que ligar para contar a Luca, ele ficaria furioso, já não ficara feliz quando tirei a tornozeleira eletrônica de Gianna. Meus olhos conceberam um vulto esguio na poltrona perto da janela: Gianna.

Relaxei e abandonei meu coldre em um aparador antes de atravessar a sala em sua direção. Ela deve ter empurrado a poltrona mais para perto da janela para poder olhar lá para fora. Suas pernas estavam encostadas no peito e seu rosto descansava em seus joelhos. Ela dormia profundamente, mas, mesmo dormindo, suas sobrancelhas estavam franzidas. Não tinha certeza, porém, parecia que havia chorado. Parei ao lado dela, observando o jeito que dormia. Ela deve ter feito movimentos bem silenciosos para que eu não a ouvisse, eu tinha o sono leve. Ela nem mesmo vestira um pijama. Meu olhar correu para o painel do elevador. Será que ela tentou decifrar o código para fugir? O alarme teria me alertado de qualquer tentativa e, ainda assim, a suspeita continuava. Odiava não confiar nela. Não era como se eu estivesse acostumado a confiar nas pessoas,

exceto em Luca, mas queria confiar na minha mulher. Claro que era difícil criar confiança, uma vez que Gianna nem mesmo teve a chance de mostrar que era confiável.

Se eu lhe desse mais liberdade e ela não tentasse fugir, então, poderia começar a confiar nela, mas eu tinha a sensação de que nunca mais a veria se fizesse isso. Eu era egoísta e possessivo demais, não queria perdê-la, mesmo que fosse o melhor para ela. Voltei meus olhos para seu rosto e a tristeza parecia tomar conta dele.

Deslizei minhas mãos sob seu corpo e a ergui em meus braços. Ela não acordou enquanto a carregava de volta para o nosso quarto, de volta para onde eu a queria e para onde era o lugar dela, mas onde ela não queria estar.

Coloquei-a na cama sem me deitar ao seu lado. Estava com raiva demais de mim mesmo pelos meus pensamentos covardes. Que importância tinha se Gianna queria ser minha mulher? Que importância tinha se ela preferia voltar a Munique e encontrar algum outro idiota como Sid? Ela era minha e eu não era um cara legal, não dava a mínima para os sentimentos dos outros. Estava no limite, como se precisasse bater em alguma coisa para me controlar. Grunhindo, peguei minhas roupas de treino, vesti-as, peguei as chaves do carro e saí do apartamento.

Inseri com raiva o código no painel do elevador e desci para a garagem. Subi na moto, saí disparado, correndo pela cidade em direção à nossa academia. Estava deserta, com a exceção de um segurança, o que era uma pena porque eu teria adorado treinar de fato com alguém, ao invés de com uma porra de um Bob.

Nem me incomodei em colocar as luvas de boxe. Queria sentir cada golpe. Encarando o Bob, comecei a esmurrá-lo, alternando entre chutes e socos.

Eu ainda estava fazendo isso quando a academia começou a se encher de rostos conhecidos. Ninguém me incomodou. Com exceção de acenos breves, eles ficaram bem longe de mim. Todos sabia o que era bom para si.

— Tentando matar o pobre Bob? — veio a fala mansa de Luca.

Apliquei outro chute forte na cabeça antes de virar para o meu irmão. Ele

não estava com roupas de treino.

— O que está fazendo aqui?

— Te procurando.

— Por quê?

— Porque você não estava no seu apartamento quando cheguei para te pegar.

— Você foi ao meu apartamento enquanto eu não estava lá?

Luca revirou os olhos.

— Não toquei na sua mulher, mas deixei Aria e Romero com ela.

Assenti, tentando me acalmar. Eu ainda estava no limite. Não tinha certeza de por quê.

— Tome um banho e se arrume. Parece que você precisa de uma bebida — disse Luca com sua voz de Capo.

Não reclamei. Sentia como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Devo ter ficado na academia por horas, já estava claro lá fora. Luca e eu fomos para uma de nossas boates que, exceto pelas moças da limpeza, ainda estava vazia. Peguei uma garrafa de *whiskey* da prateleira, e Luca e eu nos sentamos no bar. Na maioria dos círculos sociais provavelmente seria considerado cedo demais para beber, felizmente, nós não precisávamos obedecer a essas regras idiotas.

Luca e eu esvaziamos nossos copos, depois, ele me encarou com seu olhar de irmão mais velho.

— E aí, o que está acontecendo? Já está ficando cansado da sua esposa insuportável?

Engoli outro copo de *whiskey*, esperando a ardência familiar se transformar em calor se espalhando pelo meu peito.

— Por que a pergunta?

Luca ergueu uma sobrancelha.

— Talvez porque você tenha preferido passar a noite numa academia suando do que na cama com sua jovem esposa?

— Não consegui dormir.

— E não podia ter pensado em algo mais interessante do que lutar com um boneco?

— Você está começando a me irritar — falei.

Luca ignorou meu tom de advertência.

— Sinceramente, estou surpreso que você tenha durado com ela até agora. Se eu passasse mais de dez minutos num cômodo com Gianna, ia querer selar meus ouvidos com cera quente.

— Não estou cansado dela. Eu gosto de verdade da personalidade *insuportável* de Gianna. Ela apimenta as coisas. A vida seria chata se ela fosse igual às outras esposas troféu.

Luca estreitou os olhos.

— Aria não é apenas uma esposa troféu.

Claro que ele podia ficar com raiva quando eu insultei Aria sem intenção, mas ele podia falar merda de Gianna o tempo todo.

— Não falei nada sobre Aria. Mas prefiro a minha mulher...

— Irritante e desbocada — Luca terminou por mim, antes de tirar outra garrafa de *whiskey* da minha mão. — Então, qual o problema? Por que você está de mau humor igual a uma cadela manhosa?

Esperei que uma das minhas respostas inteligentes surgisse na minha mente, mas não pensei em porra nenhuma. Isso era uma merda muito séria.

— Estou começando a pensar que Gianna possa me odiar para sempre. Pensei que fosse seu jeito de ser interessante e provocante, um tipo de jogo, e que no final ela voltaria à porra da razão e se apaixonasse por mim como todas as garotas que persegui antes dela, mas tenho quase certeza de que Gianna é um desafio do qual estou perdendo. Ela não vai mudar de ideia. Acho que ela odeia esta vida um pouco mais a cada porra de dia.

Luca analisou meu rosto.

— Isso está realmente te incomodando.

Ele falou como se isso fosse a maior surpresa da sua vida, como se eu

fosse a porra de um robô que não fosse capaz de nenhum sentimento.

— Vindo de você... — falei com um sorriso irônico. — Antes de Aria, eu nem sabia se você era capaz de gostar de alguém, muito menos de uma mulher.

— Você faz parecer como se eu fosse gay. Não é que eu não goste de mulheres, elas apenas não são algo que eu considere útil fora do quarto.

Balancei a cabeça. — Como diabos você conseguiu que Aria te amasse? É como se fosse a porra da oitava Maravilha do Mundo. Existe alguma droga nova que você não quer me contar?

— Você está bêbado, Matteo.

— Não estou. Se você parar de monopolizar a porra do *whiskey*, talvez eu consiga estar daqui a umas duas horas. — Arranquei a garrafa das mãos dele e dei um trago. — Gianna é como um tigre enjaulado na porra do zoológico. É deprimente *pra* caralho vê-la procurando por um jeito de escapar do cativeiro.

— Ela tentou fugir de novo?

— Como poderia? Eu a mantenho em rédea curta.

— Você não está pensando em deixá-la ir, está?

Não achava que podia fazer isso, nem queria. Eu era egoísta e isso não mudaria tão cedo. Ainda queria Gianna. Queria seu corpo lindo na minha cama todas as noites e meu pau na sua boceta apertada. Queria tudo dela, a maioria das coisas que ela se recusava a me dar.

— Você me deixaria fazer isso?

— Não, a *Famiglia* já está insatisfeita do jeito que está. Você pareceria mais fraco ainda se a deixasse escapar outra vez e eu realmente não preciso de um problema extra. Sem falar na porra da Outfit que provavelmente declararia guerra se perdêssemos Gianna novamente. O pai dela está sendo um verdadeiro pé no saco. — Ele me lançou seu olhar de Capo, o que deveria significar intimidação para o resto do mundo, mas era inútil para mim, como ele bem sabia. — Você não vai deixá-la ir embora. Está preso a ela até o amargo fim, e ela a você. Estou pouco me fodendo se ela está infeliz e se te odeia, simplesmente terá que lidar com tudo.

— Uau, você está um doce de coco hoje, não? — Sabia que ele estava certo, e realmente não era como se eu fosse falar para Gianna que ela podia ir, mas, por algum motivo, suas palavras conseguiram me emputecer do mesmo jeito. — Você tem noção de que a única coisa que impede Gianna de cortar a minha garganta à noite é que ela não pode ver sangue? Você sabe como é reconfortante dormir ao lado de alguém que provavelmente fantasia em te ver morto para poder ser livre? Ela nunca disse com todas as letras, mas às vezes acho que vejo em seus olhos. Ou talvez eu esteja tão fodido que sempre pense o pior dos outros.

— Espero que você esteja brincando — disse Luca secamente.

— Quem sabe? — Esvaziei a garrafa de *whiskey*. Já dava para sentir os primeiros sinais traiçoeiros de um zumbido agradável. Sorri. — Às vezes, ela definitivamente tenta me matar com o olhar.

— Talvez seja melhor não dormir no quarto com ela. Ela pode superar o medo de sangue em algum momento.

— Não, não tão cedo. E ela não faz o tipo violento, não de verdade.

— Eu não contaria com isso. Ela pode ser bastante descontrolada.

— Você não ficou preocupado em dormir ao lado de Aria quando ela ainda te desprezava, por que eu deveria?

— Não dá para comparar Aria a Gianna, são duas espécies diferentes. E eu confio totalmente em Aria, ela tomou um tiro por mim.

— Deve ser bom — resmunguei. — Gianna provavelmente aplaudiria quem atirasse em mim.

CAPÍTULO DEZENOVE

Gianna



Matteo andava com um humor estranho desde que me encontrou na sala de estar duas noites atrás. Ele não falava muito, o que não era normal. Não tinha certeza se estava com raiva de alguma coisa que eu fiz, mas realmente não me importava. Naquela noite, prometi a mim mesma que teria que parar o que quer que fosse que estivesse acontecendo entre mim e ele. Havia jurado a mim mesma que nunca me tornaria uma dessas mulheres, que nunca me casaria com um Homem de Honra e, muito menos, desenvolveria nenhum sentimento por ele.

Estávamos a apenas cinco dias do Natal, porém, nenhum dos dois definitivamente entrara no espírito das festas ainda. Não havia um único enfeite de Natal em nosso apartamento. Considerei pedir a Matteo que comprasse uma árvore para decorarmos juntos, entretanto, o pânico havia se instalado outra vez e eu não disse nada. Em vez disso, aceitei o clima estranho entre nós quase com alívio.

Matteo segurava o volante com força enquanto íamos embora da última festa de Natal da temporada. Os anfitriões alugaram um galpão vazio e transformaram num paraíso de inverno, com neve falsa e um bar de gelo de verdade. Aria e Luca continuaram lá, mas o mau humor de Matteo fez com que Luca nos mandasse embora mais cedo. Ele devia estar preocupado com que Matteo pudesse acabar matando alguém outra vez. Não podia culpá-lo.

A estrada estava coberta de uma fina camada de gelo que brilhava com a luz dos nossos faróis.

— Sabe o que é engraçado? — Indagou Matteo com uma voz firme.

Olhei para ele, que tinha o corpo tenso e uma expressão sombria.

— Sempre que acha que não estou te observando, você parece estar feliz e, então, no instante em que nossos olhares se encontram, parece um encanto e a felicidade desaparece.

Não tinha certeza do que lhe dizer.

— Por que insiste em ser infeliz?

Antes que eu pudesse elaborar uma resposta, Matteo pisou no acelerador repentinamente. Fui pressionada contra o assento.

— O que você está fazendo? Não precisa nos matar só porque está puto.

Matteo deu uma olhada no retrovisor lateral.

— Não estou tentando nos matar. Estou tentando salvar as nossas vidas.

Algo colidiu com o nosso porta-malas. Olhei por sobre o meu ombro. As luzes dos faróis de outro SUV espalharam-se na janela traseira.

— Quem são esses? — Perguntei.

— Eu chutaria que são os russos. Notei-os tarde demais. Caralho. Isso acontece quando me distraio com outras merdas.

Éramos os únicos carros nesta parte da zona industrial. Matteo virou o volante e dobramos uma esquina para uma rua estreita entre dois armazéns grandes.

— Abaixe a cabeça — gritou Matteo.

Obedeci imediatamente. Lutando contra o cinto de segurança, inclinei-me para frente. Um segundo depois, fomos alvejados pelos nossos perseguidores. A janela traseira explodiu e choveu estilhaços para cima de nós dois. Matteo não reagiu, continuou dirigindo como um louco. De alguma forma, ele conseguiu, inclusive, sacar da própria arma.

Agarrei o banco com a cabeça encostada entre as minhas pernas enquanto me balançava para frente e para trás com cada volta e curva que o carro dava. Os pneus cantavam, tiros zuniam pelo ar, vidros estouravam. Uma nova chuva de estilhaços me atingiu quando a janela lateral traseira também explodiu.

— Caralho — rosnou Matteo enquanto tentava um sinal no celular, provavelmente para ligar para Luca.

O medo obstruía minha garganta com intensidade. Apenas uma pequena parte era medo pela minha própria vida. Ver Matteo na linha de fogo me apavorava ainda mais. Ele não podia abaixar a cabeça: uma bala e estaria tudo acabado.

Dobramos outra esquina e eu bati contra a porta. Fechei os olhos, lutando contra um enjoo que aumentava.

Mais tiros soaram e Matteo soltou um chiado. Olhei para onde ele estava. Matteo ainda dirigia e atirava em nossos perseguidores, mas sangrava em seu braço e ombro feridos. Neste momento, outra bala raspou em sua cabeça e esguichou sangue por todos os lugares, até no meu rosto. Matteo não parecia se importar; ele disparou mais uma salva de tiros. De repente, o carro perdeu o controle e começou a rodar. Passei os braços em volta do peito enquanto era jogada de um lado para o outro no meu banco. Com os olhos meio abertos, vi nosso carro ser lançado em direção a uma parede enorme e houve uma batida ensurdecedora quando nos chocamos contra ela. Meu corpo foi empurrado para frente e o ar saiu de mim quando fui arremessada contra o cinto de segurança. Sofri um corte na clavícula e minha visão escureceu. Depois, algo macio explodiu no meu rosto, impedindo o impacto.

Não sei por quanto tempo fiquei pendurada pelo cinto, meu rosto estava enterrado no *airbag* vazio enquanto eu tentava recuperar meu ar. Meus ouvidos zumbiam, mas acabou parando e o silêncio me acolheu. Gemendo, sentei, ignorando minha dor de cabeça latejante. Uma fumaça subia pelo capô amassado, preenchendo o carro lentamente através das janelas quebradas. Pisquei para me livrar dos pontos que dançavam em frente à minha vista. O meu corpo inteiro estava dolorido, mas nada parecia estar quebrado. Pelo menos eu conseguia me mexer.

Virei para o lado do motorista e travei. O carro estava apagado. Nossas luzes foram destruídas, mas de algum lugar um brilho distante iluminava à minha volta. Matteo estava caído sobre o volante. Como em muitos carros da máfia, o motorista não tinha *airbag* porque atrapalhava durante uma perseguição

de carros. Seus cabelos escuros estavam grudados na testa com o sangue, que ensopou sua camisa e pingava na calça. Era sangue demais. Ele deve ter batido a cabeça no volante ou talvez no painel quando colidimos contra a parede.

Será que estava morto?

Ele não se mexia e eu não conseguia sentir se estava respirando. Prendi o ar, esperando ouvir um som. Nada. Pisquei, depois olhei por sobre meu ombro para ver onde estavam nossos perseguidores. O carro deles havia batido em outra construção e já estava em chamas. Com certeza estavam mortos. Será que nosso carro iria começar a pegar fogo também? Precisava sair.

Não era essa a oportunidade pela qual esperei? Matteo e eu estávamos sozinhos. Não tinha ninguém aqui para me impedir de fugir. Eu poderia sair e ser livre. Desafivelei o cinto, depois, olhei mais uma vez para Matteo. Precisava verificar se ele estava morto, mas por algum motivo não consegui. E se ele realmente tivesse ido? E se estivesse morto? Senti minha garganta fechada e seca. Meus pulmões se recusavam a funcionar conforme o pânico se alojava em meu corpo. Meu Deus, e se ele estivesse morto? Qual o problema comigo? Eu não o queria fora da minha vida seis meses atrás? Esta era a minha chance, provavelmente, a única chance que teria na vida. O cheiro do combustível penetrou no meu nariz e a fumaça dentro do carro começava a fazer meus olhos arderem. Matteo era um assassino. Ele não era um homem bom. Se perguntar para as pessoas, a maioria diria que ele merecia a morte.

Com os dedos trêmulos, estendi a mão e toquei o ombro de Matteo. Ele ainda estava quente, mas não significava que estava vivo. Devagar, avancei minha mão para cima até encostar no sangue em seu pescoço. Meus dedos passaram sobre sua pele, sem encontrar nada, pressionando e procurando, até que, enfim, senti uma pulsação suave nas pontas dos meus dedos.

Soltei o ar, o alívio me atingia igual a um martelo. Ainda vivo. Ele ainda estava vivo. Graças a Deus! Houve um chiado e um estalo de fogo disparou sob o capô. Agarrei a maçaneta da porta e empurrei, mas ela não se mexeu, deformada pela batida. O pânico se espalhou pelo meu peito conforme a fumaça

e o calor enchiam o carro, e eu comecei a arranhar a porta. Mudei de posição, puxei minha manga para a mão e limpei a moldura da janela com violência, tirando os cacos antes de sair do carro por ali, passando a cabeça primeiro. Quando finalmente senti o chão firme sob meus pés, quase caí de joelhos porque minhas pernas tremiam como bambu. Todo o capô queimava agora e Matteo ainda estava no banco do motorista. Dei a volta correndo no carro, em direção à porta dele, rezando para que não estivesse presa como a minha. Não achava que fosse conseguir arrastar Matteo por uma janela estreita sem a ajuda dele. Segurei a porta do carro e a puxei o mais forte que consegui. Com um guincho, ela abriu e eu caí de bunda no chão. Recuperei o fôlego, depois, me levantei cambaleando e segurei o braço de Matteo. Ele não estava usando o cinto de segurança, então, eu consegui puxá-lo para fora do carro sem problemas. Ele caiu no asfalto com um pouco de força demais e eu me retraí, enfiei rapidamente minha mão sob suas axilas e o puxei para fora do carro, que estava pegando fogo depressa demais.

Matteo era pesado e arrastá-lo para fora do carro com meu corpo dolorido doeu *pra* cacete, mas eu não parei até ter certeza de que ele estava a uma distância segura no caso de haver uma explosão. Soltei-o antes de me esticar e limpar o sangue das mãos e da calça. Os olhos de Matteo estavam fechados, seu rosto virado para o lado, exibindo seu perfil marcante. Fios de cabelo estavam presos na sua testa, que sangrava, e uma poça vermelha se espalhava rapidamente em volta de sua cabeça, pingando de onde ela foi ferida. Dava para ver seu peito subindo e descendo. Meus olhos verificaram os arredores. O carro dos russos já estava um caos flamejante, cinzas subiam ao céu. Estávamos no meio do nada, uma zona industrial abandonada onde ninguém pisava sem motivo. Mas com certeza a fumaça atrairia atenção. Alguém encontraria Matteo antes que fosse tarde demais.

Certo?

Eu deveria fugir. Eu deveria *querer* fugir. Comecei a me afastar do corpo inerte de Matteo no chão, ignorando o modo com que a culpa me estrangulava.

Ele me obrigou a um casamento que eu nunca quis, sabia que eu aproveitaria a primeira oportunidade para escapar. Dei outro passo para trás. Matteo escolhera um caminho de perigo e morte. Mesmo que ele morresse hoje, era o que escolhera para si.

Esta não era a vida que eu queria.

Virei-me e, então, parei. Fechei os olhos. Ao longe, as chamas crepitavam. Alguém encontraria Matteo a tempo. E mesmo que ninguém encontrasse, eu não me importava.

Eu não me importava com ele. *Não* me importava. E, definitivamente, *não deveria* me importar.

Eu deveria odiá-lo. Eu deveria odiar o que ele era e o que significava para mim. Eu deveria odiar o fato de ele não desistir de mim independente do quanto eu o afastasse. Por que ele não desistia?

Comecei a ir embora, um passo atrás do outro. Assim que eu estivesse fora da cidade, ligaria para Aria e lhe perguntaria sobre Matteo.

Então, seria muito tarde para ele.

Talvez.

Ou talvez não.

Matteo era forte. Um ferimento na cabeça não o mataria.

Arrisquei um olhar por sobre meu ombro, meus olhos encontraram o corpo imóvel de Matteo, estatelado no concreto. Atrás dele, os carros queimavam, tingindo de preto o céu iluminado da cidade com suas fumaças.

Preto fúnebre.

A poça de sangue em volta da cabeça de Matteo parecia preta de onde eu estava e aumentara ainda mais.

— Eu não quero te amar — sussurrei, fechando os olhos paralisada. Mas eu amava. Eu amava Matteo.

Abri os olhos, dei um giro e comecei a andar de volta, depois, comecei a trotar, acelerando cada vez mais, até correr. Caí de joelhos ao lado de Matteo, tateando meu bolso à procura do celular, mas ele estava vazio. Estava na minha

bolsa. Meu olhar foi para o carro em chamas onde deixara as minhas coisas. Gianna burra.

Alcancei o bolso de Matteo e soltei um suspiro trêmulo quando peguei seu telefone. Sem perder tempo procurando em sua agenda, pressionei a discagem rápida.

— *Não estou no clima de conversar com você, Matteo. Você agiu como um completo idiota esta noite* — a voz brusca de Luca soou no meu ouvido.

Deixei escapar um soluço.

— *Gianna?* — Pude ouvir Aria ao fundo, mas não conseguia escutar o que ela dizia.

— Ele está morrendo — falei depois de um instante, soando vazia e sem voz.

— *Do que você está falando? Passe para o Matteo.*

— Não posso, os russos nos atacaram. Tem muito sangue, Luca, sangue demais.

— *Matteo está vivo?* — Pela primeira vez desde que Aria quase morrera, Luca parecia preocupado.

Meus olhos correram para o corpo ao meu lado. Para o meu marido.

Era a minha imaginação ou o peito de Matteo parou de se movimentar? Encostei a palma da mão em sua camisa ensopada de sangue. Nada.

— Ele não está respirando. Estava há um segundo, mas não está mais. — Minha voz ficou histérica.

— *Gianna, você precisa reanimá-lo. Logo estarei aí. Tenho suas coordenadas. Mas você tem que fazê-lo voltar a respirar, senão será tarde demais.*

Não falei nada, apenas olhava para o homem que eu amava. Eu queria odiá-lo, tinha dado tudo de mim, e no início havia ódio, tanto ódio, mas nem todo ele era direcionado a Matteo e, agora, mal parecia restar algum, e soava ridículo manter o que ainda nutria.

— *Gianna?* — A voz de Luca me alcançou.

Dava para ouvir uma comoção ao fundo, o som de um carro dando partida. Coloquei Luca no viva-voz e segurei o rosto de Matteo, depois, encostei meus lábios nos dele e soprei ar em seus pulmões. Tentei lembrar o quanto deveria pressionar enquanto descansava as mãos em seu tórax. Não sabia nada sobre reanimação, exceto pelo que vira na televisão. Por que nunca prestei atenção direito? E se Matteo morresse porque eu estava fazendo algo errado?

As palavras seguintes de Luca atravessaram meus pensamentos. Tinha me esquecido que ele estava ao telefone.

— Eu sei que você sente como se Matteo tivesse te aprisionado, que ele arruinou a sua vida, mas não importa o que você pense, ele não fez o que fez para te fazer infeliz. Por algum motivo inexplicável, Matteo te ama. Não precisa acreditar em mim. Pode continuar odiando-o, mas não o deixe sozinho, não agora. Se você me ajudar a salvar a vida dele, eu te concedo a liberdade. Juro pela minha honra e pela minha vida. Aria está aqui. Ela é testemunha. Você terá dinheiro, uma nova identidade e até proteção contra a Outfit se quiser. Será tudo seu se você salvar a vida dele.

— Tudo bem — falei enquanto pressionava o peito de Matteo outra vez. Nem mesmo tinha certeza de por que disse isso.

— Você tem que fazer compressões no peito. Forte e rápido. Não se preocupe com quebrar as costelas dele. Pressione trinta vezes, respire duas. Rápido.

Acelerei as compressões, depois, me inclinei sobre Matteo para fazer respiração boca a boca.

— Ele não está reagindo! — Engasguei quando recomecei tudo de novo.

— Continue fazendo.

E eu continuei, mesmo com os dedos doloridos. Eles estavam vermelhos e grudentos pelo sangue. Nem mesmo conseguia mais enxergar nada. Meus olhos estavam embaçados pelas lágrimas. Por que eu não conseguia parar de chorar? Chorei por um homem como Matteo, mas mal derramara uma lágrima por Sid.

— Chegaremos em dez minutos — disse Luca. *— Como está Matteo?*

Não respondi. Empurrei o peito de Matteo com força e ele esboçou um suspiro fraco. Congelei, quase apavorada que pudesse ter sido só a minha imaginação. Debrucei-me sobre seu rosto rapidamente e senti o sopro suave de sua respiração no meu rosto. Passei meus dedos trêmulos em seu pescoço, procurando seu pulso. Não estava tão rápido e forte como de costume, mas estava lá. Fechei meus olhos por um momento, me livrei de algumas lágrimas irritantes e depois os abri. Sentei no chão e estiquei as pernas. Queria embalar a cabeça de Matteo no meu colo, mas me preocupei que pudesse machucar seu pescoço, então, descansei de leve a mão em seu peito para me certificar que seus batimentos estavam estáveis. Seu sangue começava a ensopar minha calça, mas eu não estava nem aí.

— *Gianna? Ainda está aí?*

— Estou. Matteo está respirando novamente.

Houve uma pausa. — *Bom* — disse Luca com calma. — *Fique onde está.*

— Não se preocupe. — Joguei a cabeça para trás e olhei para o céu coberto de estrelas e enevoado pela fumaça. O subir e descer suave do peito de Matteo era quase uma canção de ninar e meus olhos começaram a pesar. A dor de cabeça piorara. Provavelmente eu tinha uma concussão.

O ruído de um motor me fez virar a cabeça. Dois carros corriam em nossa direção. O da frente era o *Aston Martin* de Luca e o de trás pertencia ao seu comparsa, Romero. Tirei depressa a mão do peito de Matteo e levantei, ainda que minha visão estivesse turva.

O *Aston Martin* parou queimando os pneus e Luca pulou para fora. Ele correu em direção a Matteo, mal me dirigindo um olhar enquanto se ajoelhava ao lado do irmão e sentia seu pescoço. Ele deu uma conferida rápida nos ferimentos de Matteo e logo Romero e Sandro já estavam ao lado dele.

Alguém tocou meu ombro e Aria apareceu no meu campo de visão. Ela me abraçou e caí em cima dela, me sentindo esgotada.

— Você está ferida?

— Talvez. Provavelmente. Não sei.

— Leve-a daqui — disse Luca. — Pegue meu carro e a leve para o nosso apartamento.

Afastei-me e olhei para ele. — Para onde vai levar Matteo?

— Para o hospital. Isso é grave demais para o nosso médico — disse, sorrindo friamente. — Não se preocupe. Vou honrar a minha promessa. Quando voltar ao apartamento, vamos tomar as providências necessárias para garantir a sua liberdade. — Seus olhos eram duros. Eu desconfiava que ele não teria se importado se eu tivesse morrido na batida.

— Talvez Gianna queira ir ao hospital com Matteo — sugeriu Aria docemente enquanto Luca e Sandro erguiam Matteo com cuidado e o carregavam para o jipe. Romero conversava com os soldados ao telefone, tomando as providências para manter a polícia fora disso.

— Ela não quer — disse Luca com firmeza. — Ajude-a a pegar suas coisas do apartamento de Matteo para podermos resolver sua nova vida antes de meu irmão voltar para casa.

Por que eu não protestei? Por que eu não conseguia admitir meus sentimentos nem mesmo agora?

Aria me olhou como se procurasse uma resposta, mas eu dei de ombros, ignorando o calor por trás dos meus globos oculares e o aperto em meu peito enquanto os assistia levar Matteo embora.

— Podemos segui-los em nosso carro — sussurrou ela.

Engoli em seco e balancei a cabeça.

— Não, Luca está certo. Preciso arrumar minhas coisas.

Aria franziu a testa, mas não discutiu, e me conduziu para o *Aston Martin.*

Matteo



Cada centímetro do meu corpo doía e a minha cabeça parecia estar cheia

de algodão. Gemendo, tentei abrir a porra dos meus olhos, que pareciam estar grudados. Resistindo ao impulso de enfiar as unhas para abri-los, abri um pouquinho lentamente, depois, finalmente por completo. Luca estava sentado em uma cadeira perto da minha cama. Uma porra de cama de hospital.

— Não diga que você me trouxe para a porra de um hospital. — Rosnei, e tossi. Caralho, parecia que a morte me rondava.

Luca se inclinou para frente com um sorriso desagradável no rosto. Ele tinha que parecer tão preocupado? Eu não era mais uma criança que precisava de proteção.

— Agora que você está xingando novamente, vou considerar te levar para a minha cobertura. Romero já está ansioso para brincar de enfermeiro.

Eu estava prestes a pegar a agulha nas costas da minha mão para tirá-la, mas parei quando assimilei suas palavras.

— Sua cobertura?

— Você vai precisar de alguns dias para descansar. E eu te conheço, então, é necessário que haja alguém para te vigiar.

Ele me observava com cuidado. Como se estivesse tentando avaliar se eu aguentaria uma notícia ruim.

— Aconteceu alguma coisa com Gianna?

— Não, ela está bem. — Ele deu uma pausa.

— Fala logo. Maldição!

— Fiz um acordo com ela.

— Pare de enrolar. Diz logo a porra da verdade. Eu aguento.

— Quando ela me ligou, você não estava respirando. Fiquei preocupado que ela aproveitasse a oportunidade para fugir.

— Minha vida versus a liberdade dela — falei com uma risada sombria.

— Ela concordou. Agora, está em casa com Aria arrumando as coisas dela.

— Precisamos protegê-la da Outfit, o pai dela não vai aceitar isso.

— Você quer protegê-la? — Perguntou Luca incrédulo.

— Ela ainda é minha esposa. E irei protegê-la pelo tempo que ela permitir.

— Ela vai embora em breve, assim que eu organizar tudo. É melhor esquecê-la o quanto antes.

Olhei para ele.

— Você se esqueceria de Aria simplesmente porque alguém lhe disse para fazer isso?

— Aria não precisaria de suborno para salvar a porra da minha vida.

Arranquei a agulha da minha mão e chupei o sangue que emanou dali antes de colocar as pernas para fora da cama, apesar da minha violenta dor de cabeça. Meus olhos analisaram a mesa ao lado da minha cama procurando pelas minhas facas e pelo meu coldre. Não estavam ali. Droga! Eu me sentia nu sem eles.

— Porra — resmungou Luca. O filho da puta agarrou meus ombros para me impedir de levantar. — Eu não queria te deixar todo irritado. Você deve ficar na cama.

— Eu não estou nem aí. Não sou a porra de uma criancinha, pare de agir como se fosse meu pai. Já lidei com merdas piores do que uma dor de cabeça. — Livrei-me das mãos dele e deslizei para fora da cama. Um erro terrível. Assim que meus pés descalços atingiram o chão, oscilei. Luca me estabilizou. Gemendo, afundei de volta na cama. — O que eles me deram? Sinto como se alguém tivesse me dado um “boa noite, cinderela”.

Luca me olhou da maneira mais condescendente.

— Quero que fique na cama.

— Cala a boca. — Pisquei algumas vezes. Não contribuiu em nada para espantar os pontos em frente à minha visão. — Eu quero dar o fora daqui. Estou bem.

— Você vai estar bem quando eu disser que está. Sou o seu Capo.

Abri a gaveta na mesa ao lado da cama, mas minhas armas também não estavam lá.

— Onde estão as minhas facas?

— No carro. Eu dificilmente conseguiria dar entrada no hospital com você

armado até os dentes.

Cerrei o maxilar, depois, me levantei outra vez. Desta vez, quase não oscilei.

Luca me fuzilou com os olhos.

— Caralho, Matteo. Por que não pode ouvir para variar?

— Não me venha com essa merda. Se você estivesse no meu lugar, já estaria fora dessa porra de hospital. — Ele não se incomodou em negar. Eu o conhecia. — Vamos.

Luca me jogou uma bolsa. — Sandro pegou algumas roupas para você. As que você usava durante a batida tiveram que ser queimadas.

Tirei a vergonhosa camisola de hospital e vesti um jeans limpo.

— E quanto à cueca? Talvez Sandro goste que o pau dele fique balançando dentro da calça, mas eu prefiro ter outra barreira entre o meu saco e o zíper.

Luca bufou. — Fico me perguntando o que precisa para que você cale a boca. Quase ser morto e ter sua esposa te deixando obviamente não é suficiente.

Parei de abotoar a camisa. Eu sabia que ele estava brincando. E que estava certo. Nada nunca me abatia. Nem quando nossa mãe morreu, nem quando Papai me deu uma surra, nem quando eu sangrei como um porco. Então, por que a porra da menção a Gianna parecia um soco no meu estômago? Droga! Estava me transformando numa mulherzinha. Sorri forçado para Luca, mas ele já me analisava com uma careta.

— Não me diga que está tão ansioso para sair do hospital porque espera ir até Gianna para convencê-la a ficar com você. Ela não vai ficar. Aquela puta egoísta quer liberdade.

Andei até ele, encarando.

— Não a chame de puta. — Depois, eu oscilei e tive que segurar no ombro de Luca para não cair de cara no chão. E lá se foi meu ar ameaçador. Droga!

Luca apenas olhava.

— Juro que se você não parar de me olhar com essa porra de pena, vou te bater até a morte — resmunguei.

— Não tenho pena de você. Piedade é para as pessoas que se metem numa situação ruim sem culpa nenhuma, mas você escolheu Gianna. Você viu o quanto ela era instável e irritante *pra* caralho e, ainda assim, a quis. Você foi estimulado pela hostilidade dela. Você se colocou nessa bagunça. Agora, lide com ela.

— Filho da puta de coração frio — falei, feliz por ele não tentar me consolar.

Luca sorriu. — Sempre.

Enfiei a camisa dentro da calça e meti os pés nos sapatos.

— Sandro é um idiota. Sem meias também? Ele é um nudista ou o quê?

— Ele deve pensar que você que é.

Dirigi-me para a porta, tentando andar o mais ereto possível, apesar das minhas pernas trêmulas. Luca me acompanhava perto demais. Ele deve ter pensado que poderia ter que me segurar caso eu desmaiasse.

— Pare de me cercar. As pessoas vão pensar que você é o meu *sugar daddy*.

Luca ignorou meu comentário.

— Do que se lembra antes de acordar?

De volta aos negócios, graças a Deus.

— Um bando de russos mercenários perseguindo Gianna e eu, me livrei do primeiro carro bem rápido. Uma bala no meio das sobrancelhas subtraiu o motorista e resultou no desastre com os outros dois putos. O segundo carro deu mais trabalho. Não lembro o que aconteceu com eles.

— Eles morreram queimados no carro. Foram carbonizados.

— E quanto ao meu carro?

— Virou cinzas.

— Ótimo.

— Poderia ter sido pior. Você não parecia bem quando te vi.

Coloquei a mão no ponto macio no alto da minha cabeça. Algumas enfermeiras nos observavam ao passar por elas, mas não nos pararam. Luca provavelmente já havia dado um jeito em tudo com antecedência.

— Você tem sorte por não terem raspado toda a sua cabeça. Sabendo o quanto é vaidoso, não teria parado de reclamar disso.

— Você sabe como me animar — falei.

Luca estava ocupado mandando mensagem para alguém. Mal tirava os olhos do celular.

— Você está avisando a Aria que estamos indo, não está? — Não consegui evitar imaginar se Gianna ainda estaria com Aria, se elas faziam planos para o futuro de Gianna sem mim. Luca ofereceu a liberdade para Gianna em uma bandeja de ouro. Ela seria burra se não aceitasse. Uma vida longe da máfia era algo que ela sempre quis. Longe de mim. Finalmente, ela realizaria seu desejo.

Luca me lançou o olhar mais insignificante.

— É melhor assim, acredite.

Fiquei irritado. Luca sempre tentara ditar a minha vida – cuidar de mim como ele dizia – e isso apenas piorava, já que ele também era o meu Capo.

— Posso lidar com Gianna. Não sou um covarde, Luca. Não vou sofrer um colapso e chorar porque a minha esposa quer fugir para o mais longe possível de mim.

— Eu sei. — Ele enfiou o telefone de volta no paletó. Claro que eu sabia que ele já havia contado a Aria tudo o que ela precisava saber.

Chegamos ao carro de Luca e ele abriu a porta para mim.

— Não pense que vou te dar só porque você está sendo um cavalheiro — falei enquanto quase caía no assento. Esperava que Luca pensasse que eu tinha feito aquilo de propósito e não porque as minhas pernas tinham falhado.

— Não se preocupe. Sua porta dos fundos está segura. — Luca fechou a porta na minha cara antes de dar a volta no carro e escorregar para trás do volante. Ele deu a partida no carro e saiu do estacionamento. — Você quer que eu arrume alguém para te distrair? Talvez hoje não por causa da sua cabeça, mas nos próximos dias.

Aspirei uma risada. — Quer dizer uma prostituta?

Luca deu de ombros, sem tirar os olhos da estrada. Ele estava com cara de

paisagem e isso me irritava *pra* caralho, porque eu não tinha certeza se era um teste ou se ele estava falando sério. Alguns anos atrás, eu diria que ele estava falando muito sério. Luca nunca teve problemas em trocar de parceira, mas isso foi antes de Aria.

— Primeiro de tudo, eu devo ter uma concussão, mas não estou morto e isso significa que não preciso de uma trepada de piedade. Se quiser uma mulher, posso eu mesmo encontrar uma e não preciso pagar.

— Você ainda não se olhou no espelho.

Verifiquei meu reflexo no espelho retrovisor.

— Está bem, talvez seja mais difícil do que o normal. — Eu estava com dois olhos roxos, inchados e raiados de sangue, e havia um galo azulado sob meu couro cabeludo. Sem falar que meus cabelos estavam emaranhados.

— Você vai assustar *pra* cacete todas as mulheres de que se aproximar.

— E daí? Sempre funcionou para você.

Luca riu. — Então é um não?

— Um enorme não. Não quero foder ninguém, mas... — percebendo a porra da armadilha em que acabara de me meter, calei minha boca. Droga!

— Você não vai desistir dela, vai? — Luca falou num tom conformado.

— Não.

— Eu jurei pela minha honra que garantiria a liberdade dela, mas posso quebrar a minha promessa se você quiser. Até parece que nunca fiz nada pior antes.

— Não, não quero que quebre sua promessa. E isso só a faria me odiar mais. Não se pode obrigar Gianna a fazer nada. Ela precisa voltar para mim por vontade própria. É o único jeito.

Luca balançou a cabeça.

— Matteo, até você tem que se dar conta do quanto é fútil esperar por isso. Ela vai fugir e nunca mais vai voltar. Está disposto a correr esse risco?

— Estou.

— Então, você é um homem melhor que eu. Eu nunca deixaria Aria ir.

Olhei para fora da janela. Parecia fácil: deixá-la ir, dar-lhe a oportunidade de encontrar seu caminho de volta para mim, mas eu não tinha certeza se conseguiria passar por isso. Eu não era melhor que Luca. Mas eu era um caçador e, às vezes, uma perseguição era inútil, às vezes, era necessário esperar que a presa viesse até você. Eu não era um caçador paciente, mas, desta vez, tentaria ser.

CAPÍTULO VINTE

Gianna



Aria continuava me lançando olhares, suas sobrancelhas pálidas unidas demonstravam preocupação.

— Tem certeza de que não precisa ver o Doc?

— Estou bem, de verdade — falei impaciente, depois, me senti mal por isso. Aria sempre esteve do meu lado. Ela fizera tanto por mim no ano passado, até contrariou Luca. — Desculpe, estou exausta. — O cheiro da fumaça e do sangue continuavam no meu nariz, um eco vívido do que aconteceu mais cedo.

— Tudo bem. Você passou por muita coisa — disse Aria docemente.

Meus pensamentos voltaram a Matteo. Esperava que ele estivesse bem. Ele era forte, mas perdeu bastante sangue. Talvez eu devesse ter deixado Aria me levar para o hospital para me certificar de que ele estava bem. Eu queria estar com ele, queria estar lá quando ele acordasse e segurar sua mão enquanto estava inconsciente. Queria dizer a ele que eu estava cansada de joguinhos, cansada de fingir que não me importava com ele, que já perdera meu coração para ele. Era uma tentativa inútil de mentir para mim mesma. Eu sabia que viria a amar Matteo, até sua arrogância e seu sorriso de tubarão. Ele ainda era um homem mau, um assassino e criminoso, mas sabia agora que eu não era muito melhor que isso. Não tinha dúvidas de que teria sido como Matteo se tivesse sido criada como ele foi e não protegida da vida igual a todas as mulheres em nosso mundo. Era uma verdade cruel, uma que preferi negar, mas era a verdade, e já estava na hora de admitir isso e de assumir a vida que eu, obviamente, deveria viver. As palavras pairavam na ponta da minha língua.

— Você pode ir tomar um banho rápido, depois, eu te ajudo a arrumar

tudo.

— Ah, claro — falei distraída. O orgulho sempre foi um problema para mim, mesmo agora que eu sabia que ele só me machucava... e a Matteo.

Aria olhou para mim.

— Luca vai manter sua palavra. Não tem com que se preocupar. Ele nunca quebra uma promessa. E sabe que eu nunca o perdoaria se mentisse. Você será livre.

Livre? Será que a liberdade valeria a pena se significasse ignorar o que meu coração queria?

— Eu sei.

— Você não parece feliz.

Eu não estava feliz. Mas por quê? Por meses desejei nada além do que descobrir um jeito de sair desse casamento, sair desta vida, sair deste mundo e, agora que eu finalmente realizaria meu desejo, não sentia nada. Como pude mentir para mim mesma durante tanto tempo? E por que não conseguia admitir isso, principalmente para o mundo lá fora? Por que parecia que se eu admitisse que amava Matteo seria a derrota final?

— Ainda estou me recuperando do acidente. Só isso — falei automaticamente. Perguntei-me por quanto tempo essa mentira funcionaria.

Aria não parecia convencida, porém, não insistiu no assunto. Apoiei a cabeça na janela e fechei meus olhos, sem clima nenhum para conversa. Precisava organizar meus sentimentos o mais rápido possível, mas a dor de cabeça horrível definitivamente não ajudava.

Eu devo ter cochilado porque, de repente, Aria estava me cutucando para que eu acordasse, com o carro estacionado na garagem subterrânea. Ela sorriu me incentivando e, por algum motivo, isso fez eu me sentir péssima. Saí depressa do carro, cambaleando, incapaz de enfrentar o olhar piedoso de Aria. Corri para o elevador, tropeçando em meus próprios pés algumas vezes. Aria me alcançou e chamou o elevador para baixo apertando o botão.

— Por que a pressa? Não precisa se preocupar que Matteo chegue em casa

enquanto ainda estivermos fazendo as malas. Provavelmente será mantido pela noite no hospital, ele parecia muito mal.

Encostei-me à parede fria do elevador. Aria realmente achava que isso me animaria? Será que eu era uma vaca tão horrível que as pessoas pensavam que ficaria feliz por alguém estar gravemente ferido?

Claro que pensavam. Luca pensara que havia me oferecido uma passagem para a liberdade e por isso não deixei seu irmão morrer. Eu não era nada além de uma vaca egoísta e sem coração na cabeça dele. E a julgar pelas palavras de Aria, ela concordava.

Sentia-me sufocada. Talvez eles estivessem certos.

— Não estou preocupada — falei tranquilamente. Era mais fácil agir como todos esperavam que eu agisse.

Aria assentiu, mas não parou de me observar. Estávamos em frente uma da outra e dava para ver meu reflexo no espelho atrás dela. Não poderíamos ser mais diferentes. Aria tinha aquela expressão amável, cabelos de anjo, pele de porcelana e olhos azul-bebê: a personificação da pureza. E eu parecia como se tivesse vindo do inferno, com meus cabelos ruivos, as roupas e a pele cobertas de sangue, e com olheiras. Quando entramos no apartamento que eu dividia com Matteo desde o nosso casamento, corri logo para o quarto principal e dali para o banheiro anexo. Talvez um banho rápido me ajudasse a controlar meu coração. A oferta de Luca era a minha última chance e eu sabia disso. Se, ao invés disso, eu seguisse meu coração e ficasse com Matteo, então, seria assim. Eu tinha que deixar meu cérebro tomar a decisão.

Depois do banho, ainda não me sentia melhor, mas, pelo menos, fiz a minha escolha. Aria estava sentada na cama, digitando em seu celular, quando entrei no quarto.

— Luca falou algo sobre Matteo? — Perguntei imediatamente, minha garganta já apertada e o pânico me inundando. Eu deveria ter ido com Matteo. De repente, não consegui respirar.

— Ele está bem. Aparentemente, é apenas uma concussão e algumas

costelas quebradas. — Ela finalmente tirou os olhos do aparelho e veio depressa até mim. — Você está pálida.

Engoli em seco. Matteo ficaria bem. Lentamente, o pânico diminuiu.

— Você está mesmo preocupada com ele, não está? Por que não admite? Pode confiar em mim, Gianna, sabe disso.

— Claro que estou preocupada. Não sou feita de pedra. Não quero que nada aconteça a ele. Eu me importo com ele, acredite se quiser.

— Mas não o suficiente para ficar? — Perguntou Aria.

Não sabia o que responder. Todos os meus planos bem definidos durante o banho pareceram desmoronar diante de mim.

— Acho que preciso me deitar um pouco. Ou temos que sair logo?

Aria balançou a cabeça.

— Não, Luca vai levar Matteo para a nossa cobertura quando ele acordar para que você não cruze o seu caminho se estiver aqui. De qualquer modo, já está tarde. Durma um pouco.

Peguei umas roupas limpas e as vesti antes de me deitar em cima da colcha. Pude ouvir Aria fechando a porta e o silêncio reinou.

Já estava claro quando acordei. Estava sozinha no quarto. Desci cambaleando da cama e saí do quarto, meio que esperando encontrar Matteo na cozinha. Ele não estava lá.

Aria estava. Ela digitava algo no telefone antes de me estender uma xícara de café.

— Como está se sentindo?

— Onde está Matteo? Ele está bem? Ainda está no hospital?

— Ele está bem. Está na cobertura, curando sua concussão.

— Ah, certo. Ele está na sua casa. Faz sentido.

— Gianna, não precisa ir embora. Você se dá conta disso, não é? Tudo bem ficar com Matteo.

Encarei-a. Tudo bem, não? Tudo bem amar um homem como ele, tudo bem aceitar a vida na máfia.

O elevador parou com um sinal e Luca saiu, pousando seu olhar frio em mim. Tive que reprimir um tremor. Era essa a aparência do ódio e eu supunha que ele tinha todos os motivos para me odiar. Sandro estava a alguns passos atrás dele, como um bom capanga.

— Espero que esteja com as malas prontas. Quero você fora deste apartamento o quanto antes.

— Luca — censurou Aria. — Não é justo.

Pela primeira vez ela não conseguiu aquecer seu coração.

— Não. Essa vaca precisa ir para o mais longe possível do meu irmão. Quero ela fora daqui. Ela já arruinou a vida dele por tempo demais.

Olhei para ele, mas lá no fundo me perguntei se ele teria razão. Claro, eu nunca admitiria.

— Eu sei que você acha que Matteo merece alguém melhor que eu. Mas me deixe dizer uma coisa. Aria também merece alguém melhor. Ela é boa, pura e doce demais para você. Você é pior do que a sujeira por baixo de seus sapatos. Ela é carinhosa e gentil demais para enxergar, mas eu enxergo. Você acha que eu destruí a vida de Matteo, mas nunca tive escolha. Não queria me casar com ele. Você, por outro lado, escolheu se casar com Aria. Você escolheu destruir a vida dela com seu lado obscuro. Então, desça do seu pedestal, seu babaca. Você não a merece e nunca merecerá.

Os nós dos dedos de Aria ficaram brancos de tanto que ela apertava o pulso de Luca. Ele poderia ter se libertado dela com facilidade, mas não se moveu.

— Eu sei — admitiu ele num tom inflexível —, mas a diferença entre mim e você é que estou tentando ser um homem melhor por ela. Mas você nunca tentou. Você sempre se contentou em ser uma vaca.

Aria engasgou. — Luca, por favor.

— Não, ele está certo. Eu sou uma vaca e estou indo embora agora. Diga adeus a Matteo por mim. — Uau, falando como uma verdadeira vaca. Era tarde demais para retirar o que foi dito e eu sabia que seria muito orgulhosa para fazer

isso de qualquer modo. Peguei duas malas minhas que Aria deve ter trazido antes que eu acordasse e dirigi-me para Sandro, que pegou as minhas outras malas e me seguiu até o elevador. Entrei e encarei Aria e Luca com a cabeça erguida. O olhar de Luca era de um ódio descontrolado, mas Aria chorava. Ela me implorava com os olhos e eu acabei não aguentando mais e abaixei meu olhar ao chão. As portas se fecharam e o elevador começou a se movimentar. Sandro não tentou puxar conversa. Cada olhar que ele me dirigia era de reprovação. Perguntei-me se Luca teria me matado se não fosse por Aria.



Sandro me levou para um hotel onde eu ficaria até que encontrasse um apartamento. Eu nem tinha certeza se ficaria em Nova York. Voltar a Chicago definitivamente estava fora de questão, estaria morta em uma semana.

— Aqui. São cinco mil dólares. Em breve, Luca vai entrar em contato com você com mais detalhes — declarou Sandro enquanto estacionava em frente ao hotel. Um recepcionista abriu a minha porta. Sandro não me seguiu quando saí do carro, apenas deu informações sobre a minha reserva ao recepcionista. No instante em que o recepcionista tirou a minha bagagem da mala, Sandro partiu com o carro, me deixando sozinha. Fiquei olhando para o carro. Ninguém estava me vigiando. Eu estava livre.

Então, por que a minha liberdade parecia uma prisão?

Matteo

— Não acho que seja uma boa ideia — resmungou Luca ao me seguir para dentro do meu apartamento.

— Esta é a minha casa. Não estou inválido. Não vou passar outra noite na sua — falei. Eu ainda me sentia zonzo *pra* caralho, mas não iria admitir isso a Luca. Entrei no meu quarto, Luca logo atrás de mim. Se ele não parasse com isso

logo, eu iria bater nele.

Parei no meio do quarto. As gavetas estavam entreabertas. Não era necessário olhar dentro delas para saber que estavam vazias.

— Ela saiu hoje de manhã — anunciou Luca.

— Eu sei.

Pude sentir os olhos de Luca em mim.

— Você deveria ficar comigo e Aria. Já é quase Natal. Você quer passar o feriado chateado?

— Não ligo para o Natal. E não estou chateado. Eu deveria descansar, lembra? — Apontei para a minha cabeça, depois, fui até a cama e me deitei. — E não quero que fique me olhando dormir.

— Você vai jantar comigo e Aria hoje à noite. Não me importo se tiver que te arrastar para a minha cobertura, mas você estará lá.

Assenti. — Me deixe dormir.

Ele finalmente saiu. Claro que não houve jeito de eu conseguir dormir. Meus olhos correram para o closet com as prateleiras vazias. Gianna realmente foi embora e, desta vez, eu não iria atrás dela.

CAPÍTULO VINTE E UM

Gianna



Fiquei olhando pela janela do meu quarto de hotel. Já estava na hora do jantar, mas eu não sentia fome. Não saí do quarto desde que dei entrada pela manhã. Será que a liberdade sempre pareceu tão solitária?

Meu telefone fez um sinal de mensagem recebida. Era de Aria.

Matteo teve uma recaída. Está inconsciente.

Liguei para ela imediatamente, meu coração martelava dentro do peito. Ela atendeu depois do primeiro toque.

— Onde ele está? — Perguntei.

— *Na nossa casa. No quarto de hóspedes. O Doc disse que precisa ficar na cama. Ele se sobrecarregou cedo demais depois do acidente.*

— Estou indo para aí.

— *Sério?* — Perguntou Aria num tom esperançoso.

— Sim. Diga a Luca que ele pode ir se acostumando com a minha presença outra vez.

Praticamente pude ouvir Aria sorrindo.

— *Eu sabia.* — Ela deu uma pausa. — *Vou mandar Sandro ir te buscar.*

— Não, eu pego um táxi. Chegarei logo.

Quando cheguei ao apartamento, Luca não me deixou entrar.

— O que ela está fazendo aqui?

— Quero ver Matteo — falei. E não estava nem aí se tivesse que nocautear Luca para isso.

Luca me olhou.

— Saia daqui, porra.

— Luca, por favor — sussurrou Aria.

Tentei passar por Luca, mas ele não deixou.

— Deixa eu ver meu marido.

— Matteo não precisa de um estresse emocional neste momento. Você indo e voltando não ajuda na recuperação dele — grunhiu Luca. Eu desconfiava de que suas palavras teriam sido bem piores se Aria não estivesse ao seu lado. — Se você ficar agora, terá que ser para sempre. Estou cansado de seus joguinhos.

— Não vou mais embora.

Luca me olhou com dúvida, mas se afastou. Não hesitei. Corri para o quarto de hóspedes e o invadi. Matteo dormia. Deitei ao lado dele, determinada a continuar observando-o até que ele abrisse os olhos.

Matteo



Uma mão macia segurava a minha. Abri meus olhos, piscando algumas vezes para limpar minha visão. Senti-me um completo fracote por ter desmaiado. Caralho. Já fui baleado e esfaqueado e até queimado antes, e uma batida imbecil na cabeça me derrubou. Era uma humilhação. Virei a cabeça. Gianna estava encolhida ao meu lado com a mão segurando a minha. As roupas dela estavam amassadas e seus cabelos completamente bagunçados, como se ela já estivesse há um tempo ao meu lado.

Seu rosto estava praticamente todo coberto pelo seu cabelo desarrumado. Senti um impulso irresistível em ver seu semblante. Devagar, sentei-me com cuidado e afastei algumas mechas com a minha mão livre. Gianna parecia a porra de um anjo dormindo. Linda demais para ser real. Seus cílios grossos descansavam em sua pele pálida. Passei a ponta do dedo sobre sua maçã do rosto saliente, apreciando a maciez de sua pele. Seus olhos agitaram-se por baixo de suas pálpebras e, então, abriram-se. Ela piscou sonolenta até seu olhar

finalmente focar em mim.

Esperei que ela soltasse a minha mão e desse um pulo para fora da cama como se estivesse em chamas. No mínimo, esperei por alguma desculpa ridícula de por que ela estava aqui, segurando a minha mão. Duvidava que Luca a tivesse arrastado de volta. Ele sabia que eu não queria isso.

No entanto, ela não fez nada disso. Pelo contrário, ela se sentou devagar, piscando para se livrar do sono e esfregou os olhos com a mão que não segurava a minha. Olhou pelo quarto à procura de alguma coisa.

— Que horas são?

Eu não tinha a mínima ideia. Eu nem mesmo tinha certeza de que dia era.

— Você está me perguntando?

Ela soltou uma gargalhada, depois, sua expressão endureceu.

— Você me assustou.

— Assustei? Acho que sou um cara assustador.

Gianna não sorriu. Ela me olhava de um jeito que eu nunca vira: vulnerável e aberta.

— Eu nunca deveria ter concordado com a proposta de Luca. Eu estava sendo teimosa. Não queria admitir meus sentimentos para mim mesma. Mas quando Aria me ligou para contar que você tinha tido uma recaída, fiquei apavorada que pudesse te perder. — Ela parou, apertando os dedos em minha mão. Eu não falei nada, não tinha certeza do que dizer. Minha resposta geral em situações sentimentais era o humor, mas parecia errado fazer uma piada e eu não queria que Gianna parasse de me falar o que quer que ela ainda tivesse a me dizer.

Ela olhou para a janela, a culpa juntando-se ao seu lindo rosto.

— Só o que consegui pensar quando não estava ao seu lado depois de ter se lesionado foi “e se você morresse e tudo o que fiz foi te tratar mal e te afastar”. Eu estava agindo como uma verdadeira vaca. Desculpe.

Toquei seu rosto e cheguei mais perto.

— Você não precisa se desculpar por nada, Gianna. Na verdade, eu gostei

da maioria das nossas discussões. Elas acrescentaram diversão aos meus dias. — Sorri e, desta vez, recebi um sorriso em retribuição.

— Você deveria estar puto, Matteo. Você sabe o que Luca me ofereceu em troca de salvar a sua vida, e eu aceitei. Por que não me manda embora? Eu mereceria que fizesse isso.

Dei de ombros. Não gostava da ideia de que Gianna tivesse aceitado a proposta de Luca tão ansiosamente, mas ela estava aqui agora. Demorou um pouco, mas, no fim, eu percebi que Gianna voltou para mim por vontade própria. Gianna nunca deixaria ninguém obrigá-la a admitir seus sentimentos. Alcancei sua nuca e a puxei para mim. Ela não resistiu e quando sua boca tocou a minha, jogou seus braços em volta do meu pescoço e aprofundou nosso beijo. Minha mão foi parar embaixo de sua camisa, sentindo a pele macia de sua barriga, e subiu.

Gianna parou a expedição da minha mão.

— Você precisa descansar. Sofreu um desmaio ontem. Não vou deixar que se sobrecarregue de novo.

Eu ri. — Vamos. Se você ficar por cima, não vou me esforçar de jeito nenhum. Você fará todo o trabalho.

— É, sei... — disse ela. — De jeito nenhum eu vou colocar sua recuperação em risco. Luca ficaria puto se eu fizesse algo idiota. Ele já me odeia. Não quero dar outro motivo para ele me afastar de você.

— Luca não te impediria de me ver.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Ele tentou me impedir de entrar aqui ontem.

— Por que caralho ele fez isso? — Fiquei irritado. Luca sempre tinha que bancar o Capo e mandar nas pessoas.

— Acho que ele estava preocupado com você — admitiu Gianna relutante. Não havia nenhum afinidade entre meu irmão e ela, então, fiquei surpreso com sua admissão. — Ele não queria que eu brincasse com você. Achou que fosse melhor se houvesse um término abrupto entre nós e que eu te deixasse para

sempre.

— Então, o que o fez mudar de ideia? — Perguntei.

— Aria, eu acho.

— Claro — falei, embora esperasse que o motivo fosse outro. Encostei a cabeça na cabeceira, ignorando a leve pontada que senti com o movimento. Cruzei os braços, tentando parecer relaxado quando eu não me sentia nem um pouco assim. — Estou bem agora. Não vou morrer. Você pode ir agora sem se sentir culpada.

Gianna me olhou por um bom tempo sem dizer nada.

— Eu não quero ir.

— Você concordou com a proposta de Luca, você mesma disse.

— Concordei, porque Luca me pegou de surpresa. Você estava morrendo bem na minha frente. Mal sobrevivemos a uma batida e aos russos loucos e, de repente, recebi uma proposta de algo que achei que quisesse. Eu nem mesmo pensei de fato antes de dizer “sim”.

Assenti, mas não disse nada. Estava cansado de dar o primeiro passo, de sempre ir atrás de Gianna. Desta vez, queria ouvir algo da parte dela.

Ela suspirou, seus olhos azuis estavam cansados.

— Você acha que eu teria te deixado morrer se Luca não tivesse me oferecido uma passagem para a liberdade, não é? É o que todos acham, provavelmente até mesmo Aria.

Mantive minha expressão neutra.

— E não é verdade?

Ela olhou para mim.

— Não, não é verdade. Quando Luca veio com a proposta idiota, eu já havia começado as compressões. Não sabia o que estava fazendo e provavelmente cometi todos os erros possíveis, mas não iria simplesmente te deixar morrer. Estava fazendo tudo o que podia mesmo antes de Luca me oferecer a liberdade pela sua vida. Eu nunca te deixaria morrer, nunca. Eu sei que você não tem que acreditar em mim. Não tem nenhum motivo para isso.

Pelo que sei, poderia estar mentindo.

Só que eu acreditava nela. Eu sabia como ler as pessoas e Gianna não estava mentindo. Dava para ver o quanto ela estava triste, mais triste do que não a via há bastante tempo.

— Não acho que esteja.

Gianna nem parecia me ouvir. Ela fez uma careta em direção à janela, seu rosto estava ruborizado pelas emoções.

— Eu soube assim que te vi deitado em seu próprio sangue que não queria te perder. Eu sabia, mas, mesmo assim, não queria admitir para ninguém. Fui tão estúpida e teimosa. Estava sendo a Gianna vaca de sempre. E quando concordei com a proposta de Luca, fui muito orgulhosa para dizer a ele que nem queria sua liberdade idiota. Eu não queria te deixar, não queria outra vida. Certamente teria sido infeliz sozinha, mas orgulhosa demais para admitir se você não tivesse tido uma recaída. Parecia que eu estava desistindo, como se estivesse admitindo uma derrota, o que é muito ridículo. Como o amor pode ser uma derrota? — Ela ficou em silêncio, com os olhos arregalados.

Eu fiquei bem parado, como um caçador que não quer assustar a presa.

Ela lambeu os lábios, nervosa. Desejei saber no que pensava, mas desconfiava de que sabia. Ela provavelmente se arrependia de ter mencionado a palavra com “A” e de tudo o mais que saiu da sua boca. Ela era assim. Talvez estivesse esperando que eu dissesse algo primeiro, que dissesse que a amava, mas eu não iria abrir a porra do meu coração para ela e arriscar que pisasse nele. Eu sabia o que estava sentindo, já sabia há bastante tempo, mas nunca disse a ela. Nunca disse a ninguém. Admitir algo assim te deixava vulnerável e, até agora, Gianna havia me dado pouquíssimos motivos para arriscar. Fiquei atrás dela por tempo suficiente. Agora, era a sua vez. Não a conduziria em nenhuma direção. Daqui para frente, tudo deveria partir dela.

— A oferta de Luca ainda está de pé. Você é uma mulher livre. Pode sair deste prédio e ninguém vai te impedir.

— Não — falou com firmeza. — Fugi dos meus sentimentos por tempo

demais. — Ela se apoiou em suas mãos e se inclinou para frente. — Quero ficar com você, Matteo. Por Deus, eu sei que não deveria querer isso, mas não tem mais importância. Estou cansada de ignorar meu coração. Eu te amo.

Ela me beijou quase desesperadamente, suas mãos indo para os meus cabelos. Minha cabeça ainda estava sensível, porém, eu preferia cortar a minha própria garganta a falar para Gianna ir com calma. Eu queria sentir seus lábios, seus dedos, seu corpo. Queria tudo que viesse dela.

— Você tem certeza do que diz? — Perguntei provocando quando ela se afastou.

Ela assentiu. — Tenho. Não há nenhuma porra de dúvida dentro de mim. Eu te amo, Matteo. Não me importo com o que isso me custe. Não me importo com o que as outras pessoas vão pensar de mim, de nós dois. Eu nem mesmo me importo com o que Aria e Luca pensam. Só me importo com nós dois.

Eu a beijei outra vez. Nunca me cansaria de saboreá-la.

— Eu amo você, Gianna. Eu te amo há muito tempo, caralho.

Gianna



Ouvir Matteo dizer que me amava fez meu coração arder. Não me lembrava da última vez que me senti tão feliz. Pensei que admitir meus sentimentos a alguém daria a essa pessoa mais poder sobre mim, mas, em vez disso, eu me senti livre como há muito tempo não sentia. Lutei contra meus sentimentos durante tanto tempo, contive-me sem nenhum motivo. Agora que eu disse tudo que precisava ser dito, me senti aliviada. Talvez tudo isso tivesse começado como algo que me fora imposto, mas hoje, esta vida, Matteo, meu casamento, eram escolhas minhas, e eu dizia “sim” para todas elas.

O beijo de Matteo era exigente. Não havia amarras, nenhum sinal de que ele esteve inconsciente há pouco tempo. Eu sabia que era estupidez, mas queria

senti-lo, queria mostrar a ele com mais do que simples palavras que o amava. Afastei-me e deixei meus olhos vagarem pelo corpo de Matteo. Ele estava vestido apenas com uma camisa branca apertada e cueca boxer, que mal conseguia esconder sua ereção. Quando voltei a olhar para o rosto dele, seu olhar estava cheio de desejo. Nunca ouvia o conselho de ninguém, então, por que deveria começar a ouvir agora?

Matteo não iria se sobrecarregar. Eu cuidaria dele. Ajoelhei na cama e segurei seu cós. Matteo exibiu seu sorriso de tubarão.

— Pensei que não quisesse pôr a minha saúde em risco.

— Ah, cala a boca — falei baixinho. — Ou quer que eu pare?

— Não, não pare. — Ele se ajeitou no monte de travesseiros.

Sorri ao puxar sua cueca para baixo, revelando sua extensão dura. Movimentei-me entre suas pernas para poder observá-lo enquanto chupava seu pau. Segurei suas bolas, massageando-as com carinho, mas ainda sem tocar seu membro. Ao invés disso, observei-o se contrair e ficar ainda mais duro sob meu controle.

— Sua provocadora — grunhiu Matteo. — Achei que não fosse me torturar hoje.

Ele estava certo. Isto não era sobre mim. Inclinei-me para frente e passei a língua desde o saco até em cima, depois, ao redor de sua ponta antes de enfiá-lo na boca. Engoli centímetro por centímetro dele até que atingisse a minha garganta, deixando-o deslizar para fora outra vez. Matteo me observava com olhos entreabertos. Ele colocou meus cabelos, que sempre ficavam no caminho, para trás com cuidado e acariciou meu rosto enquanto eu lambia e chupava a ponta do seu pau, sabendo que ali era onde ele era mais sensível. Passei a ponta da língua no topo de sua ponta devagar. A respiração de Matteo acelerou, seu abdômen estava travado, mas ele não tirou os olhos de mim nem parou de tocar meu rosto. Parecia que ele me reverenciava ao mesmo tempo em que eu o reverenciava.

Chupei um pouco mais forte, sentindo-o chegar perto de seu limite. Seus

dedos apertavam minha cabeça de vez em quando e ele soltava um suspiro forte sempre que meus dentes o arranhavam levemente. Ele começou a bombear os quadris, empurrando sua extensão mais fundo dentro da minha boca e eu deixei. Eu estava ficando molhada e a pressão entre as minhas pernas havia se instalado de um jeito quase insuportável, mas estava determinada a ignorar minhas próprias necessidades hoje.

Os movimentos de Matteo aumentaram loucamente. Contraí os lábios em volta de seu pau conforme ele empurrava dentro de mim repetidamente.

— Vou gozar — rosnou.

Não recuei. Pelo contrário, apertei suas bolas e encontrei seu olhar. Os músculos de seus ombros flexionaram e seu corpo paralisou com o orgasmo. No fim, ele não se mexeu. Afastei-me e limpei a boca com um sorriso convencido.

Matteo riu, um som baixo do fundo de seu peito. Ele alcançou meus ombros e me puxou para cima dele, reivindicando minha boca num beijo firme. Suas mãos deslizaram pelas minhas costas, agarrando minha bunda. Meu centro de prazer comprimiu de excitação. Antes que eu pudesse decidir se deixaria que Matteo se esforçasse um pouco mais, houve uma batida na porta. Fiquei tensa, meus olhos correram para a porta, que já estava abrindo.

Luca parou no batente, seu olhar assimilando tudo sem demonstrar nada. Não era difícil de adivinhar o que tínhamos feito. Afinal, eu estava deitada em cima de Matteo, que estava nu da cintura para baixo e apalpava a minha bunda.

Meu rosto ardeu de vergonha.

— Você realmente não deveria invadir o quarto de alguém desse jeito — disse Matteo se divertindo. Ele não parecia nem um pouco constrangido, mas, depois de tudo que eu sabia sobre ele, isso não me surpreendia mais.

Continuei exatamente como estava, embora Matteo não fosse se incomodar se eu saísse dali e deixasse seu pau à mostra para o irmão.

— Você deveria estar descansando — disse Luca secamente, seus olhos cinza me penetrando de modo indecifrável. Será que ele estava com raiva? Era difícil de dizer. Ultimamente, ele sempre estava puto comigo. Não que sua

presença me deixasse muito mais contente.

Matteo apertou forte a minha bunda, seu sorriso se tornou irritantemente arrogante.

— Eu me sinto perfeitamente descansado.

Luca balançou a cabeça.

— Desisto — falou. — Façam o que quiserem, vocês dois. Nem quero saber o que está ou não está acontecendo. — Ele deu meia-volta e fechou a porta atrás dele.

Saí de cima de Matteo e deslizei para fora da cama, fazendo o possível para esticar minhas roupas amassadas, que agora também estavam sujas. Uma bagunça total.

— Ei, achei que ainda não tivéssemos terminado. Nem cheguei a tocar sua boceta.

— E nem vai. Luca estava certo. Você tem que descansar, já teve emoções demais por hoje — falei com firmeza. Matteo já estava ficando duro outra vez e não se incomodou em esconder.

Eu me irritei.

— Vou me limpar e trocar de roupa, depois, volto com alguma coisa para você comer. Enquanto isso, por favor, pare de pensar em sacanagem.

Matteo piscou. Reprimi um sorriso e saí do quarto. Aria e Luca estavam na sala de jantar, conversando aos sussurros. Claro que eu sabia exatamente sobre o que discutiam.

Aria foi a primeira a me notar e ficou calada. Depois de alguns segundos me analisando em silêncio, ela abriu um sorriso luminoso para mim. Contudo, Luca não compartilhou seu entusiasmo. Eu o ignorei.

— Você pode me arrumar uma roupa sua? Eu preciso mesmo de um banho e de uma troca de roupa.

Luca levantou as sobrancelhas.

— Você precisa ficar apresentável para poder ir embora?

Olhei nos olhos dele.

— Eu não vou embora. Nunca mais.

Aria praticamente deu um pulo quando veio até mim e entrelaçou nossos braços.

— Veremos — disse Luca simplesmente. Aria olhou para ele com advertência antes de me levar para o andar de cima em direção ao closet.

— Não o escute. Ele está querendo proteger Matteo — murmurou Aria. Ela tirou uma calça jeans e uma blusa de manga comprida de suas gavetas e me entregou.

O protecionismo de Luca para com Aria e Matteo era uma das poucas coisas de que eu gostava nele.

— Eu sei. Não dei nenhum motivo para ele confiar em mim com o irmão.

Aria me observava com curiosidade enquanto eu me despia.

— Então, você vai voltar para o apartamento de Matteo?

Parei a caminho do banheiro. Não era como se eu já tivesse arrumado outro lugar. Nem mesmo comecei a considerar onde viveria depois de me mudar.

— Vou. Vou voltar e ser a esposa dele. Provavelmente não uma boa esposa, mas até parece que Matteo não sabia disso quando casou comigo.

— Matteo não espera que você seja a esposa perfeita. Ele gosta de você do jeito que é, com todos os defeitos.

Era verdade, mesmo que eu tivesse me feito de cega para isso por tanto tempo. Entrei debaixo do chuveiro, mas não abri a água de imediato.

Aria sentou-se na beirada da banheira.

— Você está segura de que pode fazer o mesmo? Aceitá-lo por inteiro, mesmo o pior dele?

Havia muita maldade em Matteo, na verdade, em todos os Homens de Honra, mas cheguei à conclusão de que também havia em mim. Talvez não tanta, mas estava lá. Estava em todos nós. Tentei me tornar outra pessoa, algum tipo de ideal que pensei que precisasse ser, mas aquilo nunca fui eu e nunca seria. Matteo segurara um espelho em frente ao meu rosto e me mostrara quem eu realmente era e onde era o meu lugar. Eu odiei, lutei com unhas e dentes, mas

já estava na hora de ser corajosa.

— Sim. Eu o amo, no melhor e no pior — falei com segurança. Aria sorriu como se eu tivesse lhe dado um presente enorme. Sorrindo de volta, abri a água e realmente deixei as palavras afundarem, em toda sua veracidade.

Eu nunca ficaria bem com tudo o que Matteo fazia, nunca faria metade das coisas que ele fez e que fosse fazer no futuro. Mas eu me dei conta de que não precisava ficar feliz com cada aspecto da vida dele. Contanto que Matteo me tratasse com carinho e respeito, contanto que ele me amasse e eu o amasse, as coisas dariam certo.

Ficaria ao lado dele e o apoiaria da melhor forma possível, porque ele era meu e eu era dele.

EPÍLOGO

Gianna



Era o fim de abril e hoje, o primeiro dia quente do ano. A temperatura finalmente subira para mais de 21°C. A água do mar ainda estava muito gelada, mas isso não importava.

Não tinha certeza do que havia na praia e na brisa do mar que me faziam sentir livre. Avancei pelo vasto jardim da mansão Vitiello em direção à baía. Matteo vinha logo atrás de mim e quase me pegando a julgar pelos seus passos. Acelerei ainda mais, sem ousar dar uma espiada por sobre meu ombro para conferir.

Meus pés chegaram à areia. Não estava exatamente quente, a água estaria pior, mas não diminuí o passo. Avancei em direção às ondas suaves. Assim que minhas panturrilhas chocaram-se com a água, minha respiração ficou presa na garganta e eu parei cambaleando. Definitivamente ainda estava fria demais para nadar. Quase caí para frente por causa do meu ritmo. Os dentes rangiam e eu estava prestes a voltar quando mãos quentes agarraram a minha cintura e me ergueram.

— Não! Não se atreva! — Bradei.

Matteo riu, depois, fui lançada ao ar e pousei com um esguicho na água congelante. Meus músculos paralisaram por um instante, explodi na superfície e ofeguei, buscando por ar. Fiz uma careta para Matteo, que sorria para mim. A água estava acima de sua barriga e ele não parecia se importar com o frio.

— Seu filho da puta — falei através dos meus dentes que rangiam.

Todo o meu corpo começou a tremer. Abracei-me para exibir meu

congelamento. As sobrancelhas de Matteo uniram-se e ele veio a mim, parecendo verdadeiramente preocupado. Assim que ele chegou ao alcance do meu braço, ataquei. Lancei-me contra ele, agarrando seus ombros e tentando afundá-lo na água.

Deveria ter levado em consideração o quanto Matteo estava acostumado com confrontos físicos. Ele aproveitou meu impulso para me catapultar e me jogar em seu ombro.

— Ei! — Gritei em protesto, mas ele apenas bateu na minha bunda e começou a me carregar para fora do mar. — Para onde está me levando?

— Precisamos te aquecer — disse ele maliciosamente.

Fiquei completamente excitada, mas dei um show esperneando e dando socos em suas costas. Ele me carregou direto para um canto do jardim que ficava protegido da mansão pelos arbustos. Um cobertor havia sido colocado ali. Ele planejara isso!

Ele me deitou no cobertor e pairou sobre mim. Meu corpo estava todo arrepiado, e não só pelo frio.

— O que acha de eu lamber cada gota de água da sua pele? — Murmurou Matteo enquanto se abaixava e traçava uma trilha quente com a língua desde o meu umbigo até minha clavícula.

— E se Aria ou Luca vierem aqui? — Sussurrei enquanto ele empurrava o sutiã do meu biquini para baixo, expondo meus seios ao frio. Meus mamilos endureceram ainda mais e a boca quente de Matteo se aproximou de um deles. Eu me importava cada vez menos se alguém nos pegasse.

— Não vão — sussurrou ele contra a minha pele. E esta foi a última vez que falamos durante um bom tempo. Seus lábios e suas mãos encontraram cada ponto do meu corpo, expulsando o frio e deixando apenas calor e desejo. Quando ele finalmente entrou em mim, nossos corpos se comprimiram, parecendo que tudo estava se encaixando.

Mesmo sem a brisa e o céu azul, eu me sentiria livre. Demorou bastante, mas me dei conta de que poderia me sentir livre mesmo que estivesse ligada a

Matteo.



À noite, Matteo e Luca organizaram um churrasco no quintal. O tempo estava estável e pudemos comer do lado de fora. Aria foi para dentro pegar a salada que havia preparado enquanto Matteo foi até a adega pegar uma bebida. O que me deixou sozinha com Luca, que cuidava da churrasqueira. Coloquei a mesa, fingindo que ele não estava lá. As coisas entre Luca e eu estavam tensas; elas nunca foram tranquilas, mas ficaram piores desde que aceitei sua proposta meses atrás.

Respirei fundo. Isso tinha que acabar. Luca não era apenas o irmão de Matteo, era também o marido de Aria. Tínhamos que dar uma trégua em algum momento. Coloquei o último prato, limpei as mãos e fui a passos largos até Luca, que virava as costelas de cordeiro marinadas na grelha. Como se pudesse sentir minha atenção, ele olhou para cima. Era inútil tentar ler sua expressão. Reduzi a distância entre nós dois. A maioria das nossas interações não foi exatamente civilizada. Minha forma de agir com ele era normalmente cínica, porém, eu fazia o meu melhor para me manter disponível e tão amigável quanto possível.

Luca ergueu uma sobrancelha escura quando parei ao lado dele.

De repente, me senti ridiculamente nervosa.

— Eu sei que você não gosta de mim — comecei. — Mas acho que devemos tentar nos dar bem por Aria e Matteo.

Consegui não gemer enquanto ele me analisava. Em que estava pensando?

— Eu não gosto de você porque odeio o jeito como tratava Matteo.

— Certo — falei devagar, incerta de como seguir a partir daqui.

— Mas estou começando a mudar meu pensamento.

— Está?

Ele virou outra costela de cordeiro.

— Estou começando a achar que talvez Matteo estivesse certo e vocês dois não sejam a pior combinação.

— Obrigada? — Falei, sem ter certeza se isso era algo positivo. — Você é muito ruim com elogios.

— Não estou acostumado a distribuí-los. E não diga ao meu irmão que eu disse que ele estava certo. Ele já é convencido o suficiente. — Seus olhos foram para alguma coisa atrás de mim e me virei, avistando Matteo vindo em nossa direção, seus braços cheios de várias garrafas de vinho.

— Ele é — concordei sorrindo. Luca me deu o que deveria ser sua versão de um sorriso, e algum tipo de silêncio compreensivo se instalou entre nós.

Matteo arrumou as garrafas de vinho na mesa antes de se juntar a nós e me abraçar pela cintura.

— Sobre o que estão fofocando?

— Sobre você — falamos Luca e eu ao mesmo tempo.

— É mesmo? — Matteo ergueu uma sobrancelha.

Aria voltou da cozinha com os olhos passeando entre nós três. Ela encostou-se em Luca com um olhar confuso.

— O que está acontecendo?

— Seu marido e a minha mulher estão discutindo minhas muitas maravilhosas características — disse Matteo.

Cutuquei-o. — Você é convencido demais.

Matteo deu um beijo em minha orelha.

— Admita, você ama que eu seja assim.

— É.

— Suas declarações de amor ainda me deixam de perna bamba — brincou.

Fiquei nas pontas dos pés.

— Sua presunção não é a única coisa que amo em você. — Deixei meus olhos vagarem pelo corpo dele.

— Preciso de um pouco desse maldito cordeiro para neutralizar essa amostra desagradável de gentileza — resmungou Luca, mas eu não deixei escapar o olhar carinhoso que ele dirigia a Aria quando pensou que ninguém estivesse prestando atenção.

Matteo me tomou em seus braços e me beijou. Luca resmungou mais alguma coisa, mas não ouvi. A única coisa que me interessava era Matteo.

SOBRE A AUTORA

Cora Reilly é autora de séries cujos personagens apresentam-se como *bad boys* perigosamente *sexies*. Antes de encontrar sua paixão em livros de romance, ela era uma autora publicada tradicionalmente de literatura para jovens adultos.

Cora mora na Alemanha com um bonito, mas louco cãozinho da raça *Bearded Collie*. Quando ela não passa seus dias sonhando com histórias de fazer suspirar, ela planeja sua próxima aventura de viagem ou cozinha pratos muito picantes de todo o mundo.

Apesar de sua graduação em Direito, Cora prefere conversar sobre livros ao invés de sobre leis, a qualquer momento.

Siga-a em suas redes sociais:
Facebook (página): @CoraReillyAuthor
Twitter: @CoraReillyBooks
Instagram: @corareillyauthor


bezz
EDITORA
NOS BRAÇOS DO ROQUEIRO
LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER
TERRI ANNE BROWNING

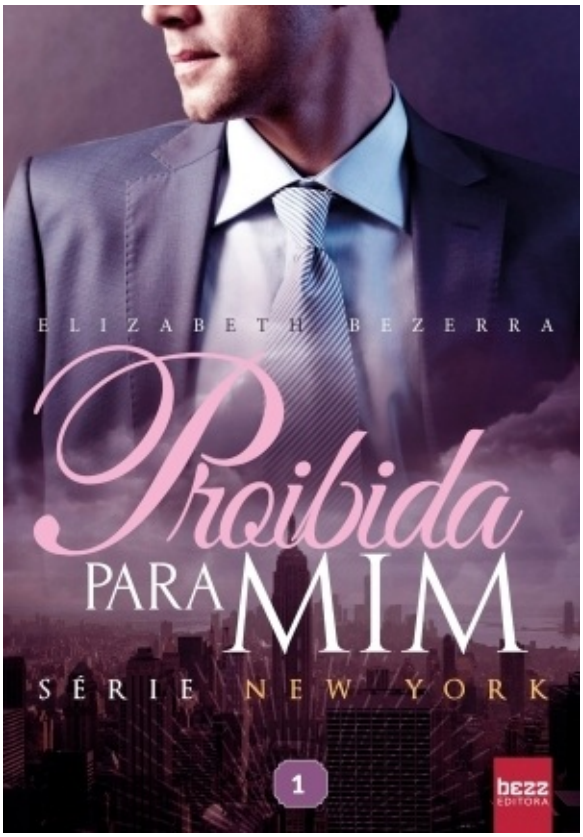
Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne
9788568695449
147 páginas

Compre agora e leia

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

Compre agora e leia


ELIZABETH BEZERRA
Proibida
PARA MIM
SÉRIE NEW YORK
1
bezz
EDITORA

Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth
9788568695371
310 páginas

Compre agora e leia

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

Compre agora e leia


ELIZABETH BEZERRA
O Valor do PERDÃO
SÉRIE RECOMEÇAR LIVRO 2

O valor do perdão

Bezerra, Elizabeth
9788554288129
236 páginas

Compre agora e leia

Rebecca descobriu que o amor poderia ser tão bonito e ter tanto espinhos quanto uma flor delicada. Michael despedaçara seu coração, agora ela queria esmagar o dele, nem que para isso fosse até às últimas consequências. Quando amor e ódio andam juntos, sentimentos incontroláveis ganham vida. Michael deseja perdão. Rebecca almeja vingança. Quem vencerá essa guerra onde ódio e amor andam juntos?

Compre agora e leia


KATY REGNERY
BESTSELLER DO THE NEW YORK TIMES
O Coração da Fera
Conto de Fadas Moderno
BASEADO EM BELA E A FERA
bezz
EDITORA

O coração da fera

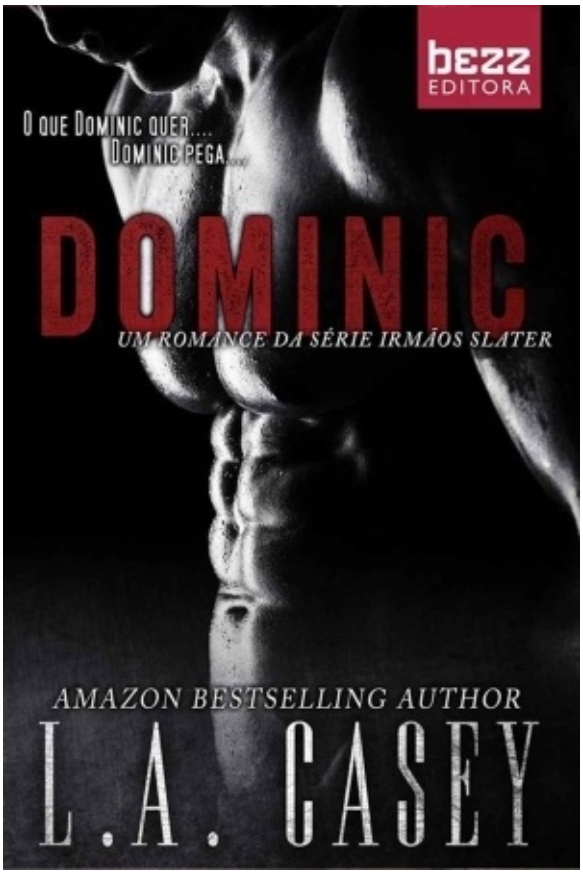
Regnery, Katy
9788554288006
347 páginas

Compre agora e leia

Conto de Fadas Moderno de A Bela e a Fera, vencedor do Kindle Book Awards® de 2015, na categoria Romance, e finalista do prêmio RITA®, no mesmo ano. Contém vocabulário e cenas de conteúdo adulto. Recomendável para leitores acima de 18 anos.
Um erro de julgamento destruiu a carreira dela…
A promissora jornalista investigativa, da cidade de Nova York, Savannah Carmichael, viu sua carreira ir por água abaixo quando foi enganada por alguém em quem confiava ao ser apresentada a uma fonte não fidedigna. Voltando à sua cidade natal, ela tem uma nova oportunidade quando um jornal de menor expressão lhe dá a chance de provar seu valor, escrevendo uma matéria especial para a edição de Quatro de Julho. Imediatamente, Savannah se lembra do "eremita" da cidade; um veterano ferido que retornou há oito anos e nunca mais foi visto. Ele seria seu passaporte para voltar à ativa.
Um passo em falso destruiu a vida dele…
Asher Lee quis fazer a diferença na vida dos outros, pelo seu país, e se alistou após o 11 de Setembro. Alguns anos depois, teve sua vida modificada quando uma mina no Afeganistão praticamente destruiu o lado direito de seu corpo. Agora, ele faz jus ao apelido que recebeu na cidade ao viver escondido em sua enorme casa; uma 'fera' vivendo uma semi-vida através dos romances que lê avidamente. Quando uma bela

repórter aparece à sua porta, trazendo-lhe brownies e querendo fazer sua história conhecida, a princípio ele reluta, para mais adiante, não só aceitar, como se ver enredado em sentimentos que nunca ousou pensar que lhe seriam permitidos novamente. Ela era seu passaporte para a esperança.
E juntos, tornaram suas cicatrizes uma ponte para o Amor.
Savannah e Asher criaram um vínculo imediato, tocando o coração um do outro de formas que nem imaginavam ser possível. Mas um terrível erro ameaça distanciá-los, e terão que decidir se o amor que aprenderam a conhecer é forte o suficiente para lutarem por seu final feliz.

Compre agora e leia


bezz
EDITORA
O QUE DOMINIC QUER....
DOMINIC PEGA....
DOMINIC
UM ROMANCE DA SÉRIE IRMÃOS SLATER
AMAZON BESTSELLING AUTHOR
L.A. CASEY

Dominic

Casey, L.A
9788568695104
371 páginas

Compre agora e leia

Depois de um acidente que matou seus pais, quando ainda era uma criança, Bronagh Murphy escolheu se afastar das pessoas, em um esforço para se proteger de futuras mágoas. Se ela não se apegar, se não conversar ou tentar conhecê-las, elas a deixarão em paz, exatamente como ela quer. Quando Dominic Slater entra em sua vida, ignorá-lo é tudo que ela precisa fazer para deixá-lo intrigado. Dominic está acostumado se destacar, e quando ele e seus irmãos se mudam para Dublin, na Irlanda, por causa de um negócio de família, isso é exatamente o que ele consegue: a atenção de todos. Menos da linda morena de língua afiada.

Compre agora e leia